



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



**CRÔNICAS DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ENTRE
ORALIDADE E ESCRITURALIDADE: TRADIÇÕES DISCURSIVAS, LEITURA E
PRODUÇÃO DE TEXTO**

Aline Lessa Ramos Lima Moura

NATAL –RN

2017

ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA

**CRÔNICAS DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ENTRE
ORALIDADE E ESCRITURALIDADE: TRADIÇÕES DISCURSIVAS, LEITURA E
PRODUÇÃO DE TEXTO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
como requisito parcial para a obtenção do título
de mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Alessandra Castilho
Ferreira da Costa

NATAL –RN

2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Moura, Aline Lessa Ramos Lima.

Crônicas de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental entre oralidade e escrituralidade: tradições discursivas, leitura e produção de textos / Aline Lessa Ramos Lima Moura. - Natal, 2018.

335f.: il. color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras. Natal, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

1. Crônicas - Dissertação. 2. Parâmetros comunicativos - Dissertação. 3. Oralidade - Dissertação. 4. Escrituralidade - Dissertação. 5. Tradições discursivas - Dissertação. 6. TDs - Dissertação. I. Costa, Alessandra Castilho Ferreira da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'1



ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA

**CRÔNICAS DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ENTRE
ORALIDADE E ESCRITURALIDADE: TRADIÇÕES DISCURSIVAS, LEITURA E
PRODUÇÃO DE TEXTO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
como requisito parcial para a obtenção do título
de mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Alessandra Castilho
Ferreira da Costa

Natal, 07 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Alessandra Castilho Ferreira da Costa
(UFRN)

Professora Dra. Josilete Alves Moreira de Azevedo
(UFRN)

Professor Dr. Gilton Sampaio de Souza.
(UERN)

Ao Deus eterno, com amor, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor e consumidor da minha fé, por manter-me firme na realização deste trabalho.

Ao meu marido e meu filho, pelo amor, apoio e compreensão.

Aos meus pais e a meu irmão, pelo amor e fé dedicados a mim durante toda a vida.

A minha orientadora, Professora Dra Alessandra Castilho Ferreira da Costa, pela orientação, que me foi de grande valia para a concretização deste trabalho.

Aos professores doutores Maria das Graças Soares Rodrigues e José da Silva Simões, pelas caras contribuições dadas na qualificação.

Aos professores doutores Josilete Alves Moreira de Azevedo e Gilton Sampaio de Souza, componentes da banca examinadora.

A todos os meus familiares e irmãos em Cristo, que me encorajaram a completar esse trabalho, especialmente, a Uilma e Pâmela.

Aos meus colegas do Profletras pelo companheirismo durante esta jornada.

À CAPES, pela bolsa concedida para a realização deste trabalho.

À equipe gestora e aos professores da Escola Estadual Professor Paulo Pinheiro de Viveiros, pelo grande apoio dado para a realização deste trabalho.

Aos meus alunos e seus familiares pela participação neste estudo.

Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.

Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite.

Não há linguagem nem fala onde não se ouça a sua voz.

A sua linha se estende por toda a terra, e as suas palavras até ao fim do mundo.

Salmos 19:1-4

RESUMO

Este estudo analisou, de maneira interventiva, a presença dos parâmetros comunicativos em crônicas produzidas por alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, no contínuo de oralidade e escrituralidade. Através de uma abordagem que alia os pressupostos teóricos do Modelo de Tradições Discursivas aos subsídios da Escola de Genera, foi aplicada uma sequência didática com módulos de leitura e escrita, objetivando fornecer aos alunos oportunidades de aquisição de estratégias e recursos da escrituralidade, ao mesmo tempo em que o processo de produção de texto guiou-se por situações reais de comunicação, envolvendo escola, família, comunidade e o público leitor em geral, resultando em crônicas que tratam do cuidado que o ser humano deve ter com os animais. As mudanças na utilização de estratégias e recursos típicos da escrituralidade, provocadas pelo desenvolvimento da sequência didática, foram comprovadas por meio da análise das diferentes versões de textos produzidos pelos alunos a partir dos parâmetros comunicativos propostos por Koch e Oesterreicher (2007), com o intuito de verificar deslocamentos dessa produção no contínuo de oralidade e escrituralidade. A partir da visão proposta pelo estudo das Tradições Discursivas, observando Koch e Oesterreicher (2007), Kabatek (2012), Longhin (2014), Castilho da Costa (2015), foram analisadas as TDs de conteúdo, de estrutura composicional e as tradições intertextuais e interdiscursivas presentes nas crônicas produzidas pelos estudantes, conforme os parâmetros comunicativos propostos. O gênero textual “crônica” foi abordado sob a visão de Cândido (1992), Arrigucci Jr. (1987) e Sá (1987). A análise da estrutura composicional do gênero em estudo foi baseada nas sequências descritiva e narrativa propostas por Adam (2008). Os resultados obtidos comprovam que houve um deslocamento na produção textual dos estudantes para a escrituralidade.

Palavras-chave: crônica, parâmetros comunicativos, oralidade, escrituralidade, TDs.

ABSTRACT

This study analyzed, in an intervening way, the presence of communicative parameters postulated by Koch and Oesterreicher (1990) in chronicles produced by students of 8th grade of Middle School at a Public School, in the *continuum* of orality and literacy. Through an approach that allies the Discourse Tradition assumptions to the General School assumptions, it was applied a didactic sequence (Dolz and Schinewly, 2004), aiming to provide opportunity to get strategies and resources from literacy, at the same time the process of text production was guided through real communication situations, involving school, family, community and general readership, producing chronicles that deal with the care that the human being must have with animals.

The changes on the use of strategies and typical resources of literacy, provoked by the development of the didactic sequence, were proved by the analysis of different text versions produced by the students following the communicative parameters proposed by Koch and Oesterreicher (2007), willing to verify displacement on the production process in the continuum of orality and literacy. Through the insights proposed by the Discursive Tradition according to Koch and Oesterreicher (2007), Kabatek (2012), Longhin (2014), Castilho da Costa (2015), were analyzed the Discursive Tradition of the content, the style, the compositional structure, and the intertextual and interdiscursive traditions contained in the chronicles produced by the students, from the communicative parameters proposed. The textual genre "Chronicle" was explored under the insight of Cândido (1992), Arrigucci Jr. (1987) and Sá (1987). The analyses of the compositional structure of the studied genre was based on the descriptive and narrative sequence by Adam (2008).

KEY-WORDS: chronicle, communicative parameter, orality, literacy, Discursive Tradition.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 OS TRÊS NÍVEIS DO LINGUÍSTICO	16
2.2 O TEXTO E AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS	19
2.3 O CONCEITO DE GÊNERO TEXTUAL E AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS	24
2.4 GÊNEROS NO CONTÍNUO DE ORALIDADE E ESCRITURALIDADE	28
2.5 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA	31
2.5.1 A crônica e o contínuo de oralidade e escrituralidade	36
2.5.2 A sequência descritiva	40
2.5.3 A sequência narrativa.....	42
2.6 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO E ENSINO	44
2.7 CONCEITO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	47
3 METODOLOGIA.....	52
3.1 DESCRIÇÃO DA TURMA.....	52
3.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA.....	54
3.3 RELATO DA APLICAÇÃO.....	57
3.3.1 Apresentação da situação.....	57
3.3.2 Diagnóstico.....	58
3.3.3 Módulo de leitura.....	63
3.3.4 Módulo de escrita 1	68
3.3.5 Módulo de escrita 2	70

3.3.6 Módulo de divulgação	70
3.4 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	74
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	76
4 ANÁLISE DOS DADOS	77
4.1 TRADIÇÕES DE CONTEÚDO	77
4.1.1 Relação type/token.....	77
4.1.2 Domínios semânticos.....	88
4.2 TRADIÇÕES DE ESTRUTURA COMPOSICIONAL	115
4.2.1 Sequências descritiva e narrativa.....	115
4.3 TRADIÇÕES INTERTEXTUAIS E INTERDISCURSIVAS.....	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	138
APÊNDICES	141
APÊNDICE A – PLANOS DE AULA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	141
APÊNDICE B – ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	159
APÊNDICE C – GUIA DO PROFESSOR.....	201
ANEXOS.....	280
ANEXO A – Crônicas publicadas no livro produzido	281
ANEXO B – Corpus	302
ANEXO C – Ilustrações produzidas pelos alunos	330

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho investigou o processo de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, na rede pública de ensino, no 8º ano do Ensino Fundamental. Esta pesquisa foi desenvolvida junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, vinculada ao mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e procurou investigar, de maneira interpretativa e interventiva, um problema de aprendizado existente no âmbito escolar, mais precisamente no 8º ano, na turma A, do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual de ensino, na cidade de Natal, no bairro de Nova Natal, no Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil. O problema investigado foi a dificuldade que os alunos apresentam em lidar com essas especificidades de oralidade e escrituralidade, não conseguindo efetuar transposições necessárias para provocar o deslocamento de uma produção textual da oralidade para a escrituralidade.

Os estudantes do 8º ano A da escola em estudo apresentam dificuldades para inserir, em seu texto escrito, as características pertinentes à escrituralidade. Quando passam a escrever e muitas vezes não percebem que faltam elementos essenciais à compreensão do leitor em um gênero textual escrito. Elementos que na fala não aparecem da mesma maneira, pois já estão presentes na situação comunicativa, como: espaço, contexto situacional, possibilidade de reformulação imediata de enunciados, precisam ser explicitados na produção de um gênero escrito, com clareza e precisão, para garantir a compreensão efetiva do que foi escrito.

O problema encontrado é que os estudantes têm dificuldades para transpor informações de um gênero textual da oralidade para um gênero escrito. Essa dificuldade para efetuar a transposição constitui-se no problema em estudo. Aqui nesta pesquisa foram observadas as transposições realizadas da oralidade para o gênero textual crônica, através dos parâmetros comunicativos propostos por Koch e Oesterreicher (2007). As crônicas produzidas foram analisadas conforme esses parâmetros.

Observando essa prerrogativa as crônicas foram produzidas a partir de um estudo em relação ao ambiente em que a escola está inserida e a realidade social da comunidade. As crônicas produzidas abordaram o cuidado com os animais, nas quais está expresso o relacionamento humano com os bichos. A partir desses textos produzidos analisamos como os alunos realizaram os deslizamentos da modalidade falada para a escrita na prática de produção textual desenvolvida por meio do gênero crônica situando os textos no contínuo em que se encontram a oralidade e a escrituralidade.

Vale salientar que a intervenção se deu por meio da aplicação de sequência didática, a fim de proporcionar aos alunos perspectivas de aprendizado em relação ao gênero textual utilizado, situando-o no contínuo de oralidade e escrituralidade, executando para isso, um diagnóstico, um módulo de leitura, dois módulos de escrita e um módulo de divulgação. Ao final foi desenvolvida uma análise do material produzido por 14 alunos à luz da perspectiva teórica selecionada, investigando na escrita dos alunos a presença dos parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (2007). Dessa forma, a partir dos elementos do gênero *crônica* esses parâmetros de comunicação foram estudados, a fim de dar aos alunos novas possibilidades de utilizar a língua, tanto na oralidade, como também no texto escrito, de acordo com a situação de comunicação suscitada, dentro de uma visão das Tradições Discursivas.

Esse problema foi abordado a partir de uma perspectiva de visão coseriana da língua, mantendo assim, uma preocupação particular com o estudo do gênero textual “crônica”, no estudo da língua materna, especialmente com o 8º ano do Ensino Fundamental, levando em consideração o contínuo de oralidade e escrituralidade.

No 8ºano A do Ensino Fundamental, da escola em que foi realizado o estudo, os alunos apresentam limitações significativas, no que diz respeito à comunicação escrita, de acordo com o diagnóstico desenvolvido nesta pesquisa, haja vista que muitas coisas que são expressas na fala, não se concretizam na escrita com a mesma clareza e autonomia. E sendo necessária ainda a percepção de que fala e escrita são modalidades diferentes de uso da língua que possuem suas especificidades.

Diante desta realidade, esta pesquisa se propôs a responder as seguintes questões:

- Por que os alunos do 8º ano A do Ensino Fundamental, da escola em estudo apresentam dificuldades para realizar a transposição do texto oral para o escrito na produção do gênero textual crônica?

- Como estudar a fala e escrita nas aulas de Língua Portuguesa nesta turma de 8º ano do Ensino Fundamental considerando que são modalidades diferentes da língua, mas não opostas?

- Como escrever crônicas utilizando os elementos necessários à escrita, considerando os parâmetros de comunicação que caracterizam a concepção discursiva do gênero textual crônico no contínuo de oralidade e escrituralidade.

Esta pesquisa teve como objetivo geral promover um estudo para investigar e analisar como os alunos realizam a transposição de textos da modalidade oral para a escrita, considerando os parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (2007). Esse estudo foi desenvolvido dentro de uma perspectiva de Tadições Discursivas e aborda o problema a partir da leitura e produção de crônicas, a partir da temática “o cuidado com os animais” definida em conformidade com os próprios alunos em sala de aula, a partir da realidade vivida pela comunidade em que a escola está inserida.

Como objetivo específico, didaticamente, este trabalho procurou analisar se os alunos da escola em estudo conseguiam realizar a transposição da oralidade para a escrituralidade, ou seja, se eles conseguiam realizar deslocamentos textuais, da oralidade para a escrita, na produção do gênero *crônica*. Linguisticamente, este trabalho procurou localizar as produções dos alunos no contínuo entre oralidade e escrituralidade, utilizando os parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (2007).

Este estudo foi necessário e relevante, pois desenvolveu e proporcionou novas possibilidades de estudo da língua no 8º ano, utilizando o gênero “crônica. A seleção desse gênero textual deve-se ao fato de tratar-se de um gênero que envolve a língua como uma prática social pois embora seja um texto ficcional, é baseado em fatos do cotidiano, e pode despertar a reflexão sobre o comportamento e práticas do ser humano. É um gênero produzido na modalidade escrita, mas que ainda admite a presença de certas marcas de oralidade.

A pesquisa se deu de maneira qualitativa, pois fez a análise de crônicas produzidas pelos alunos e observou como se deu o processo de leitura e escrita do gênero crônica, analisando a presença dos parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (2007). Também teve um caráter quantitativo, pois observou as produções de 14 alunos, componentes da turma A do 8º ano da já referida escola e aplicou uma proposta de intervenção, através de sequência didática. Este trabalho baseou-se assim numa perspectiva

coseriana da linguagem e procurou fazer um estudo da língua em uso tanto na fala quanto na escrita.

Este estudo está organizado da seguinte maneira: elementos pré-textuais; resumo, em português e em inglês; sumário; introdução; considerações teóricas que ancoram a pesquisa; metodologia utilizada; análise dos dados; considerações finais; referências; apêndices e anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo foi desenvolvido para fundamentar teoricamente a pesquisa realizada e explicitar as bases conceituais em que este trabalho está ancorado, dentre elas as do conceito de linguagem, texto e de gênero textual na perspectiva das tradições discursivas e considerando como os gêneros se encontram dispostos no contínuo de oralidade e escrituralidade. Além disso, traz aporte teórico sobre o gênero textual crônica, a importância da leitura e produção de textos no ensino de língua portuguesa, como também o uso da sequência didática como metodologia de ensino.

Koch e Oesterreicher (2007) defendem que se deve considerar que todas as instâncias e fatores da comunicação estão ligados a possibilidades de variação. Esse modelo teórico apresenta parâmetros de comunicação que caracterizam a concepção discursiva dos textos no contínuo de oralidade e escrituralidade. Para possibilitar a ocorrência da transposição da oralidade para a escrituralidade no gênero textual crônica, observamos as Tradições Discursivas que perpassam os textos produzidos e analisamos as tradições de conteúdo, estilo, estrutura composicional e tradições intertextuais e interdiscursivas, situando os textos produzidos no contínuo de oralidade e escrituralidade, conforme os parâmetros comunicativos propostos por Koch e Oesterreicher (2007).

De acordo com Marcuschi (2010) a fala e a escrita não podem ser vistas de maneira dicotômica, e assim a escrita não representa a fala. Fala e escrita não se recobrem, por isso é possível relacioná-las, compará-las, são diferentes gradual e continuamente. Fala e escrita são duas alternativas diferenciadas que podem ser usadas nas atividades sociointerativas diárias.

Marcuschi (2010, p 47) esclarece que:

O texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem.

Essa afirmação está em consonância com os conceitos de oralidade e escrituralidade dispostas em um contínuo. Oralidade e escrituralidade estão relacionadas à imediatez na comunicação oral e à distância na comunicação escrita. Esse contínuo não deve ser pensado como simplesmente linear, pois devem ser levados em consideração as condições de comunicação, como dito em Koch e Oesterreicher/Urbano (2013).

Quando pensamos em fala e escrita, devemos atentar então para o fato de serem ordens diferentes, que demandam formulações diferentes, mas que cada uma em sua própria ordem, possui uma organização adequada à compreensão, assim, para dizermos de outra maneira, em outro gênero textual o que já foi dito por alguém precisamos necessariamente, compreender o que foi dito. Não se pode dizer de maneira alguma, nem na fala nem na escrita, aquilo que não foi compreendido.

De acordo com Marcuschi (2010) a fala e a escrita devem ser observadas de acordo com seus usos na vida cotidiana. Nessa perspectiva é necessário observar a língua e o texto como um conjunto de práticas sociais. Não é mais possível observar fala e escrita a partir de uma concepção dicotômica, pois a língua deve ser observada em seus usos, assim as formas da língua adequam-se aos usos que são feitos dela. De acordo com o autor, a escrita tornou-se indispensável como prática social na sociedade atual. Ela está presente e impõe-se às pessoas como uma necessidade social. Contudo, podemos dizer que o ser humano é um ser falante. Isso não quer dizer que a escrita seja uma representação da fala. As duas são práticas e usos da língua com características próprias sem configurarem, porém, uma dicotomia.

São, na verdade, as práticas sociais que determinam o lugar em que oralidade e escrita se encontram. Para Marcuschi (2010, p 18) a relação entre fala e escrita “deve ser posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas. Este contínuo poderia ser traduzido, em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem”, dependendo do ponto de vista.

Conforme Marcuschi (2010 p 18):

a fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o primeiro momento em que a mãe dá o seu primeiro sorriso ao bebê.

A fala está, portanto, presente em contextos experimentados pelo ser humano desde os primeiros instantes de vida e se desenvolve como manifestação da prática oral, naturalmente desde a tenra infância. A escrita, por outro lado “(enquanto manifestação formal do

letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola” (MARCUSCHI, 2010, p 18).

Coseriu (1987, p.48) afirma que:

A linguagem pode ser definida como o primeiro surgir – como nascimento – do humano e como abertura das possibilidades próprias do homem. Com efeito, a linguagem é a primeira apresentação da consciência humana como tal (pois que não existe consciência vazia e pois que só mediante a sua objetivação a consciência se deslinda a si mesma, ao reconhecer-se como coisa diferente do “mundo”) e, no mesmo ato, a primeira apreensão do mundo por parte do homem. Como atividade livre, é igualmente, o primeiro fenômeno da liberdade do homem. Como atividade intersubjetiva, é a base do social e a forma fundamental da historicidade do homem, pelo que é também instrumento de comunicação e instrumento de vida prática.

2.1 OS TRÊS NÍVEIS DO LINGUÍSTICO

Dentro de uma perspectiva coseriana (1987, p. 17), “a linguagem se apresenta concretamente como uma atividade humana específica e facilmente reconhecível, a saber, como *falar* ou *discurso*”. Diante disso, Coseriu afirma que podemos concluir que o homem é o ser falante, mas que este pode intencionalmente suspender o falar, podendo assim, o calar “converter-se em meio expressivo”. Embora possa apresentar sentido, quando em conjunto com os significados linguísticos, o calar não é uma linguagem, pois não tem significado próprio (COSERIU; 1987, p.17 e 18).

Coseriu (1987, p.18 e 19), discorre também que quando se considera a linguagem como falar, é possível supor unilateralmente que a linguagem está destinada a expressar ou encobrir ideias. Pensando deste modo, pode-se não chegar à determinação da essência da linguagem, pois o falar pode ser empregado para múltiplos e variados fins. Ainda considerando a linguagem como falar, trata-se de um falar com o outro, o que distingue a linguagem de outras atividades expressivas, que não necessariamente se dirigem a outro ser. Isso revela que a que a essência da linguagem está no diálogo, só que essa comprovação pode ser pouco aceitável. Outra comprovação a respeito da linguagem é que entendida como falar se realiza em todas as ocasiões segundo uma técnica determinada e condicionada historicamente. O falar é sempre

falar uma língua, por essa razão, o falante sempre pertence a uma comunidade determinada historicamente, ou pelo menos, alguém que assume temporariamente a tradição idiomática de uma comunidade.

Humboldt (apud Coseriu, 1987, p. 22) descreve que a linguagem “ela própria [a linguagem] não é um *Werk* [obra, produto] (*ergon*), mas uma *Tätigkeit* [atividade] (*enérgeia*)”. Para Coseriu, (1987, p. 22) trata-se de uma atividade criadora: “entender a linguagem como *enérgeia* significa em consequência, considerá-la como atividade criadora em todas as suas formas”.

Como atividade criadora a língua não é um produto estático, mas um conjunto de modos de fazer, um sistema de produção, que, a todo tempo surge apenas em parte como já realizado historicamente em produtos linguísticos. Essa concepção da linguagem e das línguas apresenta importantes implicações, quais sejam (Coseriu, 1987, p. 23):

- a) A linguagem como atividade criadora, pode ser equiparada, neste sentido, às demais atividades livres do homem, como a arte, a ciência e a filosofia.
- b) O caráter criador da linguagem tampouco deve ser considerado superficialmente no exame da técnica linguística: a técnica linguística é essencialmente um sistema para a criação de fatos novos, e não simplesmente para a repetição do que já se fez na língua historicamente realizada.
- c) O que é propriamente linguístico deve ser explicado em cada caso pela função, e não pelo material.
- d) Para a interpretação e explicação dos fatos linguísticos a única proposta apropriada é a finalista, e não a causal.
- e) a descrição duma língua se pretende ser verdadeiramente adequada ao seu objeto, deve apresentar a própria língua como sistema para criar, como um sistema de produção e não simplesmente como um produto. [...] importa considerar uma língua antes como permanente “sistematização” do que como sistema fechado.

Para Coseriu (1987, p. 29 e 30), a linguagem é fundamento e manifestação primária do social, e é também expressão da intersubjetividade e da solidariedade com uma tradição histórica e com uma comunidade falante, que também é histórica. Assim, a linguagem se apresenta como uma língua, uma linguagem que se desenvolveu e se realiza historicamente.

Segundo Coseriu (1987, p. 30),

Nesse sentido, pois, a linguagem é fundamental para a definição do homem. Por um lado, é *logos*, apreensão do ser; por outro, é *logos intersubjetivo*, forma e expressão da historicidade do homem. O homem vive num mundo linguístico que ele mesmo cria como ser histórico. Estas são as duas dimensões essenciais da linguagem: a dimensão sujeito-objeto e a dimensão sujeito-sujeito. Como a linguagem em geral, a linguagem corresponde à primeira dimensão, à relação do homem com o ser. Como língua, corresponde ao mesmo tempo à relação com os demais homens, aos quais, precisamente por intermédio da própria linguagem, atribui à “humanidade” a capacidade de perguntar pelo ser e de interpretá-lo. A outras questões que não podemos tratar aqui e agora, leva o fato de que, por sua vez, estas duas dimensões aparecem como duas apenas na interpretação explícita da linguagem, mas no fundo são uma só.

Coseriu (1987, p. 48), afirma ainda, falando sobre como o fenômeno da linguagem pode contribuir para o a compreensão do homem atual, uma vez que:

A linguagem pode ser definida como o primeiro surgir – como nascimento – do humano e como abertura das possibilidades próprias do homem. Com efeito, a linguagem é a primeira apresentação da consciência humana como tal (pois que não existe consciência vazia e pois que só mediante a sua objetivação a consciência se deslinda a si mesma, ao reconhecer-se como coisa diferente do “mundo”) e, no mesmo ato, a primeira apreensão do mundo por parte do homem. Como atividade livre, é igualmente, o primeiro fenômeno da liberdade do homem. Como atividade intersubjetiva, é a base do social e a forma fundamental da historicidade do homem, pelo que é também instrumento de comunicação e instrumento de vida prática. E como apreensão do mundo, é suposição e condição da interpretação do mundo, ou seja, do pensamento em todas as suas formas, e, com isso, da busca da verdade, que é prerrogativa essencial do homem no universo. Mas nenhum problema da vida prática, da ciência ou da filosofia pode ser resolvido simplesmente pelo conhecimento adequado ou pelo uso coerente da linguagem. A linguagem é, sim, instrumento da vida prática, mas os problemas dessa vida não são simplesmente problemas linguísticos. Do mesmo modo, a linguagem é certamente instrumento da interpretação do mundo;

Podemos, diante disso, entender que a linguagem é instrumento para que o homem tenha consciência de sua humanidade, para compreensão do mundo e para que conheça sua

historicidade. É também instrumento de comunicação e de vida prática que pode ser utilizada como instrumento de interpretação do mundo.

Dentro dessa perspectiva de linguagem, vemos que a concepção linguística de Coseriu (1987) tem como ponto de partida as propriedades gerais e sempre presentes da linguagem, que esta é uma atividade humana universal que por uma parte é realizada em situações concretas por falantes individuais, mas por outro lado, cada indivíduo segue normas prévias, procedentes de tradições comunitárias. Dessa maneira se fala, uma determinada língua sobre a base de uma determinada tradição do falar desenvolvida no curso da história. A definição geral da linguagem como atividade humana universal exercida individualmente seguindo normas historicamente dadas acarreta na distinção de três níveis no âmbito linguístico: o **nível universal**, o falar a linguagem em geral, prévio a toda distinção das línguas; o **nível histórico**, o dizer nas, línguas históricas, os idiomas, o das línguas em plural, determinadas com adjetivos próprios que as identificam, como inglês, francês, russo; e o **nível dos textos**, dos atos linguísticos, o da série de atos linguísticos conexos que realiza um determinado falante em uma situação concreta, que naturalmente, podem produzir em forma falada ou escrita. Por outro lado, tudo quanto seja ato linguístico, o conjunto de atos linguísticos inter-relacionados pertence a este terceiro nível e se manifesta como um texto (COSERIU, 2007, p. 7 - 8).

De acordo com Kabatek (2005, p. 161 - 165), Coseriu (1978) diferencia três conceitos distintos de historicidade: a) a historicidade linguística (historicidade da língua dada); b) historicidade como tradição de determinados textos ou de determinadas formações textuais; e c) historicidade genérica, no sentido de uma pertença histórica. A historicidade da língua trata sobre o próprio homem como um ser histórico. A língua como língua particular é a história de uma comunidade internalizada no indivíduo. O segundo tipo de historicidade, refere-se a todas as manifestações culturais repetíveis, incluindo as linguísticas. São as tradições de uma comunidade, objetos culturais disponíveis em uma comunidade para a repetição. O terceiro conceito se refere a acontecimentos individuais irrepitíveis e únicos, como cada texto em particular.

2.2 O TEXTO E AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS

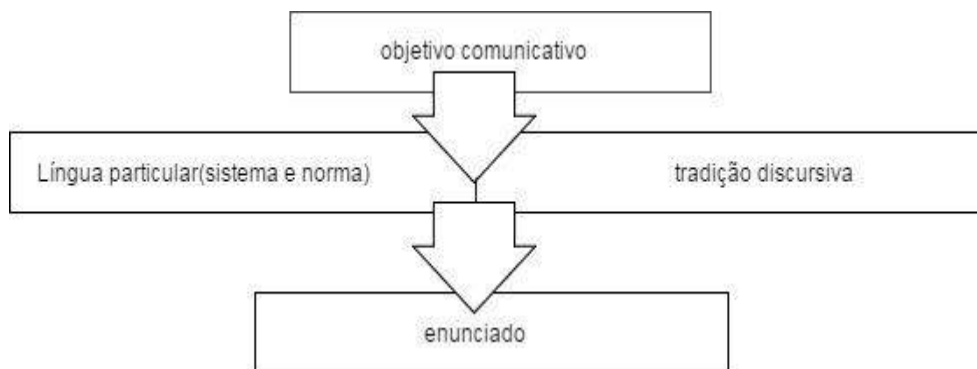
De acordo com Kabatek (2004, p. 07).

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

De acordo com Longhin (2014, p.15) o conceito de Tradições Discursivas (TDs), “nasceu no âmbito da filologia românica alemã, sob a influência decisiva das concepções de linguagem e de mudança linguística de Eugenio Coseriu”. Esse conceito procedeu do reconhecimento de que, o uso da linguagem, nas diversas esferas sociais, se faz sempre através de textos, e que, dessa forma, o lugar de inovação linguística é o texto; e também dos debates, nas décadas de 1960 e 1970, em torno de questões de sociolinguística e de pragmática. Segundo este autor, os trabalhos de Schlieben-Lange (1983, 1993), foram fundamentais para a, construção do conceito de TDs, pois a autora defendeu a distinção entre uma história dos textos e uma história das línguas. Longhin (2014, p.16).

De acordo com Kabatek, (2004, p. 3), foram denominadas Tradições Discursivas, essas tradições além das línguas,

o conceito foi aplicado a numerosas questões de diversas línguas e encontra-se, atualmente, no centro de interesse de uma série de projetos de pesquisa no mundo inteiro. Nos trabalhos de Peter Koch e Wulf Oesterreicher, em particular nos trabalhos fundamentais de Koch (1997) e Oesterreicher (1997), define-se o conceito das TD partindo da reduplicação do nível histórico coseriano: postula-se a existência de dois fatores no nível histórico, a língua como sistema gramatical e lexical de uma língua, e as tradições discursivas. Dito de outra maneira, pode-se dizer que a atividade do falar, com uma finalidade comunicativa concreta, atravessaria dois filtros concomitantes até chegar ao produto do ato comunicativo ou enunciado: um primeiro filtro correspondente à língua e um segundo, correspondente às tradições discursivas, segundo o seguinte esquema:



Fonte: Oesterreicher 1997, 21; Koch 1997 apud Kabatek, 2004.

O esquema acima proposto por Oesterreicher e Koch (1997), indica que no nível histórico, a língua como sistema e norma de uma língua e a tradição discursiva darão o produto do ato comunicativo, que é o enunciado.

Conforme Castilho da Costa e Simões (2015, p 160), o modelo de TDs é utilizado como um importante suporte metodológico e tem seus conceitos difundidos em diversos trabalhos teóricos no português:

permite reconstruir uma oralidade concepcional presente em textos escritos de outras sincronias, oferecendo assim aos linguistas a oportunidade de identificar tensão entre normas que existiam em séculos passados, o modelo de KOCH/OESTERREICHER (1990/2007) tem sido referenciado, portanto, como um suporte metodológico importante para definir rotas de gramaticalização nas línguas. A difusão desses conceitos também se dá em trabalhos teóricos no português (KOCH/OESTERREICHER/CALDAS/URBANO 2013, tradução de KOCH/OESTERREICHER 1985) e em obras de referência no trabalho de MARCUSCHI (2000/2010), que elabora um modelo de análise de estratégias de retextualização da fala para a escrita a partir dos conceitos advindos do *continuum* oralidade vs. Escrituralidade apresentado inicialmente por KOCH/OESTERREICHER(1990/2007), bem como estudos publicados por URBANO (2006) e HILGERT (2007).

Isso nos mostra que o conceito de TDs utilizado no Brasil pelos pesquisadores, pode ser utilizado nos estudos da Língua Portuguesa, como também na escola, auxiliando o professor e alunos no estudo da língua considerando as Tradições Discursivas que permeiam os gêneros estudados na escola, de acordo com a percepção de fala e escrita no contínuo de oralidade e escrituralidade.

Dentro dessa perspectiva, observaremos então o texto, que de acordo com Marcuschi (2008, p. 71),

[...] é resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. [...] o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico.

Assim, o texto está presente nas sociedades, nos mais diversos segmentos, e nos mais variados momentos. O texto nasce das mais diversas situações e serve a inúmeras intenções, carregadas de sentidos diretamente envolvidos a uma situação comunicativa.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 193-194) os textos estão inseridos em domínios discursivos que criam contextos e situações para determinadas práticas sociodiscursivas. Assim, o domínio discursivo seria uma esfera da vida social, em que estratégias de comunicação e compreensão devem ser utilizadas, de acordo com determinado contexto.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 75), “o texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos”. Assim, para a produção de um texto, é necessário um contexto, uma situação comunicativa, na qual o texto será inserido, adequadamente, em conformidade com o contexto em que esse evento comunicativo ocorre. Não é possível, deste modo, produzir um texto sem considerar esses aspectos.

Essas implicações apontam para o fato de que o texto é produzido através de uma interligação de vários fatores que conferem ao texto ser o que se torna a partir do assunto que se quer tratar, das esferas sociais envolvidas, do lugar, das experiências dos interlocutores, da situação de comunicação, bem como do domínio linguístico dos interlocutores. Esses fatores podem ser chamados de contexto.

Sobre esse contexto que envolve o texto, Koch (2010, p. 78-83) apresenta que, anteriormente na Linguística Textual, o contexto era visto apenas como o ambiente ou entorno verbal, chamado de contexto, contudo atualmente outro tipo de contexto é observado pela linguística textual, o “contexto sociocognitivo”, no qual compreende-se que nos estudos do texto o contexto não abrange apenas o contexto (situação de comunicação), mas também a situação de interação imediata, a situação imediata e o contexto sociocognitivo dos interlocutores. Dessa maneira, ao produzir um texto, todo esse contexto sociocognitivo deverá influenciar nas condições e escolhas que gerarão a produção textual, inclusive o próprio contexto sociocognitivo dos interlocutores.

Koch (2010, p. 84) ressalta ainda que esse contexto deve ter especial atenção por parte do produtor do texto, pois apresenta funções indispensáveis à produção textual, já que “aquele que escreve o faz para alguém”; faz isso guiado por um objetivo e o faz com base em um conjunto de conhecimentos. O contexto possibilita avaliar o que é adequado ou não adequado do ponto de vista dos modelos interacionais que foram construídos culturalmente.

Marcuschi (2008, p. 87) também afirma que as relações contextuais se estabelecem “entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva (o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos).

Marcuschi (2008, p. 89) assevera que textualidade não é uma propriedade imanente a algum artefato linguístico e que essa posição supõe pelo menos três aspectos:

- Primeiro: um texto não é um artefato, um produto, mas é um evento (uma espécie de acontecimento) e sua existência depende de que alguém processe em algum contexto. É um fato discursivo e não um fato do sistema da língua. Dá-se na atividade enunciativa e não como uma relação de signos.
- Segundo: um texto não se define por propriedades imanentes necessárias e suficientes, mas por situar-se num contexto sociointerativo e por satisfazer um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de sentidos.
- Terceiro: a sequência de elementos linguísticos será um texto na medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão.

Portanto, o texto deve apresentar tais características para que possa ser reconhecido como tal, e deve obedecer a um conjunto de critérios de textualização, pois não é um conjunto de frases aleatório, nem é um a sequência em qualquer ordem.

Esses critérios não possuem todos o mesmo peso nem a mesma relevância, são condições da textualidade, mas não constituem princípios de formação textual e sim critérios de acesso à produção de sentido. De acordo com Marcuschi (2008, p. 98) “produzimos textos por processos de textualização inadequados quando não conseguimos oferecer condições de acesso a algum sentido”. Assim, na produção textual, devemos observar tanto os critérios de conhecimentos linguísticos como os de conhecimento de mundo, tanto para a formulação de um texto como para sua compreensão, através dos sentidos por ele estabelecidos por meio do uso desses critérios.

Um texto pode apresentar, então, sentidos específicos, de acordo com a situação comunicativa em que foi produzido, como também como todo o contexto que o envolve. Para

que isso se concretize, um gênero textual específico deverá ser utilizado, de acordo com a finalidade a que se destina. Esse gênero textual surgirá, de maneira apropriada à necessidade discursiva que emergirá e com todos os demais aspectos que envolvem os interlocutores, em um determinado evento discursivo, como será explicitado aqui.

2.3 O CONCEITO DE GÊNERO TEXTUAL E AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Os gêneros textuais podem ser definidos de acordo com os diversos estudos que têm se desenvolvido. Eles têm recebido denominações diferentes, que refletem as várias correntes de estudo de gêneros, de acordo com a perspectivas em que se fundamentam.

Aqui, traremos uma definição apresentada por Marcuschi (2008, p. 155):

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Essa definição de gênero textual demonstra proximidade com concepções Bakhtinianas, como afirma Marcuschi (2008, p. 155):

admitimos, com Bakhtin, que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) “concretos e únicos que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana” (1979: 279). E com essa posição teórica chegamos à união do gênero ao seu envolvimento social.

Para Bakhtin (2003, p. 261- 262) todas as áreas da atividade humana estão ligadas ao uso da linguagem, contudo essa linguagem é compreendida de múltiplas formas, observando-se os campos de atuação da linguagem humana. O emprego da língua se dá, então por meio de enunciados que podem ser orais ou escritos, porem concretos e únicos e irão refletir as

condições e as finalidades de cada campo de atuação, por seu conteúdo temático, por seu estilo de linguagem e por sua construção composicional. Esses três fatores estarão sempre ligados dentro do enunciado, que é individual e particular. Portanto, cada campo de utilização da língua elabora seus “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, que o autor denomina como gêneros do discurso.

Decidimos manter uma relação de proximidade com a concepção de Bakhtin e o círculo bakhtiniano em relação ao gênero, pois esse conceito também se aproxima dos estudos de Tradições Discursivas, em que se inserem as concepções de Koch e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167), utilizadas nesta pesquisa. Conforme os escritos de Kabatek (2012, p. 583):

Bem mais perto das ideias que queremos apresentar aqui encontra-se o conceito dos *gêneros discursivos* de Mikhail Bakhtin. Já há bastante tempo, Bakhtin reconheceu a limitação que compreendia o termo saussuriano *langue* com respeito à tradição. A finalidade do termo *gênero* em Bakhtin provavelmente foi a de levar em conta a complexidade das tradições literárias, mas, com o ponto inicial dos *gêneros primários*, também se trata da tradição em um sentido teórico e amplo. Só que a recepção moderna de Bakhtin não procurou desenvolver toda amplitude do termo, senão a limitá-lo sobretudo aos aspectos literários e à noção fundamental da intertextualidade na literatura. Mesmo assim, no seu núcleo, a crítica feita por Bakhtin ao estruturalismo pode ser considerada precursora das ideias das TDs, mas sem ter desenvolvido uma aplicação ampla com todas as consequências implicadas.

Nessa perspectiva de estudo das Tradições Discursivas, os gêneros são observados em um contínuo de oralidade e escrituralidade, como veremos adiante.

De acordo com Marcuschi (2002), os gêneros textuais estão atrelados à vida social e cultural dos povos. Eles estão presentes nas sociedades de forma dinâmica e surgem de acordo com as necessidades e atividades de cada cultura. Após a invenção da escrita alfabética a quantidade gêneros textuais multiplicou-se e surgiram gêneros tipicamente atrelados à língua escrita. Ainda na concepção de Marcuschi (2002, p. 20) “os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”.

Marcuschi (2008) afirma que o estudo dos gêneros surgiu com Platão e Aristóteles e por muito tempo concentrou-se na literatura, mas atualmente se expandiu para toda a linguística e, na perspectiva discursiva já existem no Brasil várias tendências nesses estudos.

Zavan e Araújo (2008, p. 14) também afirmam que os gêneros textuais “são produtos de interação social e servem a um propósito estabelecido”, ou seja, os gêneros são utilizados em diversas circunstâncias e apresentam características específicas, sejam na modalidade oral ou escrita.

Para Marcuschi (2002, p. 22), “é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto”. Assim sendo, podemos dizer que os gêneros são utilizados em toda atividade linguística. Desse modo, é necessário saber construir um texto que se insira de maneira eficiente dentro de cada atividade linguística. Diante disso, em um domínio discursivo, faz-se necessário conhecer as peculiaridades dos gêneros que estão atrelados a esse domínio.

Conforme assevera Marcuschi (2008, p 155), falando a respeito dos gêneros textuais, “são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças”. Essas forças podem ser de caráter histórico, sociais, institucionais e técnicas.

Observando assim os gêneros textuais, podemos dizer que são utilizáveis em toda a vida e por toda a vida. Cada um em seu momento específico. Por isso é pertinente que a escola apresente aos estudantes o estudo da língua através dos gêneros textuais.

De acordo com Castilho (1998, p 16):

a linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua modalidade escrita. Uma diferença, entretanto, é que na LF [língua falada] os usuários estão em presença, e a construção do enunciado se ressent de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia. Uma das óbvias consequências disso é que na língua escrita (LE) é necessário explicitar as coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que na LF tais coordenadas já estão dadas pela própria situação de fala.

Essas especificidades da oralidade e escrituralidade podem ser estudadas a partir de diferentes gêneros textuais orais e escritos.

Na escola, o estudo dos gêneros pode ser feito através de agrupamentos. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 101), os gêneros devem ser agrupados no ensino fundamental “em função de um certo número de regularidades linguísticas e de transferências

possíveis. Esses agrupamentos respondem a três critérios essenciais do ponto de vista da construção de progressões para a qual eles constituem um instrumento indispensável”.

Esses agrupamentos devem se dar, conforme os seguintes critérios de Dolz e Schneuwly (2004, p. 101):

1. correspondam às grandes finalidades sociais atribuídas ao ensino, cobrindo os domínios essenciais de comunicação escrita e oral em nossa sociedade;
2. retomem, de maneira flexível, certas distinções tipológicas, da maneira como já funcionam em vários manuais, planejamentos e currículos;
3. sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem implicadas nos domínios dos gêneros agrupados.

Sob essa perspectiva de agrupamento, selecionamos para estudo com os alunos nesta pesquisa, o gênero *crônica*. Para realizar esse estudo, observaremos as prescrições de Koch e Oesterreicher (2007), a respeito da localização desse gênero no contínuo de oralidade e escrita.

2.4 GÊNEROS NO CONTÍNUO DE ORALIDADE E ESCRITURALIDADE

Nesta seção trazemos a concepção de gêneros observando-os na perspectiva do contínuo de oralidade e escrituralidade.

Koch e Oesterreicher (2007) desenvolvem um modelo teórico em que os fenômenos linguísticos podem ser localizados em uma concepção global de oralidade e escrituralidade, com a finalidade de estabelecer uma distinção sistemática entre fala e escrita e também responder de forma precisa aos problemas concernentes a essa temática. Esses autores defendem que se deve considerar que todas as instâncias e fatores da comunicação estão ligados a possibilidades de variação.

Nesse modelo teórico, os parâmetros de comunicação que caracterizam a concepção discursiva dos textos no contínuo de oralidade e escrituralidade são as seguintes (KOCH & OESTERREICHER; 2007):

- a) O grau de publicidade: condição de comunicação em que se considera o número de co-enunciadores (conversa a dois ou de comunicação em massa), e se existe um público e de que tamanho.
- b) O grau de intimidade entre o enunciador e o co-enunciador: a familiaridade entre os dois depende das experiências comunicativas comuns aos dois, do conhecimento que compartilharam e da escala de institucionalização a que se liga a situação de comunicação.
- c) O grau de emocionalidade: situação que envolve afetividade e expressividade, dirigida a parceiros ou objetos da comunicação.
- d) O grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação.
- e) O ponto de referência da situação de comunicação. A caracterização de pessoas ou objetos como próximos ou distantes dependerá do ponto de referência, que será dado pelo falante.
- f) A proximidade física entre os parceiros da comunicação. Numa situação de comunicação face a face há a proximidade física, numa situação de comunicação por carta, há uma distância física e temporal.
- g) O grau de cooperação: pode ser medido conforme as possibilidades de influência que o co-enunciador imprime na produção do discurso.
- h) O grau de dialogicidade, em que é decisivo saber qual é a possibilidade e a frequência de se tomar o papel de enunciador na comunicação.
- i) O grau de espontaneidade da comunicação.
- j) O grau de fixação temática.

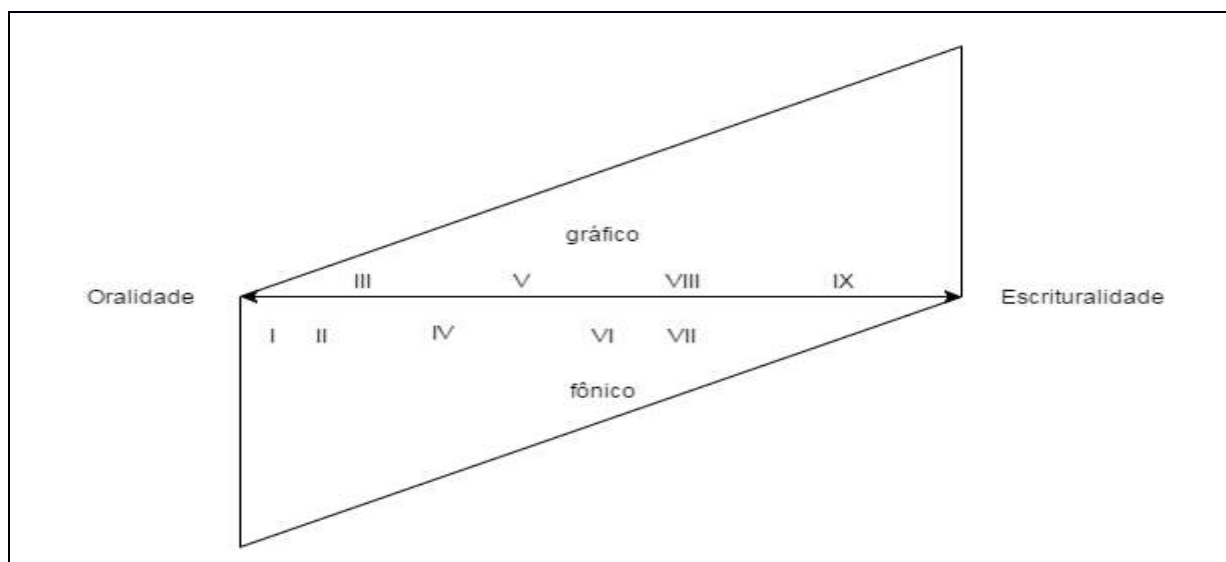
Para Koch e Oesterreicher (1994 *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p.163) “todas as realizações linguísticas – todos os textos e, portanto, gêneros – caracterizam-se a partir desses parâmetros comunicativos e de suas diferentes combinações”.

Para Castilho da Costa e Simões (2015, p.164), essa perspectiva, ao contrário de uma visão dicotômica de oralidade e escrita,

permite explicar entrecruzamentos e sobreposições de gêneros textuais. Do ponto de vista desse modelo, todos os gêneros textuais, bem como outros tipos de tradições discursivas, entendidas como modos tradicionais de dizer que incluem fórmulas, estilos e universos de discurso, entre outros padrões textuais, possuem tanto um perfil medial, quanto concepcional. [...] toda tradição discursiva pode ser descrita a partir de seu perfil de concepção discursiva, quer dizer, a partir de sua localização no continuun de imediatez e distância comunicativas, que em princípio “é independente de seu perfil medial.

Koch e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167) propõem uma perspectiva global que envolve o meio e a concepção e a partir de nove gêneros, mostram a localização de gêneros diferentes e tradições discursivas no contínuo de oralidade e escrituralidade, como mostram Castilho da Costa e Simões (2015, p.165):

Quadro 1 – Gêneros no contínuo de oralidade e escrituralidade.



Fonte: KOCH e OESTERREICHER *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 165

Nove gêneros são dispostos no gráfico, propondo uma perspectiva global, que envolve tanto o meio como a concepção. Koch e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa/ Simões; 2015, p.165) e mostram a localização relativa de diferentes gêneros e tradições discursivas no contínuo de oralidade e escrituralidade, exemplificada a partir desses nove gêneros:

I – conversa familiar;

II – conversa telefônica

III – carta pessoal

IV – entrevista de trabalho

V – versão impressa de uma entrevista de jornal

VI – sermão religioso

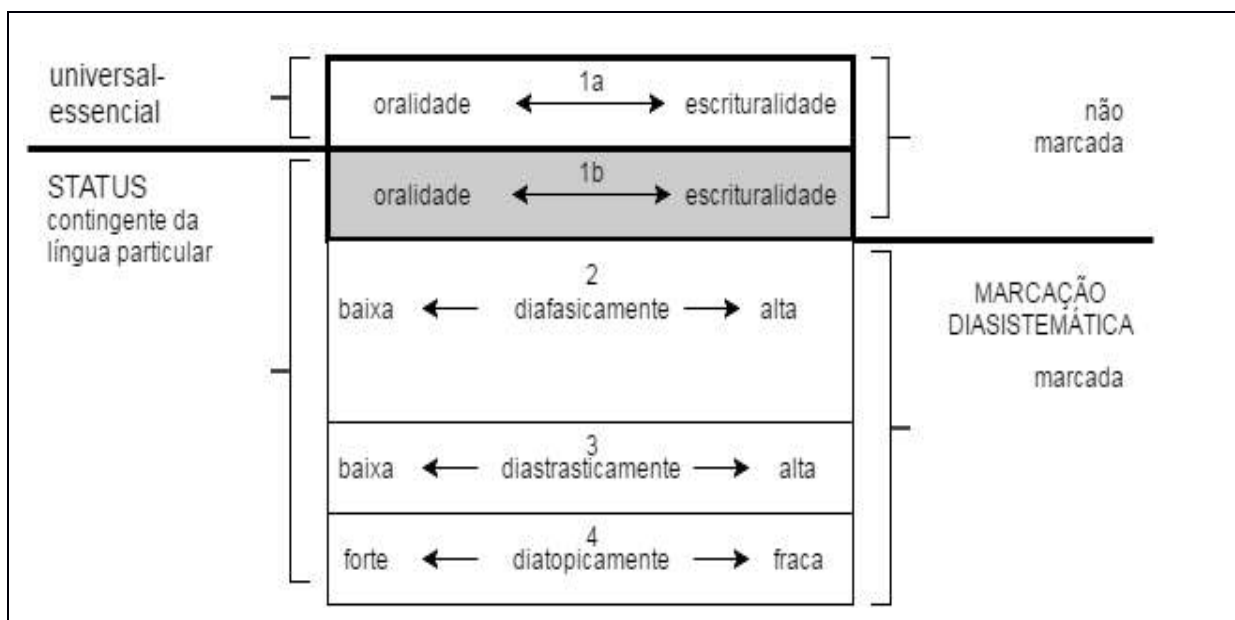
VII – conferência científica

VIII – artigo editorial

IX – texto jurídico

Para Koch e Oesterreicher (2007), o sistema de variedades de uma determinada língua em um momento histórico, organiza-se também de acordo com oralidade e escrituralidade, em nível universal e em nível histórico:

Quadro 2: Status e marcação diasistemática.



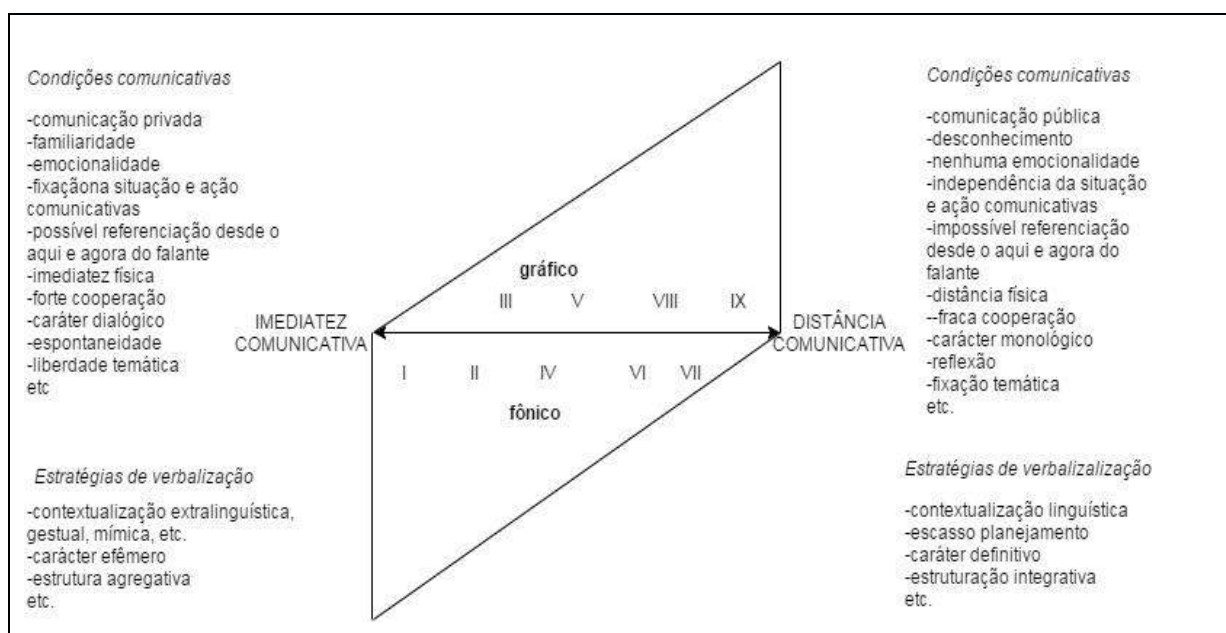
Fonte: KOCH e OESTERREICHER *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 165

Desse modo, a posição central da cadeia variacional é ocupada pelo contínuo entre oralidade e escrituralidade que serve como orientação para as escalas internas das variações

diatópicas, diastráticas e diafásicas. Nessa perspectiva, as transformações relativas à transposição de um gênero textual a outro são entendidas como um deslocamento dentro do contínuo de oralidade e escrituralidade, de acordo com Castilho da Costa e Simões (2015, p.166).

Veremos, a seguir, uma figura que mostra um enfoque global, que engloba tanto o meio como a concepção, a localização relativa de diferentes formas de comunicações e tradições discursivas no contínuo entre imediatez e distância comunicativa (KOCH e OESTERREICHER, 2007 p. 35).

Quadro 3: Meio e concepção. Contínuo entre imediatez e distância comunicativas e perfil concepcional de algumas formas comunicativas



Fonte: KOCH e OESTERREICHER, 2007, p. 34.

2.5 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

Trataremos aqui do gênero crônica, como ele pode ser caracterizado, quais elementos o constituem, que papel este gênero ocupa em situações de comunicação dentro da Língua Portuguesa utilizada no Brasil, e ainda, como ele pode ser situado dentro do contínuo de oralidade e escrituralidade.

Para Cândido (1992, p. 14),

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

A partir dessa perspectiva, podemos dizer que a crônica é um gênero que provoca a reflexão e o pensamento humano, pois é capaz de redimensionar o pensamento que temos sobre as coisas e as pessoas. Isso é possível porque através de pequenas coisas da vida, grandes temas podem ser debatidos dentro da simplicidade daquilo que parece ínfimo.

Trata-se de um texto inspirado na realidade, na verdade, mas que ganha contornos fantásticos, ideais, muitas vezes carregados de humor, tratando de forma leve e ao mesmo tempo incisiva, temas comuns da vida, que revolvem as emoções, típicas do humano. Para Sá (1987, p. 9) “o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende ficar apenas na superfície de seus próprios comentários”.

Conforme Cândido (1992, p. 14), a crônica

não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.

A crônica é um gênero escrito para ser lido rapidamente, característica que se evidencia no suporte em que normalmente aparece, o jornal. Contudo também passa a ser visto como um texto duradouro, quando pode vir a ser publicada em livros, e se manter atual por muito tempo. Conforme Sá (1987, p. 7), “sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem de narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo

jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea)”. Para Sá (1987, p. 18): “Os próprios jornais conferem ao cronista a missão de colocar a vida no exíguo espaço dessa narrativa curta”.

Podemos então compreender a crônica como uma narrativa curta, em que o próprio autor narra fatos simples da vida real de maneira ficcional, e apresenta coisas simples da vida com um olhar poético, e construindo um diálogo com o leitor, que é partícipe nessa realidade ficcional. “A magicidade da crônica está presente mesmo nos textos em que a atmosfera política torna o diálogo com o leitor mais referencial.[...] a atmosfera política reafirma, assim o valor sociológico da crônica na construção do painel de uma época” (SÁ, 1987, p. 19).

O cronista pode ainda optar pela busca do pitoresco, que lhe permite “captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade” (SÁ, 1987, p. 23). Isso permite que o cronista possa tratar de temas relevantes para o seu público leitor, provoque uma avaliação crítica, uma tomada de posição e até mesmo uma mudança de atitude, diante de determinado problema social em que o autor e leitor estão inseridos.

Segundo Arrigucci Jr (1987, p. 51) a crônica é um gênero literário que está ligado ao jornal “está entre nós há mais de um século e se aclimatou com tal naturalidade, que parece nosso. Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro”.

Quanto à construção do texto, a crônica é narrada pelo próprio autor, não aparecendo nela a figura do narrador desprendida do autor. De acordo com Sá (1987, p 9) “quem narra crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”. E Arrigucci Jr (1987, p. 52) afirma que esse gênero pode “constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a História no texto”.

Essas características tornam a crônica um gênero textual histórico e contemporâneo, cheio da vida real, da imaginação e da poesia, um gênero que desperta tanto as emoções humanas como o seu senso crítico e que reúne características da oralidade e da escrituralidade, gênero textual que deve ter o seu lugar na escola nos estudos da língua portuguesa, portanto.

Para Dolz e Schneuwly (2004, p. 102), os gêneros textuais podem ser agrupados para estudo de acordo com os domínios sociais de comunicação e a capacidade de linguagem dominante, porém os agrupamentos “não são estanques uns em relação aos outros; não é possível classificar um gênero de maneira absoluta num dos agrupamentos propostos”. Considerando essa prerrogativa, ao analisar o gênero crônica, notamos que não é possível encerrá-lo em um dos agrupamentos propostos, visto que esse gênero apresenta características do narrar e do relatar, mas também pode ser argumentativo:

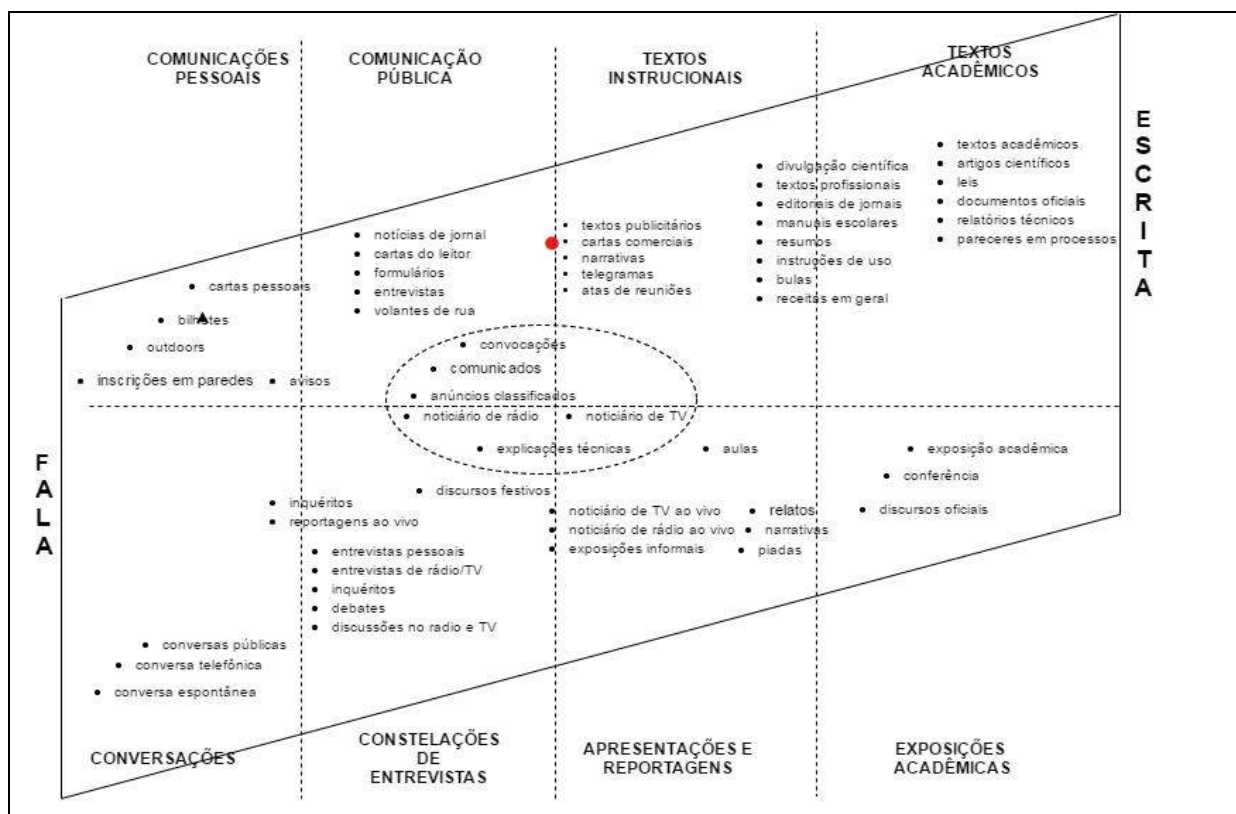
Quadro 4: Agrupamentos de gêneros nos domínios sociais.

ASPECTOS TIPOLOGICOS		
DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTE	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura Literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiano
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho <i>Curricullun vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas de saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos “expositivos” ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Fonte: DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p 102.

Já na disposição dos gêneros proposta por Marchuschi (2010) no contínuo de oralidade e escrituralidade, baseada também nos estudos de Koch e Oesterreicher, sugerimos a localização da crônica na parte superior da figura, mantendo-se mais próxima da escrituralidade, mas contendo algumas características da oralidade. Observando a disposição dos gêneros na figura abaixo, poderíamos localizar a crônica dentre as comunicações públicas, entre as notícias de jornal e as narrativas: **crônica**

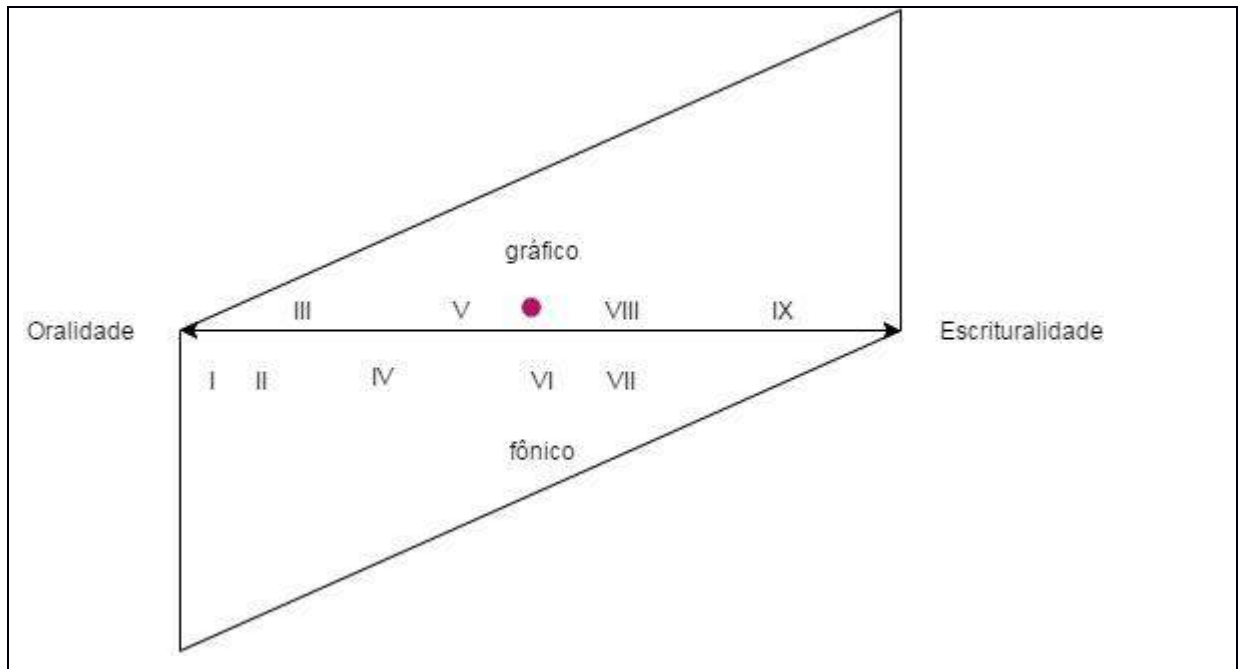
Quadro 5: Contínuo fala e escrita.



Fonte: MARCUSCHI, 2010, p. 197. (Marcação nossa do gênero crônica)

Levando em consideração o contínuo de oralidade e escrituralidade, a partir dos parâmetros comunicativos propostos por Koch e Oesterreicher (1990/2007 apud Castilho da Costa e Simões 2015), a crônica pode ser disposta, nesse contínuo, da seguinte maneira, entre a versão impressa de uma entrevista de jornal e o artigo editorial: **crônica**

Quadro 6: Localização do gênero.



Fonte: KOCH e OESTERREICHER *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 165. (Marcação nossa do gênero crônica)

2.5 1 A crônica e o contínuo de oralidade e escrituralidade

Observaremos aqui, como a crônica pode se comportar dentro do contínuo de oralidade e escrituralidade, a partir dos critérios propostos por Koch e Oesterreicher (1990/2007).

A crônica apresenta algumas características definidas e possui algumas especificidades que a diferenciam, mas pode apresentar uma gama de características diferentes, o que dificulta a delimitação pontual das características desse gênero. Apresenta a expressão do sentimento humano em pequenas coisas do viver, pode evocar uma mudança de atitude, um pensamento crítico, pode ainda sensibilizar e mobilizar o leitor para uma atitude, uma mudança de comportamento, uma tomada de posicionamento.

Dentro dessa visão, percebemos a crônica dentro do modelo teórico desenvolvido por Koch e Oesterreicher (1990/2007), localizando-o, em uma concepção global de oralidade e escrita. Para isso, observaremos as seguintes condições de comunicação na caracterização da concepção discursiva desse gênero.

- a) O grau de publicidade: condição de comunicação em que se considera o número de co-enunciadores (conversa a dois ou de comunicação em massa), e se existe um público e de que tamanho. A crônica apresenta-se como um gênero que possui um público alvo, não se trata apenas de uma conversa a dois, pois inclui todo o público leitor do jornal, livro ou site; do veículo em que é publicada, apresentando um grau médio a alto de publicidade, pois procura atingir um público leitor de jornal, e interessados em assuntos do cotidiano.
- b) O grau de intimidade entre o enunciador e o co-enunciador: a familiaridade entre os dois depende das experiências comunicativas comuns aos dois, do conhecimento que compartilharam e da escala de institucionalização a que se liga a situação de comunicação. No caso da crônica, o grau de intimidade poder ser considerado, não como a intimidade familiar, mas há um certo grau de intimidade, que pode ser considerado pequeno, visto que o autor e o público compartilham do assunto abordado no texto, geralmente coisas do cotidiano, mas sendo publicada por meio de um veículo institucional, apresenta-se aí uma institucionalização, mantendo assim um baixo o grau de intimidade.
- c) O grau de emocionalidade: situação que envolve afetividade e expressividade, dirigida a parceiros ou objetos da comunicação. Essa condição de comunicação aparece fortemente neste gênero, tendo em vista que a crônica evoca os sentimentos humanos mais diversos e muito frequentemente o humor, a fim de levar a uma reflexão de certos procedimentos adotados pelo ser humano, nas mais diversas situações da vida. Assim, ao chamar a atenção do leitor não apenas para o que está sendo dito, mas também para o modo como se é dito, o enunciador se utilizará da afetividade e da expressividade. Nas crônicas que serão desenvolvidas pelos alunos, o assunto tratado envolve um grau de emocionalidade médio a alto, já que se trata de ações humanas com relação aos animais.
- d) O grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação. Quanto ao contexto situacional, a crônica pode ser publicada em jornais, sites e livros, não havendo uma necessidade direta de o leitor estar no mesmo espaço e tempo do produtor do texto para compreender a mensagem. A crônica tem certa independência do contexto situacional dos atos de comunicação. É possível assim dizer que o grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação é mínimo.

e) O ponto de referência da situação de comunicação. A caracterização de pessoas ou objetos como próximos ou distantes dependerá do ponto de referência, que será dado pelo falante. As crônicas desenvolvidas neste trabalho terão como ponto de referência o problema de maus-tratos contra animais, dessa forma o enunciador fala de um objeto distante (os maus-tratos contra os animais), apresentando ainda um certo teor de subjetividade.

f) A proximidade física entre os parceiros da comunicação. Numa situação de comunicação face a face há a proximidade física, numa situação de comunicação por carta, há uma distância física e temporal. Essa condição também se apresenta no gênero em estudo, pois também pode ser lido sem a presença daquele que o escreveu. A distância temporal pode ser considerada menor do que a da carta, quando a crônica é publicada, diariamente em um jornal ou site. Mas mesmo assim, é possível classificar como baixo ou até inexistente, o grau de proximidade física entre os parceiros da comunicação.

g) O grau de cooperação: pode ser medido conforme as possibilidades de influência que o co-enunciador imprime na produção do discurso. No gênero em estudo o grau de cooperação é pequeno, já que no momento da comunicação a crônica já chegará pronta às mãos do leitor, porém deve-se lembrar que ela foi escrita levando em consideração o cotidiano, coisas comuns às pessoas, o que remete a existência de uma certa cooperação na produção do discurso presente na crônica produzida, principalmente por tratar de assuntos, em várias situações, que emergem do momento social, político e emocional em que o cronista e seu público estão inseridos. Além disso, em algumas ocasiões o público leitor pode enviar comentários e críticas ao cronista.

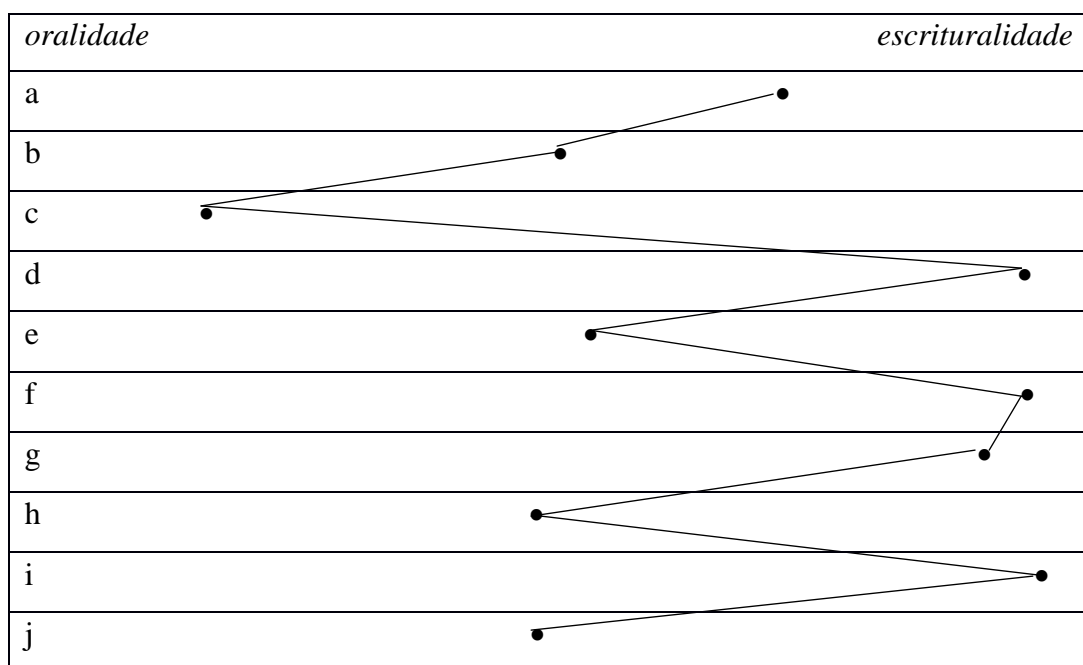
h) O grau de dialogicidade, em que é decisivo saber qual é a possibilidade e a frequência de se tomar o papel de enunciador na comunicação. A dialogicidade será inexistente, no momento da leitura do gênero, contudo o gênero, poderá provocar o leitor a tornar-se um enunciador. Esse grau pode ser considerado médio, no gênero *crônica*, levando-se em consideração que o leitor pode mudar seu pensamento, sua visão de mundo e até mesmo suas atitudes a partir da leitura da crônica.

i) O grau de espontaneidade da comunicação. Como esse gênero já é previamente construído, não se pode observar, a espontaneidade.

j) O grau de fixação temática. O tema pode variar nesse gênero, de acordo com o objetivo da crônica escrita. Mas há um grau de fixação temática médio, por tratar sempre de um tema de interesse do público leitor. O cronista terá o cuidado de selecionar um tema pertinente ao público que lerá a crônica, então podemos dizer que haverá uma certa fixação temática conduzindo a produção do cronista.

A partir dessas condições de comunicação, analisaremos crônicas produzidas pelos alunos. O gráfico abaixo apresenta os valores paramétricos do gênero crônica, a partir das considerações acima:

Gráfico1: Parametria do gênero crônica.



Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos afirmar que estamos tratando de um gênero que apresenta marcas de oralidade, mas se aproxima predominantemente da escrituralidade. Sendo assim, é um gênero textual adequado aos objetivos deste trabalho, pois podemos observar o seu trânsito no contínuo de oralidade e escrituralidade.

2.5.2 A sequência descritiva

De acordo com Adam (2008, p. 215 a 224), a sequência descritiva não comporta uma ordem de agrupamentos das proposições-enunciados em macroposições ligadas entre elas. Já na Antiguidade e até nos dias atuais, a descrição foi depreciada em subcategorias: descrição de pessoas, a montagem em paralelo, a hipotipose e o quadro.

Para esclarecer como essas subcategorias se apresentam, montamos o quadro abaixo baseado nas definições de Adam (2008, p. 215):

Quadro 7: Subcategorias da sequência descritiva.

SUBCATEGORIAS DA DESCRIÇÃO	
Descrição de pessoas	Retrato moral (<i>etopéia</i>)
	Retrato físico (<i>prosopografia</i>)
Montagem em paralelo	Descrições consecutivas ou alternadas, baseadas na semelhança ou na oposição
Hipotipose	Exposição vívida do objeto, tornando presente e vivo pelo trabalho estilístico do orador ou do escritor.
Quadro	Contextualização, agrupamento em torno de um motivo ou personagem principal

Fonte: Adam (2008, p. 215).

Para fugir dessa visão Adam (2008, p. 215) apresenta o pensamento que:

Philippe Hamon propôs, no campo da poética literária, uma teoria geral do que define como um efeito de texto ou de dominante (1993, p.5). enfatizou os procedimentos de abertura e de encerramento inseridos numa narração, a natureza profundamente tabular da organização dos enunciados descritivos e os procedimentos de metaforização, de animação e de ordenação que permitem lutar contra os efeitos de lista.

Para Adam (2008), um procedimento descritivo é inseparável da expressão de um ponto de vista. Isso é um fato decorrente do caráter indissociável de um conteúdo descritivo e de uma posição enunciativa que orienta de forma argumentativa, todo o enunciado.

Quaisquer que sejam os objetos do discurso e a extensão da descrição, no nível de composição textual, a aplicação de operações de base gerará proposições descritivas que irão se agrupar em períodos de extensão variável, ordenadas por um plano de texto Adam (2008, p. 216 a 223).

1 - Operações de tematização – é a macrooperação principal que dá unidade a um segmento e faz dele um período tão característico que aparece como uma espécie de sequência. Pode ser aplicada de três maneiras diferentes (ADAM, 2008, p. 216 a 218):

- Pré-tematização (ou ancoragem) – “é uma denominação imediata do objeto que abre um período descritivo e anuncia um todo”.
- Pós-tematização (ou ancoragem diferida [affectation]) – “é uma denominação adiada do objeto, que somente nomeia o quadro da descrição no curso final da sequência”.
- Retematização (ou reformulação) – “nova denominação do objeto, que reenquadra o todo, fechando o período descritivo.”

2-Operações de aspectualização – essa macrooperação se apoia na tematização e agrupa duas operações (ADAM, 2008, p. 219):

- Fragmentação (ou partição) – “seleção de partes do objeto da descrição”.
- Qualificação (ou atribuição de propriedades) – “é realizada, na maioria das vezes pela estrutura do grupo nominal nome + adjetivo e pelo recurso predicativo ao verbo ser”.

3-Operações de relação – Essa macrooperação agrupa duas outras operações (ADAM, 2008, p. 221):

- Relação de contiguidade – “situação temporal ou espacial”, que “intervém muitas vezes de maneira implícita”.
- Relação de analogia – ‘permite descrever o todo ou as partes colocando-as em relação com outros objetos –indivíduos’

4-Relações de expansão por subtematização – “a extensão da descrição se produz pelo acréscimo de qualquer operação a uma operação anterior”. A expansão descritiva é infinita, regrada por um pequeno número de operações identificáveis e repetíveis” (ADAM, 2008, p. 222 a 223):

Conforme Adam, (2008, p. 223) a descrição passa por dois modos principais de descrever, determinados pela atitude do descritor: o descrever perceptual e o epistêmico.

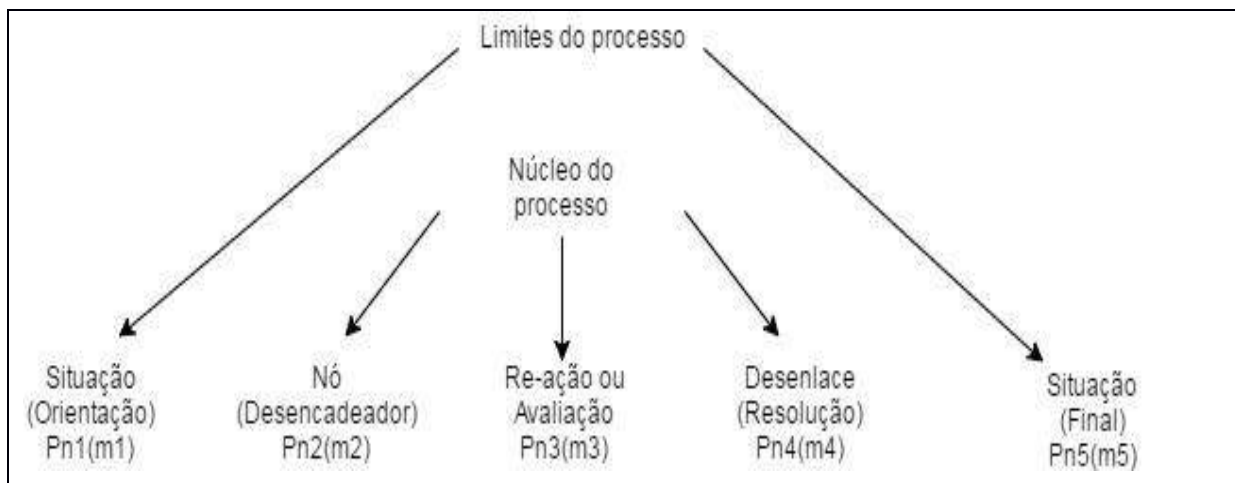
Veremos, a seguir, como esse mesmo autor apresenta estrutura da sequência narrativa.

2.5.3 A sequência narrativa

Conforme Adam (2008, p. 224), “toda narrativa, pode ser considerada como a exposição de “fatos” reais ou imaginários” esses “fatos” podem ser distinguidos em eventos e ações. A ação seria caracterizada pela presença de um agente, que pode ser humano ou antropomórfico, que provoca um a mudança ou tenta evitá-la. Já o evento, ocorre sob o efeito de causas, sem que haja intervenção intencional de um agente.

A narrativa pode ser construída de diferentes formas de acordo com o grau de narrativização. Uma narrativa construída somente por uma simples enumeração de uma sequência de ações e/ ou eventos possui um baixo grau de narrativização. Adam apresenta algumas macroposições narrativas de base, baseadas na organização da trama proposta por Tvetzan Todorov (1968, 82) e Paul Larivaille (1974). Conforme o esquema abaixo:

Quadro 8: Macroposições narrativas.



Fonte: Adam (2008, p. 225).

Cada macroposição corresponde a um momento da narrativa expresso em cada limite do processo:

Quadro 9: Macroposições e momentos da narrativa.

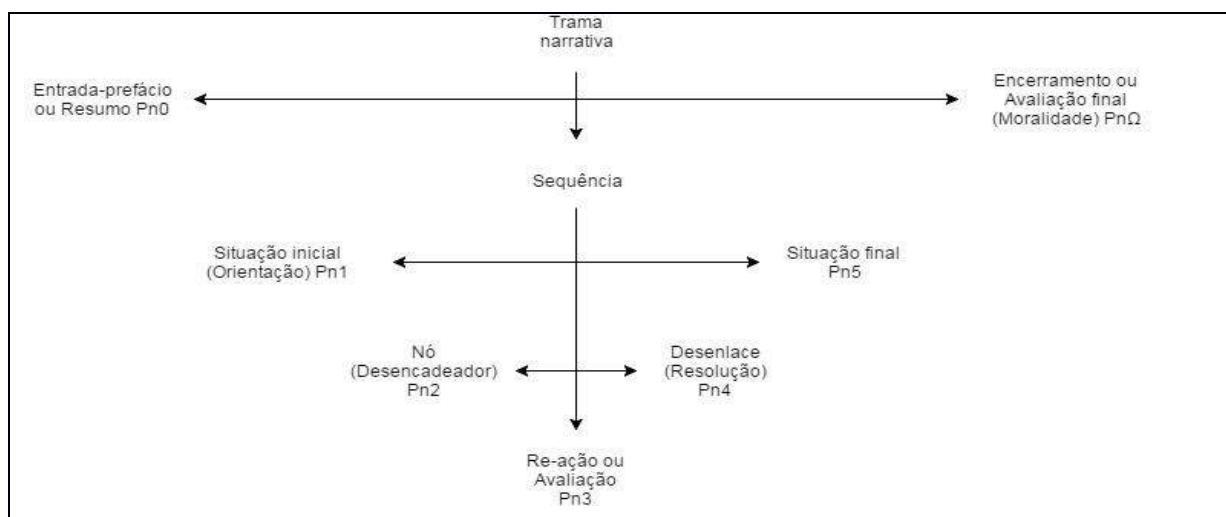
Pn- macroposições narrativas de base	m – momentos	Limites do processo
Pn1	m1 – antes do processo	Situação Inicial (orientação)
Pn2	m2 – início do processo	Nó (desencadeador)
Pn3	m3 – curso do processo	Re-ação ou Avaliação
Pn4	m4 – o fim do processo	Desenlace (Resolução)
Pn5	m5 – depois do processo.	Situação Final

Fonte: Adam (2008, p. 224).

Para Adam (2008, p. 226), não é possível definir nenhuma regra de segmentação própria às sequências, que tanto podem ser fortemente segmentadas como fracamente.

Para Adam (2008, p. 227) a inscrição de uma sequência em um co-texto dialogal pode ser compreendida por possibilitar acrescentar na abertura “uma *Entrada-prefácio* ou de um simples *resumo* (Pn0) e, ao termo da narração, de uma *Avaliação final* (PnW) que assume a forma de *Moralidade* das fábulas [...] *Encerramento*”. Essas proposições irão garantir, “a entrada e a saída do mundo da narração”, conforme Adam (2008, p. 228), expresso no esquema, no quadro abaixo:

Quadro 10: Momentos da narrativa.



Fonte: Adam (2008, p.228).

2.6 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS E ENSINO

Por muito tempo, as aulas de língua portuguesa no Brasil restringiram-se ao ensino da gramática normativa, dissociado do texto. Com os PCN, o incentivo ao estudo da língua através dos gêneros impulsionou uma mudança na maneira de se ensinar a língua portuguesa. Contudo, essa iniciativa não foi efetivamente praticada, já que em muitas ocasiões, os gêneros não têm sido estudados como deveriam, como práticas sociais em situações reais que envolvem a vida do aluno e o levam a interagir linguisticamente, rodeado pelo contexto e por toda a situação de comunicação que requer um uso apropriado de um determinado gênero textual.

Conforme Marcuschi (2008, p 207), os gêneros textuais presentes nos manuais de estudo da língua, que são analisados de maneira mais aprofundada são, na maioria das vezes, os mesmos. Outros gêneros, principalmente os concebidos na oralidade ainda não são tratados de modo sistemático, apesar de já serem incluídos em algumas novas abordagens.

Dessa maneira é difícil que os alunos aprendam a produzir gêneros escritos de uso diário, bem como gêneros orais mais formais. No entanto, não há uma receita para a escolha dos gêneros que serão trabalhados na escola.

A diversidade de gêneros escritos é bem maior do que a quantidade de gêneros orais, pois vivemos em uma civilização em que o papel da escrita é central nas atividades diárias. Por isso, é necessário que a escola desempenhe um papel fundamental no ensino dos gêneros, deixando claro para os alunos que é preciso conhecê-los e utilizá-los dentro da situação adequada.

Para que a aprendizagem aconteça na escola Dolz e Schineuwly (2004, p. 103) afirmam que é preciso observar as pesquisas em didática, que consideram os limites da situação escolar e o currículo seguido pelos alunos e observar alguns fatores:

- a avaliação das capacidades iniciais dos alunos;
- a escolha de objetivos que merecem uma prioridade para assegurar novas aquisições e que estão ligeiramente acima das possibilidades dos alunos, a fim de criar um desafio intelectual desestabilizador;
- as etapas decisivas a serem vencidas, os obstáculos e os conflitos que intervêm na aprendizagem;
- as ajudas didáticas, os dispositivos de apoio e as condições que favorecem o trabalho em sala de aula, permitindo evidenciar os desafios de aprendizagem;
- as formas de redução de ajuda externa, para permitir aos alunos realizar tarefas análogas de maneira autônoma.

Observando esses fatores, o professor poderá trabalhar os gêneros dentro dos agrupamentos propostos pelos autores em diferentes séries na escola, em diferentes níveis de um mesmo gênero. A aprendizagem de um gênero pode ser lenta e longa, por isso devemos propor diferentes níveis de complexidade, evitando a repetição, mas retomando objetivos já trabalhados. Devem ser contemplados gêneros orais e escritos, que desenvolvam nos alunos a possibilidade de se comunicar adequadamente, em situações de oralidade e escrita, de maneira formal ou informal.

Para Geraldi (1997 p.168),

se considerarmos as práticas normalmente propostas por livros didáticos, toda a lição ou unidade destes livros, organizados em unidade e, em geral sem unidade, iniciam-se por um texto para leitura. Como tais leituras não respondem a nenhum interesse mais imediato daqueles que sobre os textos se debruçam, a relação interlocutiva a ocorrer deverá se legitimar fora dela própria. Ou seja, mesmo quando a leitura se inspira em concepções mais interessantes sobre os textos e sobre a leitura, as relações interlocutivas a se empreenderem em sala de aula, não respondem à necessidade do estabelecimento destas relações. Daí sua legitimidade se estatuir e não se

constituir. Os alunos, leitores e portanto interlocutores, leem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo em que estão, eles leitores/alunos, engajados.

Geraldi expõe um grande problema que ainda pode ser vivenciado na sala de aula hoje. Contudo, a leitura dentro da sala de aula não pode ser desenvolvida em uma perspectiva semelhante a realidade constatada no trecho acima. O texto não pode ser lido sem propósitos, sem interesse imediato daqueles que irão lê-los. Os alunos não devem ser levados a ler apenas para atender aos interesses sociais que a sociedade, a escola ou o professor propõem. A leitura deve ser realizada a partir da vivência do aluno, das perguntas que ele traz, os textos devem ser produzidos de acordo com as necessidades comunicativas reais que serão suscitadas pelos próprios alunos, de acordo com os acontecimentos e experiências que se sucedem ao seu redor, em sua vida.

Para Roxane Rojo (2000, p. 34),

Em uma realidade escolar na qual sabemos que o que rege as práticas de sala de aula é a adoção do livro didático, por variadas razões que vão desde o número de alunos por sala, até a falta de tempo remunerado e de formação do professor para a elaboração de seus próprios materiais didáticos, a elaboração de materiais didáticos que criem condições de viabilidade para a realização do currículo em sala de aula torna-se um problema crucial.

Esse material didático elaborado em conformidade com as necessidades específicas de determinados alunos pode oferecer objetivos e conteúdos que proporcionem um desenvolvimento da leitura, da escrita, da produção textual na realidade desses alunos, pois procurará oferecer recursos apropriados para esses alunos e leitores, provocando melhoras no que diz respeito ao estudo da linguagem a partir da leitura e escrita, utilizando gêneros orais e escritos que contribuam para a formação do aluno, do leitor, do cidadão.

Esses gêneros devem evidenciar a noção de continuidade que há entre a escrita e a oralidade, capaz de proporcionar ao falante/escrevente de uma língua a capacidade de compreender o que é dito ou escrito. Marcuschi (2008, p. 229) afirma que,

Tomamos a língua como um conjunto de atividades sociais e históricas e não como um sistema apenas. Com ela guiamos o sentido e construímos mundos, mas não por força de alguma virtude imanente à própria língua como tal e sim pelo esforço dos falantes. Diante disso vamos ver que compreender não

é extrair conteúdos de textos. Por isso mesmo, nem tudo é visto por todos do mesmo modo e há divergências na compreensão de textos por parte de diferentes leitores.

Assim, o estudo de leitura e a produção textual devem acontecer na sala de aula levando-se em consideração a compreensão dos leitores que nela estão inseridos, sendo os objetivos e conteúdos estudados em sala de aula pertinentes às atividades sociais e históricas em que esses leitores se encontram. Diante disso, o trabalho em sala de aula para a leitura, compressão e também produção de textos, orais e escritos pode ser desenvolvido com bons resultados com a utilização do processo de retextualização, proposto por Marcuschi (2010).

Adler e Doren (1990, p. 25 - 28) apresentam níveis de leitura, que podem ser utilizados para mensurar o desenvolvimento dos alunos como leitores. Nesses moldes existem quatro tipos de leitura, e o quarto e último nível inclui os três primeiros. O primeiro nível é chamado de Leitura Elementar, que é o início da leitura, vários leitores encontram muitos tipos de dificuldade neste nível, relacionadas ao aprendizado inicial da leitura ou mecânicas. O segundo nível é chamado de Leitura Inspeccional, em que há uma ênfase no tempo de leitura, o objetivo desse processo é extrair o máximo de um livro num tempo dado. O terceiro nível é chamado de Leitura Analítica, que é mais completo e mais sistemático que os níveis anteriores; é a leitura completa, a melhor possível, em tempo ilimitado. O quarto nível é a Leitura Sintópica, que exige muito do leitor, podendo ser chamado de leitura comparativa, em que o leitor lê vários livros e relaciona-os entre si.

Esses níveis de leitura podem ser desenvolvidos e explorados nas aulas de língua portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento da compreensão, autonomia para estudo e formulação do pensamento crítico, pois passa do nível Elementar para a Leitura Sintópica proporciona ao leitor infinitas possibilidades de desenvolvimento no aprendizado.

2.7 CONCEITO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

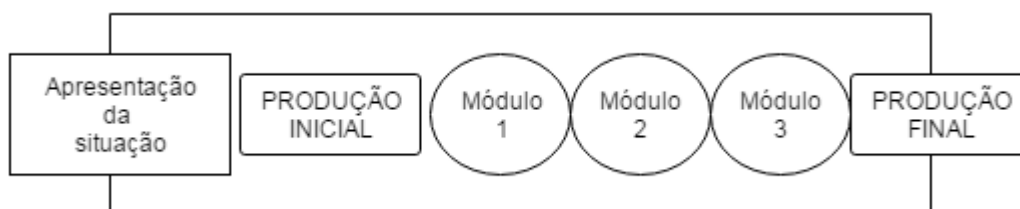
Para Marcuschi (2008, p. 214) “a finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero”. O gênero produzido através da aplicação de uma sequência didática tende a

apresentar todas, ou pelo menos, a maioria das características estudadas em cada passo da sequência.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 83) os textos que produzimos se diferenciam de acordo com as condições de produção. Alguns desses gêneros são mais interessantes à escola. Utilizar a sequência didática na produção de um gênero tem a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

Esse trabalho deve ser desenvolvido considerando gêneros que o estudante ainda não domina, ou domina parcialmente; gêneros públicos e/ou de difícil acesso para o aluno. Assim as sequências didáticas serão úteis para dar aos alunos acesso à práticas de linguagens novas ou difíceis de dominar.

Dolz e Schneuwly (2004, p 83 - 91) apresentam a estrutura base de uma sequência didática através do esquema abaixo:



Fonte: Dolz e Schneuwly (2004, p 83)

A sequência didática deve ser formada por quatro componentes:

a) A apresentação da situação

Essa etapa da sequência didática procura apresentar aos alunos uma situação de comunicação real, que será realizada na produção final. Esse momento também prepara o aluno para a produção inicial, que precederá os módulos de leitura e escrita.

Nesse momento, devemos apresentar um problema de comunicação bem definido para que os alunos compreendam bem a situação de comunicação em que devem agir. Para isso os estudantes precisam saber qual o gênero que será abordado, a quem se dirige a produção, que forma assumirá a produção e quem participará da produção.

Também é necessário preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos. Os alunos precisam saber dos conteúdos com os quais vão trabalhar e a importância que eles têm. A fase inicial permite, com a apresentação da situação, que os alunos tenham todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo que pretendemos realizar e a aprendizagem da linguagem relacionada a ele. A sequência deve ser realizada aliada a esse projeto de classe elaborado durante a apresentação da situação tornando significativas as atividades de aprendizagem.

b) A primeira produção

Apresentada a situação inicial os estudantes podem elaborar a primeira produção, oral ou escrita. Essa primeira produção mostrará para os próprios alunos e para o professor, as representações que os estudantes têm dessa atividade. Nessa primeira produção é possível perceber o que cada aluno conseguiu seguir a partir da instrução dada e verificar as capacidades que o aluno já possui bem como suas possíveis potencialidades. Assim o professor poderá definir qual o melhor caminho para intervir durante o percurso que o aluno ainda irá percorrer. Essa avaliação é chamada de formativa.

A produção inicial regula a sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor, pois esclarece quanto ao gênero abordado na sequência didática e também permite ao aluno descobrir e conscientizar-se dos problemas encontrados.

Também a primeira produção é para o professor um momento de observação que o ajuda a refinar a sequência didática, adaptando-a mais precisamente às capacidades reais dos alunos daquela determinada turma. A análise dessas produções iniciais, orais ou escritas ajudarão o professor a avaliar quais são as dificuldades encontradas pelos alunos. Porém, a produção inicial é também o primeiro lugar de aprendizagem, pois o simples fato de fazer uma atividade, conforme as delimitações dadas, já é considerado um momento de aprendizagem e conscientização dos próprios limites que cada aluno possui.

c) Os módulos

Nos módulos serão trabalhados os problemas revelados na primeira produção e serão dados aos alunos instrumentos necessários à superação desses problemas. A sequência didática movimenta-se assim, do complexo para o simples. A produção inicial é mais complexa, os módulos são mais simples. Cada módulo deve trabalhar uma capacidade

necessária ao domínio de determinado gênero. Para trabalhar os problemas isoladamente deve-se:

- Trabalhar problemas de níveis diferentes – A produção de textos orais e escritos passa por vários níveis, nos quais o aluno pode enfrentar diferentes problemas, que ao final ele deve ser capaz de resolver. Os autores sugerem quatro níveis principais na construção de textos: representação da situação de comunicação; elaboração dos conteúdos; planejamento do texto e realização do texto.

- Variar as atividades e exercícios – Deve-se variar o modo de trabalho usando diversas atividades e exercícios que relacionem intimamente leitura e escrita e que enriqueçam o trabalho desenvolvido na sala de aula. Os autores apresentam três grandes categorias de atividades e exercícios distintos: as atividades de observação e análise de textos; as tarefas simplificadas de produção de texto; e a elaboração de uma linguagem comum para falar dos textos e comentá-los.

- Capitalizar as aquisições – ao realizar os módulos os alunos aprendem a falar sobre o gênero estudado e adquirem um vocabulário que será comum ao professor e à classe. Assim construirão um conhecimento progressivo sobre o gênero e poderão conversar sobre o que aprenderam e comunicar aos outros o que sabem, favorecendo uma atitude reflexiva e controle do comportamento.

Esse vocabulário e as regras podem ser listados e durante ou ao final da sequência deve ser feito um registro para resumir tudo o que foi aprendido. Essa lista pode ser chamada de “lista de constatações” ou de “lembrete” ou “glossário”.

d) A produção final

A produção final dá ao aluno a possibilidade de praticar o que ele aprendeu separadamente nos módulos. Ao professor essa produção permite fazer uma avaliação somativa.

- Investir as aprendizagens – O documento de síntese ganha sua maior importância durante a produção final, pois indica ao aluno objetivos a serem atingidos, serve de instrumento regulador e controlador de sua produção textual, permite ao aluno avaliar os progressos realizados.

- Avaliação de tipo somativo – Na produção final o professor pode realizar uma avaliação do tipo somativo, podendo usar a lista de constatações construída durante a sequência ou escolher outra forma que seja explícita aos alunos, de acordo com o que foi trabalhado em aula.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se dá de maneira qualitativa, pois faz a interpretação dos dados produzidos em crônicas escritas pelos alunos para observar como acontece o processo de deslizamento da oralidade para a escrituralidade, através de aplicação de sequência didática, analisando a presença de parâmetros de comunicação expostos no capítulo 1, nesses textos. Também tem um caráter quantitativo, pois observa as produções de 14 alunos, componentes da turma A do 8º ano de uma escola específica e traz uma proposta de intervenção, utilizando a sequência didática, de acordo com a visão de Dolz e Schneuwly (2004), numa perspectiva coseriana, observando os parâmetros comunicativos de Koch/Oesterreicher (1990/2007).

3.1 DESCRIÇÃO DA TURMA

Para a realização desta pesquisa, uma turma de 30 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental foi selecionada, numa Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no bairro de Nova Natal na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, na região Nordeste do Brasil.

A referida escola recebe alunos do bairro de Nova Natal e conjuntos habitacionais vizinhos, bem como loteamentos situados no derredor do bairro, e ainda regiões com costumes e modo de vida que conservam algumas características rurais. Há um ônibus escolar, que tem uma rota definida, disponibilizado pelo governo do estado à escola, que busca e deixa os alunos que moram nas localidades mais distantes.

A escola funciona no turno matutino com oito turmas, de 6º a 8º ano do Ensino Fundamental. A turma selecionada para compor o corpus desta pesquisa é a turma A do 8º ano. Essa turma foi selecionada por apresentar um número relativamente equilibrado entre a quantidade de alunos dos sexos masculino e feminino. Também, os alunos apresentam uma idade aproximada e frequentam regularmente às aulas, estando, em geral, inseridos na faixa etária adequada ao ano escolar que estão cursando.

No que diz respeito ao comportamento, dedicação e disciplina, a turma caracteriza-se como uma das mais motivadas da escola a que pertence. Os alunos, em geral, são frequentes às aulas, não apresentam histórico de gaguear aulas, como acontece em outras turmas, na mesma escola; a maioria deles corresponde às atividades propostas, realizando a maioria das tarefas desenvolvidas em sala de aula.

Quanto à disciplina, os alunos dessa turma correspondem, razoavelmente, às regras propostas pela escola, mas apresentam comportamento agitado em sala de aula e alto índice de conversas paralelas, durante a aula. Isso pode ser devido ao fato de que os alunos já possuem um nível de intimidade significativo, pois a maior parte da turma é composta por aqueles que já eram da escola, nos anos de 2014 e 2015, e que estudaram juntos, na mesma turma, no 6º e 7º ano.

A sala em que ocorrem as aulas de língua portuguesa é uma sala específica para essa disciplina, no horário de aula matutino. Possui um armário com livros didáticos e dicionários de língua portuguesa, um quadro branco e verde, para uso de pincel atômico e/ou giz, e carteiras escolares compostas por mesa e cadeira separadas, arrumadas em filas duplas. Essa sala tem janelas grandes em uma das paredes laterais e dois ventiladores na parte da frente da sala, um bem barulhento, próximo às janelas, e outro perto da porta, silencioso.

A escola também dispõe de aparelho de som portátil, caixa de som e projetores que podem ser agendados para uso; e de uma biblioteca, que no turno da manhã não dispõe de um funcionário para atendimento aos alunos. A escola não possui nenhum bibliotecário. A escola também não possui sala de informática e tem uma quadra poliesportiva inacabada, que não serve para uso. Os alunos jogam bola no pátio, apenas como recreação. As aulas de educação física ocorrem somente de maneira teórica, para algumas turmas, outras estão sem professor.

A instituição de ensino apresentou carência de professores em várias disciplinas e a maioria das turmas não tinha todas as aulas. Esse é um problema recorrente ano após ano, na referida escola. Recentemente, alguns professores foram recebidos na escola, melhorando a situação das turmas e as condições de aula, já que enquanto uma turma está estudando, as turmas com aulas vagas estão no pátio, o que chama bastante atenção daqueles que estão dentro da sala de aula. Esse fator influencia no desempenho das turmas, inclusive da turma selecionada, pois nem sempre é possível fechar a porta, por causa da necessidade de ventilação. Essa turma passou pelo menos dois bimestres do ano letivo de 2016 sem professor de matemática.

Os alunos receberam, no início do ano letivo 2016 um kit com material escolar para uso pessoal contendo 1 caderno pautado, 1 caderno de desenho, 1 caixa de lápis de cor, 1 tesoura, 1 régua, 1 apontador, 2 lápis grafite, duas canetas esferográficas e um livro didático para cada disciplina.

3.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA

A sequência didática foi introduzida pela apresentação da situação de comunicação. A situação de comunicação proposta foi a publicação das crônicas produzidas no site da escola, pois trata-se de um veículo que alcança não apenas a comunidade escolar, mas também os leitores em geral. Também foram publicadas em um livro, produzido pela turma. Uma das crônicas foi reescrita, coletivamente e publicada em vídeo.

Em concordância com a turma, as crônicas produzidas trataram sobre o cuidado com os animais, e buscaram chamar a atenção do público leitor da própria escola, da comunidade local, da cidade de Natal, do Estado do Rio Grande do Norte e dos leitores em geral, através dos textos produzidos e publicados, para a importância de tratar com cuidado e respeito os animais. Esse é um assunto do cotidiano dos alunos e apresenta-se de várias maneiras na realidade local: uso de veículos de tração animal (carroças puxadas por cavalo, burro ou jumento); venda e criação de pássaros em gaiolas; abandono de animais doentes ou indesejados nas ruas ou em terrenos baldios, rinha de animais (galos de briga), casos de Leishmaniose em humanos (calazar)¹ no conjunto Nova Natal e no Rio Grande do Norte.

As crônicas produzidas pela turma, com objetivo de despertar o envolvimento das pessoas no cuidado com os animais constituíram uma situação de comunicação real, diante de uma realidade em que muitos animais domésticos e silvestres são maltratados, abandonados, traficados, mantidos em cativeiro e/ou submetidos a situações de sofrimento, que fazem mal não apenas à natureza, mas também ao ser humano que a destrói. As crônicas foram

¹No período de 2012 a 2015, de acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), foram registrados 367 casos confirmados de leishmaniose visceral humana no Rio Grande do Norte, distribuídos em 76 municípios. Natal (79), Mossoró (49) e Açu (24) estão entre as cidades com o maior número de casos. Nesse mesmo período, 23 pessoas foram a óbito pelo agravo. Disponível em: <http://www.chaguinha.com.br/noticias/rio-grande-do-norte/sesap-contabilizou-73-casos-de-leishmaniose-visceral-calazar-no-rn-em-2015>. Acesso em 05. 05. 2017.

produzidas com a intenção de envolver os alunos da escola, suas famílias, a comunidade local e a população em geral em atitudes que os despertem para cuidar dos animais com carinho e respeito.

Os alunos da turma estiveram envolvidos na produção das crônicas. O enfoque na produção escrita foi dado ao gênero *crônica*. Uma das crônicas foi transformada em vídeo postado na internet, no canal da escola no *You Tube*, direcionado ao público proposto e a todas as pessoas que tenham interesse no cuidado com os animais. Como objetivo específico esta sequência didática procurou levar os alunos a:

- 1 Identificar os traços constituintes do gênero crônica e saber como é construída uma crônica, e quais os seus propósitos comunicativos;
- 2 Reconhecer que a crônica pode ser desenvolvida a partir de um acontecimento do cotidiano, que pode surgir a partir de algo comentado oralmente, mas que pode servir como base para o desenvolvimento do gênero crônica, na modalidade escrita da língua, sem que isso se constitua uma oposição ou uma representação, mas sim em modalidades distintas.
- 3 Produzir *crônicas* a partir de acontecimentos do cotidiano que apresentem parâmetros de comunicação no contínuo de oralidade e escrituralidade, de acordo com as tradições discursivas da crônica.
- 4 Construir um pensamento crítico em relação às práticas sociais da comunidade a que pertence o aluno.

Para isso, esta prática de ensino foi desenvolvida a partir das seguintes ações, estruturadas de acordo com os estudos desenvolvidos por Dolz e Schneuwly (2004, p 83) a respeito da sequência didática:

Para desencadear a discussão a respeito do tema a ser desenvolvido nas crônicas produzidas e identificar os problemas existentes na aprendizagem da língua materna, foi realizada uma atividade de diagnóstico, que serviu para nortear o desenvolvimento da sequência didática.

Aqui, a apresentação da situação já introduzida no diagnóstico figurou como parte do módulo de leitura, e foi feita a produção inicial da crônica somente ao final da execução do módulo de leitura.

Quadro 10: Distribuição de aulas da sequência didática:

<u>DIAGNÓSTICO</u> Primeira produção textual	6h/ aula
<u>MÓDULO DE LEITURA</u> Aula 1 Apresentação da Situação	1h/aula
Aula 2	1h/aula
Aula 3	1h/aula
Aula 4	1h/aula
Aula 5	1h/aula
<u>MÓDULO DE ESCRITA 1</u> Aula 6 1ª versão da crônica	2h/aula
Aula 7	1h/aula
Aula 8	1h/aula
Aula 9	2h/aula
Aula 10 2ª versão da crônica	2h/aula
Aula 11/12 Leitura das crônicas produzidas	4h/aula
Aula 13	2h/aula
Aula 14 Retextualização 3ª versão da crônica	2h/aula
<u>MÓDULO DE ESCRITA 2</u> Aula 15	2h/aula
Aula 16 Última versão da crônica	2h/aula
<u>MÓDULO DE DIVULGAÇÃO</u> Aula 17 Ilustração das crônicas Produção de vídeo Planejamento de ação	2h/aula
Aula 18 Divulgação Lançamento do livro Exposição do vídeo Publicação das crônicas	4h/ aula

Fonte: Dados da pesquisa.

3.3 RELATO DA APLICAÇÃO

Nessa seção faremos o relato da aplicação da sequência didática que se constituiu como elemento organizador da intervenção pedagógica.

3.3.1 Apresentação da situação

Durante as aulas de Língua Portuguesa foi aplicada a sequência didática que utilizou a reescrita, no processo de transposição textual da oralidade para a escrituralidade, visando superar os problemas identificados, a fim de proporcionar mecanismos de aprendizado e compreensão da língua em uso.

A sequência didática foi desenvolvida com base em um tema selecionado em conjunto com os alunos, em sala de aula. O assunto escolhido foi “animais”, o qual foi tratado abordando o cuidado que devemos ter com os animais, e as diversas situações em que o ser humano tem maltratado os bichos.

O tema foi selecionado a partir dos primeiros textos produzidos. A partir das opiniões e interesses da turma e da realidade da comunidade, a sequência tratou do gênero crônica, estimulando a produção de textos voltados para a proteção e o cuidado com os animais, com o propósito de despertar a sensibilidade e uma visão crítica tanto nos alunos-escritores como no público leitor.

Após aplicação da sequência didática, as crônicas produzidas foram publicadas em um livreto e no site da escola com o objetivo de alertar as pessoas para o cuidado que devemos ter para com os animais, para demonstrar como eles devem ser bem tratados e jamais maltratados ou abandonados, para despertar a sensibilidade humana através da linguagem. Essa ação também se constitui numa situação real para produção desse gênero textual, voltada não apenas para a comunidade escolar, mas também para o público em geral.

As crônicas escritas foram divulgadas na escola, entre as famílias e na comunidade em geral, e em exposição aberta à família e a comunidade no lançamento do livro com a coletânea das crônicas produzidas e também na internet.

Os textos desenvolvidos pelos alunos foram analisados aqui constatando se houve ou não, um entendimento com relação ao contínuo existente entre fala e escrita, evidenciado através da transposição da oralidade para a escrituralidade através da análise de parâmetros comunicativos.

Linguisticamente, foi analisada também a presença de marcas de oralidade nos textos, observando os parâmetros de comunicação nos processos de deslizamento do gênero textual *crônica* no contínuo de oralidade e escrituralidade, e se houve um entendimento por parte dos alunos das peculiaridades de fala e escrita como modalidades diferentes, mas não opostas; nos moldes de uma perspectiva teórica baseada nos estudos das TDs.

Ao final, a partir da sequência didática aplicada foi formulado um guia de estudo do gênero crônica para o Ensino Fundamental Anos Finais, que pode auxiliar professores em sala de aula, no estudo desse gênero textual.

Todos esses procedimentos foram desenvolvidos ao longo da execução da pesquisa.

3.3.2 Diagnóstico

Para a identificação do problema que foi tratado no aprendizado, foi realizada uma proposta de escrita a partir da experiência de vida de cada aluno. Em um primeiro momento, conversamos sobre o nascimento, a infância e as experiências que tivemos em nossa vida com a família, amigos e parentes. Também conversamos sobre coisas típicas da infância, tais como: brincadeiras, travessuras e bichos de estimação.

Após esse momento de relatos orais, a turma teve a incumbência de desenhar quatro acontecimentos de sua vida. A escolha ficou por conta de cada aluno. Eles poderiam escolher fatos tristes, alegres, engraçados, estranhos, inesquecíveis. Cada pessoa desenhou conforme suas escolhas.

Em outro momento, diante de seus desenhos foi pedido aos alunos que escolhessem um dos fatos desenhados para que fosse relatado em um texto. Cada um deveria escrever o relato do fato, anteriormente narrado oralmente e depois desenhado.

O relato deveria ser escrito em sala de aula, sem quantidade de linhas ou parágrafos pré-definidos e deveria apresentar um título.

Em uma observação dos textos² produzidos, foi possível diagnosticar que, de maneira geral, foi frequente na turma textos com características como: presença do título; apenas um parágrafo; pontuação inadequada; dificuldades na ortografia; textos com mais de dez linhas de extensão; escritos com foco narrativo em 1ª pessoa do singular; dificuldades de concordância; falta de informações necessárias à compreensão efetiva dos acontecimentos; falta de marcadores espaciais e/ou temporais; falta de caracterização das personagens, apresentando diversas características, típicas da oralidade. Poucos textos apresentaram: ausência de título; mais de um parágrafo; menos de 10 linhas de extensão; ausência de pontuação; setas indicativas em cada início de linha escrita.

Essas dificuldades apresentadas na produção textual, no que diz respeito ao estudo da Língua Portuguesa, foram identificadas para que fosse feita a intervenção que buscou aplicar alternativas para a resolução desses problemas.

Essas características encontradas nos textos dos alunos apontaram para indicativas de que a escrita deles ainda está reproduzindo características da língua falada, em que os falantes já se encontram dentro de um determinado contexto que envolve todo o ato de fala. Ou seja, os alunos tinham dificuldades para expressar-se na modalidade escrita, que no caso dessa turma, apresenta ainda múltiplas marcas de oralidade.

Dentre os vários assuntos suscitados nos primeiros textos produzidos, a turma considerou relevante discutir sobre a situação dos animais, as atitudes humanas em relação ao trato com os animais, a convivência entre pessoas e bichos. Diante da escolha da turma, foi realizado ainda como parte do diagnóstico uma visita ao Aquário Natal, localizado na Zona Norte de Natal. Nesse aquário, além da visita aos animais expostos para a visitação os alunos puderam ver que o local também funciona como um centro de reabilitação para animais feridos, maltratados e traumatizados pela ação nociva dos seres humanos que desrespeitam o ambiente em que vivem. Também assistiram a uma palestra desenvolvida pelo aquário para conscientizar as pessoas sobre a necessidade de cuidado com os animais e com a natureza.

Em sala de aula foi discutida a situação dos animais, de maneira geral, e em nosso estado constatamos que existem ainda muitos animais que são maltratados e ameaçados de extinção.

²Os textos produzidos pelos alunos no diagnóstico estão listados no corpus.

O Aquário Natal foi escolhido para a visita porque abriga legalmente uma grande quantidade de animais que são expostos à visitação, e também cuida de animais maltratados, traficados e feridos, visando reabilitá-los para o retorno à natureza.

Agendamos uma visita e fomos, durante o horário de aula, no ônibus da escola até o aquário. Chegamos e fomos recebidos por uma guia que explicou como o aquário funciona e em seguida levou-nos para uma primeira visita espontânea, sem monitoramento dos guias, onde os alunos puderam ver e fotografar os animais, observar o comportamento deles no ambiente em que vivem e tecer comentários entre si a respeito de suas impressões.

FIGURA 1: Turma em frente ao Aquário Natal.



Fonte: Dados da pesquisa.

FIGURA 2: Alunos na entrada do aquário.



Fonte: Dados da pesquisa.

Após esse momento, fomos todos para uma sala climatizada, onde assistimos a uma palestra sobre as atividades desenvolvidas pelo aquário em favor dos animais. Os alunos assistiram a vídeos de relatos sobre a atual situação de muitos animais maltratados, não só no Brasil, como no mundo. Também foram desafiados a fazer a sua parte em relação ao cuidado com os animais e com a natureza. Aqueles que quiseram, puderam tocar numa cobra, em uma tartaruga e também no tubarão.

Depois disto os alunos lancharam e puderam observar, em um ambiente restrito, alguns animais que estão sendo reabilitados para voltar ao seu ambiente natural. Por fim, os alunos fizeram uma visita guiada, observando cada animal exposto no aquário e aprendendo sobre seus nomes, hábitos de vida e seu papel na natureza. Fizemos fotos, nos despedimos de todos e retornamos ao colégio no ônibus escolar. A visita durou aproximadamente 3 horas.

FIGURA 3: Alunos no lanche, próximos à área de reabilitação.



Fonte: Dados da pesquisa.

Dois dias depois, os alunos foram chamados a compartilhar com a turma, oralmente, sobre a experiência que a turma havia vivido. Cada aluno foi desafiado a escrever um relato de experiência vivida. Cada um deveria escrever um texto que relatasse a sua experiência em ter ido ao aquário e visto de perto os animais que vivem ali.

Os alunos tiveram uma orientação sucinta sobre a escrita que deveriam produzir e realizaram em sala de aula a produção do texto. Para essa escrita, cada aluno deveria utilizar seus conhecimentos gerais do que seria o gênero relato de experiência vivida. Os alunos tiveram uma aula de 50 minutos para a escrita do texto.

Diante da observação dos textos produzidos, é possível dizer que dos os alunos já tinham em seu conhecimento geral uma ideia de que o relato de experiência vivida remete a uma experiência que já viveram e muitos utilizaram naturalmente, verbos no pretérito na construção do relato. Também foi possível observar que a maioria dos escreventes utilizou a primeira pessoa do discurso para a escrita do relato. Quanto aos marcadores de lugar, também estiveram presentes na maior parte dos textos. Já os marcadores de tempo foram escassos.

Além disso, foi perceptível que havia muitas marcas de oralidade nos textos produzidos. Também foram notáveis muitos desvios em relação à norma-padrão da Língua

Portuguesa escrita, tanto na ortografia como na pontuação e em vários segmentos da norma. Como o relato pôde ser feito de maneira oral ou escrita, notou-se que havia ausência dos marcadores temporais, o que remete à modalidade oral, onde há outros elementos que possibilitam ao interlocutor a compreensão do tempo.

Alguns dos relatos produzidos foram expostos na Mostra Cultural da escola. Além dos relatos os alunos também produziram um painel com informações a respeito dos animais no estado do Rio Grande do Norte e encenaram uma peça teatral sobre o cuidado que devemos ter com os animais e a natureza.

FIGURA 4: Apresentação teatral na mostra cultural da escola.



Fonte: Dados da pesquisa.

Todas essas ações serviram para diagnóstico do problema linguístico investigado na turma e também para comprovar que o tema abordado é um assunto pertinente, que envolve não somente a escola, mas também a população local e a comunidade como um todo, sendo assim uma situação de comunicação real, que se adequou à realidade social vivida pelos alunos da comunidade, que ainda vivencia o abandono de animais doentes ou indesejados, a criação de pássaros presos, a utilização de galos para rinha, o uso de veículos de tração

animal, além de casos recentes de leishmaniose em humanos. Assim sendo, a aplicação da sequência didática para a escrita de crônicas foi considerada uma ação relevante que contribuiu para o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e escrita desses alunos, caracterizando-se também como uma ação social relevante, que remete diretamente a práticas sociais existentes na comunidade.

Assim sendo, foi aplicada uma sequência didática que procurou apontar meios para que o aluno desenvolvesse a compreensão de que fala e escrita não são modalidades opostas da língua, nem que a escrita seja uma representação da fala, mas que se tratam de duas modalidades distintas de uso da língua e que é possível realizar um deslocamento textual, dentro de um contínuo em que se encontram fala e escrita, adequando a produção textual à modalidade da língua em que se deseja realizar a comunicação.

Também, durante esse processo os alunos foram levados a compreender a responsabilidade que devemos ter com os animais e como isso influencia na sociedade em que vivemos, estimulando a construção de um pensamento crítico e a prática de atitudes que provoquem mudanças no meio em que estamos inseridos socialmente.

3.3.3 Módulo de leitura

Aula 1 - Na primeira aula do módulo de leitura o tema escolhido pela turma durante o diagnóstico foi retomado. Os alunos foram recebidos e assistiram a um vídeo que mostrou o antes e depois de animais. Antes maltratados e depois os mesmos animais recuperados e saudáveis. Após vermos o vídeo comentamos sobre várias situações que envolvem animais em sofrimento.

Após esse momento recebemos um advogado e professor que veio explicar sobre as leis que protegem os animais, como cada pessoa deve agir para proteger os animais e também como denunciar situações em que animais são maltratados.

Depois da conversa, os alunos receberam uma folha de atividades contendo algumas perguntas que procuravam ajudá-los a lembrar de situações em que eles já tinham visto um animal ser maltratado, o que aconteceu e como o caso terminou. Dos alunos que responderam à atividade apenas uma aluna afirmou que nunca tinha presenciado uma situação dessa natureza.

As respostas dadas geraram uma conversa sobre o assunto que se estendeu além do tempo programado. Esta aula foi programada para 50 minutos, mas foi executada em 70 minutos, tendo alcançado seu objetivo de apresentação do tema. Como eram duas aulas em bloco, prosseguimos para a aula dois.

Aula 2 - Naturalmente, introduzimos na conversa a escolha do gênero crônica para o trabalho com o assunto já exposto.

Cada aluno recebeu o texto impresso em folha de papel ofício. Houve alguns minutos par a leitura silenciosa e posteriormente foi feita uma leitura coletiva. Logo após a leitura, alguns comentários foram feitos a respeito do texto.

Dez palavras do texto foram selecionadas para uma atividade de compreensão de vocabulário a fim de expandir a compreensão global do texto. Para isso, a turma foi dividida em 5 grupos de 7 ou 8 pessoas, foram distribuídos 5 dicionários para cada grupo. As palavras selecionadas foram lançadas uma a uma no quadro para que os grupos encontrassem os significados. Os grupos procuraram todos ao mesmo tempo, quando qualquer um dos grupos achasse, poderia vir à frente e escrever o significado da palavra lançada. E assim uma nova palavra era anunciada. Essa atividade envolveu toda a turma e foi bastante apreciada pelos alunos. O grupo vencedor ganhou pipocas, ao final da aula.

Passada a tarefa de compreensão do vocabulário, foi entregue a cada aluno uma folha de atividade de compreensão do texto lido. A atividade consistia em classificar como certas ou erradas, 20 afirmações sobre a crônica lida. Cada aluno deveria responder individualmente. Depois que todos terminaram foi feita a correção da atividade em duplas. Cada aluno corrigiu a atividade de um colega enquanto cada afirmação foi comentada com toda a turma.

Todos os alunos acertaram a questão 1. A questão que os alunos mais erraram foi a 11. De maneira geral, é possível afirmar que a turma apresentou uma compreensão média do texto, com algumas questões de destaque na quantidade de erros, tais como as questões 2, 11 e 17. E outras que foram acertadas pela maioria da turma, como as questões 3, 6, 8, 12, 16, 17, 18 e 20, as quais apresentaram 2 ou 3 erros apenas.

Continuando a aula, cada aluno recebeu um quadro explicativo expondo os elementos constitutivos da crônica e algumas informações importantes sobre esse gênero textual. Os alunos observaram através de exposição teórica como a crônica é elaborada, com que intenção pode ser escrito esse gênero, que linguagem é utilizada, os elementos e momentos da

narrativa, constituintes da crônica. Nesse momento, os alunos puderam fazer perguntas e tirar dúvidas. A crônica lida anteriormente foi utilizada para exemplificar esses elementos constitutivos.

Após essa exposição teórica os alunos assistiram a dois vídeos sobre o gênero crônica. O primeiro foi parte de uma entrevista feita por um grupo de alunos da cidade de Juazeiro do Norte com o cronista local Geraldo Menezes Barbosa, que escreve uma crônica todos os dias para divulgação na cidade, há mais de 60 anos, desde o tempo das amplificadoras até hoje para o jornal, e até hoje já escreveu mais de 26 mil crônicas. Ele dá dicas de como escrever uma crônica.

Em seguida, foi assistida uma animação sobre o gênero crônica, que mostra como o gênero se consolidou ao longo da história, seu desenvolvimento no Brasil e alguns dos principais cronistas brasileiros.

Para encerrar a leitura, os alunos receberam uma outra crônica “O pintinho” que deveria ser lida. Após a leitura eles procuraram identificar os elementos constitutivos do gênero crônica no texto lido.

Realizaram essa atividade 30 alunos, 22 estudantes completaram todo o quadro do exercício, enquanto 8 completaram parcialmente o exercício. De maneira geral, a maioria da turma conseguiu compreender e identificar razoavelmente os elementos constituintes do gênero crônica.

Aproximadamente 70% da turma conseguiu completar a tarefa, precisando ainda de alguns esclarecimentos, pois nem todos os alunos que completaram o quadro, conseguiram chegar a uma resposta adequada, de acordo com o texto lido e os elementos que constituem o gênero crônica.

Essa prática de leitura procurou ampliar a compreensão dos alunos no exercício da leitura e compreensão textual, expandindo as possibilidades de compreensão da língua através da leitura e do conhecimento dos elementos constitutivos do gênero crônica. Foi possível proporcionar aos alunos uma melhor compreensão dos textos lidos, além de fornecer mecanismos que otimizam a leitura e o entendimento dos textos lidos: recorrer ao dicionário para ampliar o conhecimento semântico das palavras utilizadas pelo autor ; verificar a veracidade das afirmações propostas nos exercício, exercitando não apenas a memória de leitura, mas também a volta ao texto para a verificação de informações; além da identificação

dos elementos constitutivos do gênero abordado, ação que também amplia o entendimento e compreensão do texto, visto que o leitor será capaz de identificar os elementos e momentos da narrativa, reconhecer a linguagem utilizada na crônica; perceber o envolvimento do texto com o leitor bem como as intenções que movem a escrita de uma crônica. Essa prática de leitura contribuiu para ampliar o poder de compreensão em atividades de leitura, na turma.

Aula 3- Iniciamos a aula corrigindo a tarefa de casa. Depois passamos a leitura da crônica “Macacos me mordam”. Discutimos sobre os sentimentos expressos no texto, sobre as marcações de tempo espaço e o uso de figuras de linguagem como recurso no texto. Também observamos se o texto apresentava marcas de oralidade intencionais, provocando o envolvimento do leitor com o texto. A turma percebeu como a crônica foi capaz de tratar de modo cômico, de uma situação discutida e que divide opiniões. O texto expõe a situação em que os animais são utilizados em experiências científicas em laboratórios e o comportamento humano diante da incapacidade de lidar com as consequências de suas aspirações científicas. Em sala de aula, os alunos fizeram uma atividade em que tiveram que localizar no texto lido expressões que indicassem sentimentos e emoções, tempo e espaço.

Esta atividade teve como finalidade despertar a percepção do aluno para a importância do uso dessas marcações em um texto escrito. Ainda em sala, os alunos receberam uma manchete de jornal que deveriam reescrever inserindo expressões de emoção e utilizando linguagem figurada. Como atividade de casa, receberam mais três manchetes para realizar o mesmo procedimento.

Aula 4 - Nesta aula, os alunos puderam aprender através de exposição teórica como se constrói um parágrafo narrativo e também rever o uso do discurso direto e indireto. Também aprenderam a identificar e utilizar os “verbos de dizer” e compreender que intenções podem levar à escolha de determinados verbos, de acordo com o gênero que está sendo explorado, a crônica. Foram lidas duas crônicas. A crônica “Conversa de compra de passarinho” foi entregue para cada aluno. Foi feita a leitura da crônica, depois os alunos assistiram a um vídeo sobre o pássaro Coleiro, que foi citado na crônica, para conhecê-lo e ampliar a compreensão da crônica lida. Como tarefa para sala de aula os alunos deveriam identificar os verbos de dizer na primeira crônica lida. Em seguida os alunos ouviram a leitura da segunda crônica “História triste de tuim” e receberam uma folha de atividades em que deveriam completar as lacunas do texto lido com palavras que eles julgassem adequadas. Essa parte da atividade teve o objetivo de provocar o aluno a fazer escolhas semânticas adequadas em relação ao trecho em que há uma lacuna, observando todo o contexto do texto e evocando a memória das

palavras que foram utilizadas pelo autor na escrita do texto. Os alunos puderam compartilhar o texto completado com as palavras de sua escolha e a turma comentou se o emprego de tais palavras foi pertinente aquele trecho da crônica.

Como atividade de casa, cada aluno recebeu uma folha de atividade com um excerto da crônica fora da ordem formulada pelo autor. O aluno teve que reorganizar o texto de acordo com a sucessão dos fatos. Essa atividade ajudou a desenvolver a organização dos parágrafos narrativos e o encadeamento das ideias. Também deveriam escrever um parágrafo narrativo a partir do poema “Oração do passarinho”, para desenvolver a habilidade na produção do parágrafo.

Aula 5 – Iniciamos a aula, recebendo os alunos. Corrigimos coletivamente a atividade de casa. Todos participaram organizando a sequência adequada dos fatos, conforme o texto original. Alguns alunos leram os parágrafos narrativos que construíram em casa, a partir do poema ‘Oração do passarinho’ Lemos a crônica completa e observamos o encadeamento das ideias.

Dando prosseguimento, assistimos a alguns vídeos sobre como é desenvolvido o trabalho do Centro de Controle de Zoonoses, as ações que são desenvolvidas nesse local e sua relação com o tema tratado na sequência didática. Discutimos sobre o assunto e cada aluno recebeu uma folha de atividades em que escreveu sobre suas impressões a respeito do local e como avaliam o trabalho desenvolvido pelo Centro de Controle de Zoonoses, na comunidade. Como atividade de casa os alunos escreveram um comentário sobre seus sentimentos e sensações a respeito da situação dos animais que são recolhidos pelo Centro de Controle de Zoonoses.

Aula 6 – Nesta aula os alunos foram recebidos, cada um pode comentar sobre suas respostas à tarefa de casa. Em seguida, retomaram as atividades desenvolvidas nas aulas anteriores para auxiliar na primeira escrita de suas crônicas. Cada aluno recebeu uma folha de atividade para dar início à escrita do texto. Como tarefa de casa eles releam o texto escrito em sala e reordenaram, quando necessário a organização e desenvolvimento dos parágrafos no texto.

3.3.4 Módulo de escrita 1

Após a escrita inicial, continuamos a aplicação da sequência didática com o módulo de escrita.

Aula 7 – Nesta aula foi retomada a primeira versão da crônica produzida e a tarefa de casa, que consistiu em reler o primeiro texto produzido em sala e reorganizar os parágrafos, procurando ordenar razoavelmente o texto em parágrafos. Este foi um ponto essencial para a turma, pois nas produções feitas no diagnóstico, grande parte da turma escreveu o texto em um paragrafo apenas, e alguns sem fazer a marcação da existência de parágrafo. Durante a aula, foi feita a leitura coletiva da crônica ‘Do amor aos bichos’ e foram revisados os elementos da narrativa vistos no modulo de leitura, no quadro de características do gênero crônica. Foi observada a presença desses elementos na crônica lida. Foram destacados os marcadores de temporais e espaciais. Depois, os alunos receberam a folha de atividade, em que deveriam observar o seu texto e rever a estruturação atual dos parágrafos e verificar, definir e /ou acrescentar os elementos da narrativa necessários em sua produção escrita, verificando o uso de marcadores de tempo e espaço.

Aula 8 – Esta aula aconteceu em bloco com a aula anterior e foi desenvolvida com a utilização da mesma crônica que já estava sendo estudada. Foram observadas na crônica palavras e expressões que indicam a expressividade de sentimentos externados pelo autor, bem como o uso de linguagem figurada. Foi observado também como acontece o envolvimento do autor com o texto e com o leitor. Como atividade para a sala, cada aluno recebeu uma folha de atividades em que deveria retomar a última versão de sua crônica e procurar inserir linguagem figurada e palavras e expressões que agregassem sentimentos e envolvimento do autor com o texto e com o leitor.

Aula 9 – Nesta aula os alunos sentaram em duplas e leram o texto do seu colega. Eles puderam dar sugestões pessoalmente, diante do que leram. Depois desse momento os textos foram lidos, coletivamente. Cada aluno recebeu uma folha de anotações para anotar as sugestões do grupo. Os textos foram projetados e lidos em sala. Como atividade de casa, os estudantes deveriam construir uma lista de constatações daquilo que aprenderam sobre o gênero crônica.

Aula 10 – O objetivo desta aula foi escrever a segunda versão da crônica. Para isso, os alunos deveriam rever as folhas de atividades desenvolvidas e observar que elementos pertinentes ao gênero poderiam ser acrescentados na nova versão da crônica.

Aulas 11 e 12 – Leitura coletiva da segunda versão da crônica para sugerir correções e alterações na produção textual de cada aluno.

Aula 13 – Nesta aula foi lida uma crônica enquanto os alunos deveriam anotá-la no caderno, da forma que julgassem adequada. Depois os alunos puderam ler o texto original e fazer as correções que viram ser necessárias. As alterações foram comentadas coletivamente e os estudantes apontaram em que partes o texto precisou de correções.

Aula 14 – Nesta aula, os alunos puderam rever as folhas de atividade, inclusive a segunda versão da crônica, e conversar pessoalmente com a professora para ver que elementos poderiam ser corrigidos para reescrita da crônica.

3.3.5 Módulo de escrita 2

Aula 15 – Após a reescrita da crônica, verificou-se a necessidade de acentuar a importância do uso de conectores na construção do texto. Os alunos puderam conhecer os diferentes tipos de conectores e o papel que desempenham dentro da produção textual.

Aula 16 – Aqui os estudantes puderam escrever a versão final da crônica, selecionando dentre o que já haviam feito, o que mais consideraram pertinente à escrita final da crônica.

3.3.6 Módulo de divulgação

Aula 17 – Nesta aula os alunos produziram lustrações para as crônicas que seriam publicadas no livro. Também foi planejada a produção do vídeo com a crônica “O jumento bom” selecionada pelos alunos para ser reescrita coletivamente e produzida em vídeo. Os estudantes também gravaram depoimentos sobre sua participação na produção das crônicas e tiraram fotos para o livro. Também planejamos o lançamento do livro na escola, com a presença dos familiares, professores e amigos.

FIGURA 5: Alunos posando para a foto utilizada no livro.



Fonte: Dados da pesquisa.

Aula 18 - Neste momento, tivemos o lançamento do livro ao público. Todos os presentes puderam assistir ao vídeo sobre a crônica “O jumento bom” e também aos depoimentos dos alunos sobre a participação na produção do livro. Os alunos puderam autografar os livros para os pais, amigos, professores e funcionários da escola.

FIGURA 6: Alunos no dia da apresentação do livro.



Fonte: Dados da pesquisa.

FIGURA 7: Pais e professores assistindo ao vídeo, no dia do lançamento do livro.



Fonte: Dados da pesquisa.

FIGURA 8: Livros expostos ao público.



Fonte: Dados da pesquisa.

FIGURA 9: Alunos assistindo ao vídeo.



Fonte: Dados da pesquisa.

FIGURA 10: Exibição do vídeo com depoimento dos alunos.



Fonte: Dados da pesquisa.

3.4 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Para a realização da análise da pesquisa, utilizamos como *corpus*⁴² textos produzidos por 14 alunos da turma, durante a atividade de diagnóstico e durante a aplicação da sequência didática. Foram analisados os textos produzidos em três momentos: o texto produzido no final da atividade de diagnóstico, a crônica em sua versão inicial após o módulo de leitura e a última versão da crônica, produzida ao final do módulo de escrita 2.

Os textos foram selecionados observando a quantidade de 07 meninos e 07 meninas, com idades semelhantes, que escreveram a versão final da crônica utilizando uma quantidade de palavras que varia entre 111 e 273.

A designação dos alunos no corpus foi feita através de código gerado por meio da letra A (aluno), de organização dos alunos em ordem alfabética, gerando números de 01 a 14 e distinção entre masculino (M) e feminino (F).

Os textos analisados foram nomeados como DIAGNÓSTICO (**D**), 1ª VERSÃO DA CRÔNICA (**C1**), E VERSÃO FINAL DA CRÔNICA (**C2**). Cada um dos 14 alunos teve, dessa maneira, três textos analisados.

O quadro abaixo mostra os códigos gerados, a designação dos textos que compõem o corpus e o número de palavras utilizado por cada aluno na versão final da crônica.

Quadro 11: Caracterização dos participantes.

ALUNO (A)	CORPUS (42 textos)	NÚMERO DE PALAVRAS NA VERSÃO FINAL DA CRÔNICA (C2)
A01M	•DIAGNÓSTICO (14 Textos) •1ª VERSÃO DA CRÔNICA (14 Textos) •VERSÃO FINAL DA CRÔNICA (14 Textos)	218 palavras
A02F		144 palavras
A03F		253 palavras
A04F		273 palavras
A05F		263 palavras
A06F		152 palavras
A07M		142 palavras
A08F		202 palavras
A09M		111 palavras
A10M		164 palavras
A11M		183 palavras
A12M		177 palavras
A13M		182 palavras

A14F		227 palavras
------	--	--------------

Fonte: Dados da pesquisa.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

No capítulo de análise, foram utilizados os seguintes procedimentos:

Primeiro foram analisadas as tradições discursivas relacionadas ao conteúdo das crônicas produzidas. Foi analisada a relação type/token para mensurar a extensão e o vocabulário utilizado. Também foram analisados os domínios semânticos presentes nas versões da crônica produzida pelos alunos.

Foram também analisadas as tradições discursivas relacionadas à estrutura composicional, levando em consideração as sequências descritiva e narrativa. Cada parte da sequência narrativa foi destacada com cores diferentes no próprio texto produzido, a fim de detectar a presença de cada parte da sequência narrativa.

Por fim, as crônicas foram analisadas em relação à intertextualidade e interdiscursividade presentes na produção textual dos alunos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O objetivo deste capítulo foi identificar e analisar Tradições Discursivas que atravessam a produção dos alunos.

A presente análise observou a produção dos alunos de acordo com os parâmetros comunicativos propostos por Koch e Oesterreicher (conforme o exposto no primeiro capítulo), situando-os no contínuo de oralidade e escrituralidade.

Especificamente foram considerados para análise os seguintes critérios: tradições de conteúdo; tradições de estrutura composicional; e tradições intertextuais e interdiscursivas.

4.1 TRADIÇÕES DE CONTEÚDO

Neste tópico analisamos as tradições de conteúdo que perpassam os textos produzidos.

4.1.1 Relação type/token

Para medir a extensão do texto e o vocabulário utilizado em cada versão e de maneira geral, observaremos o número de types e tokens utilizados em cada texto e no total. Por meio da relação type/token, a proficiência dos alunos poderá ser estimada em relação aos textos em análise.

Para Williamson (2009) *type token ratio* (TTR) é uma medida de variação de vocabulário dentro de um texto escrito ou falado. Isso pode ser usado para monitorar mudanças em crianças e adultos com dificuldades de vocabulário.³

De acordo com Williamson (2009 apud SCHERER e SOUZA), a taxa da relação type/token – número dos diferentes itens lexicais produzidos, dividido pelo total de itens

³The type-token ratio (TTR) is a measure of vocabulary variation within a written text or a person's speech. The type-token ratios of two real world examples are calculated and interpreted. The type-token ratio is shown to be a helpful measure of lexical variety within a text. It can be used to monitor changes in children and adults with vocabulary difficulties.

lexicais ou TTR – é uma medida da produção linguística para estimar a proficiência lexical, ou seja, é uma forma de verificar a diversidade lexical ou a variedade de diferentes palavras faladas pela criança.

Quanto mais *types* existirem em comparação com o número de *tokens*, mais variado será o vocabulário, ou seja, haverá maior variedade lexical. Para calcular essa relação usamos:

$$\text{TTR} = (\text{número de } \textit{types} / \text{número de } \textit{tokens}) * 100.$$

Quanto à extensão dos textos, podemos observar o número de *tokens* utilizado em cada versão produzida, por cada aluno:

Quadro 12: Número de *tokens* utilizado em cada versão.

ALUNO (A)	DIAGNÓSTICO (D)	PRIMEIRA VERSÃO DA CRÔNICA (C1)	VERSÃO FINAL DA CRÔNICA (C2)
A01M	98 palavras	229 palavras	218 palavras
A02F	80 palavras	99 palavras	144 palavras
A03F	90 palavras	184 palavras	253 palavras
A04F	169 palavras	180 palavras	273 palavras
A05F	148 palavras	200 palavras	263 palavras
A06F	79 palavras	150 palavras	152 palavras
A07M	85 palavras	227 palavras	142 palavras
A08F	81 palavras	177 palavras	202 palavras
A09M	88 palavras	248 palavras	111 palavras
A10M	131 palavras	174 palavras	164 palavras
A11M	84 palavras	156 palavras	183 palavras
A12M	105 palavras	174 palavras	177 palavras
A13M	81 palavras	140 palavras	182 palavras
A14F	78 palavras	218 palavras	227 palavras

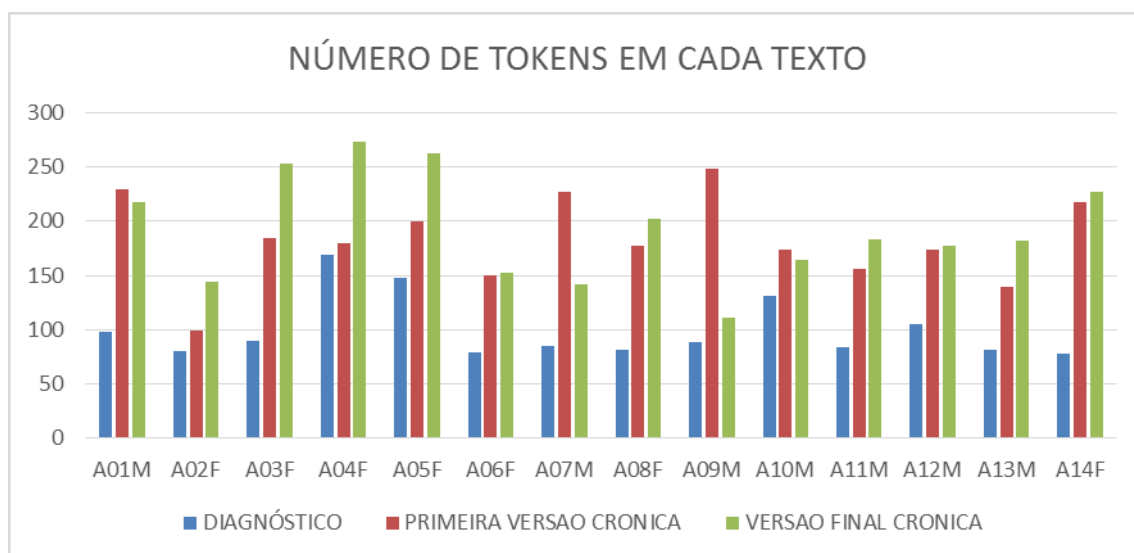
Total	1.397 palavras	2.556 palavras	2.691 palavras
--------------	----------------	----------------	----------------

Fonte: Dados da pesquisa.

Os textos escritos D apresentam uma menor quantidade de *tokens* em relação aos textos produzidos em C1 e C2. Isso aponta para o fato de que já no decorrer da aplicação da sequência didática os alunos apresentam um aumento na extensão do texto em relação ao primeiro texto produzido e que esse aumento continua sendo notado no final da aplicação da sequência.

Os outros onze alunos apresentaram um aumento progressivo na quantidade de *tokens* em cada um dos textos produzidos, conforme demonstra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 2: Número de tokens em cada texto.

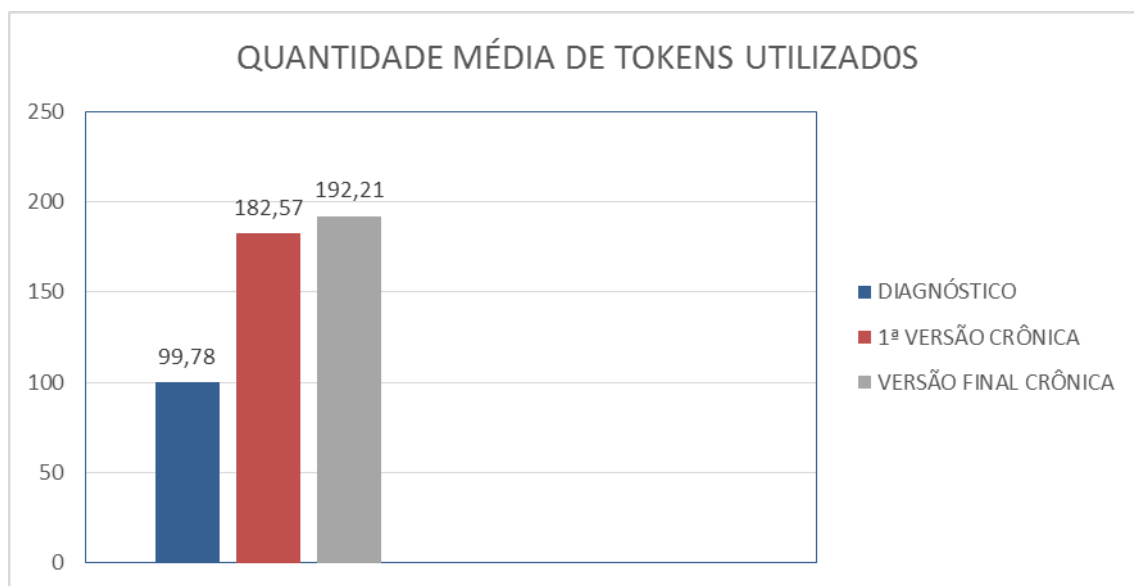


Fonte: Dados da pesquisa.

Esse aumento era esperado, tendo em vista que a aplicação da sequência didática procurou dar aos alunos autonomia para escrever o gênero crônica, levando em consideração não apenas seus elementos constitutivos, mas a situação de comunicação em que esse gênero está inserido e as tradições discursivas que permeiam a crônica.

Observando todos os textos verificamos que a quantidade média de *tokens* utilizada pelos alunos na produção dos textos aumentou, considerando as três produções, como expõe o gráfico abaixo.

GRÁFICO 3: Quantidade média de tokens utilizados.



Fonte: Dados da pesquisa.

Essa quantidade média aumenta significativamente do primeiro texto para o segundo, passando de 99,78 palavras, para 182, 57, um aumento de 82,79 palavras utilizadas, o que corresponde a um aumento de 45,34 %. Observando o aumento médio do diagnóstico para a última versão produzida percebemos um aumento de 92,43 palavras, o que corresponde a um aumento de 48,08%. Isso demonstra que após o módulo de leitura os alunos já apresentam um texto com extensão maior.

Já comparando C1 com C2, temos um aumento médio, contudo menor. O aumento verificado da primeira versão para a última é de 9, 64 palavras, o que corresponde a 5,01%.

Essa redução no aumento da quantidade de palavras utilizadas de C1 para C2, pode ser observada como um resultado das escolhas de palavras feitas na construção dos três textos, pois apesar de não ter havido um grande acréscimo na quantidade de *tokens* no texto, houve um aumento na lista de *types*, como verificaremos à frente.

Observando a relação de quantidade de *tokens*, considerando C1 E C2, podemos observar que houve uma redução na quantidade de *tokens* nos textos de 3 alunos do sexo masculino: A07M, A09M e A10M.

Em relação a esses alunos é possível constatar que se a extensão do texto diminuiu, diminuíram também as repetições, por exemplo: A07M diminuiu a quantidade de repetições da palavra “tava”; que foi utilizada por 7 vezes em C1, e usada apenas duas vezes na C2:

C1-...eu tava muito feliz, já tava escrito, não tava querendo comer, tava tipo triste, tava muito estranho, cheguei lá ele não tava, onde tava o cachorro...

C2-... ele tava comendo lixo, ele tava só cansado...

A09M diminuiu a quantidade de repetições da palavra “passarinho”, de 14 para duas vezes, de uma versão para a outra:

C1- o passarinho que perde a asa..., ...vi um lindo passarinho..., ...quando esse passarinho..., ...o passarinho caiu..., ...eu corri para ajudar o passarinho..., ...peguei o passarinho..., ...então o passarinho foi levado..., ...então o passarinho amputou a asa..., ...vi que o passarinho estava..., ...fiquei com muita tristeza e dó do passarinho..., ...próteses para passarinho..., ...para aquele passarinho..., ...fui ao veterinário com o passarinho..., ...colocamos no passarinho....

C2- o passarinho que perdeu a asa..., ...encontrei um passarinho...

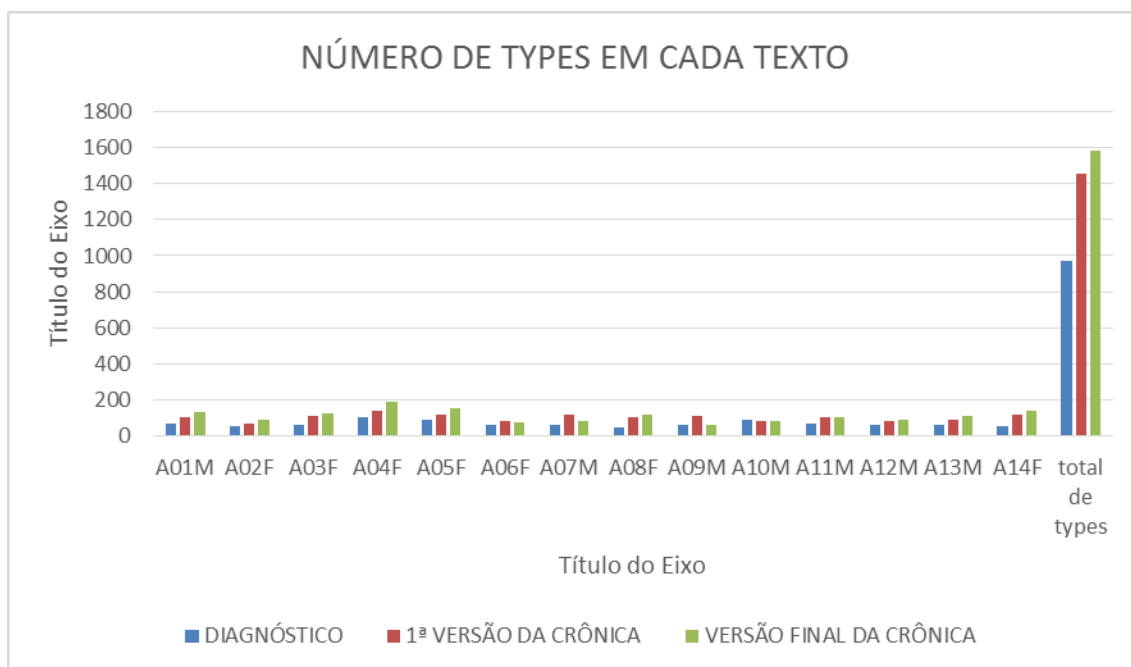
Quanto a A10M verificamos que diminuiu a quantidade de repetições da palavra “menino” de 8 para 6 ocorrências, e do artigo “o”, de 12 para 10.

C1-...um menino que não gostava..., ...esse cachorro gostava muito do menino..., ...esse menino faz de conta..., ...e o menino falou..., ...o amigo do menino..., ...esse menino..., ...o amigo do menino falou..., ...e o menino entendeu...

C2-...havia um menino..., ... o cachorro gostou muito do menino..., ...esse menino..., o amigo desse menino viu..., ...e o menino respondeu..., e o amigo desse menino...

Diante disso, podemos afirmar que apesar de a extensão do texto ter diminuído, ainda assim, o texto assumiu características da escrituralidade, pois os alunos diminuíram o número de repetições, que é marca típica da oralidade.

GRÁFICO 4: Número de types em cada texto.



Fonte: Dados da pesquisa.

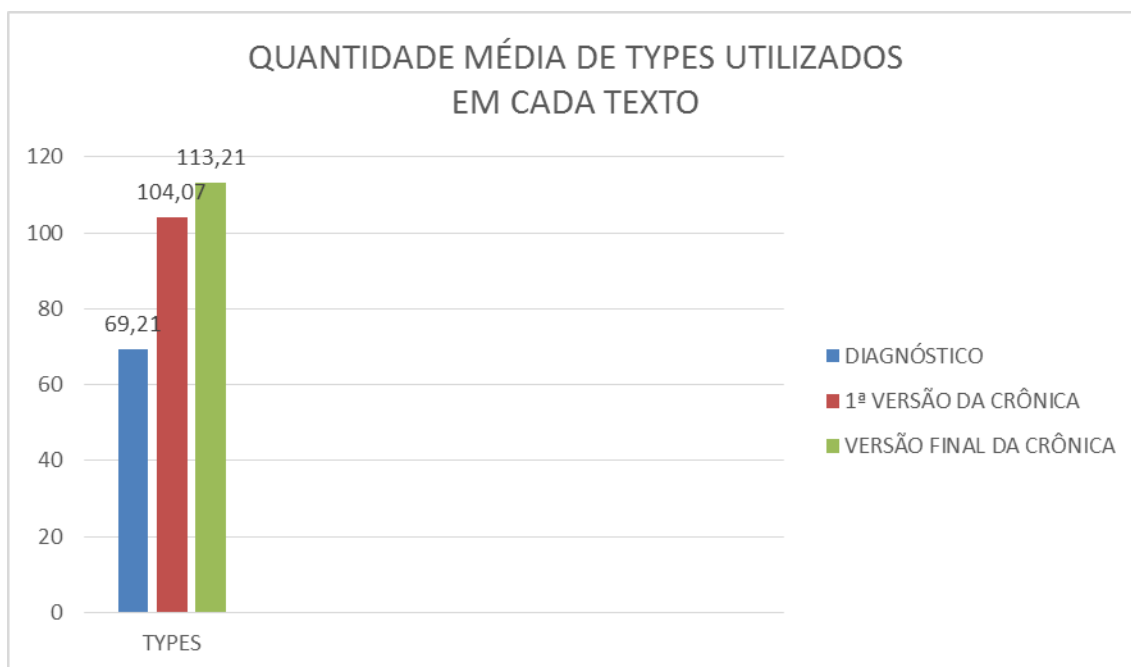
Com relação ao número de *types*, também se verifica uma tendência de aumento progressivo nos grupos do *corpus*.

Em relação ao D e a C1 há um aumento nos *types* de 92,85 dos alunos. Isto evidencia que depois de participarem do módulo de leitura os alunos procuraram empregar novas palavras na construção do texto, diminuir o número de repetições agregando conteúdo semântico ao texto, evitando repetições desnecessárias e ampliando o vocabulário empregado na produção final da crônica.

É possível também averiguar que houve um aumento no número de *types* na C2 na produção textual de 64,28% dos alunos em relação a D, o que resulta também na diminuição de repetições de palavras já empregadas, provocando um aumento, embora que menor na quantidade de *types*.

No gráfico abaixo, podemos observar a média de *types* utilizada em cada etapa dos textos analisados:

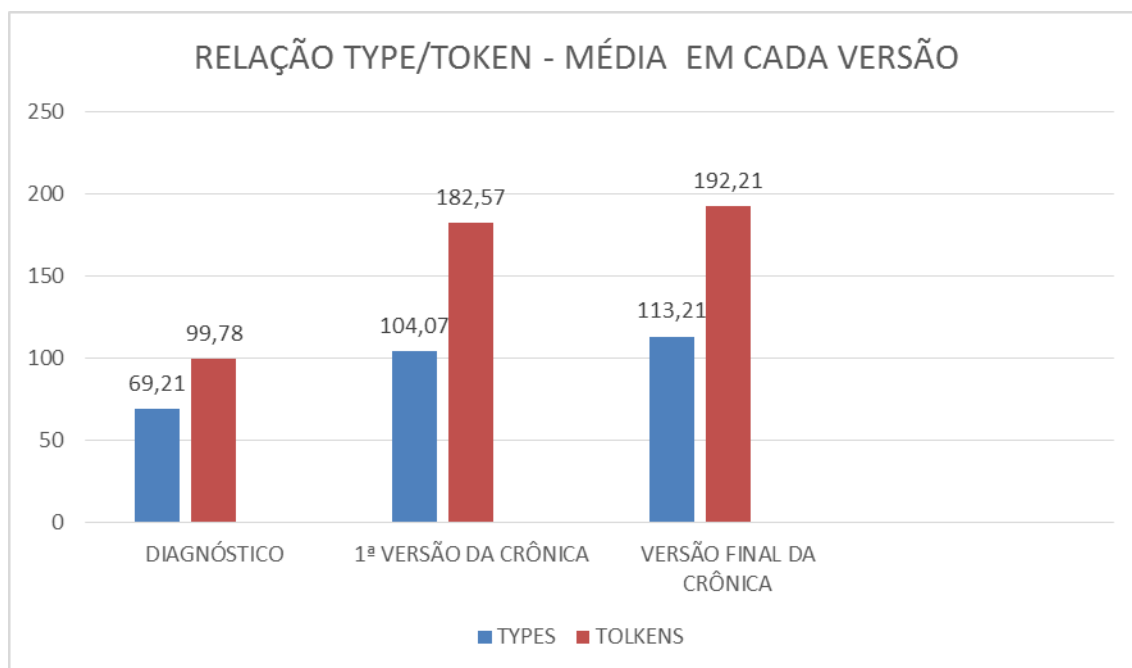
GRÁFICO 5: Quantidade média de *types* utilizados em cada texto.



Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos ver que essa média aumenta em 34,86 *types*, do D para a 1ª versão C1, isso significa um aumento de 33,49%. Do D para a última versão C2 há um aumento de 44,00 *types*, o que corresponde a 38% de aumento. Observando a média de desempenho dos 14 alunos, podemos afirmar que houve um aumento médio na quantidade de *types* e também de *tokens*, explicitando que houve um aumento significativo tanto no vocabulário utilizado, quanto na extensão dos textos, como podemos perceber a partir da observação do gráfico abaixo:

GRÁFICO 6: Relação type/token em cada versão.

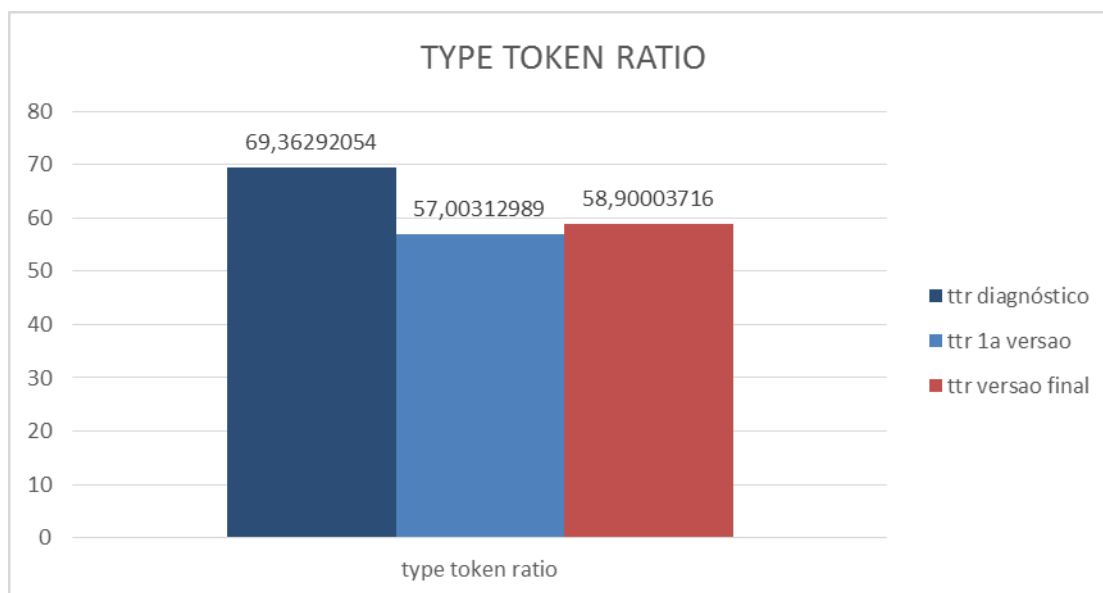


Fonte: Dados da pesquisa.

Diante do exposto, podemos afirmar que após a aplicação da sequência didática os alunos produziram, de maneira geral, textos maiores e com um vocabulário mais amplo, de 69,21, para 104,07, e 113,21.

Verificando a ocorrência de *tokens* e *types*, dentro de cada grupo a relação interna em cada versão produzida, conforme o gráfico abaixo:

GRÁFICO 7: Type/token ratio.



Fonte: Dados da pesquisa.

Constatamos que em todas as versões houve um aumento na extensão do texto, pois o número de *tokens* aumentou, seguido também de um aumento na extensão do vocabulário, constatado pelo aumento no número de *types* utilizado em textos de 11 alunos, com exceção dos alunos A01M, que aumentou o vocabulário utilizado, mas diminuiu a quantidade de palavras, em relação a C1; os alunos A07M e A09M, que diminuíram tanto o vocabulário como a extensão do texto.

Com relação aos alunos que diminuíram a quantidade de *types*, podemos afirmar que mesmo havendo essa diminuição, a C2 apresenta mais proximidade da escrituralidade, pois o número maior de *types* do D, é reflexo de uma lista de nomes de animais, vista no aquário. Quando comparamos isto com C1 e C2, constatamos que esses textos apresentam bem mais elaboração na escolha de palavras, elementos narrativos e descritivos, expansão do conteúdo semântico e características de estrutura composicional do gênero bem mais definidas. Como na produção do estudante A13M:

A13M-DIAGNÓSTICO

Nos fomos no Aquário, e foi Bem Legal Lá tem vários animais BEM LEGAIS TEM TUBARÕES LIXAS, PINGUINS, VARIOS PEIXES Palhaços, tartarugas, Aligators (JACARÉS) CÁGADOS, Peixes Dourados, Peixe Oscar Que Também é encontrado Aqui no RIO GRANDE Do NORTE PEIXES ESPINHOS, JABUTIS, BAIACUS, PIRARUCU, PEIXE MURCEGO, PEIXES PALHAÇOS, NEMO, IPOPOTAMO, FOCAS, FILHOTES DE LEÃO MARINHO. FOI BEM LEGAL ESSE PASSEIO E TER TOCADO NA GIBOIA NO FILHOTE DE CAGADO DESCOBRI MUITAS COISAS QUE EU NEM SABIA QUE EXISTIA FOI BEM LEGAL.

A13M-C1

A MORTE DO CACHORRO

UM CERTO DIA EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE CHAMADO SHAWLIN, ERA O MEU MELHOR CACHORRO, EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RÁPIDO PULAVA EM CIMA DE MIM E ME DERRUBAVA, NESSE TEMPO EU TINHA UM ÁLBUM DO JUSTIN BIEBER.

CERTO DIA EU FUI PARA A ESCOLA E ELE FICOU SOLTO, DAÍ O MEU TIO FOI COLOCAR O CARRO PRA DENTRO, JÁ MAIS TARDE EU JÁ TINHA VOLTADO DA ESCOLA O CACHORRO SAIU, E ELE ATRAVESSOU A RUA, NESSA ÉPOCA EU TINHA 5 A 6 ANOS EU CHAMAVA MUITO ELE PRA ELE VOLTAR E ELE NÃO VOLTAVA, ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS E ELE VEIO NA MESMA HORA O ÔNIBUS ATROPELOU ELE E FOI EMBORA, ELE FICOU AGONIZANDO DE DOR E EU OLHAVA NO OLHO DELE, E CONGELAVA VER O SEU SOFRIMENTO.

A13M-C2

A MORTE DO CACHORRO

UM CERTO DIA, EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE, EU O CHAMAVA DE SHAWLIN. ERA O MEU MELHOR CACHORRO EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RÁPIDO PULAVA EM CIMA DE

MIM E ME DERRUBAVA.NESSE TEMPOS EU TINHA UM ÁLBUM DO JUSTIN BIEBER.

CERTO DIA, EU FUI PARA A ESCOLA E ELE FICOU SOLTO, O MEU TIO CHEGOU E FOI COLOCAR O CARRO PARA DENTRO.

JÁ MAIS TARDE EU TINHA VOLTADO DA ESCOLA, QUANDO ELE ABRIU O PORTÃO, O CACHORRO SAIU, ELE ATRAVESSOU A RUA.NESSA EPOCA EU TINHA ENTRE 5 A 6 ANOS DE IDADE.

EU O CHAMAVA MUITO PARA ELE VOLTAR, E ELE NÃO VOLTAVA, DAI ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS ELE RESOLVEU ATRAVESSAR NA MESMA HORA...!E... O ÔNIBUS O ATROPELOU!

EU OLHAVA NOS OLHOS DELE E CONSEGUIA VER O SOFRIMENTO QUE ELE SENTIA NAQUELE MOMENTO, O ÔNIBUS NÃO PAROU E FOI EMBORA.

NO MESMO DIA EU TINHA COMPRADO UM PACOTE DE FIGURINH-AS E PARA MINHA SURPRESA UMA FIGURA VEIO SORTEADA E EU GANHEI UM POSTER DO JUSTIN BIEBER.

No exemplo acima, podemos ver que apesar de A13M, no diagnóstico, apresentar uma maior quantidade de *types* do C1 e C2, os textos C1 E C2 apresentam outros elementos que os caracterizam como uma produção textual mais próxima da escrituralidade. Enquanto em D, vemos características como enumeração em lista, em C1 e C2 vemos novos elementos como: sequência narrativa, descrição de personagens, caracterização de locais e expansão do conteúdo semântico.

Frente a isso, podemos dizer que a análise da relação *type/tokem* pode indicar que, de forma geral, houve um deslocamento na escrita dos alunos, apontando quantitativamente para um deslocamento em direção à escrituralidade. O exemplo acima, mostra, porém, que nem todos os indicadores desse deslocamento são visíveis apenas por meio de uma análise quantitativa, o que aponta para a necessidade de olharmos qualitativamente para o corpus.

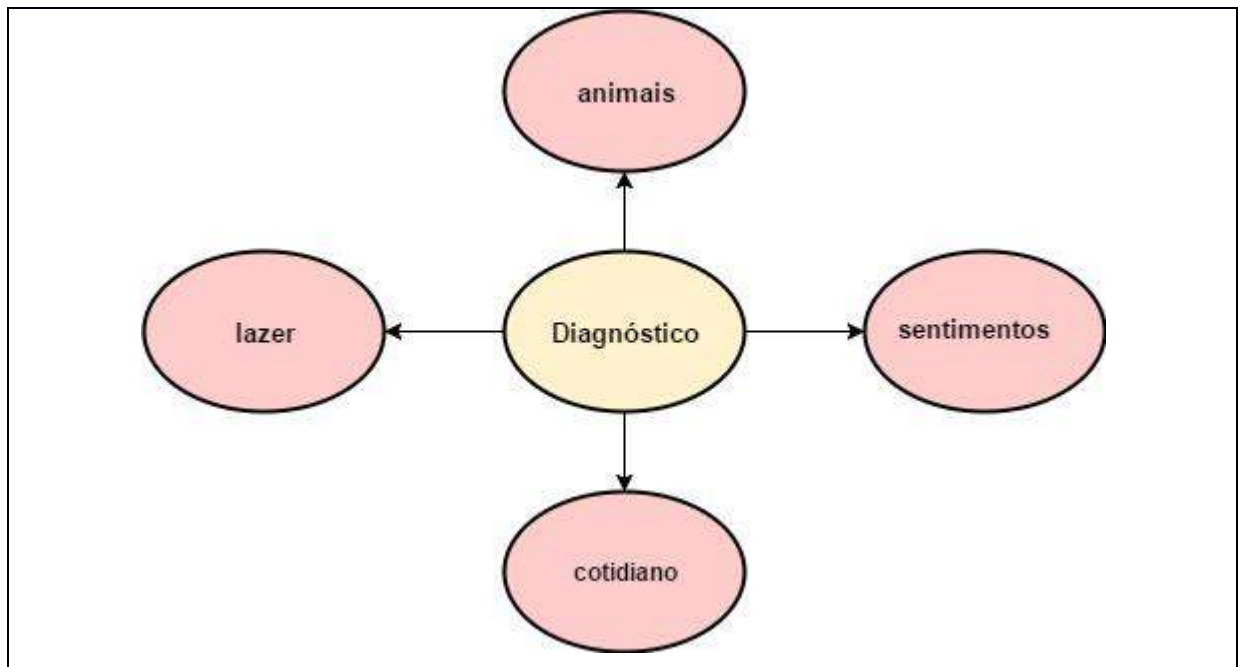
Diante disso analisaremos a seguir os domínios semânticos presentes nos grupos que compõem o *corpus*.

4.1.2 Domínios semânticos

Analisaremos aqui a presença de diferentes domínios semânticos presentes em D, C1 e C2.

Veja abaixo, os domínios semânticos predominantes nas produções textuais em D:

FIGURA 11: Domínios semânticos em D.



Fonte: Dados da pesquisa.

ANIMAIS

A01M- Animais, animais aquáticos, hipopótamo, macacos, cobras, jacaré, cavalos marinhos, ouriço,

A02F- Aquário, hipopótamo, pinguins, cobra, tubarão, peixes,

A03F- Aquário, habitat natural, animais, tubarão licha, cobras, peixes, tartarugas, jacaré de papo amarelo, tartaruga, barbatana do tubarão licha.

A04F- Aquário, peixes, aquários, peixe, peixe morcego, tubarão, tubarão lixa, ipopotamo, cobra, cagado, gatinho, gatinha.

A05F-peixes palhaço, peixes, foca, tubarões, enguios, cogados, cobras, bichos,

barbatana de tubarão, centro de reabilitação de animais, macacos, avestruz, cogado, pinguins, jacarés, hipopótamo,

A06F-o aguario, cobra, tartaruga, tubarão, cavalo marinho, crocodilo, ipopotamo, foca, gato, pinguin, peixe palhaço, peixe cobra, peixe morcego, animais,

A07M-tubarão, pinguin, macaco, impopotamo, peixe murcego, cavião, abitates dos animais, foca,.

A08F- tobarão, inapapatamo, pinguin, tartarugas, macacos, cabras, peixes palhaços, leão marinho, jacarés, peixe morcego, terjo, tubarão licha, cavalo marinho.

A09M- macaco, peixe, ipopotamo, crocodilo, aves, pinguins, tartarugas, cabras, lobo marinho, cavalo marinho, avestruz, lagosta, tejó, rans, auriço, pepinos do mar, habitates, tubarões linxas.

A10M-aquario, habtati aquático e silvestre, os animais, peixes, peixe palhaço, tubarões, tartaruga, giboio, animais em instisões, cobra, cobra-do-mar.

A11M- no aquário, peixes, anfíbios, repteis, mamíferos, aves, centro de recuperação de animais silvestres, animais, peixes palahaço, tubarões, cavalos marinhos, ouriços do mar, oscar, tartarugas marinhas, pirarocus, jiboias, peixe morcego, jjabutis, cargados, leao marinho, hipopótamo, jacarés, pouvas, moreias, macacos prego, pinguins de magalhoes, fragatas, tigio, pepino do mar, dourado de agua doce.

A12M- aquário, animal.

A13M- aquário, animais, tubarões lixas, pinguins, peixes paalços, tartarugas, aligators, jacarés, cágados, peixes dourados, peixe oscar, peixes espinhos, jabutis, baiacus, pirarucu, peixe murcego, peixes palhaços, nemo, ipopotamo, focas, filhotes de leao marinho, giboia, filhote de cágado.

A14F- aquário, animais silvestres, doméstico, animais, peixe palhaço, peixe morcego, peixe oscar, peixe dourado de agua doce, cavalo marinho, polvo, cogado, tartaruga, jacaré, jiboia, tubarão licha, tubarão.

LAZER

A02F-ah 8 anos atrás eu já visitei.

A05F- foi um passeio interessante

A06F- tirar foto, melhor passeio que eu já tive.

A10M-no passeio pro aquário.

A11M- além de ser ponto turístico.

A13M- nós fomos no aquário, foi bem legal esse passeio.

A14F- fomos ao aquário,

SENTIMENTOS

A01M- Experiência sensacional, o que mais me impressionou, tive a oportunidade de toca no tubarão, mas vi que não dava, vale a pena ir.

A02F-É tudo perfeito, é muito lindo, eu tinha muito medo de bichos, e amei, é tudo criação de Deus,

A03F-e você ficará admirado, vale a pena ver

A04F- Era muito impressionante, eu achei que dava medo, era muito lindo, muito lindo e grande, era penas um bebê, muito fofos, foi muito legal.

A05F- interessante, interessantes, bem bonitos, estavam lá para serem bem cuidados, bem bonitos, a gente se divertiu muito, ele tava muito quieto, foi muito bom e legal.

A06F- foi bom, gostei muito, senti muiti dor dos tubarões, gostei muit di lá, foi tão bom.

A07M- foi muito legal, vi coiza que nunca tinha visto, foi tao legal que era pra ter reply, mais legal mesmo foia vinda, o bicho que eu mais gostei, ela é engrasada, foi muito legal.

A08F- eu gostei muito, gostei de ver, gostei de um pinguin, amei comparecer.

A09M- pra mim foi uma experiência inesquecível, foi muito bom, foi ótimo, quem for vai gostar, lá é muito bom, muito bom quem for vai gostar.

A10M- eu gostei muito, eu aprendi muito, eu não queria mais sair do aquário porque lá é muito legal.

A11M- foi muito bom.

A12M- eu achei uma experiência pra mim.

A13M- foi bem legal, bem legais, descobri muitas coisas que eu nem sabia que existia foi bem legal.

A14F- a minha experiência foi bom e assustador ao mesmo tempo, foi uma ótima experiência.

COTIDIANO

A01M- na minha vida.

A03F- As pessoas estão destruindo o planeta, poluindo o lago e o mar.

A04F- Fomos lancha, depois fomos pra casa.

A07M- eu aprendi que se você apagar a luz quando sai do quarto você ajuda o meio ambiente.

A12M- eu fazia e agora não fazo mais por que o que eu fazia poluía o meio ambiente como deixar a torneira pingando, gastava água agora eu não deixo, e como deixar a luz ligada por muito tempo.

No diagnóstico é possível constatar que há uma predominância no domínio semântico relacionado a animais, em que 100% dos alunos utilizam muitas palavras relacionadas aos bichos em seu relato. Da mesma forma, aparece o domínio semântico relacionado aos sentimentos, no qual 100% dos alunos utilizam palavras ou expressões relacionadas aos seus sentimentos.

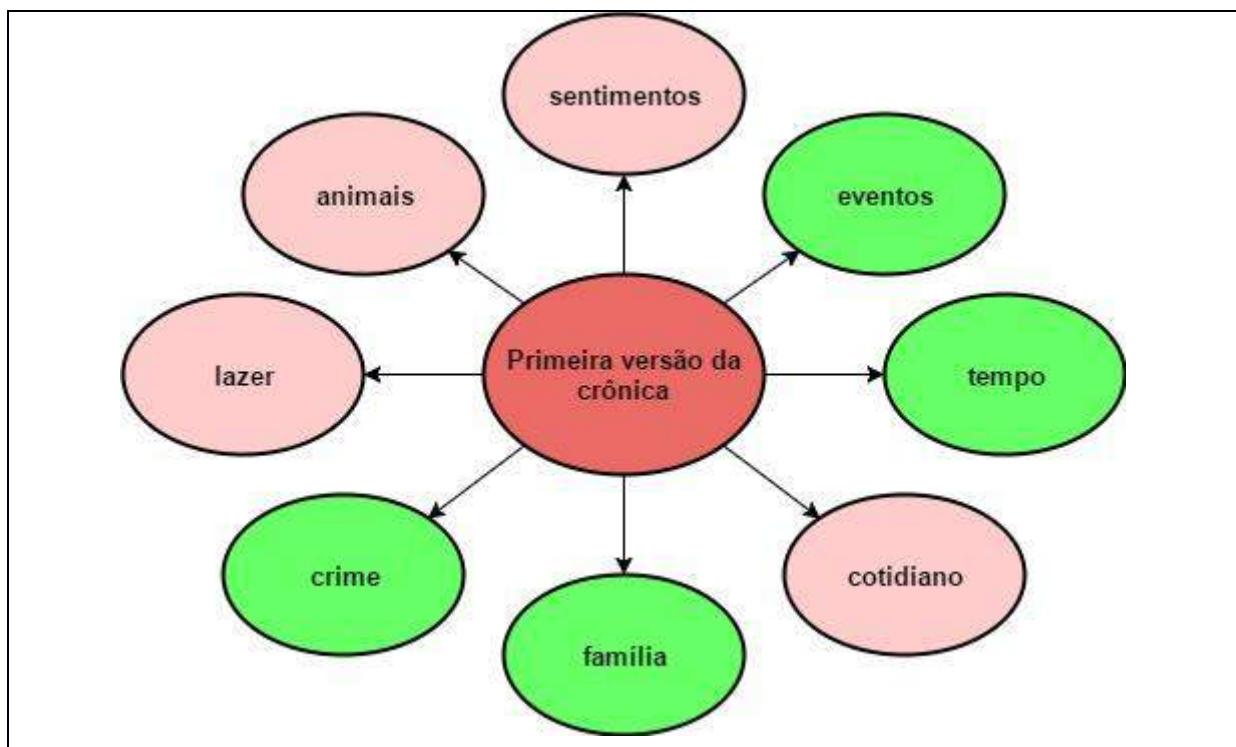
Em segundo lugar, temos o campo semântico relacionado ao lazer. 50% utilizam palavras ou expressões relacionadas ao campo semântico do lazer, diversão.

E 42, 8% dos alunos utilizam expressões ligadas ao cotidiano, à práticas típicas do dia a dia.

Já na primeira versão da crônica C1, podemos observar uma ampliação dos domínios semânticos presentes, em relação ao diagnóstico:

É possível identificar novos domínios semânticos em C1, como: eventos, tempo, crime e família. Além disso há uma modificação na concentração de ocorrências nos domínios semânticos que aparecerem em D e continuam presentes em C1.

FIGURA 12: Domínios semânticos em C1.



Fonte: Dados da pesquisa.

Esses domínios semânticos aparecem em C1, conforme os exemplos abaixo:

ANIMAIS

A01M- apertei tanto a minha mãe pra ela adota um gato, ... mas pro meus azar só tinha gata.

A02F- um rato chamado Tum tum, ... Matheus mandou seu pobre ratinho, ...aproveitar da vingança dos animais,

A03F- Vida de um cachorro, quando ouvio um latido que estava vindo de um buraco, Assim o Senhor levou o cachorrinho Para o Petshop, depois levou para um venterinario, Eles adotaro o cachorrinho e levo Para casa onde deram o nome de toby.

A04F- O CaValo, nascia um pequeno e desigoçado cavalinho, um dos amigos que eu tive era uma galinha a Zaza um boi o chifrudo e um papagaio o Zorro.

A05F- O cachorro triste, o cachorrinho já estava bem alimentado e sádio,

A06F-Era uma vez três cachorrios, uma cachorria foi para uma casa onde morava uma menina chamada Rinhana, sempre der carinho para seu animal.

A07M-EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO,

A08F- O Cuidado Com os Animais, um dia eu vi meu tio matar a minha Gata,eu ainda escutei ela miar mas não Pude Fazer nada, era só um bicho de estimação.

A09M- o passainho que perde a asa, estava vaando para o outro galho, ele caio ele quebro-u a Sua asa direita, e levei no veterinário e o veterinário disse que ele teria que amputar a Sua asa quebrada,

A10M-Titulo: Não Maltrate os Animais, pedio pro Pai dele paro compro um Animal,certo dia o Pai dele comProu um cachorro,

A11M- A garota e o pintinho, mas quando ele virou galo ele fazia muita bagunça,na verdade passou dias chorando só parou quando ganhou um cachorro.

A12M- A Historia dos cachorro, um dono estava passiendo com Seu cachorro e a raça do Seu cachorro era um pitBull de era muito bravo por que o dono dele ensinou pra briga e ele estava pasiando e derepente o cachorro de rua passa Na frente do pitBull e o cachorro Saio corredo, e o pit Bull comenecou a matar o vira lata mais o do-

No do pit Bull começou a matar Seu proprio cachorro pra Sauvar o vira lata

A13M- A MORTE DO CACHORRO, UM CERTO DIA EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE CHAMADO SHAWLIN,

A14F- Um cachorro e sua Judiação, Um dia eu estava em casa, e de repente ouvi meu vizinho chegando. -Será que ele trouxe outro aquário ? Me perguntei. Quando ouvi um latido. -Cale a boca cachorro feio!, Pulei, Pulei e nada de vê até então pulei bem alto e vi um filhote, Ela disse que era errado o que ele tinha feito com o animal.

SENTIMENTOS

A01M- fui parando de babar a gata, ...eu falei sinceramente a ele,...eu rspondi com medo, É EU FALEI SINSERAMENTE A ELE, COM DOIS DIAS DEPOIS ELE VEIO ATÉ EM CASA COM O SORISO NO ROSTO É PERGUNTO-

U:

-A SUA GATA ESTA BEM?

É EU RESPONDI COM MEDO:

SIM, ELA ESTÁ BEM.

E O VISINHO FOI EMBORA DANDO GARGALH-

ADA DA MINHA DA MINHA CARA.

A02F- A madrasta má de Isa que é a ironã Gêmea da Manu desteta ratos, e Para Prejudica-los Isa e Manu decidem botar tumtum Para que ela fique com medo.e não deu muito certo, ela quis botar ele no lixo...

Então nunca devemos nos vingar dos Pessoas com a defesa dos animais, que eles mesmos Podem acabar se prejudicando.

A03F- Então o Senhor foi até o buraco e viu que era um filhote de cachorro muito

maltratado então Pegou o cachorro. E a maça já tinha ido embora. Porque ela não queria tem responsabilidade com o cacho-

rrro.então o Senhor falou.

-Moça você não vai ajuda o cachorro.

A04F- So que a minha vida não era bem, um conto de fadas., olha vou falar uma coisa vocês não sabem o quanto aquele chicote doi, toda vez que eu fui chicoteado ardia muito, quando a semana acabou tomei uma injeção muito forte, na quela hora não senti mas minhas patas e ja depois eu não sentia mais nada então cai ali eu cai e não acordei mais, fui enterrado

A05F-O cachorro triste

Em um belo dia de sol um homem de cabelos brancos estava feliz pois havia acabado de se mudar quando ouviu um cachorro chorando no meio da rua triste e faminto pois havia se perdido da mãe o hom-

em de cabelos brancos morava sozinho e agora perto de uma linha de trem então como era solitario pegou o cachorrinho para criar.

porem ainda havia o fato de sai mãe ter deixado-o sozinho mais ele estava feliz e havia também uma vizinha com um manto de tempestade que não gostava do cachorro vivia dizendo:

-esse cachorro imprestável vai apr-ontar alguma coisa.

A06F-“Carinho e Anteneção”! ela era muito ricar lea não dava muito atenção para a cachorria meu segundo cachorro recebeu o nome de chubiu foi para uma casa de dois meninos chamados maacos e biabe brigavam danto que não tiam tempo para o cachorro.... á cachorria mene fugiu por estava muito Triste e chubiu Tamben os irmãos ficaram muito Triste mais lago o cachorio voutou e lies deram muito carinho para leu a cachorria de rinhana vouto e lica oliu muito amor para lia.sempre der carinho para seu animal.

A07M- A TRISTE MORTE DO MEUS VERDADEIROS AMIGOS, EU BRINCAVA

COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE EU TAVA MUITO FELIZ NUNCA TINHA FICADO TÃO FELIZ COMO EU FIQUEI NA QUELE DIA PARECIA QUE JÁ TAVA ESCRITO QUE AQUELE IA SER O UTIMO DIA FELIZ QUE EU IA TER,EU ACORDEI E FUI DIRETO LA PRATRAIZ DA MINNHA CASA QUE ERA O CANTO QUE ELE FICAVA MAIS QUENDO EU CHEQUEI LÁ ELE NÃO TAVA EU PERGUNTEI A MINHA MÃE ONDE TAVA O CACHORRO E ELA FALO QUE ELE TINHA MORRIDO EU FUI PRO QUARTO CHORA MUITO..

A08F- , ai ele bateu muito Forte nela Com um Pal Assim seu Começei a Chorar, A gata ainda estava viva ele Pegou ela e calocou en um saco e a jogou ela Por trás do muro, me Colocaram Pra Dentro de Casa e não deixaram eu ver,Além disso ela estava grávida então ele não Matou so uma vida ele matou várias, eu ainda escutei ela miar mas não Pude Fazer nada

A09M- então o passarinho amputo a asa e eu levei ele para casa no dia Seguinte eu acordei e vi que o passarinho estava temtano vaar Novamente mais não consseguia vaar por que estava amputada e eu fiquei cam muita tristeza e dó do passarinho e então eu pensei vou comprar uma daquelas pratises mais para passarinho então fui ao veterinário para conversar cam ele

A10M- Avia um menino que ele não gostava de Animais, eles sempre pediu pro Pai dele paro compro um Animal, Mais o Pai dele sempre confiavo mete, então um certo dia o Pai dele comProu um cachorro, esse cachorro gostavo muito do menino mais esse menino fáz de conto que esse cachorro é um brinquedo pra porque ele fico chutan-

do o cachorro, jogando o cachorro e etc. O Amigo do menino ficou muito chatiado e ligou Pro DePremo Denu-

Ciando...

Esse menino ficou puro depois dele mais do cadeio ele Aprendeu A nuncu maltratar os Animais, mais o ruim é por que ele ficou sem falar com o Amigo dele...

A11M- , a garota gostava muito daquele galo por isso tentou correr com ele mais não deu muito certo seu tio tomou o galo de suas mãos e levou sua avó onde ela o matou e o cozinhou, claro que a garota não comeu, na verdade passou dias chorando só parou

quando ganhou um cachorro.

A12M- Seu cachorro era um pitBull de era muito bravo por que o dono dele ensinou pra briga e ele estava pasiando e derepente o cachorro de rua passa Na frente do pitBull e o cachorro Saio corredo mais Não pegou ai ale ficou Muito assutado o dono do pit bull, prendeu o Seu cachorro Na corrente bem grossa para Nunca mais ele Sair e Na Segunda-feira de manhã o cachorrou de-

Rua passou Na frente da Sua casa do pit Bull

A13M- UM CERTO DIA EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE CHAMADO SHAWLIN, ERA O MEU MELHOR CACHORRO,EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE,... ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS E ELE VEIO NA MESMA HORA O ÔNIBUS ATROPELOUELE E FOI EMBORA, ELE FICOU AGONIZANDO DE DOR E EU OLHAVA NO OLHO DELE, E CONCEGUIA VER O SEU SOFRIMENTO.

A14F- Um cachorro e sua Judiação

Quando ouvi um latido.

-Cale a boca cachorro feio!Eu trouxe você aqui para proteger minha casa. Sussurrou o vizinho.

-Será que ele vai maltratar o coitado do cachorro?

Pulei, Pulei e nada de vê até então pulei bem alto e vi um filhote. Ele era branco e marrom, não indentifiquei a raça mais era fofo.

Chamou a Policia eles a prenderam o vizinho, de início queriam dar o animal para Dona Carminha, mas como ela já tinha muitos sugeriu me dar.

Pulei de alegria,seu nome era Cuscuz.

LAZER

A07M- BRINQUEI MUITO DE 3:00 DA TARDE ATÉ 8:00 DA NOITE MAIS EU ENTREI PRA DENTRO DE CASA PRA BEBÉR ÁGUA

A12M- rua e uma vez um dono estava passando com Seu cachorro e a raça do Seu cachorro era um pitBull de era muito bravo por que o dono dele ensinou pra briga e ele estava passando

A13M- UM CERTO DIA EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE CHAMADO SHAWLIN, ERA O MEU MELHOR CACHORRO,EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RAPIDO PULAVA EM CIMA DE MIM E ME DERRUBAVA, NESSE TEMPO EU TINHA UM ÁLBUM DO JUSTIN BIERBER.

A14F- Depois de 3 horas resolvi brincar um pouco com meus amigos. Já estava anoitecendo e eu voltei para casa com muita fome.

Chegando em casa ouvi um choro de cachorro.

COTIDIANO

A01M- depois de um tempo o vizinho veio falar comigo, ... o vizinho resmungou e foi embora, ... e o vizinho foi embora dando gargalhada da minha cara.

A02F- ele mandou tumtum Para ajudar sua amiga...

A03F- Em um dia um Senhor Passava na Rua ele estava caminhando

A04F- Eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos

A05F- Em um belo dia de sol um homem de cabelos brancos estava feliz pois havia acabado de se mudar

A06F- á cachorra mene fugiu por estava muito Triste e chubiu Tamben os irmãos ficaram muito Triste mais ligo o cachorio voutou e lies deram muito carinho

A07M- MAIS EU ENTREI PRA DENTRO DE CASA PRA BEBÉR ÁGUA

A08F- Depois ficou tudo resolvido mas eu nunca me esqueci do que ele fez com a gata.

A09M- Um dia estava caminhando pela rua quando vi um lindo passarinho

A10M-Esse menino ficou puro depois dele mais do cadeio ele Aprendeu A nunca maltratar os Animais.

A11M- Seu tio tomou o galo de suas mãos e levou para sua avó e ela o matou e o cozinhou,

A12M- o dono do pit bull, prendeu o Seu cachorro Na corrente bem grossa para Nunca mais ele Sair

A13M- CERTO DIA EU FUI PARA A ESCOLA

A14F- Um dia eu estava em casa, e de repente ouvi meu vizinho chegando.

EVENTOS

A01M- um dia ela resolveu adotar um gato, ... um gato chegou pra comer a comida de Galega (a gata lá de casa) mais eu cheguei a tempo e joguei uma pedra pra espantar o gato.

A02F- A madrasta má de Isa que é a ironã Gêmea da Manu desteta ratos, e Para Prejudica-los Isa e Manu decidem botar tumtum Para que ela fique com medo.e não deu muito certo, ela quis botar ele no lixo...

A03F- Então o Senhor foi até o buraco e viu que era um filhote de cachorro muito maltratado então Pegou o cachorro.

A04F- nascia um pequeno e desingonçado cavalinho

A05F- ouviu um cachorro chorando no meio da rua triste e faminto pois havia se perdido da mãe o hom-

em de cabelos brancos morava sozinho e agora perto de uma linha de trem então como era solitario pegou o cachorrinho para criar.

A06F- Era uma vez três cachorrios casa um Foi para uma casa deferente

A07M- DIA EU ACORDEI E FUI DIRETO LA PRATRAIZ DA MINNHA CASA

QUE ERA O CANTO QUE ELE FICAVA MAIS QUENDO EU CHEQUEI LÁ ELE NÃO TAVA EU PERGUNTEI A MINHA MÃE ONDE TAVA O CACHORRO E ELA FALO QUE ELE TINHA MORRIDO

A08F- , ela Aranhou o meu Primo, ai ele bateu muito Forte nela Com um Pal

A09M- passarinho estava vaando para o outro galho o galho quebrou, e o passarinho caio la de Sima dessa arvare que era eNorne e quando ele caio ele quebro-

u a Sua asa direita e eu carie para aJudar

A10M- Esse menino ficou puro depois dele mais do cadeio ele Aprendeu A nunco maltratar os Animais,

A11M- Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Livia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário,

A12M- E o pitu era veloz e pego o vira-laa e começou a matar e Nasim pego um pal e matou o Seu cachorro pra Sauva o vira lata.

A13M- O ÔNIBUS ATROPELOUELE E FOI EMBORA

A14F- Chamou a Policia eles a prenderam o vizinho,

TEMPO

A01M- um dia,nos primeiros dias, ...dopoio de um dia, ... com dois dias depois.

A02F- Certo dia.

A03F- Em um dia um Senhor Passava na Rua,Depois de três dias na adoção um casal queria adotalo.

A04F- I em uma noite chuvosa

A05F- Em um belo dia de sol um homem de cabelos brancos estava feliz, Depois de Vários dias o cachorrinho já estava bem alimentado, um certo dia chuvoso o cachorro brincando na rua,

A06F- logo o cachorro voltou.

A07M- ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO, BRINQUEI MUITO DE 3:00 DA TARDE ATÉ 8:00 DA NOITE, E QUANDO FOI 9:00 OU ERA 10:00 DA NOITE ELE FICO MOLE NÃO TAVA QUERENDO COMER, DEPOIS ELE FICO SE BATENDO, NO OUTRO DIA EU ACORDEI E FUI DIRETO LA PRATRAIZ DA MINNHA CASA,

A08F- um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por que ela Aranhou o meu Primo,Fiquei Com raiva dele muitos dias até que um dia ele veio me Perguntar Quanto era a gata.

A09M- Um dia estava caminhando pela rua

A10M- então um certo dia o Pai dele comProu um cachorro, Dia Seguinte o Amigo desse menino viu ele fazendo isso e ele falou:

-Por que você está fazendo isso?

A11M- Em um certo dia uma garota em seu aniversário ganha de sua prima, que a conhecia muito, um pequeno pintinho, por muito tempo o pintinho viveu dentro de casa,depois de algum tempo a sua avó resolveu matar o galo,na verdade passou dias chorando só parou quando ganhou um cachorro.

A12M- Na Segunda-feira de manhã o cachorrou de-Rua passou Na frente da Sua casa

A13M- UM CERTO DIA EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO,JÁ MAIS TARDE EU JÁ TINHA VOLTADO DA ESCOLA O CACHORO SAIU. NESSA ÉPOCA EU TINHA 5 A 6 ANOS. NA MESMA HORA O ÔNIBUS ATROPELOUELE E FOI EMBORA.

A14F- Um dia eu estava em casa,Depois de 3 horas resolvi brincar um pouco com meus amigos, Já estava anoitecendo e eu voltei para casa com muita fome.

CRIME

A04F- Só que quando eu cresci a minha vida não era bem, um conto de fadas, eu fui

usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte doía, toda vez que eu fui chicoti-tádo ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar íso.

A05F-um carro como furacão na rua dezer-

ta comi as ultimas batidas de seu coração o cachorro se despediu

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata,

A10M- O Amigo do menino ficou muito chateado e ligou Pro DePremo Denunciando...

A14F- Chamou a Policia eles a prenderam o vizinho,

FAMÍLIA

A01M- Um dia eu aperiei tanto a minha mãe.

A02F- A madrasta má de Isa que é a irmã Gêmea da Manu desteta ratos, e Para Prejudica-los Isa e Manu decidem botar tumtum Para que ela fique com medo.e não deu muito certo, ela quis botar ele no lixo...

A03F- Depois de três dias na adoção um casal queria adotalo

A04F- Mas e minha mãe, bem ela morreu a um ano, ela ja estava velhinha e não aguentava mas trabalhar.

A05F- porem ainda havia o fato de sai mãe ter deixado-o sozinho.

A06F- Tambem os irmãos ficaram muito Triste

A07M- EU PERGUNTEI A MINHA MÃE ONDE TAVA O CACHORRO

A08F- um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por que ela Aranhou o meu Primo.

A10M- pedio pro Pai dele paro compro um Animal.

A11M- Em um certo dia uma garota em seu aniversário ganha de sua prima, que a conhecia muito, um pequeno pintinho. mas quando ele virou galo ele fazia muita bagunça, rasgava as lençais subia na mesa, quebrou a os pratos, por isso a avó da garota mandou ele para o quintal, seu tio tomou o galo de suas mãos e levou sua avó onde ela o matou e o cozinhou.

A13M- O MEU TIO FOI COLOCAR O CARRO PRA DENTRO, JÁ MAIS TARDE EU JÁ TINHA VOLTADO DA ESCOLA O CACHORO SAIU,

Vemos, então que em C1 os domínios semânticos predominantes se expandem em relação s D. outros domínios surgem com intensidade na produção textual C1.

Os domínios semânticos que apareceram em D, reaparecem agora de forma um pouco diferente. O domínio – animais – aparece em todas as crônicas, mas em menor diversidade. Se em D, apareciam enumerações de animais, em virtude da visita ao aquário, agora animais específicos envolvidos na narrativa da crônica são citados.

O domínio – sentimentos- está presente em todas as crônicas, mantendo a mesma frequência de D, mas os sentimentos citados são mais diversos, devido a cada narrativa tecida na crônica. Em D, sentimentos apareceram de maneira mais uniforme, visto que tratavam de um mesmo acontecimento, a vista ao aquário e as sensações diante do que viram.

Quanto ao domínio semântico – lazer – há uma diminuição em relação ao diagnóstico. Isso porque em C1 cada estudante pode escolher como construir a narrativa a partir dos fatos selecionados por ele próprio. Em D, esse domínio se destaca mais em virtude da visita ao aquário. Em D, 50% dos alunos exploram esse domínio, já em C1, apenas 28% falam sobre atividades relacionadas a lazer.

Em relação – cotidiano – podemos dizer que houve um grande aumento na frequência do uso desse domínio semântico. Se em D, 35% dos alunos utilizaram expressões voltadas a práticas do cotidiano, em C1 a frequência de uso foi de 100% .todos utilizaram expressões relacionadas ao cotidiano.

Além desses domínios C1 apresenta outros. Isso se dá porque esta escrita foi feita após a aplicação do módulo de leitura, quando os alunos já haviam tido a experiência da leitura para auxiliar no momento da produção.

Os – eventos – são citados por 100% dos alunos, em C2, assim como expressões relacionadas ao – tempo. A – família – aparece como um novo domínio semântico explorado por mais de 78% dos alunos.

Por último outro domínio que passa a ser explorado nessa produção é o – crime – pois, no módulo de leitura eles tiveram a oportunidade de conversar com um advogado que expôs as leis que protegem os animais e explicou como agir diante do desrespeito a essas leis. 35% alunos citam esse domínio.

Vejamos agora, como esses domínios semânticos se destacaram na última versão da crônica C2:

FIGURA 13: Domínios semânticos em C2.



Fonte: dados da pesquisa.

Esses domínios semânticos aparecem em C2, conforme os exemplos abaixo:

ANIMAIS

A01M – eu pedi a minha mãe para adotar uma gata, ...um dia um gato siamês, não devemos maltratar os animais.

A02F- Certo dia um rato chamado Tum tum e o seu dono, que se chama Matheus, descobriram um grande mistério de duas Gêmeas,

A03F-

A04F- nascia um pequeno e desingonçado cavalinho que logo mais seria um lindo cavalo que carregaria lindas prin-cesas,Eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos, e alguns dos meus amigos era uma gali-

nha muito tagaríta, não parava queta, ela se chama Zazá.Um boi muito bravo que se irrita com tudo é o nome dele e chifrudo e sem falar no Zórro né, ele é uma graça, é um papagaio muito esperto tanto quanto esses outros amigos de aventuras.

A05F- Vou lhes contar uma história sobre um cachorro triste. A princípio ele vivia na rua, pois foi abandonado por sua Mãe.

A06F- EM um belo dia tres filhotes de cachorros foram adotados por três donos deferentes, cuide muito bem do seu Animal se não ele pode fugir.

A07M- ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE ESTAVA MUITO FELIZ

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por-
que ela aranhou o meu Primo,

A09M- um dia estava caminhando quando encantei um passarinho e ele estava ensima da árvore

A10M- Havia um menino que não gostava de Animais, ele sempre pedia para o pai

pra comprar um animal mas o pai dele confiava muito nele.

A11M- Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Lívia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário.

A12M- Um certo dia calmo e lendo na cidade, mas tinha um animal que não estava feliz era cachorro de rua e o coitado Não tinha Ninguém pra cuidar dele.

A13M- UM CERTO DIA, EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE, EU O CHAMAVA DE SHAWLIN

A14F- Um dia lindo de sol, eu estava em casa e ouvi meu vizinho chegando.

-Será que ele trouxe outro aquário?Me perguntei.

Meu vizinho teve diversos bichos que você nem imagina!

Gato, pato, galinha, papagaio, tartaruga entre outros, mas o que ele o trizerá, era água rios.

Ouvi um latido.

-Cale a boca seu cachorro feio, trouxe você aqui para proteger minha casa.Sussurrou o vizinho.

SENTIMENTOS

A01M- eu morri de felicidade, ... fui deixando de babar a gata, ...eu inocentemente disse, ...não se preocupe vou mi vingar, ...eu aprendi uma coisa com isso tudo.

A02F- ... Isa tem uma madrasta muito má, o nome dela é Regina, e ela detesta Ratos, e Para Preudicá-la, Manu e Isa tiveram a grande idéia de botar Tum tum o Rato, Para que ela fique apavorada...

A03F- um Senhor bodoso de cabelos brancos, Passava em uma rua.

Era uma moça antipática é ela Respondeu.

-Sim, certamente vim deste buraco.

A mulher era baixo cabelos castan-hos escuro, vestia um vestido vermelho e uma sapatilha e ela era muito getil e bodoso.

A04F- eu fui usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte doía, toda vez que eu fui chicoti-t

ádo ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar íso.

A05F- Vou lhes contar uma história sobre um cachorro triste. A princípio ele vivia na rua, pois foi abandonado por sua Mãe.

A06F- Rinhana não dava muita Atenção para a cachorrinha e Porisso ela fugiu.O terceiro filhote foi para uma casa onde morava um menino chama-

Do Isaac eu amava muito o filhote

A07M- ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE ESTAVA MUITO FELIZ. QUANDO FOI NO OUTRO DIA ELE ESTAVA TRISTE MINHA MÃE COLOCOU COMIDA PARA ELE MAIS ELE NÃO QUIS COMER.

A08F- Eu Fiquei Com raiva dele muitos dias até que um dia.

-Ele veio me Perguntar Quan-
to era a gata?

-Eu disse que a gata não era pra dar, nem Pra vender, e ném muito menos Pra Matar.
era só um bicho de estimação.

A10M- Havia um menino que não gostava de Animais, ele sempre pedia para o pai pra comprar um animal mas o pai dele confiava muito nele.então um certo dia o Pai dele comProu um cachorro, esse cachorro gostavo muito do menino mais esse menino fáz de conto que esse cachorro é um brinquedo pra porque ele fico chutan-

do o cachorro, jogando o cachorro e etc.

A11M- Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Lívia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário.

A12M- Um certo dia calmo e lendo na cidade, mas tinha um animal que não estava feliz era cachorro de rua e o coitado Não tinha Ninguém pra cuidar dele.

A13M- EU OLHAVA NOS OLHOS DELE E CONSEGUIA VER O SOFRIMENTO QUE ELE SENTIA NAQUELE MOMENTO, O ÔNIBUS NÃO PAROU E FOI EMBORA.

A14F- De inicio eles iam dar o cachorro a ela mas ela sugeriu me dar.

Pulei de Alegria, seu nome era Cuzcuz.

LAZER

A07M- ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE ESTAVA MUITO FELIZ

A10M- Então, um certo dia eles foram pro Zoológico e não tinha o animal que ele queria, mas eles não desistiram.

A12M- E Nasim quando estava passeando e o vira-lata passo Na frente do pitu e de saio correndo e Nasim chamo pitú e ele Não obdeceu.

A13M- ERA O MEU MELHOR CACHORRO,EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RAPIDO PULAVA EM CIMA DE MIM E ME DERRUBAVA,

A14F- Depois de 3 horas, resolvi brincar um pouco com meus amigos.

Já estava tarde, é eu voltei para casa com muita fome.

- Ainda bem que a janta está feita.

COTIDIANO

A01M- o vizinho veio aqui em casa, ... depois de uns dias minha gata adoeceu.

A02F- Isa tem uma madrasta muito má, o nome dela é Regina, e ela detesta Ratos, e Para Preudicá-la, Manu e Isa tiveram a grande idéia de botar Tum tum o Rato, Para que ela fique apavorada...

A03F- Ele estava caminhando quando de repente ouviu um latido que estava vindo de um buraco.Quando vinha uma moça na sua frente e, perguntou.

-Moça, talvez você estava ouvindo este latido?

A04F- Eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos,

A05F- Em um belo dia de sol um homem de cabelos brancos estava feliz pois havia acabado de se mudar

A06F- O segundo filhote foi para uma casa onde morava uma menina chamada Marinete ela colocou o nome de cachorrinha dela de Mani e Marinete cuidou muito bem dela e por isso Mani não fugiu!.

A07M- QUANDO FOI NO OUTRO DIA ELE ESTAVA TRISTE MINHA MÃE COLOCOU COMIDA PARA ELE MAIS ELE NÃO QUIS COMER.

A08F- Eu disse que a gata não era pra dar, nem Pra vender, e nem muito menos Pra Matar.era só um bicho de estimação.

A09M- um dia estava caminhando quando encontrei um passarinho e ele estava ensima da árvore

A10M-No dia seguinte, o amigo desse menino viu ele fazendo isso e perguntou:

- por que você está fazendo isso?

-E o menino respondeu:

-Não gosto de animais!

A11M- depois de algum tempo a sua avó mandou matar o galo, a princípio, Aline gostava muito de Piu, por isso tentou correr com ele, mas não deu muito certo. Seu tio tomou o galo de suas mãos e levou para sua avó e ela o matou e o cozinhou.

A12M- Na Sexta-feira de Noite e um certo dono estava passando com seu cachorro Pitú, raça pit Bully

A13M- ERA O MEU MELHOR CACHORROS EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE,

A14F- Um dia lindo de sol, eu estava em casa e ouvi meu vizinho chegando.

-Será que ele trouxe outro aquário?Me perguntei.

Depois de 3 horas, resolvi brincar um pouco com meus amigos.

Já estava tarde, é eu voltei para casa com muita fome.

- Ainda bem que a janta está feita.

EVENTOS

A01M- eu pedi a minha mãe para adotar uma gata. ela resolveu me dar, ... um gato siamês com o pelo mal cuidado e comeu a comida da minha gata.

A02F- Manu e Isa tiveram a grande idéia de botar Tum tum o Rato, Para que ela fique apavorada...

A03F- Então o Senhor foi até o buraco i vim que era um filhote de cachorro muito maltratado então Pegou o cachorro

A04F- E quando a semana acabou, me deram uma injeção muito forte naquela hora não senti mais minhas patas e já depois eu não sentia mais nada.

A05F-Mas, um certo dia de chuva a pista molhada e com lama, o cachorro brincando na rua a senhora reclamando de tudo (como sempre) o senhor distraído assistindo TV o cachorro inteiramente feliz, poderia dizer que seu coração palpitava e esbanjava felicidade e ele esperando suas últimas batidas do coração acontecerem. Um carro como furacão na pista molhada! O cachorro se despede de seu dono o olhando pela janela e seu coração já parou de bater.

A06F- E o cachorrinho, recebeu o nome meni. Rinhana não dava muita Atenção para a cachorrinha e Porisso ela fugiu.

A07M-O CACHORRO FICOU LA FORA QUANDO EU SAI ELE TAVA COMENDO LIXO AI EU TIREI ELE

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por-
que ela aranhou o meu Primo,

A09M- um dia estava caminhando quando encantei um passarinho e ele estava ensima da árvore e caio la de sima da árvore e quebrou Sua asa

A10M- então um certo dia o Pai dele comProu um cachorro, esse cachorro gostavo

muito do menino.

A11M- Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Livia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário.

A12M- E o pitu era veloz e pego o vira-laa e começou a matar e Nasim pego um pal e matou o Seu cachorro pra Sauva o vira lata.

A13M- ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS ELE RESOLVEU ATRAVESSAR NA MESMA HORA...!E... O ÔNIBUS O ATROPELOU!

A14F- O vizinho apareceu eles discutiram. Só ouvi quando Dona Carminha disse que ligaria para a policia.

TEMPO

A01M- Em um dia ensolarado,com o passar dos dias, ...nesse tempo eu era muito pequeno, ... com duas horas depois, ...depois de uns dias a minha gata adoeceu.

A02F- Certo dia um rato chamado Tum tum e o seu dono, que se chama Matheus, descobriram um grande mistério de duas Gêmeas,

A03F- Em um dia, Depois de três dias na adoção um casal, queira adotalo.

A04F- -Em uma noite chuvosa. E quando a semana acabou, me deram uma injeção muito forte.

A05F- Depois de algumas semanas o cachorrinho já estava maior, forte, bonito e sadio,

A06F- EM um belo dia. E passou três dias vagando pela rua com fome e com frio.

A07M- ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE ESTAVA MUITO FELIZ. ERA 3:00 HORAS DA TARDE BRINQUEI ATÉ 4:00 HORAS DAÍ EU ENTREI DENTRO DE CASA PRA BEBÊ ÁGUA,

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, Foi de manhã que ele matou ela, Por volta de 9:30 Pra 10:00 da manhã.

A09M- depois de um tempo leveio para o veterinário. e teria que ficar e uma semana

de repouso.

A10M- então um certo dia o Pai dele comprou um cachorro, esse cachorro gostava muito do menino.

A11M- Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganhou de sua prima Livia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofo de presente de aniversário. Depois de algum tempo a sua avó mandou matar o galo.

A12M- Um certo dia calmo, Na Sexta-feira de Noite e um certo dono estava passando com seu cachorro Pitú, raça pit Bull,

A13M- UM CERTO DIA, EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE, EU O CHAMAVA DE SHAWLIN. ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS ELE RESOLVEU ATRAVESSAR NA MESMA HORA...!E... O ÔNIBUS O ATROPELOU!NAQUELE MOMENTO, O ÔNIBUS NÃO PAROU E FOI EMBORA.NO MESMO DIA EU TINHA COMPRADO UM PACOTE DE FIGURINH-AS E PARA MINHA SURPRESA UMA FIGURA VEIO SORTEADA.

A14F- Um dia lindo de sol, eu estava em casa e ouvi meu vizinho chegando.

Depois de 3 horas, resolvi brincar um pouco com meus amigos.

CRIME

A04F - eu fui usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte doía, toda vez que eu fui chicotizado ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar isso.

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Porque ela aranhava o meu Primo,

A10M-E o amigo desse menino ficou muito chateado e falou com ele que não pode maltratar os animais por que crime, mas ele entendeu e nunca mais ele fez isso com o cachorro.

A14F--Vamos ligar para a polícia, isto não pode acontecer.

-Sim, vamos ligar. Respondi Ela ligou para a policia e eles prenderam o vizinho.

FAMÍLIA

A01M- eu pedi minha mãe para adotar uma gata.

A02F- Certo dia um rato chamado Tum tum e o seu dono, que se chama Matheus, descobriram um grande mistério de duas Gêmeas, Isabela e Manuela, a Manu é mais amiga de Matheus, do que Isa, e Matheus mandou seu pobre ratinho, Tum tum Para audá-los... Isa tem uma madrasta muito má, o nome dela é Regina, e ela detesta Ratos

A03F- . Depois de três dias na adoção um casal, queira adotalo.

A04F- Mas e minha mãe? Bom ela morreu a um ano, ela já estava velhinha e não aguentava mais trabalhar para a família.

A05F- Vou lhes contar uma história sobre um cachorro triste. A princípio ele vivia na rua, pois foi abandonado por sua Mãe.

A07M- QUANDO FOI NO OUTRO DIA ELE ESTAVA TRISTE MINHA MÃE COLOCOU COMIDA PARA ELE MAIS ELE NÃO QUIS COMER.

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por-
que ela aranhou o meu Primo,

A10M- Avia um menino que ele não gostava de Animais, eles sempre pedio pro Pai dele paro compro um Animal

A11M- Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Lívia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário. Depois de algum tempo a sua avó mandou matar o galo, a princípio, Aline gostava muito de Piu, por isso tentou correr com ele, mas não deu muito certo. Seu tio tomou o galo de suas mãos e levou para sua avó e ela o matou e o cozinhou,

A13M- CERTO DIA, EU FUI PARA A ESCOLA E ELE FICOU SOLTO, O MEU TIO CHEGOU E FOI COLOCAR O CARRO PARA DENTRO.

CONSELHO / LIÇÃO

A01M- eu aprendi uma coisa com tudo isso, não devemos maltratar os animais.

A02F- Então nunca devemos aproveitar da vingança dos animais, com defesa deles, Pois eles mesmo podem acabar se Prejudicando, como ia acontecendo com Tum tum.

A06F- Então sempre cuide muito bem do seu Animal se não ele pode fugir.

A10M - E o amigo desse menino ficou muito chateado e falou com ele que não pode maltratar os animais por que crime, mas ele entendeu e nunca mais ele fez isso com o cachorro.

A12M- E você que estar lendo não crie cachorro pra matar mais Sim pra dar carinho e amor.

Vemos, então que em C2 os domínios semânticos predominantes se expandem em relação a D e a C1. Surge um novo domínio a ensaiado por dois alunos nas duas primeiras produções. Agora esse domínio aparece em 35% produção textual C2, é um domínio semântico relacionado aos conselhos ou lições aprendidas pelo autor ou que são dados ao leitor da crônica.

Os domínios semânticos que apareceram em D, permanecem agora de forma semelhante a que apareceu em C1. O domínio – animais – aparece em todas as crônicas, mas em menor diversidade de que em D e de forma semelhante a C1. Isso se justifica pelo fato de C2 ser uma reescrita de C1. Se em D, apareciam enumerações de animais, em virtude da visita ao aquário, agora animais específicos envolvidos na narrativa da crônica são citados tanto em C1, como em C2.

O domínio – sentimentos- está presente em todas as crônicas em C1, mantendo a mesma frequência de D, mas em C2, expressões de sentimento são vistas em 92% das crônicas produzidas, mantendo uma diversidade semelhante a C1, devido a cada narrativa tecida na crônica. Em D, sentimentos apareceram de maneira mais uniforme, visto que tratavam de um mesmo acontecimento, a vista ao aquário e as sensações diante do que viram.

Quanto ao domínio semântico – lazer – apresenta um índice menor, em relação ao diagnóstico, porém maior que em C1, mantendo-se o fato de cada estudante pode escolher como construir a narrativa a partir dos fatos selecionados por ele próprio. Em D, 50% dos alunos exploram esse domínio, já em C1, apenas 28% falam sobre atividades relacionadas a lazer, já em C2, 35% usam este domínio semântico, ampliando o uso em relação a C1.

Em relação – cotidiano – em D, 35% dos alunos utilizaram expressões voltadas a práticas do cotidiano, em C2 assim como em C1, a frequência de uso foi de 100% . Todos utilizaram expressões relacionadas ao cotidiano.

Os – eventos – citados por 100% dos alunos em C1, também mantém esse percentual em C2, assim como expressões relacionadas ao – tempo.

A – família – que em C1 aparece como um novo domínio semântico explorado por mais de 78% dos alunos, também é frequente em C2, mas com percentual de 71%.

Por último outro domínio que continua a ser explorado em C2 é o – crime – pois, em C1 ele aparece com um percentual de 35%, á em C2 esse domínio aparece em 28% das crônica, diretamente. De maneira mais amena, em C2, uma tentativa de tratar desse domínio pode ser notado em alguns relatos de práticas domésticas, tidas como comuns, mas que se constituem como maus-tratos aos animais.

Através da análise do conteúdo semântico, é possível constatar que houve uma ampliação no conteúdo semântico em relação a D e também a C1, mostrando que houve deslocamento da oralidade para a escrituralidade nas produções dos alunos.

4.2 TRADIÇÕES DE ESTRUTURA COMPOSICIONAL

Analisaremos as tradições de estrutura composicional presentes nos textos dos alunos, considerando a estrutura composicional a partir do conceito de sequência descritiva e narrativa, expostos primeiro no capítulo.

4.2.1 Sequências descritiva e narrativa

Quanto a sequência narrativa consideraremos a sua estrutura analisando a presença das sete macroposições narrativas de base que correspondem aos cinco momentos do aspecto: antes do processo, o início do processo, o curso do processo e, por último, depois do processo. Veremos a presença desses momentos nos textos produzidos em C2 pelos alunos. Para isso usaremos as cores indicadas para identificar cada macroposição: **ENTRADA-**

PREFÁCIO/SITUAÇÃO INICIAL/NÓ DESENCADEADOR/RE-AÇÃO OU
 AVALIAÇÃO/DESENLACE/SITUAÇÃO FINAL/ENCERRAMENTO OU AVALIAÇÃO
 FINAL.

A01M-C2

EU E MINHA GATINHA

EM UM DIA ENSOLARADO, EU PEDI A MINHA MÃE PARA ADOTAR UMA
 GATA. É ELA RESOLVEU ME DAR.

EU MORRI DE FELICIDADE QUANDO A GATA CHEGOU TRATEI DELA
 COMO DE FOSSE UMA RAINHA MAS COM O PASSAR DOS DIAS EU FUI
 DEIXANDO DE BABAR A GATA, MAIS UM DIA UM GATO SIAMEIS COM O PELO
 MAL CUIDADO, E COMEU A COMIDA DA MINHA GATA.

NESSE TEMPO EU ERA MUITO PEQUENO, MAS JÁ SABIA JOGAR UMA PEDRA, E
 JOGUEI.

A PEDRA FOI BEM NA PATA DO GATO DO VISINHO, COM DUAS HORAS
 DEPOIS O VIZINHO VEIO AQUI EM CASA, QUANDO ELE CHEGOU, ERA UM CARA
 GORDO E FEDIDO E TINHA OS CABELOS BRANCOS.

JÁ CHEGOU DIZENDO;

- POR QUE VOCÊ FEZ ISSO?

E EU INOCENTEMENTE DISSE;

- O QUE? NÃO SEI DO QUE O SENHOR ESTÁ FALANDO.

E ENTÃO ELE DISSE:

- VOCÊ JOGOU UMA PEDRA NO MEU GATO, MAS NÃO SE PREOCUPE VOU
 MI VINGAR ISSO É CERTO.

E SAIU. DEPOIS DE UNS DIAS A MINHA GATA ADOECIU E EU VI VENENO DE
 RATO POR TODO CANTO, E DEPOIS MORREU.

MAS EU APRENDI UMA COISA COM ISSO TUDO, NÃO DEVEMOS
 MALTRATAR OS ANIMAIS. EU PODIA ME VINGAR DO GATO DO VISINHO MAIS
 PREFERI NÃO FAZER ISSO. E DEPOIS EU E O VISINHO FIZEMOS AS PAZES.

A02F-C2

É errado

Certo dia um rato chamado Tum tum e o seu dono, que se chama Matheus, descobriram um grande mistério de duas Gêmeas, Isabela e Manuela, a Manu é mais amiga de Matheus, do que Isa, e Matheus mandou seu pobre ratinho, Tum tum Para audá-los... Isa tem uma madrasta muito má, o nome dela é Regina, e ela detesta Ratos, e Para Preudicá-la, Manu e Isa tiveram a grande idéia de botar Tum tum o Rato, Para que ela fique apavorada...

muito Pelo contrário, ela quis botar o Pobre Tum tum no lixo, no final – “graças ao nosso bom Deus, os Probleminhas da minha vidinha, foram resolvidos”

disse Manu e deu tudo certo, Regina desistiu de Por o Pobre Tum tum no lixo.

Então nunca devemos aproveitar da vingança dos animais, com defesa deles, Pois eles mesmo podem acabar se Preudicando, como ia acontecendo com Tum tum.

A03F-C2

Vida De um cachorro

Em um dia, um Senhor bodoso de cabelos brancos, Passava em uma rua.

Ele estava caminhando quando de repente ouviu um latido que estava vindo de um buraco. Quando vinha uma moça na sua frente e, perguntou.

-Moça, talvez você estava ouvindo este latido?

Quando olhava Para ela e vim que era uma moça alta, magra, com cabelo grande é estava com um vestido e uma saPatilha. Era uma moça antipática é ela ResPondeu.

-Sim, certamente vim deste buraco.

Então o Senhor foi até o buraco i vim que era um filhote de cachorro muito maltratado então Pegou o cachorro. E você ajudaria este cachorro? Então o Senhor falou.

-Moça você não vai ajuda o cachorro. então a moça falou.

-Não Senhor não quero te resPosabilidade sobre este cachorro. O senhor resPondeu.

-Então tá.

Assim o Senhor levou . Para o Pit shop Paro da um banho e depois levou. Para um veteri-

nario Para trata dos ferimento dele e depois levou ele Para a adoção. Depois de três dias na adoção um casal, queira adotalo. O casal era um homem alto, cabelos Preto e era getil. vestia uma calça uma camisa e um tenis. A mulher era baixo cabelos castanhos escuro, vestia um vestido vermelho e uma sapatilha e ela era muito getil e bodoso.

-Gustavo vamos adotar este Parece sadio.

-Esta bem Julia vamos adotalo agora.

Eles adotaram o cachorro e levaram Para casa onde deram o nome de taby

Taby ficou feliz é o casal também.

A04F-C2

O cavalo

-Em uma noite chuvosa, em um pequeno Curral, ali nascia um pequeno e desingonçado cavalinho que logo mais seria um lindo cavalo que carregaria lindas princesas, só que não.

E eu, o narrador sou esse lindo cavalo, forte e robusto.

Só que quando eu cresci a minha vida não era bem, um conto de fadas, eu fui usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte doía, toda vez que eu fui chicoti-tádo ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar íso.

Eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos, e alguns dos meus amigos era uma galinha muito tagaríta, não parava queta, ela se chama Zazá. Um boi muito bravo que se irrita com tudo é o nome dele e chifrudo e sem falar no Zórro né, ele é uma graça, é um papagaio muito esperto tanto quanto esses outros amigos de aventuras.

Mas e minha mãe? Bom ela morreu a um ano, ela já estava velhinha e não aguentava mais trabalhar para a família.

Mas vamos contar o resto da história, como eu já estava também velhinho, o meu dono me fez trabalhar a semana inteira, como de costume.

E quando a semana acabou, me deram uma injeção muito forte naquela hora não senti mais minhas patas e já depois eu não sentia mais nada.

Então cai ali, eu Cai e não acordei mais. Fui enterrado e agora sim, minha história acabou, não foi muito cruel, mas posso dizer que morri feliz, porque eu tive amigos de verdade, agora só posso dizer Tchau.

A05F-C2

O cachorro triste

Vou lhes contar uma história sobre um cachorro triste. A princípio ele vivia na rua, pois foi abandonado por sua Mãe.

Em um belo dia sol, um senhor de cabelos brancos estava feliz, pois havia acabado de se mudar quando ele ouviu um belo cachorro chorando no meio da rua, triste e faminto, pois havia se perdido de sua mãe.

O senhor de cabelos brancos morava sozinho e agora perto de uma linha de trem que não conhecia ninguém e como vivia sozinho comovido com a cena pegou o cachorrinho para criar.

Depois de algumas semanas o cachorrinho já estava maior, forte, bonito e sadio, porém ainda havia o fato de sua mãe tê-lo abandonado, mas ele estava feliz. Só que tinha uma senhora com um manto de tempestade, pois era muito brava, daquele tipo de senhora que é fofqueira e implica com todo mundo, sabe?? e vivia dizendo:

-Esse cachorro imprestável vai aprontar alguma coisa.

E o senhor o defendia dizendo:

-Você está ficando maluca sua velha coroca!!!

E saía enfurecido por causa da senhora.

Mas, um certo dia de chuva a pista molhada e com lama, o cachorro brincando na rua a senhora reclamando de tudo (como sempre) o senhor distraído assistindo TV o cachorro inteiramente feliz, poderia dizer que seu coração palpitava e esbanjava felicidade e ele esperando suas últimas batidas do coração acontecerem. Um carro como furacão na pista molhada! O cachorro se despede de seu dono olhando pela janela e seu coração já parou de bater. Enfim, acabou a história do cachorro.

A06F-C2

Carinho e Atenção

EM um belo dia tres filhotes de cachorros foram adotados por três donos deferentes

O primeiro filhote foi para uma casa onde morava uma menina chamada Rinhana. E o cachorrinho, recebeu o nome meni. Rinhana não dava muita Atenção para a cachorrinha e Porisso ela fugiu.

E passou três dias vagando pela rua com fome e com frio.

O segundo filhote foi para uma casa onde morava uma menina chamada Marinete ela colocou o nome de cachorrinha dela de Manie Marinete cuidou muito bem dela e porisso Mani não fugiu!.

O terceiro filhote foi para uma casa onde morava um menino chamado Isaac eu amava muito o filhote e colocou o nome dele de Galo e cuidou muito bem dele.

Meni a cachorrinha voltou para casa e nunca mais fugiu e Rinhana cuidou muito bem dela. Então sempre cuide muito bem do seu Animal se não ele pode fugir.

A07M-C2

A TRISTE MORTE DO MEU CACHORRO

ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE ESTAVA MUITO FELIZ. NUNCA TINHA FICADO TÃO FELIZ COMO EU FIQUEI NA QUELE DIA PARECIA QUE JÁ IA ACONTECER ALGUMA COISA COMO CACHORRO. BOM EU BRINCAVA COM ERA 3:00 HORAS DA TARDE BRINQUEI ATÉ 4:00 HORAS DAÍ EU ENTREI DENTRO DE CASA PRA BEBÊ ÁGUA, É O CACHORRO FICOU LA FORA QUANDO EU SAI ELE TAVA COMENDO LIXO AI EU TIREI ELE MAIS QUANDO FOI DE NOITE ELE FOI PRA CASA DELE. ATRAZ DE CASA E EU FUI DORMIR.

QUANDO FOI NO OUTRO DIA ELE ESTAVA TRISTE MINHA MÃE COLOCOU COMIDA PARA ELE MAIS ELE NÃO QUIS COMER.

EU AXEI ESTRANHO MAIS PENSEI QUE ELE TAVA SÓ CANSADO FUI BRINCAE QUANDO VOLTEI ELE ESTAVA DURO NO CHÃO ELE ESTAVA MORTO.

FIQUEI MUITO TRISTE.

FIM!!!

A08F-C2

Uma gata eo Agressor

Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por-
queela aranhou o meu Primo, Ai ele bateu muito Forte nela Com um Pau. Assim seu Comecei a Chorar, a gata ainda estava viva, ele Pegou ela e colocou em um saco de estopa ea jogou Por trás do muro, me Calocaram Pra dentro de Casa e não deixarão eu ver, Além Disso ela estava grávida.então ele não matou só uma vida matou várias, eu ainda escutei ela miar mas não Pude Fazer nada.

Por que em tudo que eu via Aquilo ele batia mas.
eu Pedia Pra ele Para e ele não Parou Porque ele disse que a gata ia se arrepender Por ter aranhado o Filho dele.

-Eu Fiquei Com raiva dele muitos dias até que um dia.

-Ele veio me Perguntar Quan-
to era a gata?

-Eu disse que a gata não era pra dar, nem Pra vender, e néem muito menos Pra Matar.
era só um bicho de estimação.

Foi de manhã que ele matou ela, Por volta de 9:30 Pra 10:00 da manhã.

Depois ficou tudo resolvido mas eu nunca me esqueci do que ele fez com a gata.

A09M-C2

O passarinho que perdeu a asa

um dia estava caminhando quando encontrei um passarinho e ele estava ensima da árvore e caiu la de cima da árvore e quebrou Sua asa eu peguei ele e o levei para casa e depois de um tempo levei para o veterinario o veterinario disse que teria que amputar Sua asa que estava quebrada e amputamos e teria que ficar e uma semana de repouso e Passou uma Semana.

e depois de umas semana ele conseguiu voar um pouco mais não completamente mais depois de um tempo conseguiu voare eu me despedi dele ele foi embora vaando para Sua casa.

FIM FIM FIM FIM

A10M-C2

Não Maltrate os Animais

Havia um menino que não gostava de Animais, ele sempre pedia para o pai pra comprar um animal mas o pai dele confiava muito nele.

Então, um certo dia eles foram pro Zoológico e não tinha o animal que ele queria, mas eles não desistiram.

Então um certo dia eles foram pro zoológico de novo e olharam esse cachorro.o cachorro gostou muito do menino,mas esse menino fazia de conta que esse cachorro era um brinquedo, por que eles ficava chutando o cachorro, jogando o cachorro e etc.

No dia seguinte, o amigo desse menino viu ele fazendo isso e perguntou:

- por que você está fazendo isso?

-E o menino respondeu:

-Não gosto de animais!

E o amigo dele perguntou:

-Então por que você compra?

E o amigo desse menino ficou muito chateado e falou com ele que não pode maltratar os animais por que crime, mas ele entendeu e nunca mais ele fez isso com o cachorro.

A11M-C2

A garota e o pintinho

Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Lívia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário, Aline aceitou e deu o nome de Piu, ela gostou muito de Piu, a princípio, ela adorava animais, Aline cuidou de Piu como se fosse seu próprio filho.

Por muito tempo Pio viveu dentro de casa, mas quando ele virou galo fazia muita bagunça, rasgava os lençóis, subia na mesa, quebrava os pratos por isso a avó de Aline mandou Piu para o quintal.

Quando havia festas havia festa Piu chegava a bicar todas os convidados, depois de algum tempo a sua avó mandou matar o galo, a princípio, Aline gostava muito de Piu, por isso

tentou correr com ele, mas não deu muito certo. Seu tio tomou o galo de suas mãos e levou para sua avó e ela o matou e o cozinhou, claro que Aline não comeu, na verdade, passou dias chorando, só parou quando ganhou um cachorro, ao que deu o nome de Piu em homenagem ao galo.

A12M-C2

A Historia dos cachorros

Um certo dia calmo e lendo na cidade, mas tinha um animal que não estava feliz era cachorro de rua e o coitado Não tinha Ninguem pra cuidar dele.

Na Sexta-feira de Noite e um certo dono estava passando com seu cachorro Pitú, raça pit Bully, e foi ensina (...)

E Nasim quando estava passeando e o vira-lata passo Na frente do pitu e de saio correndo e Nasim chamo pitú e ele Não obdeceu. Nasim correu atras do Seu cachorro e pego

-Nasim falo Pitu Nunca mais vou Sair cim você E o vira-lata passou Na frente da casa de Nasim e pitu toro a corrente pulo o muro e correu atraz do vira lata correu um rua todinha e o vira-lata começou a grita comedo.

E o pitu era veloz e pego o vira-lata e começou a matar e Nasim pego um pal e matou o Seu cachorro pra Salva o vira lata.

E você que estar lendo não crie cachorro pra matar mais Sim pra dar carinho e amor.

A13M-C2

A MORTE DO CACHORRO

UM CERTO DIA, EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE, EU O CHAMAVA DE SHAWLIN. ERA O MEU MELHOR CACHORROS EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RÁPIDO PULAVA EM CIMA DE MIM E ME DERRUBAVA. NESSE TEMPOS EU TINHA UM ÁLBUM DO JUSTIN BIEBER.

CERTO DIA, EU FUI PARA A ESCOLA E ELE FICOU SOLTO, O MEU TIO CHEGOU E FOI COLOCAR O CARRO PARA DENTRO.

JÁ MAIS TARDE EU TINHA VOLTADO DA ESCOLA, QUANDO ELE ABRIU O PORTÃO, O CACHORRO SAIU, ELE ATRAVESSOU A RUA. NESTA EPOCA EU TINHA ENTRE 5 A 6 ANOS DE IDADE.

EU O CHAMAVA MUITO PARA ELE VOLTAR, E ELE NÃO VOLTAVA, DAI ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS ELE RESOLVEU ATRAVESSAR NA MESMA HORA...! E... O ÔNIBUS O ATROPELOU!

EU OLHAVA NOS OLHOS DELE E CONSEGUIA VER O SOFRIMENTO QUE ELE SENTIA NAQUELE MOMENTO, O ÔNIBUS NÃO PAROU E FOI EMBORA.

NO MESMO DIA EU TINHA COMPRADO UM PACOTE DE FIGURINHAS E PARA MINHA SURPRESA UMA FIGURA VEIO SORTEADA E EU GANHEI UM POSTER DO JUSTIN BIEBER.

A14F-C2

Cuscuz e eu

Um dia lindo de sol, eu estava em casa e ouvi meu vizinho chegando.

-Será que ele trouxe outro aquário? Me perguntei.

Meu vizinho teve diversos bichos que você nem imagina!

Gato, pato, galinha, papagaio, tartaruga entre outros, mas o que ele o trará, era água rios.

Ouvi um latido.

-Cale a boca seu cachorro feio, trouxe você aqui para proteger minha casa. Sussurrou o vizinho.

- Será que ele vai maltratar o coitado do cachorro?

Depois de 3 horas, resolvi brincar um pouco com meus amigos.

Já estava tarde, e eu voltei para casa com muita fome.

- Ainda bem que a janta está feita.

Fui para trás da minha casa, ouvi um choro. Pulei para ver se via alguma coisa.

Pulei, pulei e nada vê, até então pulei alto e vi um filhote. Ele era branco, de início não inden-

tifiquei a raça mas ele era fofo.

Dona Carminha uma sem-

hora bastante simpática que adorava animais gritava

-Carlos, Carlos!

O vizinho apareceu eles discutiram. Só ouvi quando Dona Carminha disse que ligaria para a polícia.

Ela veio em minha casa e conversamos.

-Vamos ligar para a polícia, isto não pode acontecer.

-Sim, vamos ligar. Respondi Ela ligou para a polícia e eles prenderam o vizinho.

De início eles iam dar o cachorro a ela mas ela sugeriu me dar.

Pulei de Alegria, seu nome era Cuzcuz.

Temos, desta maneira, a presença das macroposições em C2:

ENTRADA-PREFÁCIO – Aparece em apenas uma crônica.

SITUAÇÃO INICIAL – Aparece 100% das crônicas.

NÓ DESENCADEADOR – Aparece 100% das crônicas.

RE-AÇÃO OU AVALIAÇÃO - Aparece 100% das crônicas.

DESENLACE - Aparece 100% das crônicas.

SITUAÇÃO FINAL - Aparece em mais de 85% das crônicas.

ENCERRAMENTO OU AVALIAÇÃO FINAL - Aparece em mais de 64% das crônicas.

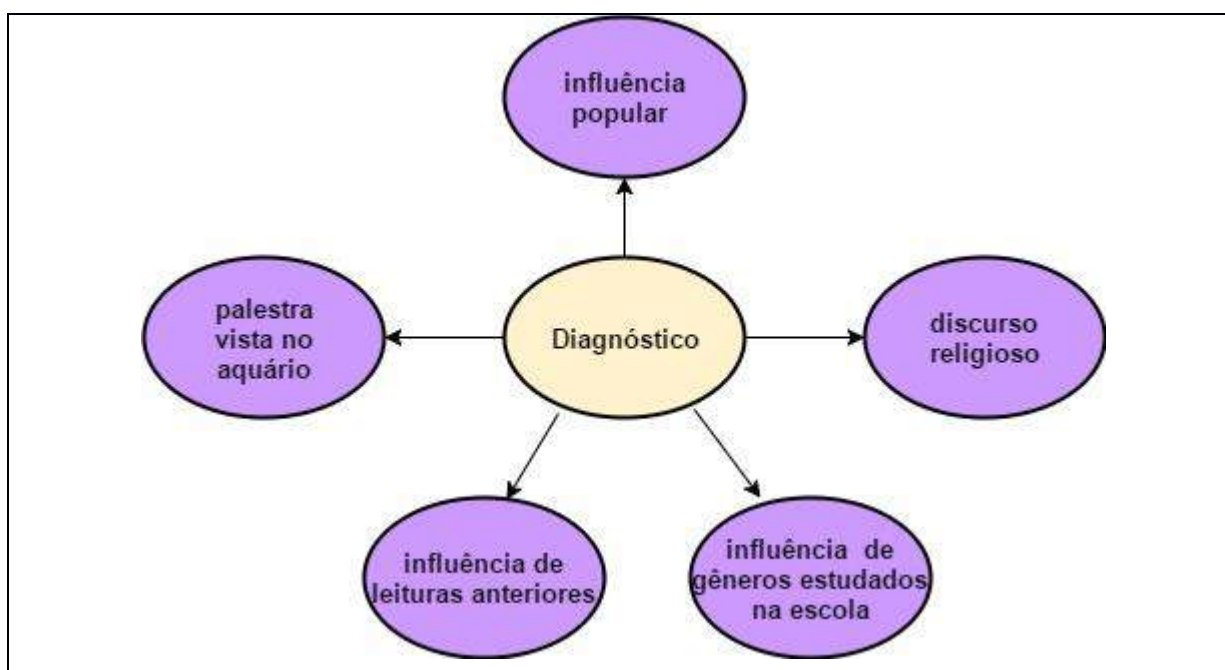
Vemos que as cinco macroposições essenciais à narrativa aparecem na maioria das crônicas C2. Podemos dizer que houve um deslocamento em direção à escrituralidade, já que no diagnóstico não é possível identificar essas macroposições na maior parte dos textos produzidos.

4.3 TRADIÇÕES INTERTEXTUAIS E INTERDISCURSIVAS

Veremos aqui as tradições intertextuais e interdiscursivas que influenciam a escrita dos alunos.

No diagnóstico podemos identificar a presença de diferentes discursos nos textos produzidos:

FIGURA 14: Diferentes discursos em D.



Fonte: Dados da pesquisa.

INFLUÊNCIA POPULAR

A02F- bem, não tem o que falar do aquário, vale a pena ver.

A07M- vi coisa que nunca tinha visto, ...foi massa demais

A08F-na hora de ver o...

Observando os casos de influência popular no D, podemos ver o exemplo de A02F, que utiliza um modo de falar bem típico da nossa região quando se encontra alguém muito bom ou algo de ótima qualidade, sem defeitos, se diz “não tenho o que falar de fulano ou de coisa tal”, o aluno usa essa expressão para dizer que o aquário é um lugar muito bom, de que ele não teria nenhuma crítica, nada de mal a declarar. Esse mesmo aluno utiliza ainda a expressão “vale a pena”, muito comum, no Brasil, de forma geral. Vale pagar o preço, vale superar as dificuldades, os empecilhos e ir até o aquário.

O aluno A07M afirma que “viu coisa que nunca tinha visto”. Essa é uma expressão também utilizada com o intuito de demonstrar que foi surpreendido pelo que viu. também utiliza “foi massa demais” expressão bem popular para explicitar que foi muito bom. Além disso o estudante A08F, utiliza a expressão “na hora de”, muito comum na fala popular para expressar o momento apropriado ou exato para algo ocorrer. Essa expressão é típica da oralidade.

PALESTRA VISTA NO AQUÁRIO E INFORMAÇÕES DO GUIA DE VISITA

A01M- teve uma palestra que mostrou o que os homes faziam, animais aquáticos, hipopótamo, macacos, cobras, jacaré, cavalos marinhos, ouriço,

A03F-noauario ouvimos uma palestra sobre os animais. As pessoas estão destruindo o planeta, poluindo ao lago e o mar.

A04F – depois fomos para uma sala com um instrutor que falou sobre o aquário.

A05F – e vimos um vídeo que mostrou o trafico de barbatano de tubarão.

A07M- eu aprendi que se você apagar a luz quando sai do quarto você ajuda o meio ambiente.

A12M- eu fazia e agora não fazos mais por que o que eu fazia poluía o meio ambiente como deichar a torneira pingando, gastava água agora eu não deicho,e como deixar a luz ligada por muito tempo.

A14F- Também tive a palestra que falava sobre como tratar os animais.

Os exemplos acima remetem diretamente à palestra assistida no início da visita. Alguns registram o fato de terem assistido à palestra, outros mencionam o que aprenderam com tudo que ouviram.

INFLUÊNCIA DE DISCURSO RELIGIOSO

A02F – isso é tudo criação de Deus e você fica admirado...

E possível notar a presença do discurso religioso, no exemplo acima, que demonstra uma vivencia religiosa dessa aluna aplicada a sua experiência na visita ao aquário, que se reflete na hora da escrita.

INFLUÊNCIA DE LEITURAS ANTERIORES

A palavra hábitat, previamente estudada em ciências, na escola, aparece em vários relatos em D.

A03F –eles fica um recuperação depois que se recupera umas fica no aquário outras vai pra seu apitat natural.

A07M – conhecer os abitates dos animais.

A09M – e muito bom as habitates deles era muito bem cuidados.

A10M – e os Habitates deles são muito grandes.

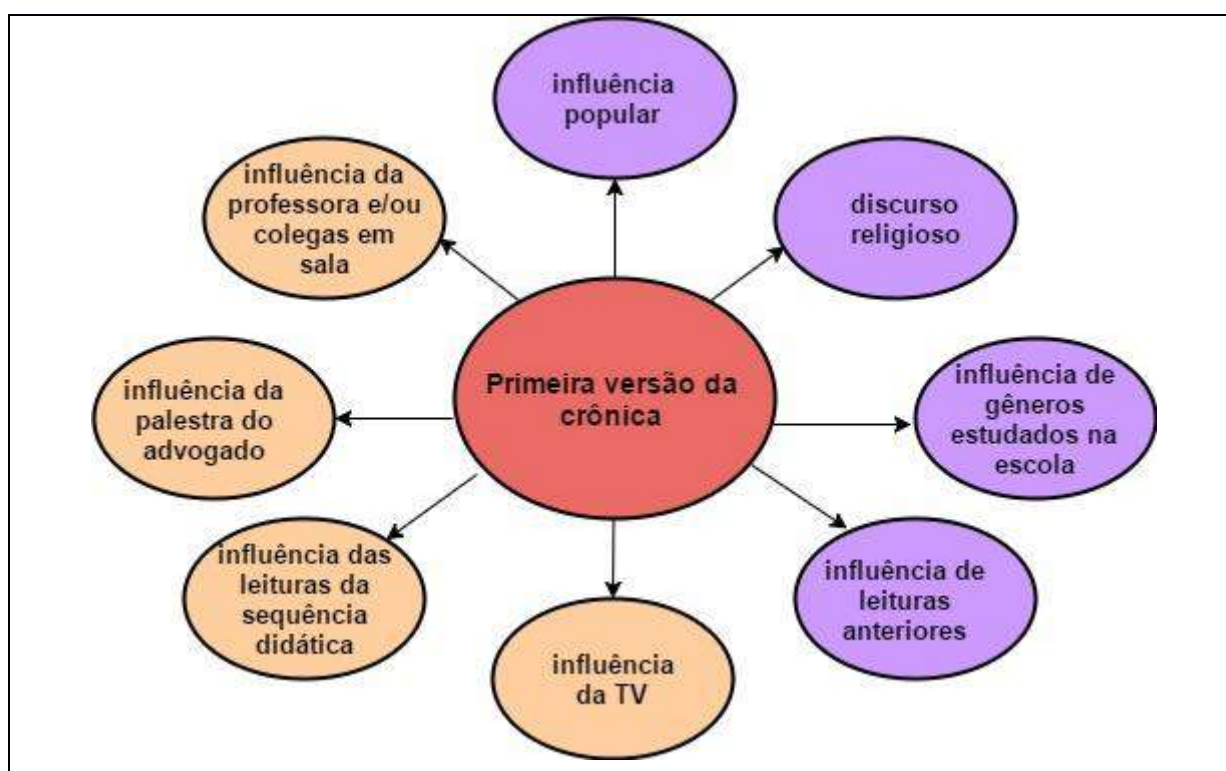
Essa palavra, não é utilizada no cotidiano dos alunos, mas faz parte da vida escolar e de leituras feitas anteriormente, mais especificamente nas aulas de ciências.

INFLUÊNCIA DE GÊNEROS ESTUDADOS NA ESCOLA

Nessa produção D, podemos notar que há presença do título em 13 produções. Podemos dizer que este é um reflexo dos gêneros textuais que o aluno já estudou, leu e/ou escreveu na escola, que lhe remetem a necessidade de intitular o texto. Apenas um aluno não escolheu um título para o seu relato.

Na primeira versão da crônica C1, podemos identificar a presença outros diferentes discursos nos textos produzidos:

FIGURA 15: Diferentes discursos em C1.



Fonte: Dados da pesquisa.

INFLUÊNCIA POPULAR

Em C1, a influência popular pode ser notada em expressões como: em A01M - “babar a gata, ...eu cuidei da gata como se fosse uma rainha”, que são formas popularmente

conhecidas de dizer que se dá atenção demasiada a algo ou alguém e com todas as regalias que uma pessoa com o título de rainha recebe. Esse influência permanece em C2. Outras expressões populares também aparecem nos textos, como: o dia mais feliz da minha vida, parece que eu estava adivinhando.

INFLUÊNCIA DO DISCURSO RELIGIOSO

Em C1, a influência do discurso religioso não aparece, mas é retomado em C2 por A02F em “graças ao nosso bom Deus, os probleminhas da minha vidinha foram resolvidos”.

INFLUÊNCIA DE GÊNEROS TEXTUAIS ESTUDADOS NA ESCOLA

Podemos notar a influência dos contos de fada, pelo uso da expressão era uma vez, por A12M. Também referencia a lição ou moral, aprendida nas fábulas em A02F “então nunca devemos nos vingar das pessoas com a defesa dos animais” Essa influência da fabula se expande em C2, aparecendo em outros textos como: A01M, A06F e A12M.

INFLUÊNCIA DE LEITURAS ANTERIORES

Podemos notar uma possível influência do conto “Die Bremer Stadtmusikanten”, dos Irmãos Grimm, em português muito difundido em livros infantis em versões intituladas como Os músicos de Bremem, que retrata a amizade entre animais que são maltratados e decidem fugir. Em A04F, um cavalo conta a sua história de vida e de como a amizade influenciou em uma vida feliz apesar de todo o sofrimento provocado por seus donos até a sua morte.

INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO

Vemos em A02F uma série de elementos da novela “Cúmplices de um resgate” exibida pela emissora de canal aberto SBT – Sistema Brasileiro de Televisão. A novela era voltada para crianças e adolescentes e ganhou grande audiência desse público, em 2015 e 2016. Nessa produção textual vemos vários elementos oriundos da novela, como o nome das personagens, os fatos ocorridos em um dos capítulos da trama⁴. Essa influência continua em C2.

INFLUÊNCIA LEITURAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nas crônicas C1, do aluno A11M aparece o evento festa de aniversário e o animal pintinho, como na crônica lida em sala, no módulo de leitura “O pintinho”. Em C2, essa influência continua e é acrescida da leitura feita “A história de Pio”, também sendo notada em A05F, com a fórmula “acabou-se a história do cachorro”, como na crônica lida “História de Tuim”.

INFLUÊNCIA DA PALESTRA DO ADVOGADO

Em C1, vemos os seguintes casos em que é perceptível a influência da palestra dada pelo advogado em uma aula:

A04F- Só que quando eu cresci a minha vida não era bem, um conto de fadas, eu fui usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte doía, toda vez que eu fui chicoti-t

ádo ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar íso.

A05F- um carro como furacão na rua dezer-

ta comi as ultimas batidas de seu coração o cachorro se despediu

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata,

A10M- O Amigo do menino ficou muito chatiado e ligou Pro DePremo Denu-
Ciando...

⁴Capítulo exibido em 02/11/2015. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=YY8GYgHKC-s>

A14F- Chamou a Policia eles a prenderam o vizinho,

Em C2, também podemos verificar a influência da palestra proferida pelo advogado em sala de aula:

A04F - eu fui usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte dóia, toda vez que eu fui chicoti-t

ádo ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar íso.

A08F- Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por-
que ela aranhou o meu Primo,

A10M- E o amigo desse menino ficou muito chateado e falou com ele que não pode maltratar os animais por que crime, mas ele entendeu e nunca mais ele fez isso com o cachorro.

A14F--Vamos ligar para a polícia, isto não pode acontecer.

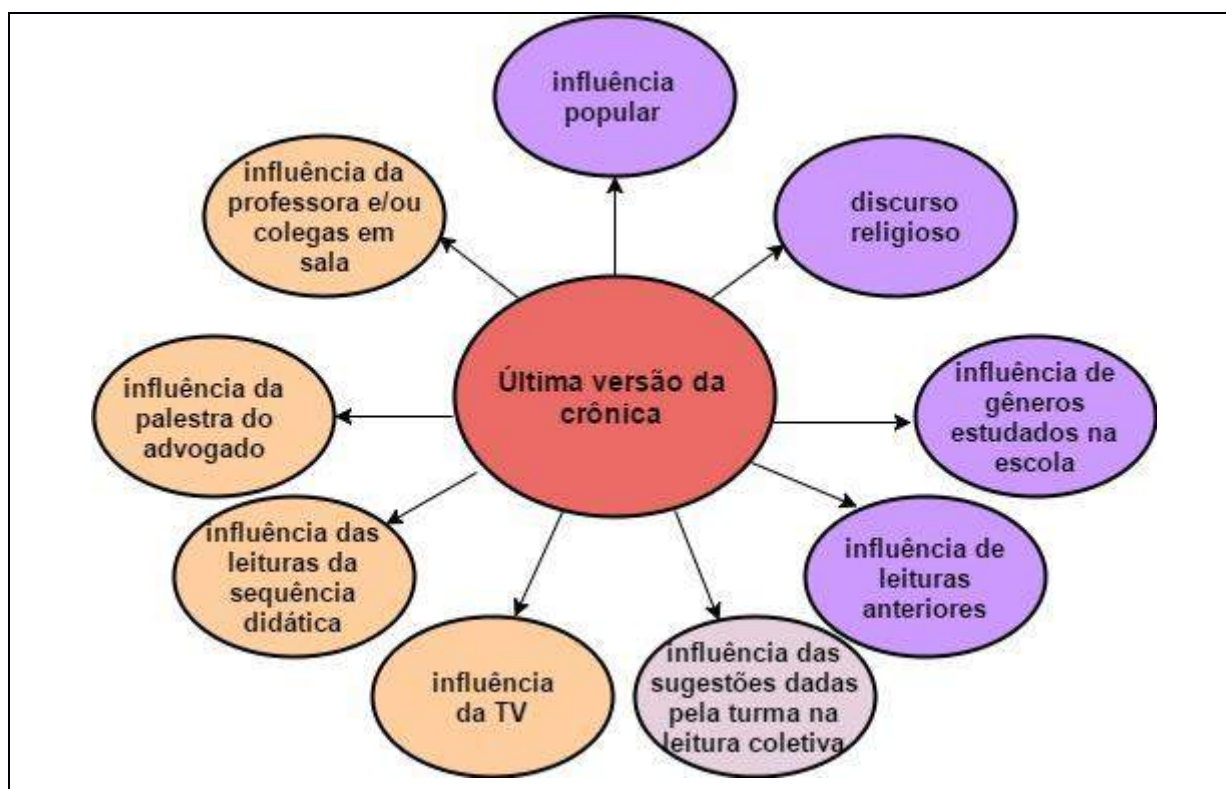
-Sim, vamos ligar. Respondi Ela ligou para a policia e eles prenderam o vizinho.

INFLUÊNCIA DO DISCURSO DA PROFESSORA E/OU COLEGAS EM SALA

Nas crônicasC1, e C2 do aluno A11M aparece o animal pintinho, como no relato oral da professora em sala de aula. No momento em que a turma fala sobre bichos de estimação, a professora conta que ganhou um pintinho e o criou como bicho de estimação. Mas quando adulto o bicho foi morto por seu avô, por pedido de sua mãe, que já não suportava as peripécias do galo. Em C2, essa influência continua e é notada também em A 08F, A14F, com a mudança do título.

Em C2 os discursos de C1 se mantêm, com o acréscimo das sugestões que foram dadas durante aula no momento de leitura coletiva dos textos produzidos:

FIGURA 16: DIFERENTES DISCURSOS EM C2.

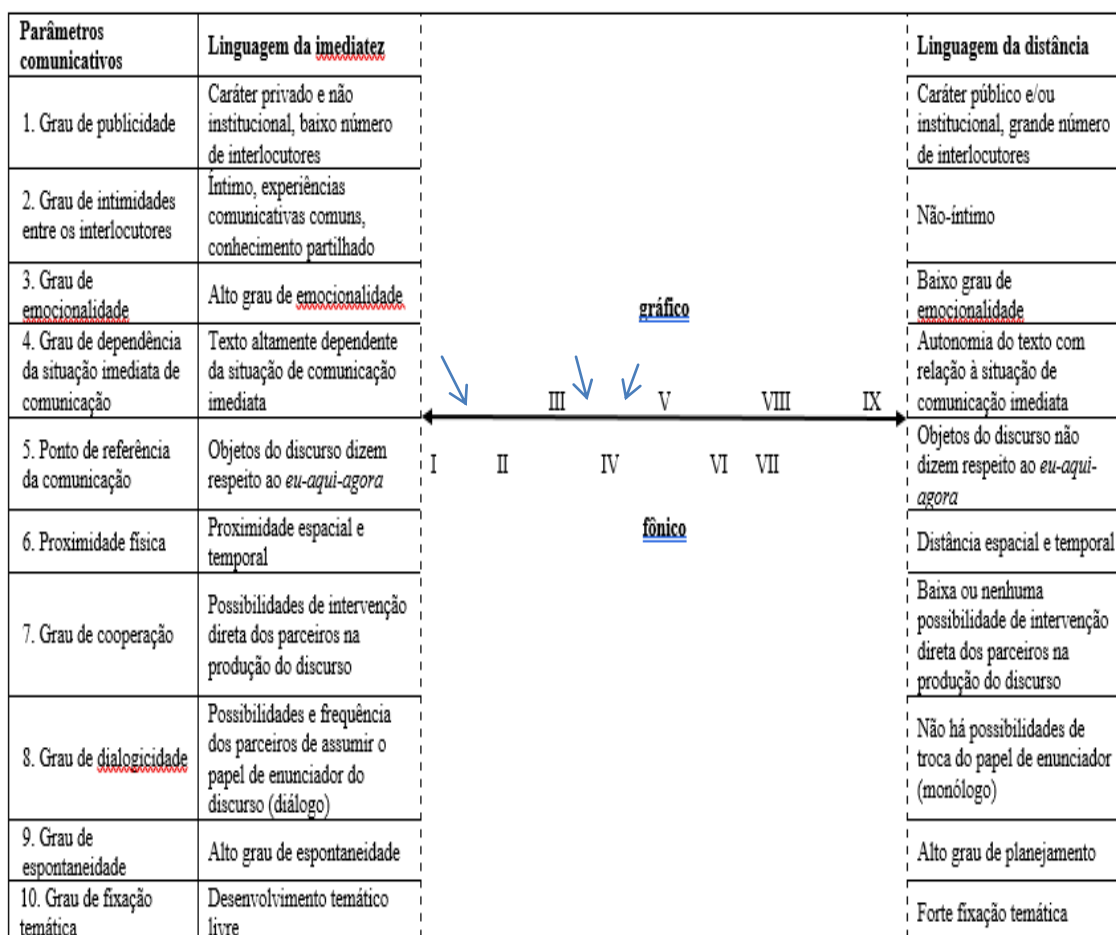


Fonte: Dados da pesquisa.

Diante do que vimos até aqui, nos baseamos no quadro abaixo (Koch/Oesterreicher 2011 [1990]: 7-13; 34; Koch/Oesterreicher 2007: 26-34; Barne 2012: Castilho da Costa 2017) para marcar a evidenciado deslocamento da produção textual dos alunos, da oralidade para a escrituralidade, no contínuo.

Perante o que observamos nas produções dos alunos, podemos dispor as três etapas de escrita em três diferentes pontos do contínuo, como exposto no gráfico abaixo:

GRÁFICO 8: Disposição das cônicas produzidas pelos alunos em relação à linguagem da imediatez e a linguagem da distância.



FONTE: Parâmetros comunicativos da imediatez e distância comunicativa (Koch/Oesterreicher 2011 [1990]: 7-13; 34; Koch/Oesterreicher 2007: 26-34; Barne 2012; Castilho da Costa 2017)

As setas azuis foram inseridas no gráfico para indicar o deslocamento da produção dos alunos ao longo da pesquisa. A primeira seta indica D, produzido pelos alunos após a visita ao aquário. A segunda seta indica C1, que já busca a pretensão de um número maior de interlocutores e C2 é representado pela terceira seta, que indica um deslocamento maior em direção a escrituralidade.

1. Em D, os relatos são caracterizados pelos sinais próprios da imediatez. O texto foi produzido tendo em vista os colegas a professora como interlocutor, sem grandes preocupações com a publicidade, diferente de C1, que já busca a pretensão de um número maior de interlocutores, seguido por C2, que indica um deslocamento ainda

maior em direção a escrituralidade e com isso uma publicidade maior, visto que se tratavam de textos para publicação além da sala de aula, além da escola.

2. A respeito do grau de intimidade, podemos dizer que também diminuiu, gradativamente em D, C1 e C2, mas ainda aparece, visto que as crônicas ainda mantêm um certo grau de conversa com o leitor e vocabulário informal.

3. Podemos dizer que o grau de emocionalidade diminuiu muito pouco, em relação a D e C2, pois ainda carregam grande conteúdo emocional e palavras e expressões ligadas aos domínios semânticos ligados aos sentimentos.

4. Sobre o grau de dependência, vemos que C2, apresenta um maior grau de dependência da situação de comunicação imediata, pois apresenta mais características da escrituralidade, que permitem ao interlocutor compreender sem explicações adicionais do locutor.

5. Em relação ao ponto de referência, também podemos dizer que os textos se tornaram mais próximos a linguagem da distância, a que o objeto do discurso, nas crônicas, não dizem respeito ao aqui e agora.

6. Outro sinal de escrituralidade presente em C2 é a distância espacial e temporal dos interlocutores, não havendo proximidade física. A crônica pode ser lida até mesmo em épocas diferente da que foi escrita, e ainda assim, será compreendida.

7. Também podemos dizer que houve uma movimentação em direção à escrituralidade quando olhamos para o grau de cooperação. Em C2, os alunos produziram textos mais independentes da cooperação com os parceiros, apesar de ainda existir um movimento de conversa com o leitor, como uma característica do gênero textual crônica, mas que não admite uma intervenção do interlocutor, e sim um envolvimento com o assunto tratado, a que o cotidiano está presente nas crônicas.

8. Quanto ao grau de dialogicidade, nas crônicas também é baixo, o que aponta para a escrituralidade, já que não há como trocar de papéis. O leitor pode até levar adiante o assunto tratado na crônica, pois o gênero pode levar a uma reflexão a respeito do assunto, contudo, não há troca de papéis.

9. O grau de espontaneidade também é baixo na produção dos alunos em C2, pois houve um planejamento para a produção das crônicas, que pode ser notado através da comparação com as versões anteriores.

10. Por, ultimo, podemos observar que o grau de fixação temática também é alto, já que temos um assunto escolhido anteriormente, que permeia todas as crônicas: o cuidado com os animais.

De acordo com o quadro exposto por Sardinha (2014, p. 248), a crônica brasileira encontra-se bem no meio desse contínuo de oralidade e escrituralidade, o que nos mostra que a produção dos alunos se aproxima de uma condição típica do comportamento desse gênero textual no Brasil.

Portanto, podemos dizer que houve um deslocamento considerável da oralidade para a escrituralidade, nas produções textuais dos alunos que participaram desse processo de fala, leitura e escrita, levando-os para uma produção escrita com mais propriedades da escrituralidade, em relação ao gênero textual crônica.

Além disso, de maneira geral, podemos dizer que todos alcançaram mais propriedade para escrever com mais características da escrituralidade, visto que além do que já foi visto aqui, podemos citar que houve também maior aprofundamento no uso da variedade padrão da língua, que se apontado pelas escolhas lexicais, em relação à acentuação, pontuação, ortografia, paragrafação, uso do discurso direto e indireto e outros recursos que foram assimilados ao longo do processo, ampliando o poder de escrita desses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou investigar como os alunos lidam com a transposição do gênero crônica no contínuo em que se encontram oralidade e escrituralidade analisando a presença dos parâmetros de comunicação propostos por Koch/Oesterreicher (1999/2007).

Procuramos desenvolver este estudo, ancorando-nos na perspectiva de linguagem disposta por Coseriu (1987) e observando o posicionamento teórico assumido pelos estudos de Tradições Discursivas, observando os parâmetros comunicativos dispostos por Koch/Oesterreicher (1999/2007).

Este estudo também procurou pautar-se pelas diretrizes de Dolz e Schineuly (2004), para o desenvolvimento e aplicação de uma sequência didática oferecendo ferramentas necessárias para uma compreensão do gênero produzido, bem como suas especificidades em situações reais de comunicação e suas características, tanto na oralidade como na escrita.

De maneira geral, esta pesquisa procurou contribuir de maneira significativa para o estudo de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da educação brasileira e para a formação de não apenas alunos, mas leitores e cidadãos, capazes de usar a linguagem apropriada a cada situação de comunicação real com que se depararem.

Para isso, procuramos responder as questões seguintes:

- Por que os alunos do 8º ano A do Ensino Fundamental, da escola em estudo apresentam dificuldades para realizar a transposição do texto oral para o escrito na produção do gênero textual crônica?

Constatamos que isso ocorria porque os alunos não tinham a percepção das especificidades que existem na oralidade e na escrituralidade, nem viam a necessidade de observar todo o contexto da situação de comunicação para, então, selecionar um gênero mais adequado para cada situação, sendo necessária a utilização de diferentes gêneros da oralidade e da escrituralidade, de acordo com a situação de comunicação.

● Como estudar a fala e escrita nas aulas de Língua Portuguesa nesta turma de 8º ano do Ensino Fundamental considerando que são modalidades diferentes da língua, mas não opostas?

Neste trabalho, verificamos que é possível estudar a fala e a escrita nas aulas de Língua Portuguesa como modalidades diferentes da língua, mas não opostas, por meio de sequência didática envolvendo diversas atividades da oralidade e escrituralidade, a fim de levar os alunos a uma produção oral e escrita através das situações do cotidiano, da realidade da comunidade e das relações humanas, especificamente na escrita do gênero textual crônica.

● Como escrever crônicas utilizando os elementos necessários à escrita, considerando os parâmetros de comunicação que caracterizam a concepção discursiva do gênero textual crônica no contínuo de oralidade e escrituralidade.

Os alunos puderam escrever crônicas inspiradas em situações do cotidiano, que se aproximam das concepções orais, mas que apresentam características próprias da escrituralidade, se observadas no contínuo de oralidade e escrituralidade.

Esta pesquisa promoveu um estudo que investigou e analisou como os alunos realizam a transposição de textos da modalidade oral para a escrita, considerando os parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (2007). Esse estudo foi desenvolvido dentro de uma perspectiva de Tensões Discursivas e abordou o problema a partir da leitura e produção de crônicas, a partir da temática “o cuidado com os animais” definida em conformidade com os próprios alunos em sala de aula, a partir da realidade vivida pela comunidade em que a escola está inserida.

Este trabalho analisou se os alunos da escola em estudo conseguem realizar a transposição da oralidade para a escrituralidade, ou seja, se eles conseguem realizar deslocamentos textuais, da oralidade para a escrita, na produção do gênero *crônica*. Linguisticamente, este trabalho localizou as produções dos alunos no contínuo entre oralidade e escrituralidade, utilizando os parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (2007).

Ao final desse trabalho, compreendemos que todo o processo foi significativo na vida escolar dos alunos, mas também na vida, de modo geral, pois todos os que participaram, puderam desenvolver suas possibilidades uso da língua, tanto na oralidade como na escrituralidade, mas também foram desafiados a construir um pensamento crítico a respeito da

realidade que nos cerca e também a refletir se as práticas que o ser humano tem adotado para com os animais têm sido adequadas ao que eles representam na natureza, que é essencial para a manutenção da vida humana. Como produto do trabalho desenvolvido com os alunos, temos um livro contendo 30 crônicas escritas por eles, além de um vídeo produzido, coletivamente, pela turma, a partir da versão coletiva de uma das crônicas.

Esperamos também que este trabalho possa contribuir para melhoria nas condições de trabalho de muitos professores que lecionam no Ensino Fundamental, dando um suporte para o estudo do gênero textual crônica, por meio de sequência didática. Para isso formulamos um guia para auxiliar o professor que deseje trabalhar a crônica dentro da perspectiva abordada aqui. O guia foi elaborado com a indicação teórica adotada durante a pesquisa e apresenta o estudo do gênero “crônica” com o uso da sequência didática, trazendo para o professor uma seleção de textos, materiais e exercícios que podem ser utilizados e adaptados para a realidade de seus alunos.

Ao final da pesquisa podemos afirmar que, além de promover uma melhoria notável nas condições de leitura e escrita dos alunos participantes, todo o processo nos ensinou a crescer como professor e ajudou os alunos, a escola e a comunidade a se envolver com a sua realidade social. Vimos a participação de cada um, compreendendo a realidade da comunidade e desenvolvendo ações que visaram transformar a realidade da comunidade em relação ao trato com os animais, além de promover o desenvolvimento de uma postura consciente e cidadã em cada aluno que participou do processo, conforme vimos nos próprios textos produzidos.

Toda a pesquisa foi um processo árduo, mas que nos trouxe muita transformação e aprendizado. Foram momentos de trabalho e luta, mas também de nascimento e criação através do uso de nossa língua. Esperamos que através da ação criadora da linguagem, possamos falar e escrever momentos novos, sabendo que somos seres históricos, que fazemos parte de um povo, de uma cultura, que crescemos aprendendo uma língua, língua que poderemos utilizar para cada dia mais ser parte da história, da nossa história, do nosso povo, do nosso falar, do nosso escrever. Que possamos marcar a nossa história, com momentos únicos de criação na linguagem que possam, quem sabe, permear a fala e a escrita dos que virão depois de nós, com jeitos de dizer e de falar, com tradições discursivas que sirvam para enriquecer os corações de muitos que virão a nossa frente e viverão a vida no seio de nossa Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. **Como ler um livro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- ANDRADE, C. D. et al. **Para gostar de ler: crônicas**. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1980.
- ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGATTO, A. M.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto teláris**: português. 8º ano. Ensino fundamental 2. 2 ed. São Paulo: Ática, 2015. P.57 e 62.
- CÂNDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COSTA, Cibele L. [et al]. **Para viver juntos**: português, 7º ano: anos finais: ensino fundamental. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015. p. 84 e 86.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTILHO DA COSTA, Alessandra Ferreira. **Níveis de Integração Sintática da Junção: a Expressão de Contra-Causa Em Cartas de Câmara Cascudo**. Revista da ABRALIN, v.14, n.3, p. 55-88, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://sigaa.ufrn.br/sigaa/verProducao?idProducao=3874092&key..> Acesso em 04, de março de 2017.
- _____. Spoken vs. Written Language. In: **Manual of brasilian Portuguese linguistics**. (*no prelo*). ISBN 978-3-11-040595-8
- CASTILHO DA COSTA; Alessandra Ferreira; SIMÕES, José da Silva. **Transposição da oralidade à escrituralidade na tradução: edição crítica da Textlinguistik de Eugenio Coseriu em português**. São Paulo; Pandaemonium , v. 18, n. 26, Dez. /2015, pp 158-187. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-88372015000200009&script=sci_abstract&tlng=pt
- COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- _____. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- _____. **Linguística del texto**: introducción a la hermenêutica del sentido. Tradução e comentários de Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco Libros, 2007.

DOLZ, Joaquim e SCHINEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GASZTOLD, Carmen Bernos. **Oração do passarinho**. Disponível em: <http://omundomagicodostextos.blogspot.com.br/2013/06/oracao-do-passarinho-bernos-de-gasztold.html>. Acesso em dezembro de 2015.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRIMM, Irmãos et al. **A linguagem dos animais**, contos e crônicas sobre bichos. São Paulo: Boa Companhia, 2012.

KABATEK, J. **Tradição discursiva e gênero**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 579-588. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from

SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Disponível em: books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-42.pdf. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

KABATEK, J. **Tradições discursivas e mudança linguística**. Tradução de José da Silva Simões. (2004). Disponível em: www.romling.uni-tuebingen.de/discurso/itaparica.pdf. Acesso em: 04 de outubro de 2016. [Acesso em: 04/10/2016].

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever** estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Piter; OESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada em la Romania**: Español, Francés, Italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

_____. **Linguagem da imediatez – linguagem da distância**: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua/ language of immediacy – language of distance: orality and literacy from the perspective of language theory and linguistic history. Versão para o português: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. Disponível em: www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/55677/60935. Acesso em: 17 de maio de 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, A. P et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCN's. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

SÁ, Jorge. **A crônica**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

SARDINHA, T. B. , KAUFFMANN, C. e ACUNZO, C. M. **A multi-dimensional analysis of register variation in Brazilian Portuguese.** *Corpora*, Volume 9 Issue 2, Page 239-271, ISSN 1749-5032 Available Online Nov 2014

(DOI: <http://dx.doi.org/10.3366/cor.2014.0059>)

SESAP contabilizou 73 casos de leishmaniose visceral (Calazar) no RN em 2015. Disponível em: <http://www.chaguinha.com.br/noticias/rio-grande-do-norte/sesap-contabilizou-73-casos-de-leishmaniose-visceral-calazar-no-rn-em-2015>. Acesso em 05.05.2017.

WILLIAMSON, G. **Type-Token Ratio. Speeak Therapy Information and Resources – STIR.** 2009 apud Scherer, Sabrina e Souza, Ana Paula, Ramos de. Types e tokens na aquisição típica de linguagem por sujeitos de 18 a 32 meses falantes.do português brasileiro. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n5/69-10.pdf>. [acesso em 8 de abril de 2017]

Williamson, G. **Type-Token Ratio. Speeak Therapy Information and Resources –STIR.** 2009.Disponível em:<http://www.sltinfo.com/wp-content/uploads/2014/01/type-token-ratio.pdf>. [acesso em 08 de abril de 2017].

ZAVAN, A. & ARAÚJO, N. **Gêneros escritos e ensino.** In: PONTES, A. L. & COSTA, M. A. R. *Ensino de língua materna na perspectiva do Discurso: uma contribuição para o professor.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. p. 7-32

APÊNDICE

APÊNDICE A – PLANOS DE AULA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 01 (1/2) AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Mostrar como muitos animais são maltratados e como isso, de acordo com as leis brasileiras constitui-se crime. Constatar a necessidade de conscientizar a população para o respeito e o cuidado com os animais.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>Levantar o conhecimento prévio do aluno.</p> <p>Inteirar o aluno sobre o tema que será abordado na primeira produção textual.</p> <p>Observar situações de animais que sofreram maus tratos assistindo vídeos.</p> <p>Conhecer leis que existem no Brasil para a proteção dos animais.</p> <p>Conhecer as ações que podem ser feitas para proteger os animais em situação de maus tratos.</p>
	<p>AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS</p> <p style="text-align: right;">TEMPO 50 min. (')</p>
1.	Cumprimentar a turma.
2.	Observar situações de animais que sofreram maus tratos assistindo um vídeo e comentar.
	<p>Vídeo</p> <p>Mudando destinos para quem ama animais</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=eq-ElXn_rw0</p> <p>Conhecer as leis que existem no Brasil para a proteção dos animais e conhecer as ações que podem ser feitas para proteger os animais em situação de maus tratos (ouvir um advogado convidado para falar sobre o assunto).</p> <p>Fazer perguntas ao convidado.</p>
3.	Discutir sobre a situação dos animais na comunidade local e no país.
	<p>Questionar os alunos a respeito do assunto, utilizando a folha de atividade, com as seguintes perguntas:</p>
4.	1. Você já presenciou algum fato em que um animal foi maltratado?
5.	2. O que você sentiu a respeito disso?
6.	3. O que aconteceu ao animal? E ao agressor?
	O que você poderia fazer para ajudar a mudar/ resolver essa situação?

AULA 02 (2/2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Conhecer especificamente o gênero textual “crônica”, seus elementos constitutivos e as situações de comunicação em que ele é utilizado. Objetivos específicos: Compreender a função social de uma crônica. Perceber as características gerais do gênero textual crônica. Ler uma crônica observando as características do gênero.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Ler a crônica “A verdadeira história de Pio”.	10’		FRONTAL
2.	Desenvolver uma atividade de compreensão de vocabulário (algumas palavras do texto serão lançadas, uma a uma, para que os grupos procurem o seu significado no dicionário e o anotem no quadro. O grupo que conseguir encontrar mais palavras vence a competição). As palavras encontradas servirão para ampliar a compreensão da crônica lida.	10’	Projetor Dicionários Pincel para quadro branco Quadro branco	EM GRUPOS DE 4 ALUNOS
3.	Ver como o gênero textual “crônica” se constitui na modalidade escrita da língua (Observação de um quadro com características essenciais da crônica).	8’	Quadro com características constitutivas do gênero crônica	
4.	Fazer uma atividade de compreensão da crônica através de um exercício em que os alunos deverão identificar as sentenças como certas ou erradas em relação a crônica lida.	8’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
5.	Assistir a dois vídeos sobre o gênero textual “crônica”. Animação sobre a crônica Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3ryQoO8Qjzs O que é uma crônica?(entrevista) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I1o7ktZLiYQ	10’	Projetor	
	Entregar e explicar a atividade para casa. (3 min.) Organizar a sala.		Folha de atividade para casa.	
6.		2’		
7.		2’		

AULA 03 1/2 AULAS EM BLOCO	Objetivo: Observar a expressão dos sentimentos na crônica, a subjetividade e o envolvimento com o texto. Observar o envolvimento do texto com o leitor (diálogo com o leitor, marcas de oralidade intencionais no texto) Entender como empregar as figuras de linguagem na construção da crônica e na expressão do sentimento.				
	Objetivos específicos: Compreender como o gênero “crônica” apresenta expressão de sentimentos, e é marcado pelo envolvimento e subjetividade. Conhecer a sequência narrativa. Perceber a presença de marcadores de tempo e espaço. Perceber o uso intencional de marcas de oralidade no texto escrito. Conhecer algumas figuras de linguagem (metáfora, comparação, hipérbole)				
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA	
	1. 2. 3. 4.	Cumprimentar a turma. Corrigir a atividade de casa. Ler a crônica: Macacos me mordam	2’ 5’ 23’ 10’	 Pincel para quadro branco Quadro branco Projetor	FRONTAL
	5.	Discutir sobre os sentimentos que estão expressos no texto: sequência narrativa, marcação de tempo e espaço, uso de figuras de linguagem, envolvimento com o texto e com o leitor, marcas de oralidade (exposição teórica).	10’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
	6	Atividade: Observar os sentimentos presentes no texto, perceptíveis ao leitor através de palavras e expressões que revelem sentimentos e emoções/ tempo e espaço.	8’	Folha de atividade para casa	
	7.	Explicar a atividade para casa. (3 min.)	12’		

AULA 04 (2/2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Observar a presença do parágrafo narrativo no desenvolvimento da crônica, bem como a utilização do discurso direto ou indireto na construção do texto. Identificar o uso de “verbos de dizer” no gênero em estudo, observando as intenções na escolha e usos de determinados verbos. Objetivos específicos: Diferenciar discurso direto e indireto. Observar o uso dos verbos de dizer. Perceber as intenções que levam à escolha dessas formas verbais e sua relação com o gênero em estudo e sua finalidade.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Compreender como se dá a organização do parágrafo narrativo.	10’	Projektor	FRONTAL
2.	Saber diferenciar o discurso direto do discurso indireto e indireto livre. Perceber como é possível usar esses discursos na construção da crônica, dependendo da intenção do escritor (exposição teórica).	10’	Pincel para quadro branco Quadro branco Projektor	
3.	Assistir ao vídeo sobre o “pássaro coleiro”. Vídeo Aves do Brasil - O belo canto do Coleiro ou Coleirinha. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u974ONaKRO8	5’		
4.	Atividade: Fazer a leitura de duas crônicas observando a presença dos verbos de dizer. Circular os “verbos de dizer” presente na crônica “Conversa de compra de passarinho.	22’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	EM DUPLAS
5.	Ouvir a crônica “História triste de tuim”, depois completar os espaços com palavras que julgar adequadas.			
6.	Explicar a atividade de casa. Organizar o excerto da crônica “História triste de tuim, de acordo com a sucessão dos fatos.	2’	Folha de atividade para casa.	
	Organizar a sala.	1’		

AULA 05	<p>Objetivo:</p> <p>Conhecer como funciona o centro de zoonoses e em que circunstâncias os animais chegam até lá. Observar os cuidados que devem ser tomados para garantir a esses animais uma boa condição de vida.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>Conhecer os fins que movem a existência do Centro de Controle de Zoonoses de Natal.</p> <p>Adquirir informações relacionadas ao tema das crônicas que os alunos escreverão.</p> <p>Assistir vídeos que expliquem o funcionamento e o trabalho do centro de zoonoses em relação aos animais encaminhados para lá.</p> <p>Responder perguntas que visam identificar as impressões que os alunos tiveram a respeito dos aspectos positivos e negativos percebidos sobre o centro de controle de zoonoses e sobre as condições de vida dos animais no centro.</p> <p>Estimular o desenvolvimento da função emotiva da linguagem.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Corrigir a atividade de casa.	8'	Folha de atividade, lápis. Borracha, caneta.	
3.	Assistir a vídeos sobre o trabalho do centro e sobre organizações que cuidam de animais.	20'		
4.	<p>Vídeos:</p> <p>Conheça como funciona o trabalho do centro de zoonoses de Natal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RoRCKDwnUfQ</p> <p>Os Invisíveis - Abandono de animais - PARTE 1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Adh5U78DVto</p> <p>Os Invisíveis - Abandono de animais - PARTE 2. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t5zLMGu-Hio</p>	15'	Projektor	FRONTAL
5.	Conversar sobre a função do centro de zoonoses e responder a uma lista de perguntas (folha de atividade) que visam identificar as impressões que os alunos tiveram a respeito dos aspectos positivos e negativos percebidos, quanto as condições de vida dos animais recolhidos ali. Os alunos podem escrever no quadro suas impressões.	3'	Quadro branco e pincel.	EM DUPLAS
6.	Atividade para casa. Escrever sobre um dos vídeos assistidos, expressando os sentimentos e sensações que o aluno sentiu ao ver a situação dos animais que são recolhidos ali.	2'	Folha de atividade para casa.	
	Organização da sala.			

AULA 06 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Produzir a primeira versão da crônica.			
	Objetivos específicos: Produzir a primeira versão da crônica, utilizando o conhecimento que o aluno já tinha e o que aprendeu no módulo de leitura.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar a turma.	2'		FRONTAL
2.	Corrigir a atividade para casa.	10'	Folha de atividade para casa.	
3.	Retomar perguntas que foram feitas nas aulas anteriores para iniciar o processo de escrita da crônica.	10'	Projetor	
4.		1h e 10'		
5.	Entregar a folha para escrita da primeira versão da crônica.	3'	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
	Explicar a atividade para casa.		Folha de atividade para casa.	

AULA 07 (1/2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Retextualizar a primeira versão da crônica, organizando os parágrafos conforme a estrutura da sequência narrativa. Inserir marcadores de tempo e espaço.			
	Objetivos específicos: Retextualizar a primeira versão escrita, observando/inserindo a presença dos elementos constituintes da sequência narrativa. Definir a organização dos parágrafos.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
	1. 2. 3. 4. 5.	Cumprimentar a turma. Corrigir a atividade para casa. Ler a crônica “Do amor aos bichos” e revisar os elementos da narrativa. Retomar a produção inicial. Entregar a primeira produção com uma nova folha de atividade em que os alunos deverão estruturar os parágrafos e verificar/definir/acrescentar os elementos da narrativa em sua produção escrita, bem como marcadores de tempo e espaço.	2’ 10’ 30’ 3’	Folha de atividade para casa. Projetor Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.

AULA 08 (2/2) AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Inserir expressões que demonstrem envolvimento do autor com o texto e com o leitor.</p> <p>Inserir figuras de linguagem na construção da crônica.</p>			
	<p>Objetivos específicos:</p> <p>Acrescentar à primeira versão escrita figuras de linguagem e expressões que evidenciem sentimentos e envolvimento com o texto e com o leitor.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Observar na crônica “Do amor aos bichos” as expressões de sentimento e envolvimento do autor com o texto e com o leitor.	10’	Projetor	FRONTAL
2.	Retomar a última versão escrita da crônica inserindo figuras de linguagem e expressões que possam agregar sentimentos à crônica e demonstrações de envolvimento com o texto e com o leitor.	35’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
3.				
4.	Explicar a atividade para casa. Fazer a caracterização das personagens existentes em sua crônica.	5’	Folha de atividade para casa.	

AULA 09 (2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Realizar em conjunto correções ortográficas, de pontuação e paragrafação e estilo. Inserir elementos que ajudem na compreensão do leitor.			
	Objetivos específicos: Fazer a retextualização coletiva dos textos produzidos pelos alunos da turma. Produzir a “lista de constatações” daquilo que aprendeu nos módulos.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (*)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2.	Fazer duplas para ler os textos um do outro e dar sugestões.	15’	Folha de atividade	EM DUPLAS
3.	Retomar os textos produzidos pelos alunos no projetor para uma retextualização coletiva.	1h e 20’	Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha.	FRONTAL
4.	Fazer anotações sobre as sugestões para a retextualização final, na folha de anotações.			
5.	Explicar a atividade para casa. Construir a lista de constatações de tudo que foi aprendido.	3’	Folha de atividade para casa.	

AULA 10 (2) AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Escrever a 2ª versão da crônica.</p>			
	<p>Objetivos específicos:</p> <p>Escrever a 2ª versão, observando as características pertencentes ao gênero produzido.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Rever as folhas de atividades desenvolvidas nas aulas anteriores e ressaltar a importância delas na criação do texto final.	13'	Folhas de atividades	
3.	Retomar os textos produzidos, as anotações de sugestões e a lista de constatações e realizar a escrita final da crônica.	1h e 25'	Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 11 (2) AULAS EM BLOC0	<p>Objetivo:</p> <p>Ler a 2ª versão da crônica coletivamente.</p>			
	<p>Objetivos específicos:</p> <p>Conhecer os textos produzidos pelos colegas.</p> <p>Dar sugestões para valorizar o texto do colega.</p> <p>Anotar as sugestões e correções dadas sobre seu próprio texto.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2.		13’	Folhas de anotações	
3.	Retomar os textos produzidos, ler coletivamente, fazer as anotações de sugestões e correções.	1h e 25’	Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 12 (2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Ler a 2ª versão da crônica coletivamente.			
	Objetivos específicos: Conhecer os textos produzidos pelos colegas. Dar sugestões para valorizar o texto do colega. Anotar as sugestões e correções dadas sobre seu próprio texto.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2.		13’	Folhas de anotações	
3.	Retomar os textos produzidos, ler coletivamente, fazer as anotações de sugestões e correções.	1h e 25’	Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 13 (2) AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Reforçar a compreensão textual e identificar pontos na escrita que poderão ser fortalecidos.</p>			
	<p>Objetivos específicos:</p> <p>Conhecer o texto através da audição.</p> <p>Transcrever o texto.</p> <p>Fazer correções em sua própria transcrição, a partir da averiguação do texto escrito, original.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Ouvir a crônica	13'	Folhas de atividades	
3.	Anotar a crônica ditada, conhecer o texto escrito original e comparar. Fazer constatações e correções.	1h e 25'	Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 14 (2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Fazer a correção do próprio texto produzido. Realizar a retextualização (3ª versão)			
	Objetivos específicos: Rer o próprio texto produzido. Identificar possíveis correções. Fazer uma leitura com a professora, observando outros possíveis pontos a melhorar no texto. Retextualizar a versão anterior.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA

1 .	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2 .	Rever as folhas de atividades desenvolvidas nas aulas anteriores e ressaltar a importância delas na criação do texto final.	13’	Cópia da 2ª versão produzida.	
3 .	Retomar os textos produzidos, as anotações de sugestões e a lista de constatações e realizar a retextualização da crônica.	1h e 25’	Projektor e Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 15 (2) AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Observar a necessidade do uso de conectivos na construção do texto.</p>			
	<p>Objetivos específicos:</p> <p>Conhecer a importância dos conectivos na construção do texto escrito.</p> <p>Identificar possíveis lacunas no uso de conectivos no texto produzido.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Exposição teórica sobre conectivos.	13'	Projetor, pincel e quadro.	
3.	Retomar os textos produzidos e observar a presença de conectivos, bem como a necessidade de utilização.	1h e 25'	Folhas de atividades	

AULA 16 (2) AULAS EM BLOC0	<p>Objetivo:</p> <p>Escrever a versão final da crônica.</p>			
	<p>Objetivos específicos:</p> <p>Escrever a versão final, observando as características pertencentes ao gênero produzido.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO O DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Rever as folhas de atividades desenvolvidas nas aulas anteriores e ressaltar a importância delas na criação do texto final.	13'	Folhas de atividades	
3.	Retomar os textos produzidos, as anotações de sugestões e a lista de constatações e realizar a escrita final da crônica.	1h e 25'	Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 17 2 AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Leitura e planejamento para publicação das crônicas e vídeo.</p>			
	<p>Objetivo específico:</p> <p>Utilizar os textos produzidos em uma situação real de comunicação, envolvendo os alunos em uma prática social da linguagem na sua própria comunidade e na comunidade virtual.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Ler as crônicas em sala de aula.	1 h e 20'	Projektor	
3.	Divulgar o trabalho na escola. (Os alunos farão a divulgação nas salas de aula da escola para que os colegas acessem, e comentem as crônicas publicadas).	10'		GRUPOS DE 4 ALUNOS
4	Explicar a atividade para divulgação. Publicar os textos no site da escola. Produzir o livro com as crônicas da turma. Envolver a escola, a família e a comunidade em geral, na leitura e divulgação das crônicas promovendo uma reflexão sobre o tema “O cuidado com os animais”. Retextualizar uma das crônicas em vídeo.	8 ,	Projektor e Folha de anotações, lápis, borracha.	

AULA 18 2 AULAS EM BLOCO	<p>Objetivo:</p> <p>Divulgar o trabalho realizado pela turma.</p>			
	<p>Objetivo específico:</p> <p>Utilizar os textos produzidos em uma situação real de comunicação, envolvendo os alunos em uma prática social da linguagem na sua própria comunidade e na comunidade virtual e leitora.</p>			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 3 meses	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
	<p>Divulgar o trabalho na escola.</p> <p>(Os alunos farão a divulgação nas salas de aula da escola para que os colegas acessem, e comentem as crônicas publicadas).</p> <p>Publicar os textos no site da escola.</p> <p>Realizar o dia de publicação do livro na escola, com a presença da família e da comunidade.</p> <p>Envolver a escola, a família e a comunidade em geral, na leitura e divulgação das crônicas promovendo uma reflexão sobre o tema “O cuidado com os animais”.</p> <p>Publicar uma das crônicas em vídeo.</p>		<p>Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha.</p> <p>Fotos.</p> <p>Textos dos alunos no site.</p> <p>Livro com os textos.</p> <p>Vídeo.</p>	

APÊNDICE B – ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN****PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS****ESCOLA ESTADUAL****PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA****SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 1****DATA****NOME**

A PARTIR DO QUE FOI COMENTADO NA AULA, RESPONDA:

1. Você já presenciou algum fato em que um animal foi maltratado? Relate.

2. O que você sentiu a respeito disso?

3. O que aconteceu ao animal? E ao agressor?

4. O que você poderia fazer para ajudar a mudar/ resolver essa situação?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 2
DATA
NOME

A verdadeira história de Pio

Paulo Mendes Campos⁵

No princípio do ano, para amenizar o reinício das aulas, as crianças compraram um pinto na feira.

Deram-lhe o nome de Pio. Todos que o antecederam tinham morrido, mas dessa vez residia no edifício uma senhora que entendia da sobrevivência de pinto de feira em apartamento perto do mar.

Instruídas por ela, as crianças conseguiram manter acesa dentro de Pio a faísca da vida. Já de pequenino, mostrou-se pinto esquisito, achegado aos seres humanos e danado de andejo. Piava com monotonia os segundos todos do tempo, como se o chateasse a passagem das horas.

Em mudança de casa, passou dois dias subindo e descendo a escada, piando, piando, entre as pernas dos carregadores portugueses. Seu prestígio cresceu com o episódio; era tratado como gente e se orgulhava disso, assumindo um ar à vontade e presumido de bípede empenado.

Mas acabou me aborrecendo. Como as crianças tinham atingido a irremovível crise do cachorrinho, acabei cedendo, mas exigindo a extradição de Pio para a casa que o Zanine estava construindo na Barra da Tijuca.

Meses depois, ao visitar o amigo, Pio já era quase um galo, branco e bonito, mas extravagante e presunçoso. Indiferente ao terreiro, preferia desfilar na sala e na varanda, misturando-se às pessoas, peito estufado, chamando atenção para uma figura que ele queria irresistível.

Mais algum tempo, virou galo mesmo e aí não demorou a revelar os indícios neuróticos que o agitavam. Pio nunca tinha visto na vida outro ser galináceo. Acreditava-se o único ente de sua raça, superior e absoluto. Firmou-se na crença carismática, deu para agredir os homens. Como estes se defendessem com a ponta do sapato, mudou de tática, bicando-lhes à traição a barriga da perna. Só respeitava o próprio Zanine, a quem não tinha afeição, mas considerava com gratuidade um aliado no combate contra o mundo. Seguiu o dono por todos os cantos, não como um cão humilde, mas com a imponência do chefe de gabinete acompanhando o ministro.

⁵Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

Zanine, como aconteceu comigo, embora achasse graça na birutice de Pio, acabou saturado, dando o boboca de presente ao poeta Rubem Braga, que sempre foi um infalível receptor de aves desajustadas.

Já se sabe, o Braga é um fazendeiro do ar, morando entre hortaliças e cajueiros num décimo terceiro andar de Ipanema.

Insolente diante da natureza, Pio fez estragos na horta, desenterrou sementeiras, estraçalhou as couves, dando-se ainda à petulância de aborrecer, com relativo escândalo, a filha da cozinheira.

Também o Braga, achando graça, foi complacente, impedindo que a cozinheira transformasse o doidinho em galo ao molho de cabidela. Mas acabou igualmente cheio, dando Pio ao hortelão português, dono de farto galinheiro no subúrbio. Antes, contudo, o galo foi colocado diante de um espelho, na esperança geral de que descobrisse o outro, o próximo, o irmão galináceo que ele devia amar como a si mesmo.

Não quis saber de nada, persistindo na neurose: durante meio minuto encarou a imagem com estupefação, deu-lhe as costas e se foi, único de sua espécie, dono da pretensão que o inflava da crista sanguínea ao facho da cauda.

Enfim chegou a hora do galinheiro, quando Pio passaria a viver uma vida normal dentro da comunidade, encontrando na força do amor a salvação. Pois o bestalhão, mal ingressou no harém, matou a bicadas duas galinhas sinceras. E o português o comeu.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 2
DATA
NOME

ATIVIDADE DE COMPREENSÃO DE VOCABULÁRIO

Estas palavras do texto serão lançadas, uma a uma, para que os grupos procurem o seu significado no dicionário e o anotem no quadro. O grupo que conseguir encontrar mais palavras vence a competição.

As palavras encontradas servirão para ampliar a compreensão da crônica lida.

- 1.Presumido
- 2.Bípede
- 3.Extradição
- 4.Presunçoso
- 5.Indícios
- 6.Neuróticos
- 7.Galináceo
- 8.Carismática
- 9.Complacente
- 10.Estupefação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 2
DATA
NOME

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA ⁶			
A crônica registra um momento ou uma passagem da vida cotidiana. Inspirando-se em fatos do cotidiano, em costumes de seu tempo, o cronista constrói sua narrativa. Muitas vezes procura criticar o comportamento humano por meio do humor.			
Elementos da narrativa Toda narrativa é estruturada pelos elementos: Personagens Ações/enredo Espaço Tempo Narrador Esses elementos estão presentes na crônica		Momentos da narrativa/enredo Não só os elementos estruturam a narrativa. Os momentos que se sucedem no tempo e no espaço também participam dessa estrutura: Situação inicial Conflito Clímax do conflito Desfecho.	
CRÔNICA Narrativa de ficção a partir de fatos, costumes e acontecimentos do cotidiano.			
Intenção Divertir, provocar humor e fazer crítica a comportamentos ou situações.	Construção •elementos e momentos da narrativa; •presença de sequencias textuais; •diferentes modos de citação de fala de outros: discurso direto, indireto e indireto livre.	Linguagem Leve, espontânea, mais informal, mais cotidiana.	Leitor Aquele que se interessa por narrativa curta sobre o cotidiano.

A crônica⁷

- Tem como matéria-prima a realidade, mas não é mera reprodução do real. O cronista se inspira tanto no noticiário jornalístico como em acontecimentos cotidianos que ele viveu ou observou em casa, na rua, no ambiente de trabalho, etc., porém apresenta os fatos de acordo com a interpretação que faz deles, acentuando o caráter poético, humorístico ou crítico desses acontecimentos.
- Em geral, as crônicas são originalmente publicadas em ornais e revistas, normalmente em páginas fixas.
- Para dar um caráter mais permanente às crônicas, alguns cronistas reúnem seus melhores textos e os publicam em livros.

⁶BORGATTO, A. M.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto teláris**: português. 8º ano. Ensino fundamental 2. 2 ed. São Paulo: Ática, 2015. P.57 e 62.

⁷COSTA, Cibele L. [et al]. **Para viver juntos**: português, 7º ano: anos finais: ensino fundamental. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015. p. 84 e 86.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 2
DATA
NOME

ATIVIDADE DE COMPREENSÃO DA CRÔNICA

LEIA AS AFIRMATIVAS A SEGUIR E DIGA SE SÃO CERTAS (C) OU ERRADAS (E), EM RELAÇÃO À CRÔNICA LIDA.

- () 1. Para amenizar o reinício das aulas, as crianças compraram um pinto na feira e deram-lhe o nome de Pio.
- () 2. Todos que o antecederam tinham morrido, por causa de uma senhora que entendia da sobrevivência de pinto de feira em apartamento perto do mar.
- () 3. Instruídas pela senhora que morava no edifício, as crianças conseguiram manter acesa dentro de Pio a faísca da vida.
- () 4. Desde pequenino, mostrou-se pinto bonito, achegado aos seres humanos e não gostava de andar.
- () 5. O pinto passou dois dias subindo e descendo a escada, piando, piando, entre as pernas dos carregadores portugueses e era tratado como gente.
- () 6. Pio foi para a casa que o Zanine estava construindo na Barra da Tijuca.
- () 7. Meses depois, ao visitar o amigo, Pio ainda era apenas um pinto branco e bonito.
- () 8. Quando virou galo não demorou a revelar os indícios neuróticos que o agitavam.
- () 9. O pinto respeitava Zanine, a quem não tinha afeição, mas considerava com gratuidade um aliado no combate contra o mundo.
- () 10. Zanine, acabou saturado e deu de presente o pinto ao poeta Rubem Braga, que sempre foi um infalível receptor de aves desajustadas.
- () 11. Rubem Braga morava entre hortaliças e cajueiros numa grande casa em Ipanema.
- () 12. Pio fez estragos na horta, desenterrou sementeiras, estraçalhou as couves.
- () 13. Rubem Braga, não impediu a cozinheira de cozinhar o galo ao molho de cabidela.
- () 14. Rubem Braga deu o Pio para a filha da cozinheira.
- () 15. O galo foi colocado diante de um espelho e durante meio minuto encarou a imagem assustado e entendeu que havia outros galos iguais a ele.
- () 16. Quando foi colocado no galinheiro, o galo matou duas galinhas e por isso foi comido pelo português.
- () 17. O pinto foi dado como um presente às crianças.
- () 18. O galo acostumou-se com os seres humanos, mas não soube conviver com os outros de sua espécie.
- () 19. Foi difícil conseguir manter o pinto vivo e torná-lo um galo, pois antes dele outros já haviam morrido.
- () 20. O galo nunca tinha convivido com outros bichos iguais a ele, isso explica a sua atitude quando entrou no galinheiro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 2
DATA
NOME

Atividade para casa

Identificar na crônica “O pintinho” os elementos constitutivos do gênero textual “crônica”.

O pintinho

Carlos Drummond de Andrade⁸

Foi talvez de um filme de Walt Disney que nasceu a moda de enfeitar com pintinhos vivos as mesas de aniversário infantil. Era uma excelente ideia, no mundo ideal do desenho animado; conduzida para o mundo concreto dos apartamentos, também alcançou êxito absoluto. Muitos garotos e garotas jamais tinham visto um pinto de verdade, e queriam comê-lo, assim como estava, imaginando ser uma espécie de doce mecânico, mais saboroso. Houve que contê-los e ensinar-lhes noções urgentes de biologia. As senhoras e moças deliciaram-se com a surpresa e gula dos meninos, e foram unânimes em achar os pintos uns amorecos. Mas estes, encurralados num centro de mesa, entre flores que não lhes diziam nada ao paladar, e atarantados por aquele rumor festivo e suspeito, deviam sentir-se absolutamente desgraçados.

Como a celebração do aniversário terminasse, e ninguém sabia o que fazer com os pintos, pareceu à dona da casa que seria gentil e cômodo oferecer um a cada criança, transferindo assim às mães o problema do destino a dar-lhes. O único inconveniente da solução era que havia mais guris do que pintos, e não foi simples convencer aos não contemplados que aquilo era brincadeira para guris ainda bobinhos, e que mocinhas e rapazinhos de nível mental superior não se preocupam com essas frioleiras.

Os pintos, em consequência, espalharam-se pela cidade, cada qual com seu infortúnio e seu proprietário exultante. O interesse das primeiras horas continuava a revestir-se de feição ameaçadora para a integridade física dos recém-nascidos (se é que pinto produzido em incubadora realmente nasce). Um deles foi parar num apartamento refrigerado, e posto a um canto da copa, sobre uma caixinha de papelão forrada de flanela. Semeou-se em redor o farelinho malcheiroso que o gerente do armazém recomendara como alimento insubstituível para pintos tenros, e que (o pai leu na enciclopédia) devia ser, teoricamente, farinha de baleia. A ideia da baleia alimentando o pinto encheu o garotinho de assombro, e pela primeira vez o mundo lhe apareceu como um sistema.

O pinto sentia um frio horroroso, mas desprezava a flanela, e a todo instante se descobria, tentando fugir. Procurava algo que ele mesmo não sabia se era calor da galinha ou da criadeira. À falta de experiência, dirigiu seus passinhos na direção das saias que circulavam pela copa. As saias nada podiam fazer por ele, senão recolocá-lo em seu ninho, mas o pinto procurava sempre, e piava.

O garoto queria carregá-lo, inventava comidas que talvez interessassem àquele paladar em formação. Não senhor - explicou-lhe a mãe:

- Não se pode pegar, não se pode brincar, não se pode dar nada, a não ser farelo e água.
- Nem carinho?
- Meu amor, carinho de gente é perigoso para bicho pequeno.

⁸Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

Mas o pinto, mesmo sem saber, estava querendo era um palmo sujo de terra, com insetos e plantas comestíveis, o raio de sol batendo na poça d'água caída do céu, e companhia à sua altura e feição, e, numa casa assim tão bonita e confortável, esses bens não existiam. E piava.

A situação começou a preocupar a dona da casa, que telefonou à amiga doadora do pinto: que fazer com ele?

- Querida, procure criá-lo com paciência, e no fim de três meses bote na panela, antes que vire galo.

É o jeito.

Não virou galo, nem caiu na panela. No fim de três dias, piando sempre e sentindo frio, o pinto morreu. Foi sua primeira e única manifestação de vida, propriamente dita.

O menino queria guardá-lo consigo, supondo que, inanimado, o pinto se transformara em brinquedo, manuseável. Foi chamado para dentro, e quando voltou o corpinho havia desaparecido na lixeira.

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO TEXTUAL “CRÔNICA”

•<u>Intenção</u>
•<u>Construção</u>
◆ Elementos da narrativa Personagens Ações/enredo Espaço tempo
◆ Momentos da narrativa Situação inicial Conflito Clímax Desfecho
•<u>Linguagem</u>
•<u>Envolvimento com o leitor</u>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 3
DATA
NOME

LEIA A CRÔNICA:

Macacos me mordam

Fernando Sabino⁹

Morador de uma cidade do interior de Minas me deu conhecimento do fato: diz ele que há tempos um cientista local passou telegrama para outro cientista, amigo seu, residente em Manaus: "Obséquio providenciar remessa 1 ou 2 macacos".

Necessitava ele de fazer algumas inoculações em macaco, animal difícil de ser encontrado na localidade. Um belo dia, já esquecido da encomenda, recebeu resposta: "Providenciada remessa 600 restante seguirá oportunamente".

Não entendeu bem: o amigo lhe arranjava apenas um macaco, por seiscentos cruzeiros? Ficou aguardando, e só foi entender quando o chefe da estação veio comunicar-lhe:

- Professor, chegou sua encomenda. Aqui está o conhecimento para o senhor assinar. Foi preciso trem especial.

E acrescentou:

- É macaco que não acaba mais!

Ficou aterrado: o telégrafo errara ao transmitir "1 ou 2 macacos", transmitira "1 002 macacos"!

E na estação, para começar, nada menos que 600 macacos engaiolados aguardavam desembarço.

Telegrafou imediatamente ao amigo:

"Pelo amor Santa Maria Virgem suspenda remessa restante".

Ia para a estação, mas a população local, surpreendida pelo acontecimento, já se concentrava ali, curiosa, entusiasmada, apreensiva:

- O que será que o professor pretende com tanto macaco?

E a macacada, impaciente e faminta, aguardava destino, empilhada em gaiolas

⁹Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

na plataforma da estação, divertindo a todos com suas macaquices. O professor não teve coragem de aproximar-se: fugiu correndo, foi se esconder no fundo de sua casa. À noite, porém, o agente da estação veio desentocá-lo:

- Professor, pelo amor de Deus vem dar um jeito naquilo.

O professor pediu tempo para pensar. O homem coçava a cabeça, perplexo:

- Professor, nós todos temos muita estima e muito respeito pelo senhor, mas tenha paciência: se o senhor não der um jeito eu vou mandar trazer a macacada para sua casa.

- Para minha casa? Você está maluco?

O impasse prolongou-se ao longo de todo o dia seguinte. Na cidade não se comentava outra coisa, e os ditos espirituosos circulavam:

- Macacos me mordam!

- Macaco, olha o teu rabo.

À noite, como o professor não se mexesse, o chefe da estação convocou as pessoas gradas do lugar: o prefeito, o delegado, o juiz.

- Mandar de volta por conta da Prefeitura?

- A Prefeitura não tem dinheiro para gastar com macacos.

- O professor muito menos.

- Já estão famintos, não sei o que fazer.

- Matar? Mas isso seria uma carnificina!

- Nada disso - ponderou o delegado:

- Dizem que macaco guisado é um bom prato...

Ao fim do segundo dia, o agente da estação, por conta própria, não tendo outra alternativa, apelou para o último recurso - o trágico, o espantoso recurso da pátria em perigo: soltar os macacos. E como os habitantes de Leide durante o cerco espanhol, soltando os diques do Mar do Norte para salvar a honra da Holanda, mandou soltar os macacos. E os macacos foram soltos! E o Mar do Norte, alegre e sinistro, saltou para a terra com a braveza dos touros que saltam para a arena quando se lhes abre o curral - ou como macacos saltam para a cidade quando se lhes abre a gaiola. Porque a macacada, alegre e sinistra, imediatamente invadiu a cidade em pânico. Naquela noite ninguém teve sossego. Quando a mocinha distraída se despia para dormir, um macaco estendeu o braço da janela e arrebatou-lhe a camisola. No botequim, os fregueses da cerveja habitual deram com seu lugar ocupado por macacos. A bilheteira do cinema, horrorizada, desmaiara, ante o braço cabeludo que se estendeu através das grades para adquirir uma entrada. A partida de sinuca foi interrompida porque de súbito despregou-se do teto ao pano verde um macaco e fugiu com a bola sete. Ai de quem descascasse preguiçosamente uma banana! Antes de levá-la à boca um braço de macaco saído não se sabia de onde a surrupiava. No barbeiro, houve um momento em

que não restava uma só cadeira vaga: todas ocupadas com macacos. E houve também o célebre macaco em casa de louças, nem um só pires restou intacto. A noite passou assim, em polvorosa. Caçadores improvisados se dispuseram a acabar com a praga - e mais de um esquivo notívago correu risco de

levar um tiro nas suas esquivanças, confundido com macaco dentro da noite.

No dia seguinte a situação perdurava: não houve aula na escola pública, porque os macacos foram os primeiros a chegar. O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário houvesse por bem suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.

Depois, com o correr dos dias e dos macacos, eles foram escasseando. Alguns morreram de fome ou caçados implacavelmente. Outros fugiram para a floresta, outros acabaram mesmo comidos ao jantar, guisados como sugerira o delegado, nas mesas mais pobres. Um ou outro surgia ainda de vez em quando num telhado, esquelético, assustado, com bandeirinha branca pedindo paz à molecada que o perseguia com pedras. Durante muito tempo, porém, sua presença perturbadora pairou no ar da cidade. O professor não chegou a servir-se de nenhum para suas experiências. Caíra doente, nunca mais pusera os pés na rua, embora durante algum tempo muitos insistissem em visitá-lo pela janela.

Vai um dia, a cidade já em paz, o professor recebe outro telegrama de seu amigo em Manaus: "Seguiu resto encomenda".

Não teve dúvidas: assim mesmo doente, saiu de casa imediatamente, direto para a estação, abandonou a cidade para sempre, e nunca mais se ouviu falar nele.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 3
DATA
NOME

Atividade Para Casa

Leia os títulos das notícias do Jornal Extra (disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/animais/>) e reescreva-as inserindo sentimentos aos fatos noticiados. Utilize figuras de linguagem.

“Polícia quebra vidro de carro para salvar filhote de cachorro deixado lá dentro”

“Elefante procura ajuda humana após receber flechada na cabeça”

“Cão que perdeu focinho após ser agredido ganha novo lar”

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 4
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA A SALA DE AULA

LEIA A CRÔNICA E CIRCULE OS VERBOS DE DIZER:

Conversa de compra de passarinho

Rubem Braga¹⁰

Entro na venda para comprar uns anzóis, e o velho está me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaaios de lenha. Fica ali, parado, esperando. O velho parece que não o vê, mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta: "Quanto?" O menino hesita, coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro: "Quarenta". O homem da venda não responde, vira a cara.

Aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi. Eu me interesso pelo coleiro do brejo que está cantando. O velho:

- Esse coleiro é especial. Eu tinha aqui um gaturamo que era uma beleza, mas morreu ontem; é um bicho que morre à toa.

Um pescador de bigodes brancos chega-se ao balcão, murmura alguma coisa; o velho lhe serve cachaça, recebe, dá o troco, volta-se para mim: "O senhor quer chumbo também?" Compro uma chumbada, alguns metros de linha. Subitamente ele se dirige ao menino da lenha:

- Quer vinte e cinco pode botar lá dentro.

O menino abaixa a cabeça, calado. Pergunto:

- Quanto é o coleiro?

- Ah, esse não tenho para venda, não...

Sei que o velho está mentindo; ele seria incapaz de ter um coleiro se não fosse para venda; miserável como é, não iria gastar alpiste e farelo em troca de cantorias. Eu me desinteresso. Peço uma cachaça. Puxo o dinheiro para pagar minhas compras. O menino murmura: "O senhor dá trinta..." O velho cala-se, minha nota na mão:

- Quanto é que o senhor dá pelo coleiro?

Fico calado algum tempo. Ele insiste: "O senhor diga..." Viro a minha cachaça, fico apreciando o coleiro.

¹⁰Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

- Não quer vinte e cinco vá embora, menino.

Sem responder o menino cede. Carrega as achas de lenha lá para os fundos, recebe o dinheiro, monta no burro, vai-se. Foi no mato cortar pau, rachou cem achas, carregou o burro, trotou léguas até chegar aqui, levou 25 cruzeiros. Tenho vontade de vingá-lo:

- Passarinho dá muito trabalho...

O velho atende outro freguês, lentamente.

- O senhor querendo dar 500 cruzeiros, é seu.

Por trás dele o pescador de bigodes brancos me faz sinal para não comprar. Finjo espanto: "QUINHENTOS cruzeiros?"

- Ainda a semana passada eu rejeitei 600 por ele. Esse coleiro é muito especial.

Completamente escravo do homem, o coleirinho põe-se a cantar, mostrando suas especialidades.

Faço uma pergunta sorna: "Foi o senhor quem pegou ele?" O homem responde: "Não tenho tempo para pegar passarinho".

Sei disso. Foi um menino descalço, como aquele da lenha. Quanto terá recebido esse menino desconhecido por aquele coleiro especial?

- No Rio eu compro um papa-capim mais barato...

- Mas isso não é papa-capim. Se o senhor conhece passarinho, o senhor está vendo que coleiro é esse.

- Mas QUINHENTOS cruzeiros?

- Quanto é que o senhor oferece?

Acendo um cigarro. Peço mais uma cachacinha. Deixo que ele atenda um freguês que compra bananas. Fico mexendo com o pedaço de chumbo. Afinal digo com a voz fria, seca: "Dou 200 pelo coleiro, 50 pela gaiola".

O velho faz um ar de absoluto desprezo. Peço meu troco, ele me dá. Quando vê que vou saindo mesmo, tem um gesto de desprendimento: "Por 300 cruzeiros o senhor leva tudo".

Ponho minhas coisas no bolso. Pergunto onde é que fica a casa de Simeão pescador, um zanolho.

Converso um pouco com o pescador de bigodes brancos, me despeço.

- O senhor não leva o coleiro?

Seria inútil explicar-lhe que um coleiro do brejo não tem preço. Que o coleiro do brejo é, ou devia ser, um pequeno animal sagrado e livre, como aquele menino da lenha, como aquele burrinho magro e triste do menino. Que daqui a uns anos quando ele, o velho, estiver rachando lenha no Inferno, o burrinho, o menino e o coleiro vão entrar no Céu - trotando, assobiando e cantando de pura alegria.

História triste de tuim

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim...

A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele quartinho que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três filhotes, não de João-de-barro, mas de tuim.

Você conhece, não? De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor.

Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar.

Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Geralmente se cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho deles. Mas aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredo: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.

Mas o pai disse: "menino, você está criando muito amor a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você prende o tuim ou ele vai-se embora com os outros; mesmo ele estando preso e ouvindo o bando passar, você está arriscado a ele morrer de tristeza".

E o menino vivia de ouvido no ar, com medo de ouvir bando de tuim.

Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar; não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, divididos em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar; nada.

Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: "venha cá". E disse: "o senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais".

O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.

Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: "aqui na cidade ele não pode andar solto; é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado".

¹¹Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigoso, desde que ficasse perto; se ele quisesse voar para longe era só chamar, que voltava; mas uma vez não voltou.

De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: "que é tuim?" perguntavam pessoas ignorantes. "Tuim?" Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

Teve uma ideia, foi ao armazém de "seu" Perrota: "tem gaiola para vender?" Disseram que tinha.

"Venderam alguma gaiola hoje?" Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: "se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?"

O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. "Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim."

Voltou para casa com o tuim no dedo.

Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso; cortou as asinhas; assim o bicho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.

Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

Acabou-se a história do tuim.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 4
DATA
NOME

Atividade para a sala de aula

Agora que você já ouviu a crônica “História triste de tuim”, complete os espaços com palavras que julgar adequadas.

Geralmente se cria em casa é casal de _____, especialmente para se _____ o namorinho deles. Mas aquele tuim macho foi _____ sozinho e, como se diz na roça, criado no _____. Passava o dia _____, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e _____ para o arvoredor: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era _____ do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho _____ no dedo do garoto.

Mas o pai disse: "menino, você está criando muito _____ a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua _____ para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você _____ o tuim ou ele vai-se embora com os outros; mesmo ele estando _____ e ouvindo o bando passar, você está arriscado a ele morrer de _____".

E o menino vivia de ouvido no ar, com _____ de ouvir bando de tuim.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 5
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA CASA

Organize o excerto da crônica “História triste de tuim, numerando de acordo com a sucessão dos fatos.

() Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigoso, desde que ficasse perto; se ele quisesse voar para longe era só chamar, que voltava; mas uma vez não voltou.

() Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: "venha cá". E disse: "o senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais".

() Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso; cortou as asinhas; assim o bicho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.

(...) Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

() De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: "que é tuim?" Perguntavam pessoas ignorantes. "Tuim?" Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

() Teve uma ideia, foi ao armazém de "seu" Perrota: "tem gaiola para vender?" Disseram que tinha.

() Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar; não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, divididos em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar; nada.

() "Venderam alguma gaiola hoje?" Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: "se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?"

() Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

() O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. "Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim."

() Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o

tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: "aqui na cidade ele não pode andar solto; é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado".

() Voltou para casa com o tuim no dedo.

() Acabou-se a história do tuim.

() O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 5
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA CASA

Escreva um parágrafo narrativo a partir do poema “Oração do passarinho” acrescentando novos personagens, expressão de sentimentos e envolvimento com o leitor.

ORAÇÃO DO PASSARINHO

Carmem Bernos de Gasztold ¹²

Meu Deus,
 Sozinho
 Não sei rezar direito a minha oração!
 Mas, por favor,
 Protege-me da chuva e do vento
 Meu ninho tão pequeno.
 Colocai muitos grãos em meu caminho
 E muito orvalho nas flores.
 Fazei o azul bem alto
 E bem macios os ramos.
 Deixai até bem tarde no céu
 Vossa luz tão suave
 E, no meu pobre coração, esta inesgotável música,
 A fim de que eu possa
 Cantar, cantar, cantar...
 Eis, meu Deus, o que vos peço.
 Amém.

¹² GASZTOLD, Carmem Bernos. **Oração do passarinho** Disponível em:
<http://omundomagicodostextos.blogspot.com.br/2013/06/oracao-do-passarinho-bernos-de-gasztold.html>.
 Acesso em dezembro de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 6
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA SALA DE AULA

PRIMEIRA VERSÃO DA CRÔNICA

A partir do que você aprendeu sobre o gênero “crônica, escreva uma crônica, observando os elementos constitutivos desse gênero textual.

<u>01</u>	
<u>02</u>	
<u>03</u>	
<u>04</u>	
<u>05</u>	
<u>06</u>	
<u>07</u>	
<u>08</u>	
<u>09</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	

<u>19</u>	
<u>20</u>	
<u>21</u>	
<u>22</u>	
<u>23</u>	
<u>24</u>	
<u>25</u>	
<u>26</u>	
<u>27</u>	
<u>28</u>	
<u>29</u>	
<u>30</u>	
<u>31</u>	
<u>32</u>	
<u>33</u>	
<u>34</u>	
<u>35</u>	
<u>36</u>	
<u>37</u>	
<u>38</u>	
<u>39</u>	
<u>40</u>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA – AULA 7 e 8
DATA
NOME

Será feita a leitura coletiva da crônica “DO AMOR AOS BICHOS” usando o projetor, destacando as partes em que o autor revela o seu envolvimento com o texto e os trechos em que provoca o envolvimento do leitor no assunto abordado pela crônica.

DO AMOR AOS BICHOS

Vinícios de Moraes¹³

Quem, dentre vós, já não teve vontade de ver um passarinho lhe vir pousar na mão? Quem já não sentiu a adorável sensação da repentina falta de temor de um bicho esquivo? A cutia que, num parque, faz uma pose rápida para o fotógrafo - em quem já não despertou o impulso de lhe afagar o dorso tímido? Quem já não invejou Francisco de Assis em suas pregações aos cordeirinhos da úmbria? Quem já não sorriu ao esquilo quando o animalzinho volta-se curioso para nos mirar? Quem já não se deliciou ao contato dulcíssimo de uma pomba malferida, a tremer medrosa em nossa palma?

Eis a razão por que, semanal leitor, hoje te quero falar do amor aos bichos. Não do amor de praxe aos cachorros, dos quais se diz serem os maiores amigos do homem; nem do elegante amor aos gatos, que gostam mais da casa que do dono, conforme reza o lugar-comum. Quero falar-te de um certo inefável amor a animais mais terra-a-terra, como as galinhas e as vacas. Diremos provisoriamente basta o amor ao cavalo, que é, fora de dúvida, depois da mulher, o animal mais belo da Criação. Pois não quero, aqui neste elogio, deixar levar-me por considerações éticas ou estéticas, mas apenas por um critério de humanidade. E, sob este aspecto, o que não vos poderia eu dizer sobre as galinhas e as vacas! Excelsas galinhas, nobres vacas nas quais parece dormir o que há de mais telúrico na natureza... Bichos simples e sem imaginação, o que não vos contaria eu, no entanto, sobre a sua sapiência, a sua naturalidade existencial...

Confesso não morrer de amores pelos bichos chamados engraçadinhos, ou melhor, não os levar muito em conta: porque a verdade é que amo todos os bichos em geral; nem pelos demasiado relutantes ou maníaco-depressivos, tais os veados, os perus e as galinhas-d'angola. Mas olhai uma galinha qualquer ciscando num campo, ou em seu galinheiro: que feminilidade autêntica, que espírito prático e, sobretudo, que saúde moral (...) E põem ovos! Já pensastes, apressado leitor, no que seja um ovo: e quando ovo se diz, só pode ser de galinha! É misterioso, útil e belo. Batido, cresce e se transforma em omelete, em bolo. Frito, é a imagem mesma do sol poente: e que gostoso! Pois são elas, leitor, são as galinhas que dão ovos e - há que convir - em enormes quantidades. (...) E tampouco lhes falta lirismo ou beleza, pois muito poéticas põem-se, no entardecer, a cacarejar docemente em seus poleiros; e são belas, inexcelsivelmente belas durante a maternidade.

Assim as vacas, mas de maneira outra. E não seria à toa que, a mais de tratar-se de um bicho contemplativo, é a vaca uma legítima força da natureza - e de compreensão mais sutil que a galinha, por isso que nela intervêm elementos espirituais autênticos, como a meditação filosófica e o comportamento plástico. De fato, o que é um campo sem vacas senão mera paisagem? Colocai nele uma vaca e logo tereis, dentro de concepções e cores diversas, um Portinari ou um Segall. A "humanização" é imediata: como que se cria uma ternura ambiente. Porque doces são as vacas em seu constante ruminar, em sua santa paciência e em seu jeito de olhar para trás, golpeando o ar com o rabo.

Bichos fadados, pela própria qualidade de sua matéria, à morte violenta, impressiona-me nelas a atitude em face da vida. São generosas, pois vivem de dar, e dão tudo o que têm, sem maiores queixas que as do trespasse, transformando -se num número impressionante de utilidades, como alimentos, adubos,

¹³MORAES, Vinicius. **Do amor aos bichos**.in: A linguagem dos animais. Contos e crônicas sobre bichos. 1 ed. São Paulo: Boa Companhia, 2012. p. 74 a 77

botões, bolsas, palitos, sapatos, pentes e até tapetes - pelegos - como andou em moda. Por isso sou contra o uso de seu nome como insulto.

Considero essa impropriedade um atentado à memória de todas as galinhas e vacas que morreram para servir ao homem. Só o leite e o ovo seriam motivo suficiente para se lhes erguer estátua em praça pública. Nunca ninguém fez mais pelo povo que uma simples vaca que lhe dá seu leite e sua carne, ou uma galinha que lhe dá seu ovo. E se o povo não pode tomar leite e comer carne e ovos diariamente, como deveria, culpe-se antes os governos, que não os sabem repartir como de direito. E abaixo os defraudadores e açambarcadores que deitam águas ao leite ou vendem o ovo mais caro do que custa ao bicho pô-lo!

E, uma vez dito isto, caiba-me uma consideração final contra os bichos prepotentes, sejam eles nobres como o leão ou a águia, ou furbos como o tigre ou o lobo: bichos que não permitem a vida à sua volta, que nasceram para matar e aterrorizar, para causar tristeza e dano; bichos que querem campear, sozinhos, senhores de tudo, donos da vida; bichos ferozes e egoístas contra o povo dos bichinhos humildes, que querem apenas um lugar ao sol e o direito de correr livremente em seus campos, matas e céus. Para vencê-los que se reúnam todos os outros bichos, inclusive os domésticos "mus" e "cocoricós", porque, cacarejando estes, conglomerando-se aqueles em massa pacífica mas respeitável, não prevalecerá contra eles a garra do tigre ou o dente do lobo. Constituirão uma frente comum intransponível, a dar democraticamente leite e ovos em benefício de todos, e destemerosa dos rugidos da fera. Porque uma fera é em geral covarde diante de uma vaca disposta a tudo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULAS 8
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA CASA

Caracterize as personagens de sua crônica.

Personagem 1
Personagem 2
Personagem 3
Personagem 4
Personagem 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 9
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA CASA

Construa uma a lista de constatações de tudo que você aprendeu a respeito do gênero *crônica*.

[illegible]

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 10
DATA
NOME

ESCREVA A SEGUNDA VERSÃO DA CRÔNICA:

<u>01</u>	
<u>02</u>	
<u>03</u>	
<u>04</u>	
<u>05</u>	
<u>06</u>	
<u>07</u>	
<u>08</u>	
<u>09</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	

<u>19</u>	
<u>20</u>	
<u>21</u>	
<u>22</u>	
<u>23</u>	
<u>24</u>	
<u>25</u>	
<u>26</u>	
<u>27</u>	
<u>28</u>	
<u>29</u>	
<u>30</u>	
<u>31</u>	
<u>32</u>	
<u>33</u>	
<u>34</u>	
<u>35</u>	
<u>36</u>	
<u>37</u>	
<u>38</u>	
<u>39</u>	
<u>40</u>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 13
DATA
NOME

Ouça a crônica e escreva. Depois comente com seus colegas como você escreveu e faça as correções necessárias, coletivamente.

Crônica para audição:

RICK E A GIRAFA

Carlos Drummond de Andrade¹⁴

No Jardim Zoológico, neste domingo azul, a girafa olha do alto para as crianças, e parece convidá-las a um passeio no dorso. Há uma escada perto, e se for encostada ao animal, Ricardo (Rick é o seu apelido) poderá chegar até lá.

O garoto mede a distância que vai do chão ao lombo, e julga-se em condições de vencê-la. Uma vez lá em cima, cavalgando o pescoço, e segurando-lhe os chifres, pedirá à girafa, depois de umas voltas pelo Jardim, que o leve por aí, percorrendo o mundo.

Presa há tanto tempo, a girafa há de estar ansiosa de liberdade. Não será difícil transpor a cerca. Ela espera que Rick lhe proponha a aventura. Ninguém se atreverá e travele os passos, e Rick vai dirigi-la nos rumos que aprendeu no atlas escolar.

O problema é descer de vez em quando, para Rick alimenta-se de biscoitos, fazer necessidades e dormir. Camarada, a girafa irá se deitando aos poucos, primeiro dobrando devagar as pernas, depois se inclinando lentamente para o lado, e afinal arriando com suavidade a carga infantil.

Mas para subir outra vez, como se arranjará ele? Escada não haverá. Mesmo deitada, a girafa é difícil de subir. A imaginação não lhe fornece recurso plausível. O sonho frustrou-se. Rick levanta o braço direito e, com a mão espalmada em gesto de adeus à girafa que gentilmente o convidara, esclarece:

-Muito obrigado. Fica para outra ocasião, quando eu crescer.

¹⁴ ANDRADE, C. D. **Rick e a girafa**. in: A linguagem dos animais. Contos e crônicas sobre bichos. 1 ed. São Paulo: Boa Companhia, 2012. p. 74 a 77

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 16
DATA
NOME

ESCREVA A VERSÃO FINAL DA CRONICA

<u>01</u>	
<u>02</u>	
<u>03</u>	
<u>04</u>	
<u>05</u>	
<u>06</u>	
<u>07</u>	
<u>08</u>	
<u>09</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	
<u>19</u>	

<u>20</u>	
<u>21</u>	
<u>22</u>	
<u>23</u>	
<u>24</u>	
<u>25</u>	
<u>26</u>	
<u>27</u>	
<u>28</u>	
<u>29</u>	
<u>30</u>	
<u>31</u>	
<u>32</u>	
<u>33</u>	
<u>34</u>	
<u>35</u>	
<u>36</u>	
<u>37</u>	
<u>38</u>	
<u>39</u>	
<u>40</u>	
<u>41</u>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 17
DATA
NOME

ATIVIDADE PARA FAZER EM SALA DE AULA

1. Escolher por votação uma das crônicas para produzir um vídeo sobre ela.
2. Escolhida uma das crônicas produzidas, você e seus colegas poderão fazer alterações no texto original, acrescentando informações e adaptando o texto para ser usado no vídeo.
3. Criar ilustrações para as crônicas produzidas.
4. Escolher um nome para o livro.

ATIVIDADE PARA CASA

Produzir, em grupo, um vídeo baseado na crônica reescrita e adaptada em sala, previamente escolhida por voto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA – ALINE LESSA RAMOS LIMA MOURA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CRÔNICA - AULA 18
DATA
NOME

Convidar a escola, os pais e a comunidade para o lançamento do livro produzido.

Assistir ao vídeo produzido.

Autografar os livros.

Publicar o livro e o vídeo na internet.

APÊNDICE C – GUIA DO PROFESSOR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE –UFRN

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



O gênero textual crônica no

Ensino Fundamental:

**Uma proposta de estudo da
crônica entre a oralidade e a
escrituralidade**

Guia do professor

Aline Lessa Ramos Lima Moura

O gênero textual crônica no
Ensino Fundamental:

**Uma proposta de estudo da
crônica entre a oralidade e a
escrituralidade**

Guia do professor

Aline Lessa Ramos Lima Moura

NATAL –RN

2017

Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração do homem, sem que este possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.
Eclesiastes 3:11

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
1. UM POUCO DE TEORIA.....	06
1.1 A linguagem, o texto e as Tradições Discursivas	06
1.2 O conceito de gênero textual e as tradições discursivas	10
1.3 Gêneros no contínuo de oralidade e escrituralidade	12
1.4 O gênero textual <i>crônica</i>	15
1.4.1 A crônica e o contínuo de oralidade e escrituralidade.....	17
1.4.2 A sequência descritiva	21
1.4.3 A sequência narrativa.....	22
1.5 Leitura e produção de texto e ensino	25
1.5.1 Conceito de sequência didática.....	27
2 METODOLOGIA.....	31
2.1 Sequência didática	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	83

APRESENTAÇÃO

Este guia foi desenvolvido junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, vinculado ao mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e procura dar suporte aos professores, de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

O problema abordado é a dificuldade que os alunos apresentam em lidar com as especificidades de oralidade e escrituralidade, não conseguindo efetuar transposições necessárias para provocar o deslocamento de uma produção textual da oralidade para a escrituralidade. Os estudantes têm dificuldades para transpor informações de um gênero textual da oralidade para um gênero escrito. Essa dificuldade para efetuar a transposição constitui-se em uma dificuldade para aprender a língua. Koch e Oesterreicher (apud Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167) defendem que se deve considerar que todas as instâncias e fatores da comunicação estão ligados a possibilidades de variação. Esse modelo teórico apresenta parâmetros de comunicação que caracterizam a concepção discursiva dos textos no contínuo de oralidade e escrituralidade.

Diante desse modelo, propomos um estudo do gênero textual crônica a partir da produção textual situada no contínuo de oralidade e escrituralidade, através de aplicação de sequência didática que contempla o estudo da crônica, de acordo com essas prerrogativas. As crônicas deverão ser produzidas a partir de um estudo em relação ao ambiente em que a escola está inserida e a realidade social da comunidade. Sugerimos o uso do tema “O cuidado com os animais”, ressaltando o relacionamento humano com os bichos. A partir da reescrita, o professor poderá analisar como os alunos realizaram os deslizamentos da modalidade falada para a escrita na produção textual desenvolvida por meio do gênero crônica situando os textos no contínuo em que se encontram a oralidade e a escrituralidade, de acordo com os parâmetros de comunicação propostos por Koch e Oesterreicher (apud Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167).

Esperamos que esse material possa ajudar o professor a desenvolver um estudo efetivo da língua em sala de aula, no que concerne ao gênero textual crônica. Ressaltamos que este guia atende aos objetivos propostos pelos PCNs para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental¹⁵:

¹⁵ DISPONÍVEL EM: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. P. 6 e 7.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio as injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões

sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;

[...]

perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;

desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

[...]

questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica,

selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Assim, acreditamos contribuir para o ensino da Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, apoiando o trabalho do professor e proporcionando novas formas de aprender para o aluno, contribuindo para uma formação cidadã.

1.UM POUCO DE TEORIA

1.1 Linguagem, texto e tradições discursivas

Para Coseriu (1987, p.29 e 30), a linguagem é fundamento e manifestação primária do social, e é também expressão da intersubjetividade e da solidariedade com uma tradição histórica e com uma comunidade falante, que também é histórica. Assim, a linguagem se apresenta como uma língua, uma linguagem que se desenvolveu e se realiza historicamente.

Segundo Coseriu (1987, p.30),

Nesse sentido, pois, a linguagem é fundamental para a definição do homem. Por um lado, é *logos*, apreensão do ser; por outro, é *logos intersubjetivo*, forma e expressão da historicidade do homem. O homem vive num mundo linguístico que ele mesmo cria como ser histórico. Estas são as duas dimensões essenciais da linguagem: a dimensão sujeito-objeto e a dimensão sujeito-sujeito. Como a linguagem em geral, a linguagem corresponde à primeira dimensão, à relação do homem com o ser. Como língua, corresponde ao mesmo tempo à relação com os demais homens, aos quais, precisamente por intermédio da própria linguagem, atribui à “humanidade” a capacidade de perguntar pelo ser e de interpretá-lo. A outras questões que não podemos tratar aqui e agora, leva o fato de que, por sua vez, estas duas dimensões aparecem como duas apenas na interpretação explícita da linguagem, mas no fundo são uma só.

Coseriu, afirma ainda, falando sobre como o fenômeno da linguagem pode contribuir para o a compreensão do homem atual, que (1987, p.48):

A linguagem pode ser definida como o primeiro surgir – como nascimento – do humano e como abertura das possibilidades próprias do homem. Com efeito, a linguagem é a primeira apresentação da consciência humana como tal (pois que não existe consciência vazia e pois que só mediante a sua objetivação a consciência se deslinda a si mesma, ao reconhecer-se como coisa diferente do “mundo”) e, no mesmo ato, a primeira apreensão do mundo por parte do homem. Como atividade livre, é igualmente, o primeiro fenômeno da liberdade do homem. Como atividade intersubjetiva, é a base do social e a forma fundamental da historicidade do homem, pelo que é também instrumento de comunicação e instrumento de vida prática. E como apreensão do mundo, é suposição e condição da interpretação do mundo, ou seja, do pensamento em todas as suas formas, e, com isso, da busca da verdade, que é prerrogativa essencial do homem no universo. Mas nenhum problema da vida prática, da ciência ou da filosofia pode ser resolvido simplesmente pelo conhecimento adequado ou pelo uso coerente da linguagem. A linguagem é, sim, instrumento da vida prática, mas os problemas dessa vida não

são simplesmente problemas linguísticos. Do mesmo modo, a linguagem é certamente instrumento da interpretação do mundo;

Podemos diante disso que a linguagem é instrumento para que o homem tenha consciência de sua humanidade, para que compreenda o mundo, para que conheça sua historicidade. É também instrumento de comunicação e de vida prática que pode ser utilizada como instrumento de interpretação do mundo.

Dentro dessa perspectiva de linguagem, vemos que a concepção linguística de Coseriu tem como ponto de partida as propriedades gerais e sempre presentes da linguagem. Que esta é uma atividade humana universal que por uma parte é realizada em situações concretas por falantes individuais, mas por outro lado, cada indivíduo segue normas prévias, procedentes de tradições comunitárias. Dessa maneira se fala, uma determinada língua sobre a base de uma determinada tradição do falar desenvolvida no curso da história. A definição geral da linguagem como atividade humana universal exercida individualmente seguindo normas historicamente dadas acarreta na distinção de três níveis no âmbito linguístico: o **nível universal**, o falar a linguagem em geral, prévio a toda distinção das línguas., o **nível histórico**, o dizer nas, línguas históricas, os idiomas, o das línguas em plural, determinadas com adjetivos próprios que as identificam, como inglês, francês, russo; e o **nível dos textos**, dos atos linguísticos, o da série de atos linguísticos conexos que realiza um determinado falante em uma situação concreta, que naturalmente, podem produzir em forma falada ou escrita. Por outro lado, tudo quanto seja ato linguístico, o conjunto de atos linguísticos inter-relacionados pertence a este terceiro nível e se manifesta como um texto (COSERIU, 2007, p. 7 e 8).

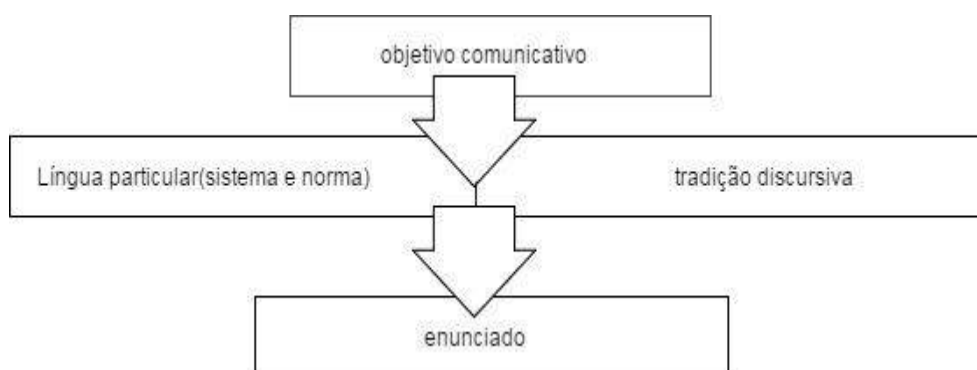
De acordo com Kabatek (2005, p. 161 a 165), Coseriu (cf. Coseriu 1978) diferencia três conceitos distintos de historicidade: a historicidade linguística (historicidade da língua dada); historicidade como tradição de determinados textos ou de determinadas formações textuais; e historicidade genérica, no sentido de uma pertença histórica. A historicidade da língua trata sobre o próprio homem como um ser histórico. A língua como língua particular é a história de uma comunidade internalizada no indivíduo. O segundo tipo de historicidade, refere-se a todas as manifestações culturais repetíveis, incluindo as linguísticas. São as tradições de uma comunidade, objetos culturais disponíveis em uma comunidade para a repetição. O terceiro conceito se refere a acontecimentos individuais irrepetíveis e únicos, como cada texto em particular.

De acordo com Kabatek (2004, p 07).

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados.

De acordo com Kabatek, (2004, p.3), foram denominadas Tradições Discursivas, essas tradições além das línguas,

o conceito foi aplicado a numerosas questões de diversas línguas e encontra-se, atualmente, no centro de interesse de uma série de projetos de pesquisa no mundo inteiro. Nos trabalhos de Peter Koch e Wulf Oesterreicher, em particular nos trabalhos fundamentais de Koch (1997) e Oesterreicher (1997), define-se o conceito das TD partindo da reduplicação do nível histórico coseriano: postula-se a existência de dois fatores no nível histórico, a língua como sistema gramatical e lexical de uma língua, e as tradições discursivas. Dito de outra maneira, pode-se dizer que a atividade do falar, com uma finalidade comunicativa concreta, atravessaria dois filtros concomitantes até chegar ao produto do ato comunicativo ou enunciado: um primeiro filtro correspondente à língua e um segundo, correspondente às tradições discursivas, segundo o seguinte esquema:



FONTE: Oesterreicher 1997, 21; Koch 1997 apud Kabatek, 2004.

O esquema acima proposto por Oesterreicher e Koch (1997), indica que no nível histórico, a língua como sistema e norma de uma língua e a tradição discursiva darão o produto do ato comunicativo, que é o enunciado.

De acordo com Marcuschi (2008, p 71),

o texto é resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. [...] o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa,

uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico.

Assim, o texto está presente nas sociedades, nos mais diversos segmentos, e nos mais variados momentos. O texto nasce das mais diversas situações e serve a inúmeras intenções, carregadas de sentidos diretamente envolvidos a uma situação comunicativa.

De acordo com Marcuschi (2008, p 75), “o texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos”. Assim, para a produção de um texto, é necessário um contexto, uma situação comunicativa, na qual o texto será inserido, adequadamente, em conformidade com o contexto em que esse evento comunicativo ocorre. Não é possível, deste modo, produzir um texto sem considerar esses aspectos.

Essas implicações apontam para o fato de que o texto é produzido através de uma interligação de vários fatores que conferem ao texto ser o que se torna a partir do assunto que se quer tratar, das esferas sociais envolvidas, do lugar, das experiências dos interlocutores, da situação de comunicação, bem como do domínio linguístico dos interlocutores. Esses fatores podem ser chamados de contexto.

Sobre esse contexto que envolve o texto, Koch (2010, p 78-83) apresenta que, anteriormente na Linguística Textual, o contexto era visto apenas como o ambiente ou entorno verbal, chamado de contexto, contudo atualmente outro tipo de contexto é observado pela linguística textual, o “contexto sociocognitivo”, no qual compreende-se que nos estudos do texto o contexto não abrange apenas o contexto (situação de comunicação), mas também a situação de interação imediata, a situação imediata e o contexto sociocognitivo dos interlocutores. Dessa maneira, ao produzir um texto, todo esse contexto sociocognitivo deverá influenciar nas condições e escolhas que gerarão a produção textual, inclusive o próprio contexto sociocognitivo dos interlocutores.

Koch (2010, p. 84) ressalta ainda que esse contexto deve ter especial atenção por parte do produtor do texto, pois apresenta funções indispensáveis à produção textual, já que aquele que escreve o faz para alguém; faz isso guiado por um objetivo e o faz com base em um conjunto de conhecimentos. O contexto possibilita avaliar o que é adequado ou não adequado do ponto de vista dos modelos interacionais que foram construídos culturalmente.

Marcuschi (2008, p 87) também afirma que as relações contextuais se estabelecem “entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva (o que

envolve os conhecimentos individuais e coletivos).

De acordo com Marcuschi (2008, p 89), textualidade não é uma propriedade imanente a algum artefato linguístico. Essa posição supõe pelo menos três aspectos:

- Primeiro: um texto não é um artefato, um produto, mas é um evento (uma espécie de acontecimento) e sua existência depende de que alguém processe em algum contexto. É um fato discursivo e não um fato do sistema da língua. Dá-se na atividade enunciativa e não como uma relação de signos.
- Segundo: um texto não se define por propriedades imanentes necessárias e suficientes, mas por situar-se num contexto sociointerativo e por satisfazer um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de sentidos.
- Terceiro: a sequência de elementos linguísticos será um texto na medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão.

Portanto, o texto deve apresentar tais características para que possa ser reconhecido como tal, e deve obedecer a um conjunto de critérios de textualização, pois não é um conjunto de frases aleatório, nem é um a sequência em qualquer ordem.

1.2 O conceito de gênero textual e as tradições discursivas

Os gêneros textuais podem ser definidos de acordo com os diversos estudos que têm se desenvolvido. Eles têm recebido denominações diferentes, que refletem as várias correntes de estudo de gêneros, de acordo com a perspectivas em que se fundamentam.

Aqui, traremos uma definição apresentada por Marcuschi (2008, p. 155):

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Essa definição de gênero textual demonstra proximidade com concepções Bakhtinianas, como afirma Marcuschi (2008, p. 155):

admitimos, com Bakhtin, que todas as atividades humanas estão relacionadas

ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) “concretos e únicos que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana” (1979: 279). E com essa posição teórica chegamos à união do gênero ao seu envolvimento social.

Para Bakhtin (2003, p.261- 262) todas as áreas da atividade humana estão ligadas ao uso da linguagem, contudo essa linguagem é compreendida de múltiplas formas, observando-se os campos de atuação da linguagem humana. O emprego da língua se dá, então por meio de enunciados que podem ser orais ou escritos, porem concretos e únicos e irão refletir as condições e as finalidades de cada campo de atuação, por seu conteúdo temático, por seu estilo de linguagem e por sua construção composicional. Esses três fatores estarão sempre ligados dentro do enunciado, que é individual e particular. Portanto, cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, que o autor denomina como gêneros do discurso.

Decidimos manter uma relação de proximidade com a concepção de Bakhtin e o círculo bakhtiniano em relação ao gênero, pois esse conceito também se aproxima dos estudos de Tradições Discursivas, em que se inserem as concepções de Koch e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167), utilizadas nesta pesquisa. Conforme os escritos de Kabatek (2012, p. 583):

Bem mais perto das ideias que queremos apresentar aqui encontra-se o conceito dos *gêneros discursivos* de Mikhail Bakhtin. Já há bastante tempo, Bakhtin reconheceu a limitação que compreendia o termo saussuriano *langue* com respeito à tradição. A finalidade do termo *gênero* em Bakhtin provavelmente foi a de levar em conta a complexidade das tradições literárias, mas, com o ponto inicial dos *gêneros primários*, também se trata da tradição em um sentido teórico e amplo. Só que a recepção moderna de Bakhtin não procurou desenvolver toda amplitude do termo, senão a limitá-lo sobretudo aos aspectos literários e à noção fundamental da intertextualidade na literatura. Mesmo assim, no seu núcleo, a crítica feita por Bakhtin ao estruturalismo pode ser considerada precursora das ideias das TDs, mas sem ter desenvolvido uma aplicação ampla com todas as consequências implicadas.

1.3 Gêneros no contínuo de oralidade e escrituralidade

Koch e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167) desenvolvem um modelo teórico em que os fenômenos linguísticos podem ser localizados em uma concepção global de oralidade e escrituralidade, com a finalidade de estabelecer uma distinção sistemática entre fala e escrita e também responder de forma precisa aos problemas concernentes a essa temática. Esses autores defendem que se deve considerar que todas as instâncias e fatores da comunicação estão ligados a possibilidades de variação.

Nesse modelo teórico, os parâmetros de comunicação que caracterizam a concepção discursiva dos textos no contínuo de oralidade e escrituralidade são as seguintes (KOCH & OESTERREICHER *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167):

- a) O grau de publicidade: condição de comunicação em que se considera o número de co-enunciadores (conversa a dois ou de comunicação em massa), e se existe um público e de que tamanho.
- b) O grau de intimidade entre o enunciador e o co-enunciador: a familiaridade entre os dois depende das experiências comunicativas comuns aos dois, do conhecimento que compartilharam e da escala de institucionalização a que se liga a situação de comunicação.
- c) O grau de emocionalidade: situação que envolve afetividade e expressividade, dirigida a parceiros ou objetos da comunicação
- d) O grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação.
- e) O ponto de referência da situação de comunicação. A caracterização de pessoas ou objetos como próximos ou distantes dependerá do ponto de referência, que será dado pelo falante.
- f) A proximidade física entre os parceiros da comunicação. Numa situação de comunicação face a face há a proximidade física, numa situação de comunicação por carta, há uma distância física e temporal.
- g) O grau de cooperação: pode ser medido conforme as possibilidades de influência que o co-enunciador imprime na produção do discurso.
- h) O grau de dialogicidade, em que é decisivo saber qual é a possibilidade e a frequência de se tomar o papel de enunciador na comunicação.
- i) O grau de espontaneidade da comunicação.
- j) O grau de fixação temática.

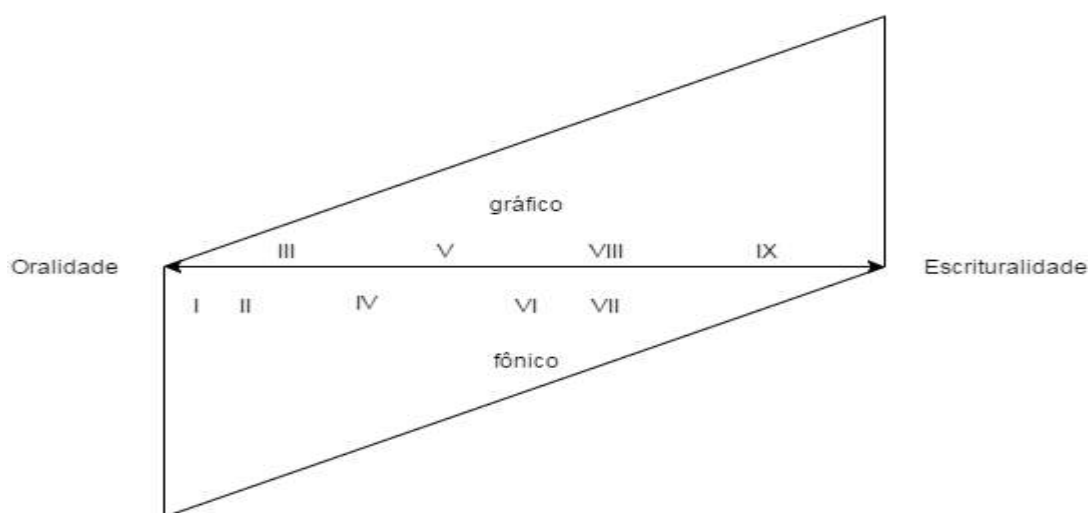
Para Koch e Oesterreicher (1994 *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p.163) “todas as realizações linguísticas – todos os textos e, portanto, gêneros – caracterizam-se a partir desses parâmetros comunicativos e de suas diferentes combinações”.

Para Castilho da Costa e Simões (2015, p.164), essa perspectiva, ao contrário de uma visão dicotômica de oralidade e escrita,

permite explicar entrecruzamentos e sobreposições de gêneros textuais. Do ponto de vista desse modelo, todos os gêneros textuais, bem como outros tipos de tradições discursivas, entendidas como modos tradicionais de dizer que incluem fórmulas, estilos e universos de discurso, entre outros padrões textuais, possuem

tanto um perfil medial, quanto concepcional. [...] toda tradição discursiva pode ser descrita a partir de seu perfil de concepção discursiva, quer dizer, a partir de sua localização no continuun de imediatez e distância comunicativas, que em princípio “é independente de seu perfil medial.

Kock e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167) propõem uma perspectiva global que envolve o meio e a concepção e a partir de nove gêneros, mostram a localização de gêneros diferentes e tradições discursivas no contínuo de oralidade e escrituralidade, como mostram Castilho da Costa e Simões (2015, p.165):



KOCH e OESTERREICHER *apud* Castilho da Costa e Simões 2015, p. 165

Nove gêneros são dispostos no gráfico, propondo uma perspectiva global, que envolve tanto o meio como a concepção. Koch e Oesterreicher (*apud* Castilho da Costa/ Simões; 2015, p.165) e mostram a localização relativa de diferentes gêneros e tradições discursivas no contínuo de oralidade e escrituralidade, exemplificada a partir desses nove gêneros:

I – conversa familiar;

II – conversa telefônica

III – carta pessoal

IV – entrevista de trabalho

V –versão impressa de uma entrevista de jornal

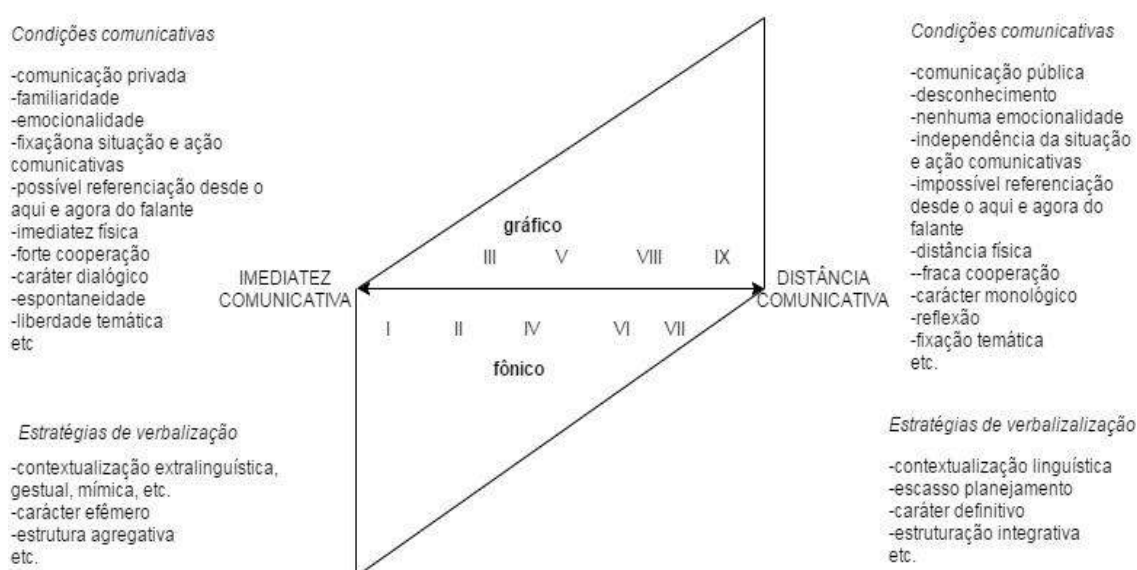
VI – sermão religioso

VII – conferência científica

VIII – artigo editorial

IX – texto jurídico

Veremos, a seguir, uma figura que mostra um enfoque global, que engloba tanto o meio como a concepção, a localização relativa de diferentes formas de comunicações e tradições discursivas no contínuo entre imediatez e distância comunicativa (KOCH e OESTERREICHER, 2007 p. 35).



KOCH e OESTERREICHER, p. 34 (Meio e concepção. Contínuo entre imediatez e distância comunicativas e perfil concepcional de algumas formas comunicativas).

1.4 O gênero textual *crônica*

Trataremos aqui do gênero crônica, como ele pode ser caracterizado, quais elementos o constituem, que papel este gênero ocupa em situações de comunicação dentro da Língua Portuguesa utilizada no Brasil, e ainda, como ele pode ser situado dentro do contínuo de oralidade e escrituralidade.

Para Cândido (1992, p. 14),

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

A partir dessa perspectiva, podemos dizer que a crônica é um gênero que provoca a reflexão e o pensamento humano, pois é capaz de redimensionar o pensamento que temos sobre as coisas e as pessoas. Isso é possível porque através de pequenas coisas da vida, grandes temas podem ser debatidos dentro da simplicidade daquilo que parece ínfimo.

Trata-se de um texto inspirado na realidade, na verdade, mas que ganha contornos fantásticos, ideais, muitas vezes carregados de humor, tratando de forma leve e ao mesmo tempo incisiva, temas comuns da vida, que revolvem as emoções, típicas do humano. Para Sá (1987, p 9) “o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende ficar apenas na superfície de seus próprios comentários”.

Conforme Cândido (1992, p. 14), a crônica

não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.

A crônica é um gênero escrito para ser lido rapidamente, característica que se evidencia no suporte em que normalmente aparece, o jornal. Contudo também passa a ser visto como um texto duradouro, quando pode vir a ser publicada em livros, e se manter atual por muito tempo. Conforme Sá (1987, p 7), “sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem de narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea)”. Para Sá (1987, p 18):

“Os próprios jornais conferem ao cronista a missão de colocar a vida no exíguo espaço dessa narrativa curta”.

Podemos então compreender a crônica como uma narrativa curta, em que o próprio autor narra fatos simples da vida real de maneira ficcional, e apresenta coisas simples da vida com um olhar poético, e construindo um diálogo com o leitor, que é partícipe nessa realidade ficcional. “A magicidade da crônica está presente mesmo nos textos em que a atmosfera política torna o diálogo com o leitor mais referencial.[...] a atmosfera política reafirma, assim o valor sociológico da crônica na construção do painel de uma época” (SÁ, 1987, p. 19).

O cronista pode ainda optar pela busca do pitoresco, que lhe permite “captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade” (SÁ, 1987, p. 23). Isso permite que o cronista possa tratar de temas relevantes para o seu público leitor, provoque uma avaliação crítica, uma tomada de posição e até mesmo uma mudança de atitude, diante de determinado problema social em que o autor e leitor estão inseridos.

Segundo Arriguici Jr (1987, p. 51) a crônica é um gênero literário que está ligado ao jornal “está entre nós há mais de um século e se aclimatou com tal naturalidade, que parece nosso. Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro”.

Quanto à construção do texto, a crônica é narrada pelo próprio autor, não aparecendo nela a figura do narrador desprendida do autor. De acordo com Sá (1987, p 9) “quem narra crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”. E Arriguici Jr (1987, p. 52) afirma que esse gênero pode “constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a História no texto”.

Essas características tornam a crônica um gênero textual histórico e contemporâneo, cheio da vida real, da imaginação e da poesia, um gênero que desperta tanto as emoções humanas como o seu senso crítico e que reúne características da oralidade e da escrituralidade, gênero textual que deve ter o seu lugar na escola nos estudos da língua portuguesa, portanto.

1.4.1 A crônica e o contínuo de oralidade e escrituralidade

Observaremos aqui, como a crônica pode se comportar dentro do contínuo de oralidade e escrituralidade, a partir dos critérios propostos por Koch e Oesterreicher (1990/2007 apud Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167).

A crônica apresenta algumas características definidas e possui algumas especificidades que a diferenciam, mas pode apresentar uma gama de características diferentes, o que dificulta a delimitação pontual das características desse gênero. Apresenta a expressão do sentimento humano em pequenas coisas do viver, pode evocar uma mudança de atitude, um pensamento crítico, pode ainda sensibilizar e mobilizar o leitor para uma atitude, uma mudança de comportamento, uma tomada de posicionamento.

Dentro dessa visão, observaremos a crônica dentro do modelo teórico desenvolvido por Koch e Oesterreicher (1990/2007 apud Castilho da Costa e Simões 2015, p. 162 - 167), localizando-o, em uma concepção global de oralidade e escrita. Para isso, observaremos as seguintes condições de comunicação na caracterização da concepção discursiva desse gênero.

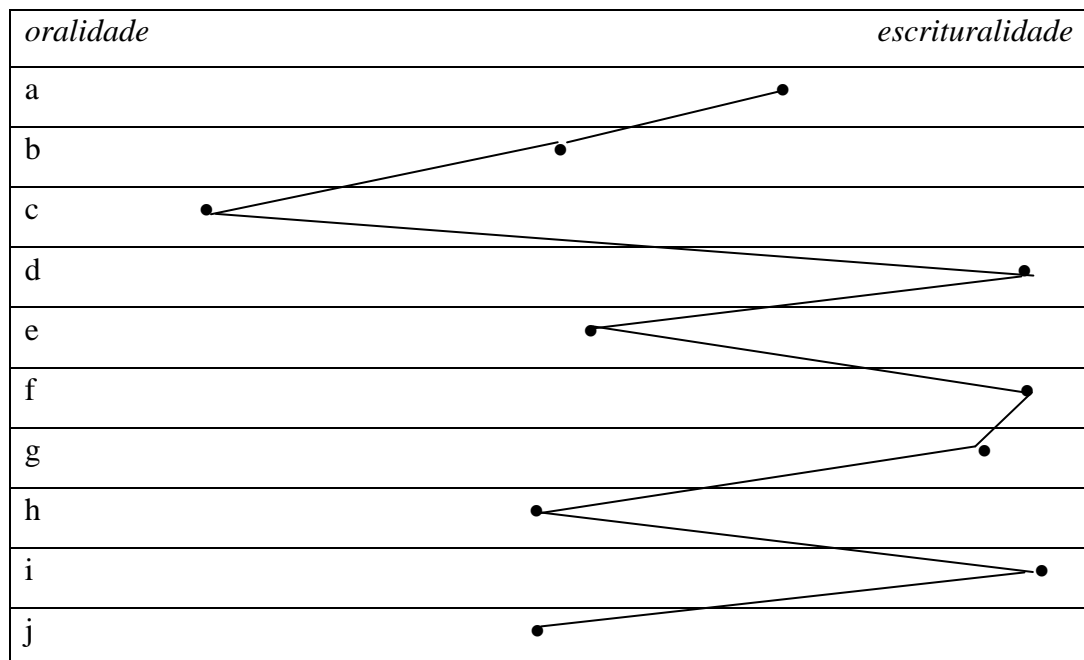
- a) O grau de publicidade: condição de comunicação em que se considera o número de co-enunciadores (conversa a dois ou de comunicação em massa), e se existe um público e de que tamanho. A crônica apresenta-se como um gênero que possui um público alvo, não se trata apenas de uma conversa a dois, pois inclui todo o público leitor do jornal, livro ou site; do veículo em que é publicada, apresentando um grau médio a alto de publicidade, pois procura atingir um público leitor de jornal, e interessados em assuntos do cotidiano.
- b) O grau de intimidade entre o enunciator e o co-enunciador: a familiaridade entre os dois depende das experiências comunicativas comuns aos dois, do conhecimento que compartilharam e da escala de institucionalização a que se liga a situação de comunicação. No caso da crônica, o grau de intimidade poder ser considerado, não como a intimidade familiar, mas há um certo grau de intimidade, que pode ser considerado pequeno, visto que o autor e o público compartilham do assunto abordado no texto, geralmente coisas do cotidiano, mas sendo publicada por meio de um veículo institucional, apresenta-se aí uma institucionalização, mantendo assim um baixo o grau de intimidade.
- c) O grau de emocionalidade: situação que envolve afetividade e expressividade, dirigida a parceiros ou objetos da comunicação. Essa condição de comunicação aparece fortemente neste gênero, tendo em vista que a crônica evoca os sentimentos humanos mais diversos e muito frequentemente o humor, a fim de levar a uma reflexão de certos pro-

cedimentos adotados pelo ser humano, nas mais diversas situações da vida. Assim, ao chamar a atenção do leitor não apenas para o que está sendo dito, mas também para o modo como se é dito, o enunciador se utilizará da afetividade e da expressividade. Nas crônicas que serão desenvolvidas pelos alunos, o assunto tratado envolve um grau de emocionalidade médio a alto, já que se trata de ações humanas com relação aos animais.

- d) O grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação. Quanto ao contexto situacional, a crônica pode ser publicada em jornais, sites e livros, não havendo uma necessidade direta de o leitor estar no mesmo espaço e tempo do produtor do texto para compreender a mensagem. A crônica tem certa independência do contexto situacional dos atos de comunicação. É possível assim dizer que o grau de dependência do contexto situacional dos atos de comunicação é mínimo.
- e) O ponto de referência da situação de comunicação. A caracterização de pessoas ou objetos como próximos ou distantes dependerá do ponto de referência, que será dado pelo falante. As crônicas desenvolvidas neste trabalho terão como ponto de referência o problema de maus-tratos contra animais, dessa forma o enunciador fala de um objeto distante (os maus-tratos contra os animais), apresentando ainda um certo teor de subjetividade.
- f) A proximidade física entre os parceiros da comunicação. Numa situação de comunicação face a face há a proximidade física, numa situação de comunicação por carta, há uma distância física e temporal. Essa condição também se apresenta no gênero em estudo, pois também pode ser lido sem a presença daquele que o escreveu. A distância temporal pode ser considerada menor do que a da carta, quando a crônica é publicada, diariamente em um jornal ou site. Mas mesmo assim, é possível classificar como baixo ou até inexistente, o grau de proximidade física entre os parceiros da comunicação.
- g) O grau de cooperação: pode ser medido conforme as possibilidades de influência que o co-enunciador imprime na produção do discurso. No gênero em estudo o grau de cooperação é pequeno, já que no momento da comunicação a crônica já chegará pronta às mãos do leitor, porém deve-se lembrar que ela foi escrita levando em consideração o cotidiano, coisas comuns às pessoas, o que remete a existência de uma certa cooperação na produção do discurso presente na crônica produzida, principalmente por tratar de assuntos, em várias situações, que emergem do momento social, político e emocional em que o cronista e seu público estão inseridos. Além disso, em algumas ocasiões o público leitor pode enviar comentários e críticas ao cronista.

- h) O grau de dialogicidade, em que é decisivo saber qual é a possibilidade e a frequência de se tomar o papel de enunciador na comunicação. A dialogicidade será inexistente, no momento da leitura do gênero, contudo o gênero, poderá provocar o leitor a tornar-se um enunciador. Esse grau pode ser considerado médio, no gênero *crônica*, levando-se em consideração que o leitor pode mudar seu pensamento, sua visão de mundo e até mesmo suas atitudes a partir da leitura da crônica.
- i) O grau de espontaneidade da comunicação. Como esse gênero já é previamente construído, não se pode observar, a espontaneidade.
- j) O grau de fixação temática. O tema pode variar nesse gênero, de acordo com o objetivo da crônica escrita. Mas há um grau de fixação temática médio, por tratar sempre de um tema de interesse do público leitor. O cronista terá o cuidado de selecionar um tema pertinente ao público que lerá a crônica, então podemos dizer que haverá uma certa fixação temática conduzindo a produção do cronista.

A partir dessas condições de comunicação, analisaremos crônicas produzidas pelos alunos. O gráfico abaixo apresenta os valores paramétricos do gênero crônica, a partir das considerações acima:



Podemos afirmar que estamos tratando de um gênero que apresenta marcas de oralidade, mas se aproxima predominantemente da escrituralidade. Sendo assim, é um gênero textual adequado para ser estudado no Ensino Fundamental, pois podemos observar o seu

trânsito no contínuo de oralidade e escrituralidade.

1.4.2 A sequência descritiva

De acordo com Adam (2008, p. 215 a 224), a sequência descritiva não comporta uma ordem de agrupamentos das proposições-enunciados em macroposições ligadas entre elas. Já na Antiguidade e até nos dias atuais, a descrição foi depreciada em subcategorias: descrição de pessoas, a montagem em paralelo, a hipotipose e o quadro.

Para esclarecer como essas subcategorias se apresentam, montamos o quadro abaixo baseado nas definições de Adam (2008, p. 215):

SUBCATEGORIAS DA DESCRIÇÃO	
Descrição de pessoas	Retrato moral (<i>etopéia</i>)
	Retrato físico (<i>prosopografia</i>)
Montagem em paralelo	Descrições consecutivas ou alternadas, baseadas na semelhança ou na oposição
Hipotipose	Exposição vívida do objeto, tornando presente e vivo pelo trabalho estilístico do orador ou do escritor.
Quadro	Contextualização, agrupamento em torno de um motivo ou personagem principal

FONTE: Adam (2008, p. 215).

Para fugir dessa visão Adam (2008, p. 215) apresenta o pensamento que:

Philippe Hamon propôs, no campo da poética literária, uma teoria geral do que define como um efeito de texto ou de dominante (1993, p.5). enfatizou os procedimentos de abertura e de encerramento inseridos numa narração, a natureza profundamente tabular da organização dos enunciados descritivos e os procedimentos de metaforização, de animação e de ordenação que permitem lutar contra os efeitos de lista.

Para Adam (2008), um procedimento descritivo é inseparável da expressão de um ponto de vista. Isso é um fato decorrente do caráter indissociável de um conteúdo descritivo e de uma posição enunciativa que orienta de forma argumentativa, todo o enunciado.

Quaisquer que sejam os objetos do discurso e a extensão da descrição, no nível de composição textual, a aplicação de operações de base gerará proposições descritivas que irão se agrupar em períodos de extensão variável, ordenadas por um plano de texto Adam (2008, p. 216 a 223).

1-Operações de tematização – é a macrooperação principal que dá unidade a um segmento e faz dele um período tão característico que aparece como uma espécie de sequência. Pode ser aplicada de três maneiras diferentes (ADAM, 2008, p. 216 a 218):

- Pré-tematização (ou ancoragem) – “é uma denominação imediata do objeto que abre um período descritivo e anuncia um todo”.
- Pós-tematização (ou ancoragem diferida [affectation]) – “é uma denominação adiada do objeto, que somente nomeia o quadro da descrição no curso final da sequência”.
- Retematização (ou reformulação) – “nova denominação do objeto, que reenquadra o todo, fechando o período descritivo.”

2-Operações de aspectualização – essa macrooperação se apoia na tematização e agrupa duas operações (ADAM, 2008, p. 219):

- Fragmentação (ou partição) – “seleção de partes do objeto da descrição”.
- Qualificação (ou atribuição de propriedades) – “é realizada, na maioria das vezes pela estrutura do grupo nominal nome + adjetivo e pelo recurso predicativo ao verbo ser”.

3-Operações de relação – Essa macrooperação agrupa duas outras operações (ADAM, 2008, p. 221):

- Relação de contiguidade – “situação temporal ou espacial”, que “intervém muitas vezes de maneira implícita”.
- Relação de analogia – ‘permite descrever o todo ou as partes colocando-as em relação com outros objetos –indivíduos’

4-Relações de expansão por subtematização – “a extensão da descrição se produz pelo acréscimo de qualquer operação a uma operação anterior”. A expansão descritiva é infinita, regada por um pequeno número de operações identificáveis e repetíveis” (ADAM, 2008, p. 222 a 223):

Conforme Adam, (2008, p. 223) a descrição passa por dois modos principais de descrever, determinados pela atitude do descritor: o descrever perceptual e o epistêmico.

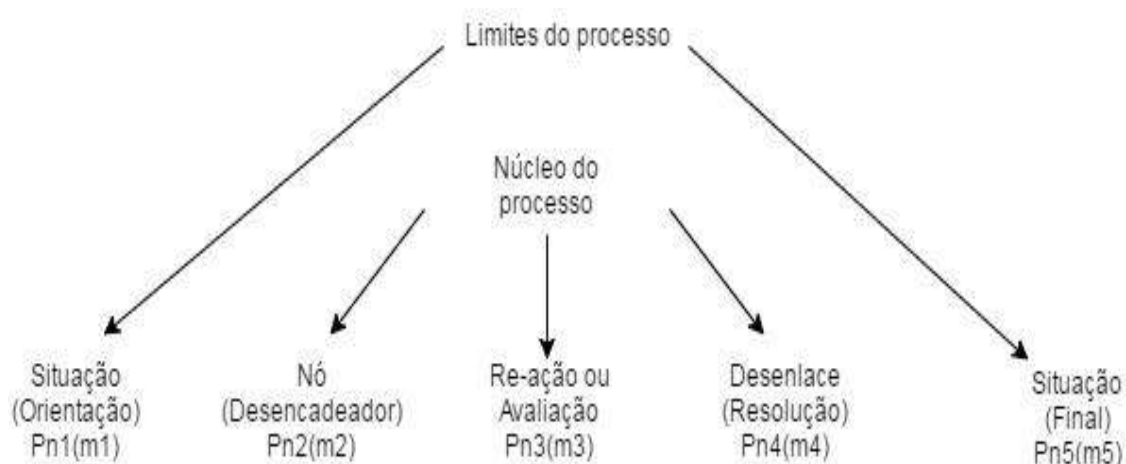
Veremos, a seguir, como esse mesmo autor apresenta estrutura da sequência narrativa.

1.4.3 A sequência narrativa

Conforme Adam (2008, p. 224), “toda narrativa, pode ser considerada como a exposição de “fatos” reais ou imaginários” esses “fatos” podem ser distinguidos em eventos e ações. A ação seria caracterizada pela presença de um agente, que pode ser humano ou

antropomórfico, que provoca uma mudança ou tenta evitá-la. Já o evento, ocorre sob o efeito de causas, sem que haja intervenção intencional de um agente.

A narrativa pode ser construída de diferentes formas de acordo com o grau de narrativização. Uma narrativa construída somente por uma simples enumeração de uma sequência de ações e/ ou eventos possui um baixo grau de narrativização. Adam apresenta algumas macroposições narrativas de base, baseadas na organização da trama proposta por Tvetzan Todorov (1968, 82) e Paul Larivaille (1974). Conforme o esquema abaixo:



FONTE: Adam (2008, p.225).

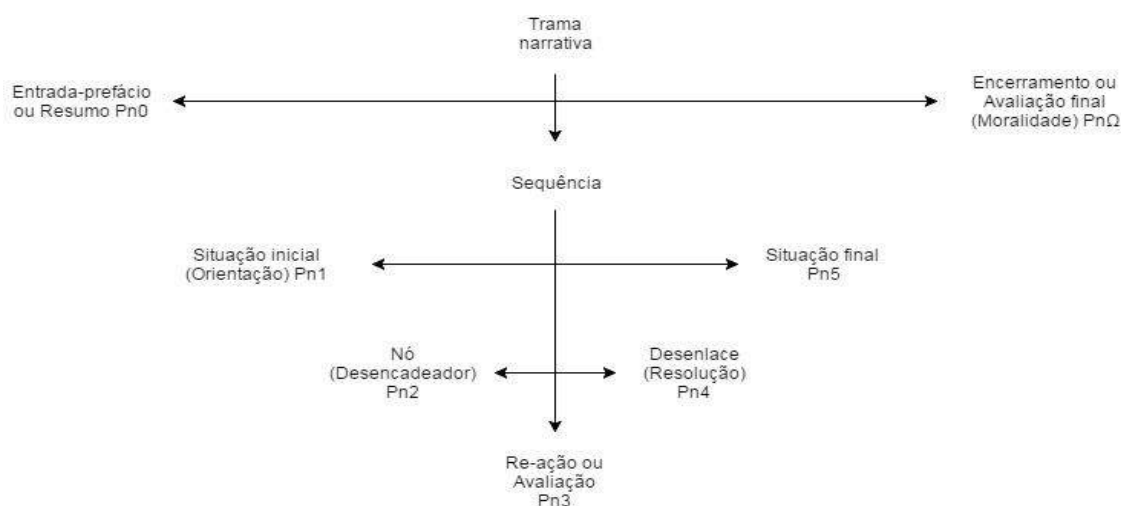
Cada macroposição corresponde a um momento da narrativa expresso em cada limite do processo:

Pn- macroposições narrativas de base	m – momentos	Limites do processo
Pn1	m1 – antes do processo	Situação Inicial (orientação)
Pn2	m2 – início do processo	Nó (desencadeador)
Pn3	m3 – curso do processo	Re-ação ou Avaliação
Pn4	m4 – o fim do processo	Desenlace (Resolução)
Pn5	m5 – depois do processo.	Situação Final

Fonte: Adam (2008, p.224).

Para Adam (2008, p.226), não é possível definir nenhuma regra de segmentação própria às sequências, que tanto podem ser fortemente segmentadas como fracamente.

Para Adam (2008, p.227) a inscrição de uma sequência em um co-texto dialogal pode ser compreendida por possibilitar acrescentar na abertura “uma *Entrada-prefácio* ou de um simples *resumo* (Pn0) e, ao termo da narração, de uma *Avaliação final* (PnW) que assume a forma de *Moralidade* das fábulas [...] *Encerramento*”. Essas proposições irão garantir, “a entrada e a saída do mundo da narração”, conforme Adam (2008, p.228), expresso no esquema abaixo:



Fonte: Adam (2008, p.228).

1.5 Leitura e produção de textos e ensino

Por muito tempo, as aulas de língua portuguesa no Brasil restringiram-se ao ensino da gramática normativa, dissociado do texto. Com os PCN, o incentivo ao estudo da língua através dos gêneros impulsionou uma mudança na maneira de se ensinar a língua portuguesa. Contudo essa iniciativa não foi efetivamente praticada, já que em muitas ocasiões, os gêneros não têm sido estudados como deveriam, como práticas sociais em situações reais que envolvem a vida do aluno e o levam a interagir linguisticamente, rodeado pelo contexto e por toda a situação de comunicação que requer um uso apropriado de um determinado gênero textual.

Conforme Marcuschi (2008, p 207), os gêneros textuais presentes nos manuais de estudo da língua, que são analisados de maneira mais aprofundada são, na maioria das vezes,

os mesmos. Outros gêneros, principalmente os concebidos na oralidade ainda não são tratados de modo sistemático, apesar de já serem incluídos em algumas novas abordagens.

Dessa maneira é difícil que os alunos aprendam a produzir gêneros escritos de uso diário, bem como gêneros orais mais formais. No entanto, não há uma receita para a escolha dos gêneros que serão trabalhados na escola.

A diversidade de gêneros escritos é bem maior do que a quantidade de gêneros orais, pois vivemos em uma civilização em que o papel da escrita é central nas atividades diárias. Por isso, é necessário que a escola desempenhe um papel fundamental no ensino dos gêneros, deixando claro para os alunos que é preciso conhecê-los e utilizá-los dentro da situação adequada.

Para que a aprendizagem aconteça na escola Dolz e Schineuwly (2004, p 103) afirmam que é preciso observar as pesquisas em didática, que consideram os limites da situação escolar e o currículo seguido pelos alunos e observar alguns fatores:

- a avaliação das capacidades iniciais dos alunos;
- a escolha de objetivos que merecem uma prioridade para assegurar novas aquisições e que estão ligeiramente acima das possibilidades dos alunos, a fim de criar um desafio intelectual desestabilizador;
- as etapas decisivas a serem vencidas, os obstáculos e os conflitos que intervêm na aprendizagem;
- as ajudas didáticas, os dispositivos de apoio e as condições que favorecem o trabalho em sala de aula, permitindo evidenciar os desafios de aprendizagem;
- as formas de redução de ajuda externa, para permitir aos alunos realizar tarefas análogas de maneira autônoma.

Observando esses fatores, o professor poderá trabalhar os gêneros dentro dos agrupamentos propostos pelos autores em diferentes séries na escola, em diferentes níveis de um mesmo gênero. A aprendizagem de um gênero pode ser lenta e longa, por isso devemos propor diferentes níveis de complexidade, evitando a repetição, mas retomando objetivos já trabalhados. Devem ser contemplados gêneros orais e escritos, que desenvolvam nos alunos a possibilidade de se comunicar adequadamente, em situações de oralidade e escrita, de maneira formal ou informal.

Para Geraldi (1997 p.168),

se considerarmos as práticas normalmente propostas por livros didáticos, toda a lição ou unidade destes livros, organizados em unidade e, em geral sem unidade, iniciam-se por um texto para leitura. Como tais leituras não respondem a nenhum interesse mais imediato daqueles que sobre os textos se debruçam, a relação interlocutiva a ocorrer deverá se legitimar fora dela própria. Ou seja, mesmo quando a leitura se inspira em concepções mais interessantes sobre os textos e sobre a leitura, as relações interlocutivas a se empreenderem em sala de aula, não respondem à necessidade do estabelecimento destas relações. Daí sua legitimidade

se estatuir e não se constituir. Os alunos, leitores e portanto interlocutores, leem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo em que estão, eles leitores/alunos, engajados.

Geraldi expõe um grande problema que ainda pode ser vivenciado na sala de aula hoje. Contudo, a leitura dentro da sala de aula não pode ser desenvolvida em uma perspectiva semelhante a realidade constatada no trecho acima. O texto não pode ser lido sem propósitos, sem interesse imediato daqueles que irão lê-los. Os alunos não devem ser levados a ler apenas para atender aos interesses sociais que a sociedade, a escola ou o professor propõem. A leitura deve ser realizada a partir da vivência do aluno, das perguntas que ele traz, os textos devem ser produzidos de acordo com as necessidades comunicativas reais que serão suscitadas pelos próprios alunos, de acordo com os acontecimentos e experiências que se sucedem ao seu redor, em sua vida.

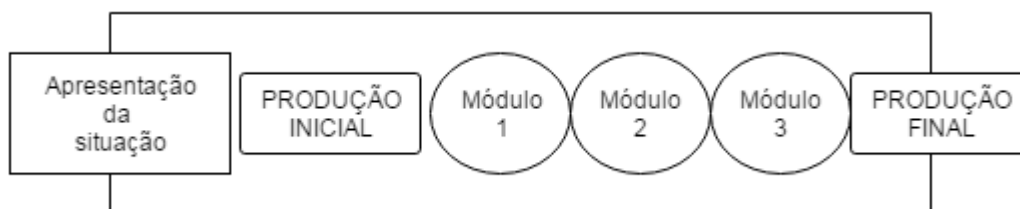
1.5.1 Conceito de sequência didática

Para Marcuschi (2008, p 214) “a finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero”. O gênero produzido através da aplicação de uma sequência didática tende a apresentar todas, ou pelo menos, a maioria das características estudadas em cada passo da sequência.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p 83) os textos que produzimos se diferenciam de acordo com as condições de produção. Alguns desses gêneros são mais interessantes à escola. Utilizar a sequência didática na produção de um gênero tem a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

Esse trabalho deve ser desenvolvido considerando gêneros que o estudante ainda não domina, ou domina parcialmente; gêneros públicos e/ou de difícil acesso para o aluno. Assim as sequências didáticas serão úteis para dar aos alunos acesso à práticas de linguagens novas ou difíceis de dominar.

Dolz e Schneuwly (2004, p 83 - 91) apresentam a estrutura base de uma sequência didática através do esquema abaixo:



A sequência didática deve ser formada por quatro componentes:

a) A apresentação da situação

Essa etapa da sequência didática procura apresentar aos alunos uma situação de comunicação real, que será realizada na produção final. Esse momento também prepara o aluno para a produção inicial, que precederá os módulos de leitura e escrita.

Nesse momento, devemos apresentar um problema de comunicação bem definido para que os alunos compreendam bem a situação de comunicação em que devem agir. Para isso os estudantes precisam saber qual o gênero que será abordado, a quem se dirige a produção, que forma assumirá a produção e quem participará da produção.

Também é necessário preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos. Os alunos precisam saber dos conteúdos com os quais vão trabalhar e a importância que eles têm. A fase inicial permite, com a apresentação da situação, que os alunos tenham todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo que pretendemos realizar e a aprendizagem da linguagem relacionada a ele. A sequência deve ser realizada aliada a esse projeto de classe elaborado durante a apresentação da situação tornando significativas as atividades de aprendizagem.

b) A primeira produção

Apresentada a situação inicial os estudantes podem elaborar a primeira produção, oral ou escrita. Essa primeira produção mostrará para os próprios alunos e para o professor, as representações que os estudantes têm dessa atividade. Nessa primeira produção é possível perceber o que cada aluno conseguiu seguir a partir da instrução dada e verificar as capacidades que o aluno já possui bem como suas possíveis potencialidades. Assim o professor poderá definir qual o melhor caminho para intervir durante o percurso que o aluno ainda irá percorrer. Essa avaliação é chamada de formativa.

A produção inicial regula a sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor, pois esclarece quanto ao gênero abordado na sequência didática e também permite ao aluno descobrir e conscientizar-se dos problemas encontrados.

Também a primeira produção é para o professor um momento de observação que o ajuda a

refinar a sequência didática, adaptando-a mais precisamente às capacidades reais dos alunos daquela determinada turma. A análise dessas produções iniciais, orais ou escritas ajudarão o professor a avaliar quais são as dificuldades encontradas pelos alunos. Porém, a produção inicial é também o primeiro lugar de aprendizagem, pois o simples fato de fazer uma atividade, conforme as delimitações dadas, já é considerado um momento de aprendizagem e conscientização dos próprios limites que cada aluno possui.

c) Os módulos

Nos módulos serão trabalhados os problemas revelados na primeira produção e serão dados aos alunos instrumentos necessários à superação desses problemas. A sequência didática movimenta-se assim, do complexo para o simples. A produção inicial é mais complexa, os módulos são mais simples. Cada módulo deve trabalhar uma capacidade necessária ao domínio de determinado gênero. Para trabalhar os problemas isoladamente deve-se:

- Trabalhar problemas de níveis diferentes – A produção de textos orais e escritos passa por vários níveis, nos quais o aluno pode enfrentar diferentes problemas, que ao final ele deve ser capaz de resolver. Os autores sugerem quatro níveis principais na construção de textos: representação da situação de comunicação; elaboração dos conteúdos; planejamento do texto e realização do texto.

- Variar as atividades e exercícios – Deve-se variar o modo de trabalho usando diversas atividades e exercícios que relacionem intimamente leitura e escrita e que enriqueçam o trabalho desenvolvido na sala de aula. Os autores apresentam três grandes categorias de atividades e exercícios distintos: as atividades de observação e análise de textos; as tarefas simplificadas de produção de texto; e a elaboração de uma linguagem comum para falar dos textos e comentá-los.

- Capitalizar as aquisições – ao realizar os módulos os alunos aprendem a falar sobre o gênero estudado e adquirem um vocabulário que será comum ao professor e à classe. Assim construirão um conhecimento progressivo sobre o gênero e poderão conversar sobre o que aprenderam e comunicar aos outros o que sabem, favorecendo uma atitude reflexiva e controle do comportamento.

Esse vocabulário e as regras podem ser listados e durante ou ao final da sequência deve ser feito um registro para resumir tudo o que foi aprendido. Essa lista pode ser chamada de “lista de constatações” ou de “lembrete” ou “glossário”.

d) A produção final

A produção final dá ao aluno a possibilidade de praticar o que ele aprendeu separadamente nos módulos. Ao professor essa produção permite fazer uma avaliação somativa.

- Investir as aprendizagens – O documento de síntese ganha sua maior importância durante a produção final, pois indica ao aluno objetivos a serem atingidos, serve de instrumento regulador e controlador de sua produção textual, permite ao aluno avaliar os progressos realizados.

- Avaliação de tipo somativo – Na produção final o professor pode realizar uma avaliação do tipo somativo, podendo usar a lista de constatações construída durante a sequência ou escolher outra forma que seja explícita aos alunos, de acordo com o que foi trabalhado em aula. A avaliação

2 METODOLOGIA

Você deverá desenvolver o estudo da crônica a partir de uma sequência didática. Sugerimos aqui um modelo, que poderá ser adaptado conforme a sua realidade.

A sequência didática será introduzida pela apresentação da situação de comunicação. A situação de comunicação proposta é a publicação das crônicas produzidas em veículos que alcancem, não apenas a comunidade escolar, mas também os leitores em geral. As crônicas produzidas poderão ser publicadas em jornais, sites, em um livro produzido pela turma e também em vídeo.

2.1 Sequência didática

Apresentamos aqui uma proposta para que se trabalhe a produção textual a partir do tema “o cuidado com os animais”, buscando chamar a atenção do público leitor da própria escola, da comunidade local, da cidade, do Estado e dos leitores em geral, através dos textos produzidos e publicados, para a importância de tratar com cuidado e respeito os animais. Esse é um assunto do cotidiano dos alunos e apresenta-se de várias maneiras na realidade brasileira: uso de veículos de tração animal (carroças puxadas por cavalo, burro ou jumento); venda e criação de pássaros em gaiolas; abandono de animais doentes ou indesejados nas ruas ou em terrenos baldios, rinha de animais (galos de briga), casos de Leishmaniose em humanos (calazar)¹⁶.

As crônicas produzidas, terão com objetivo despertar o envolvimento das pessoas no cuidado com os animais e constituem uma situação de comunicação real, diante de uma realidade em que muitos animais domésticos e silvestres são maltratados, abandonados, traficados, mantidos em cativeiro e/ou submetidos a situações de sofrimento, que fazem mal

¹⁶ No período de 2012 a 2015, de acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), foram registrados 367 casos confirmados de leishmaniose visceral humana no Rio Grande do Norte, distribuídos em 76 municípios. Natal (79), Mossoró (49) e Açu (24) estão entre as cidades com o maior número de casos. Nesse mesmo período, 23 pessoas foram a óbito pelo agravo. Disponível em: <http://www.chaguinha.com.br/noticias/rio-grande-do-norte/sesap-contabilizou-73-casos-de-leishmaniose-visceral-calazar-no-rn-em-2015>. Acesso em 05. 05. 2017.

não apenas à natureza, mas também ao ser humano que a destrói. As crônicas serão produzidas com a intenção de envolver os alunos da escola, suas famílias, a comunidade local e a população em geral em atitudes que os despertem para cuidar dos animais com carinho e respeito.

Como objetivo específico esta sequência didática procura levar os alunos a:

- 1 Identificar os traços constituintes do gênero crônica e saber como é construída uma crônica, e quais os seus propósitos comunicativos;
- 2 Reconhecer que a crônica pode ser desenvolvida a partir de um acontecimento do cotidiano, que pode surgir a partir de algo comentado oralmente, mas que pode servir como base para o desenvolvimento do gênero crônica, na modalidade escrita da língua, sem que isso se constitua uma oposição ou uma representação, mas sim em modalidades distintas.
- 3 Produzir *crônicas* a partir de acontecimentos do cotidiano que apresentem parâmetros de comunicação no contínuo de oralidade e escrituralidade, de acordo com as tradições discursivas da crônica.
- 4 Construir um pensamento crítico em relação às práticas sociais da comunidade a que pertence o aluno.

Para isso, esta prática de ensino deve ser desenvolvida a partir das seguintes ações, estruturadas de acordo com os estudos desenvolvidos por Dolz e Schneuwly (2004, p 83) a respeito da sequência didática:

Para desencadear a discussão a respeito do tema a ser desenvolvido nas crônicas produzidas e identificar os problemas existentes na aprendizagem da língua materna, deve ser realizada uma atividade de diagnóstico, que servirá para nortear o desenvolvimento da sequência didática.

Aqui, a apresentação da situação já introduzida no diagnóstico figurará como parte do módulo de leitura, e a produção inicial da crônica deverá ser feita somente ao final da execução do módulo de leitura.

Este quadro mostra a distribuição de aulas da sequência didática:

<u>DIAGNÓSTICO</u> Primeira produção textual	6h/ aula
<u>MÓDULO DE LEITURA</u> Aula 1 Apresentação da Situação	1h/aula
Aula 2	1h/aula
Aula 3	1h/aula
Aula 4	1h/aula
Aula 5	1h/aula
<u>MÓDULO DE ESCRITA 1</u> Aula 6 1ª versão da crônica	2h/aula
Aula 7	1h/aula
Aula 8	1h/aula
Aula 9	2h/aula
Aula 10 2ª versão da crônica	2h/aula
Aula 11/12 Leitura das crônicas produzidas	4h/aula
Aula 13	2h/aula
Aula 14 Retextualização 3ª versão da crônica	2h/aula
<u>MÓDULO DE ESCRITA 2</u> Aula 15	2h/aula
Aula 16 Última versão da crônica	2h/aula
<u>MÓDULO DE DIVULGAÇÃO</u> Aula 17 Ilustração das crônicas Produção de vídeo Planejamento de ação	2h/aula
Aula 18 Divulgação Lançamento do livro Exposição do vídeo Publicação das crônicas	4h/ aula

Fonte: Dados da pesquisa.

Para essa atividade você deverá pesquisar e agendar com antecedência o local em que ocorrerá a visita, pedir autorização previa aos pais para retirar os alunos da escola, providenciar transporte, lanche e acompanhantes para a visita.

AULA
DIAGNÓSTICO
(6)

Objetivo:

Mostrar como muitos animais estão presentes na nossa vida, contribuindo de diversas formas com a vida humana.. Constatar a necessidade de conscientizar a população para o respeito e o cuidado com os animais.

Objetivos específicos:

Levantar o conhecimento prévio do aluno.

Inteirar o aluno sobre o tema que será abordado na primeira produção textual.

Observar situações de animais que sofreram maus tratos a partir de um contato direto em um local como: aquário, zoológico, canil, fazenda, parque ecológico.

Conhecer as ações que podem ser feitas para proteger os animais em situação de maus tratos.

Produzir um relato oral da experiência.

Produzir um relato escrito da experiência.

AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS

TEMPO
6 x 50 min. (‘)

- | | | |
|----|--|------|
| 1. | Cumprimentar a turma. Expor a proposta. | 10’ |
| 2. | Observar situações de animais realizando a visita. | 150’ |
| | Fazer um relato oral da visita. | 50’ |
| | Fazer um relato escrito sobre a visita. | 50’ |
| | Discutir sobre a situação dos animais na comunidade local e no país. | 40’ |

AULA 01 (1/2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Mostrar como muitos animais são maltratados e como isso, de acordo com as leis brasileiras constitui-se crime. Constatar a necessidade de conscientizar a população para o respeito e o cuidado com os animais.	
	Objetivos específicos: Levantar o conhecimento prévio do aluno. Inteirar o aluno sobre o tema que será abordado na primeira produção textual. Observar situações de animais que sofreram maus tratos assistindo vídeos. Conhecer leis que existem no Brasil para a proteção dos animais. Conhecer as ações que podem ser feitas para proteger os animais em situação de maus tratos.	
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (*)
1.	Cumprimentar a turma.	02'
2.	Observar situações de animais que sofreram maus tratos assistindo um vídeo e comentar. Vídeo Mudando destinos para quem ama animais https://www.youtube.com/watch?v=eq-EIXn_rw0 Conhecer as leis que existem no Brasil para a proteção dos animais e conhecer as ações que podem ser feitas para proteger os animais em situação de maus tratos (ouvir um advogado convidado para falar sobre o assunto). Fazer perguntas ao convidado.	8' 15' 10' 05'
3.	Discutir sobre a situação dos animais na comunidade local e no país. Questionar os alunos a respeito do assunto, utilizando a folha de atividade, com as seguintes perguntas: 1. Você já presenciou algum fato em que um animal foi maltratado? 2. O que você sentiu a respeito disso? 3. O que aconteceu ao animal? E ao agressor? O que você poderia fazer para ajudar a mudar/ resolver essa situação?	10'

ATIVIDADE

A PARTIR DO QUE FOI COMENTADO NA AULA, RESPONDA:

1. Você já presenciou algum fato em que um animal foi maltratado? Relate.

2. O que você sentiu a respeito disso?

3. O que aconteceu ao animal? E ao agressor?

4. O que você poderia fazer para ajudar a mudar/ resolver essa situação?

AULA 02 (2/2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Conhecer especificamente o gênero textual “crônica”, seus elementos constitutivos e as situações de comunicação em que ele é utilizado.			
	Objetivos específicos: Compreender a função social de uma crônica. Perceber as características gerais do gênero textual crônica. Ler uma crônica observando as características do gênero.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Ler a crônica “A verdadeira história de Pio”.	10'	Projetor	FRONTAL
2.	Desenvolver uma atividade de compreensão de vocabulário (algumas palavras do texto serão lançadas, uma a uma, para que os grupos procurem o seu significado no dicionário e o anotem no quadro. O grupo que conseguir encontrar mais palavras vence a competição). As palavras encontradas servirão para ampliar a compreensão da crônica lida.	10'		
3.	Ver como o gênero textual “crônica” se constitui na modalidade escrita da língua (Observação de um quadro com características essenciais da crônica).	8'	Dicionários	EM GRUPOS DE 4 ALUNOS
4.	Fazer uma atividade de compreensão da crônica através de um exercício em que os alunos deverão identificar as sentenças como certas ou erradas em relação a crônica lida.	8'	Pincel para quadro branco	
	Assistir a dois vídeos sobre o gênero textual “crônica”.		Quadro branco	
5.	Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3ryQoO8Qjzs	10'	Quadro com características constitutivas do gênero crônica	
	O que é uma crônica?(entrevista) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I1o7ktZLiYQ		Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
	Entregar e explicar a atividade para casa. (3 min.)		Folha de atividade para casa.	
6.	Organizar a sala.	2'		
7.		2'		

ATIVIDADE

LEIA:

A verdadeira história de Pio

Paulo Mendes Campos¹⁷

No princípio do ano, para amenizar o reinício das aulas, as crianças compraram um pinto na feira.

Deram-lhe o nome de Pio. Todos que o antecederam tinham morrido, mas dessa vez residia no edifício uma senhora que entendia da sobrevivência de pinto de feira em apartamento perto do mar.

Instruídas por ela, as crianças conseguiram manter acesa dentro de Pio a faísca da vida. Já de pequenino, mostrou-se pinto esquisito, achegado aos seres humanos e danado de andejo. Piava com monotonia os segundos todos do tempo, como se o chateasse a passagem das horas.

Em mudança de casa, passou dois dias subindo e descendo a escada, piando, piando, entre as pernas dos carregadores portugueses. Seu prestígio cresceu com o episódio; era tratado como gente e se orgulhava disso, assumindo um ar à vontade e presumido de bípede empenado.

Mas acabou me aborrecendo. Como as crianças tinham atingido a irremovível crise do cachorrinho, acabei cedendo, mas exigindo a extradição de Pio para a casa que o Zanine estava construindo na Barra da Tijuca.

Meses depois, ao visitar o amigo, Pio já era quase um galo, branco e bonito, mas extravagante e presunçoso. Indiferente ao terreiro, preferia desfilar na sala e na varanda, misturando-se às pessoas, peito estufado, chamando atenção para uma figura que ele queria irresistível.

Mais algum tempo, virou galo mesmo e aí não demorou a revelar os indícios neuróticos que o agitavam. Pio nunca tinha visto na vida outro ser galináceo. Acreditava-se o único ente de sua raça, superior e absoluto. Firmou-se na crença carismática, deu para agredir os homens. Como estes se defendessem com a ponta do sapato, mudou de tática, bicando-lhes à traição a barriga da perna. Só respeitava o próprio Zanine, a quem não tinha afeição, mas considerava com gratuidade um aliado no combate contra o mundo. Seguiu o dono por todos os cantos, não como um cão humilde, mas com a imponência do chefe de gabinete acompanhando o ministro.

Zanine, como aconteceu comigo, embora achasse graça na birutice de Pio, acabou saturado, dando o boboca de presente ao poeta Rubem Braga, que sempre foi um infalível receptor de aves desajustadas.

Já se sabe, o Braga é um fazendeiro do ar, morando entre hortaliças e cajueiros num décimo terceiro andar de Ipanema.

Insolente diante da natureza, Pio fez estragos na horta, desenterrou sementeiras, estraçalhou as couves, dando-se ainda à petulância de aborrecer, com relativo escândalo, a filha da cozinheira.

Também o Braga, achando graça, foi complacente, impedindo que a cozinheira transformasse o doidinho em galo ao molho de cabidela. Mas acabou igualmente cheio, dando Pio ao hortelão português, dono de farto galinheiro no subúrbio. Antes, contudo, o galo foi colocado diante de um espelho, na esperança geral de que descobrisse o outro, o próximo, o irmão galináceo que ele devia amar como a si mesmo.

Não quis saber de nada, persistindo na neurose: durante meio minuto encarou a

¹⁷ Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

imagem com estupefação, deu-lhe as costas e se foi, único de sua espécie, dono da pretensão que o inflava da crista sanguínea ao facho da cauda.

Enfim chegou a hora do galinheiro, quando Pio passaria a viver uma vida normal dentro da comunidade, encontrando na força do amor a salvação. Pois o bestalhão, mal ingressou no harém, matou a bicadas duas galinhas sinceras. E o português o comeu.

ATIVIDADE DE COMPREENSÃO DE VOCABULÁRIO

Estas palavras do texto serão lançadas, uma a uma, para que os grupos procurem o seu significado no dicionário e o anotem no quadro. O grupo que conseguir encontrar mais palavras vence a competição.

As palavras encontradas servirão para ampliar a compreensão da crônica lida.

- 1.Presumido
- 2.Bípede
- 3.Extradição
- 4.Presunçoso
- 5.Indícios
- 6.Neuróticos
- 7.Galináceo
- 8.Carismática
- 9.Complacente
- 10.Estupefação

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA ¹⁸			
A crônica registra um momento ou uma passagem da vida cotidiana. Inspirando-se em fatos do cotidiano, em costumes de seu tempo, o cronista constrói sua narrativa. Muitas vezes procura criticar o comportamento humano por meio do humor.			
Elementos da narrativa Toda narrativa é estruturada pelos elementos: Personagens Ações/enredo Espaço Tempo Narrador Esses elementos estão presentes na crônica		Momentos da narrativa/enredo Não só os elementos estruturam a narrativa. Os momentos que se sucedem no tempo e no espaço também participam dessa estrutura: Situação inicial Conflito Clímax do conflito Desfecho.	
CRÔNICA Narrativa de ficção a partir de fatos, costumes e acontecimentos do cotidiano.			
Intenção Divertir, provocar humor e fazer crítica a comportamentos ou situações.	Construção •elementos e momentos da narrativa; •presença de sequencias textuais; •diferentes modos de citação de fala de outros: discurso direto, indireto e indireto livre.	Linguagem Leve, espontânea, mais informal, mais cotidiana.	Leitor Aquele que se interessa por narrativa curta sobre o cotidiano.

A crônica¹⁹

- Tem como matéria-prima a realidade, mas não é mera reprodução do real. O cronista se inspira tanto no noticiário jornalístico como em acontecimentos cotidianos que ele viveu ou observou em casa, na rua, no ambiente de trabalho, etc., porém apresenta os fatos de acordo com a interpretação que faz deles, acentuando o caráter poético, humorístico ou crítico desses acontecimentos.
- Em geral, as crônicas são originalmente publicadas em ornais e revistas, normalmente em páginas fixas.
- Para dar um caráter mais permanente às crônicas, alguns cronistas reúnem seus melhores textos e os publicam em livros.

¹⁸ BORGATTO, A. M.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto teláris**: português. 8º ano. Ensino fundamental 2. 2 ed. São Paulo: Ática, 2015. P.57 e 62.

¹⁹ COSTA, Cibele L. [et al]. **Para viver juntos**: português, 7º ano: anos finais: ensino fundamental. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015. p. 84 e 86.

ATIVIDADE DE COMPREENSÃO DA CRÔNICA

LEIA AS AFIRMATIVAS A SEGUIR E DIGA SE SÃO CERTAS (C) OU ERRADAS (E), EM RELAÇÃO À CRÔNICA LIDA.

- () 1. Para amenizar o reinício das aulas, as crianças compraram um pinto na feira e deram-lhe o nome de Pio.
- () 2. Todos que o antecederam tinham morrido, por causa de uma senhora que entendia da sobrevivência de pinto de feira em apartamento perto do mar.
- () 3. Instruídas pela senhora que morava no edifício, as crianças conseguiram manter acesa dentro de Pio a faísca da vida.
- () 4. Desde pequenino, mostrou-se pinto bonito, achegado aos seres humanos e não gostava de andar.
- () 5. O pinto passou dois dias subindo e descendo a escada, piando, piando, entre as pernas dos carregadores portugueses e era tratado como gente.
- () 6. Pio foi para a casa que o Zanine estava construindo na Barra da Tijuca.
- () 7. Meses depois, ao visitar o amigo, Pio ainda era apenas um pinto branco e bonito.
- () 8. Quando virou galo não demorou a revelar os indícios neuróticos que o agitavam.
- () 9. O pinto respeitava Zanine, a quem não tinha afeição, mas considerava com gratuidade um aliado no combate contra o mundo.
- () 10. Zanine, acabou saturado e deu de presente o pinto ao poeta Rubem Braga, que sempre foi um infalível receptor de aves desajustadas.
- () 11. Rubem Braga morava entre hortaliças e cajueiros numa grande casa em Ipanema.
- () 12. Pio fez estragos na horta, desenterrou sementeiras, estraçalhou as couves.
- () 13. Rubem Braga, não impediu a cozinheira de cozinhar o galo ao molho de cabidela.
- () 14. Rubem Braga deu o Pio para a filha da cozinheira.
- () 15. O galo foi colocado diante de um espelho e durante meio minuto encarou a imagem assustado e entendeu que havia outros galos iguais a ele.
- () 16. Quando foi colocado no galinheiro, o galo matou duas galinhas e por isso foi comido pelo português.
- () 17. O pinto foi dado como um presente às crianças.
- () 18. O galo acostumou-se com os seres humanos, mas não soube conviver com os outros de sua espécie.
- () 19. Foi difícil conseguir manter o pinto vivo e torná-lo um galo, pois antes dele outros já haviam morrido.
- () 20. O galo nunca tinha convivido com outros bichos iguais a ele, isso explica a sua atitude quando entrou no galinheiro.

ATIVIDADE PARA CASA

Identificar na crônica “O pintinho” os elementos constitutivos do gênero textual “crônica”.

O pintinho

Carlos Drummond de Andrade²⁰

Foi talvez de um filme de Walt Disney que nasceu a moda de enfeitar com pintinhos vivos as mesas de aniversário infantil. Era uma excelente ideia, no mundo ideal do desenho animado; conduzida para o mundo concreto dos apartamentos, também alcançou êxito absoluto. Muitos garotos e garotas jamais tinham visto um pinto de verdade, e queriam comê-lo, assim como estava, imaginando ser uma espécie de doce mecânico, mais saboroso. Houve que contê-los e ensinar-lhes noções urgentes de biologia. As senhoras e moças deliciaram-se com a surpresa e gula dos meninos, e foram unânimes em achar os pintos uns amorecos. Mas estes, encurralados num centro de mesa, entre flores que não lhes diziam nada ao paladar, e atarantados por aquele rumor festivo e suspeito, deviam sentir-se absolutamente desgraçados.

Como a celebração do aniversário terminasse, e ninguém sabia o que fazer com os pintos,

²⁰ Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

pareceu à dona da casa que seria gentil e cômodo oferecer um a cada criança, transferindo assim às mães o problema do destino a dar-lhes. O único inconveniente da solução era que havia mais guris do que pintos, e não foi simples convencer aos não contemplados que aquilo era brincadeira para guris ainda bobinhos, e que mocinhas e rapazinhos de nível mental superior não se preocupam com essas frioleiras.

Os pintos, em consequência, espalharam-se pela cidade, cada qual com seu infortúnio e seu proprietário exultante. O interesse das primeiras horas continuava a revestir-se de feição ameaçadora para a integridade física dos recém-nascidos (se é que pinto produzido em incubadora realmente nasce). Um deles foi parar num apartamento refrigerado, e posto a um canto da copa, sobre uma caixinha de papelão forrada de flanela. Semeou-se em redor o farelinho malcheiroso que o gerente do armazém recomendara como alimento insubstituível para pintos tenros, e que (o pai leu na enciclopédia) devia ser, teoricamente, farinha de baleia. A ideia da baleia alimentando o pinto encheu o garotinho de assombro, e pela primeira vez o mundo lhe apareceu como um sistema.

O pinto sentia um frio horroroso, mas desprezava a flanela, e a todo instante se descobria, tentando fugir. Procurava algo que ele mesmo não sabia se era calor da galinha ou da criadeira. À falta de experiência, dirigiu seus passinhos na direção das saias que circulavam pela copa. As saias nada podiam fazer por ele, senão recolocá-lo em seu ninho, mas o pinto procurava sempre, e piava.

O garoto queria carregá-lo, inventava comidas que talvez interessassem àquele paladar em formação. Não senhor - explicou-lhe a mãe:

- Não se pode pegar, não se pode brincar, não se pode dar nada, a não ser farelo e água.

-Nem carinho?

-Meu amor, carinho de gente é perigoso para bicho pequeno.

Mas o pinto, mesmo sem saber, estava querendo era um palmo sujo de terra, com insetos e plantas comestíveis, o raio de sol batendo na poça d'água caída do céu, e companhia à sua altura e feição, e, numa casa assim tão bonita e confortável, esses bens não existiam. E piava.

A situação começou a preocupar a dona da casa, que telefonou à amiga doadora do pinto: que fazer com ele?

- Querida, procure criá-lo com paciência, e no fim de três meses bote na panela, antes que vire galo.

É o jeito.

Não virou galo, nem caiu na panela. No fim de três dias, piando sempre e sentindo frio, o pinto morreu. Foi sua primeira e única manifestação de vida, propriamente dita.

O menino queria guardá-lo consigo, supondo que, inanimado, o pinto se transformara em brinquedo, manuseável. Foi chamado para dentro, e quando voltou o corpinho havia desaparecido na lixeira.

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO TEXTUAL “CRÔNICA”

•Intenção
•Construção
♦Elementos da narrativa Personagens Ações/enredo Espaço tempo
♦Momentos da narrativa Situação inicial Conflito

Clímax Desfecho
<u>•Linguagem</u>
<u>•Envolvimento com o leitor</u>

AULA 03 1/2 AULAS EM BLOCO	Objetivo: Observar a expressão dos sentimentos na crônica, a subjetividade e o envolvimento com o texto. Observar o envolvimento do texto com o leitor (diálogo com o leitor, marcas de oralidade intencionais no texto) Entender como empregar as figuras de linguagem na construção da crônica e na expressão do sentimento.			
	Objetivos específicos: Compreender como o gênero “crônica” apresenta expressão de sentimentos, e é marcado pelo envolvimento e subjetividade. Conhecer a sequência narrativa. Perceber a presença de marcadores de tempo e espaço. Perceber o uso intencional de marcas de oralidade no texto escrito. Conhecer algumas figuras de linguagem (metáfora, comparação, hipérbole)			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar a turma.	2’		FRONTAL
2.	Corrigir a atividade de casa.	5’	Pincel para quadro branco	
3.	Ler a crônica:	23’	Quadro branco	
4.	Macacos me mordam	10’	Projektor	
5.	Discutir sobre os sentimentos que estão expressos no texto: sequência narrativa, marcação de tempo e espaço, uso de figuras de linguagem, envolvimento com o texto e com o leitor, marcas de oralidade (exposição teórica).	10’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
6	Atividade: Observar os sentimentos presentes no texto, perceptíveis ao leitor através de palavras e expressões que revelem sentimentos e emoções/ tempo e espaço.	8’	Folha de atividade para casa	
7.	Explicar a atividade para casa. (3 min.)	12’		

ATIVIDADE
LEIA A CRÔNICA:

Macacos me mordam

Fernando Sabino²¹

Morador de uma cidade do interior de Minas me deu conhecimento do fato: diz ele que há tempos um cientista local passou telegrama para outro cientista, amigo seu, residente em Manaus: "Obséquio providenciar remessa 1 ou 2 macacos". Necessitava ele de fazer algumas inoculações em macaco, animal difícil de ser encontrado na localidade. Um belo dia, já esquecido da encomenda, recebeu resposta: "Providenciada remessa 600 restante seguirá oportunamente".

Não entendeu bem: o amigo lhe arranjava apenas um macaco, por seiscentos cruzeiros? Ficou aguardando, e só foi entender quando o chefe da estação veio comunicar-lhe:

- Professor, chegou sua encomenda. Aqui está o conhecimento para o senhor assinar. Foi preciso trem especial.

E acrescentou:

- É macaco que não acaba mais!

Ficou aterrado: o telégrafo errara ao transmitir "1 ou 2 macacos", transmitira "1 002 macacos"!

E na estação, para começar, nada menos que 600 macacos engaiolados aguardavam desembarço.

Telegrafou imediatamente ao amigo:

"Pelo amor Santa Maria Virgem suspenda remessa restante".

Ia para a estação, mas a população local, surpreendida pelo acontecimento, já se concentrava ali, curiosa, entusiasmada, apreensiva:

- O que será que o professor pretende com tanto macaco?

E a macacada, impaciente e faminta, aguardava destino, empilhada em gaiolas na plataforma da estação, divertindo a todos com suas macaquices. O professor não teve coragem de aproximar-se: fugiu correndo, foi se esconder no fundo de sua casa. À noite, porém, o agente da estação veio desentocá-lo:

- Professor, pelo amor de Deus vem dar um jeito naquilo.

O professor pediu tempo para pensar. O homem coçava a cabeça, perplexo:

- Professor, nós todos temos muita estima e muito respeito pelo senhor, mas tenha paciência: se o senhor não der um jeito eu vou mandar trazer a macacada para sua casa.

- Para minha casa? Você está maluco?

O impasse prolongou-se ao longo de todo o dia seguinte. Na cidade não se comentava outra coisa, e os ditos espírituosos circulavam:

- Macacos me mordam!

- Macaco, olha o teu rabo.

À noite, como o professor não se mexesse, o chefe da estação convocou as pessoas gradas do lugar: o prefeito, o delegado, o juiz.

- Mandar de volta por conta da Prefeitura?

- A Prefeitura não tem dinheiro para gastar com macacos.

- O professor muito menos.

- Já estão famintos, não sei o que fazer.

- Matar? Mas isso seria uma carnificina!

²¹ Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

- Nada disso - ponderou o delegado:
- Dizem que macaco guisado é um bom prato...

Ao fim do segundo dia, o agente da estação, por conta própria, não tendo outra alternativa, apelou para o último recurso - o trágico, o espantoso recurso da pátria em perigo: soltar os macacos. E como os habitantes de Leide durante o cerco espanhol, soltando os diques do Mar do Norte para salvar a honra da Holanda, mandou soltar os macacos. E os macacos foram soltos! E o Mar do Norte, alegre e sinistro, saltou para a terra com a braveza dos touros que saltam para a arena quando se lhes abre o curral - ou como macacos saltam para a cidade quando se lhes abre a gaiola. Porque a macacada, alegre e sinistra, imediatamente invadiu a cidade em pânico. Naquela noite ninguém teve sossego. Quando a mocinha distraída se despia para dormir, um macaco estendeu o braço da janela e arrebatou-lhe a camisola. No botequim, os fregueses da cerveja habitual deram com seu lugar ocupado por macacos. A bilheteira do cinema, horrorizada, desmaiara, ante o braço cabeludo que se estendeu através das grades para adquirir uma entrada. A partida de sinuca foi interrompida porque de súbito despregou-se do teto ao pano verde um macaco e fugiu com a bola sete. Ai de quem descascasse preguiçosamente uma banana! Antes de levá-la à boca um braço de macaco saído não se sabia de onde a surrupiava. No barbeiro, houve um momento em que não restava uma só cadeira vaga: todas ocupadas com macacos. E houve também o célebre macaco em casa de louças, nem um só pires restou intacto. A noite passou assim, em polvorosa. Caçadores improvisados se dispuseram a acabar com a praga - e mais de um esquivo notívago correu risco de levar um tiro nas suas esquivanças, confundido com macaco dentro da noite.

No dia seguinte a situação perdurava: não houve aula na escola pública, porque os macacos foram os primeiros a chegar. O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário houvesse por bem suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.

Depois, com o correr dos dias e dos macacos, eles foram escasseando. Alguns morreram de fome ou caçados implacavelmente. Outros fugiram para a floresta, outros acabaram mesmo comidos ao jantar, guisados como sugerira o delegado, nas mesas mais pobres. Um ou outro surgia ainda de vez em quando num telhado, esquálido, assustado, com bandeirinha branca pedindo paz à molecada que o perseguia com pedras. Durante muito tempo, porém, sua presença perturbadora pairou no ar da cidade. O professor não chegou a servir-se de nenhum para suas experiências. Caíra doente, nunca mais pusera os pés na rua, embora durante algum tempo muitos insistissem em visitá-lo pela janela.

Vai um dia, a cidade já em paz, o professor recebe outro telegrama de seu amigo em Manaus: "Seguiu resto encomenda".

Não teve dúvidas: assim mesmo doente, saiu de casa imediatamente, direto para a estação, abandonou a cidade para sempre, e nunca mais se ouviu falar nele.

ATIVIDADE PARA A SALA DE AULA

1.Retire da crônica “Macacos me mordam” palavras e expressões que expressem sentimentos e emoções, tempo e espaço.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES	TEMPO	ESPAÇO

2.Leia o título da notícia do Jornal Extra (disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/animais/>) e reescreva-a inserindo sentimentos ao fato noticiado. Utilize pelo menos uma figura de linguagem.

“Filhote de cachorro é resgatado depois de passar mais de dez dias em buraco”

ATIVIDADE PARA CASA

Leia os títulos das notícias do Jornal Extra (disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/animais/>) e reescreva-as inserindo sentimentos aos fatos noticiados. Utilize figuras de linguagem.

“Polícia quebra vidro de carro para salvar filhote de cachorro deixado lá dentro”

“Elefante procura ajuda humana após receber flechada na cabeça”

“Cão que perdeu focinho após ser agredido ganha novo lar”

AULA 04 (2/2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Observar a presença do parágrafo narrativo no desenvolvimento da crônica, bem como a utilização do discurso direto ou indireto na construção do texto. Identificar o uso de “verbos de dizer” no gênero em estudo, observando as intenções na escolha e usos de determinados verbos.			
	Objetivos específicos: Diferenciar discurso direto e indireto. Observar o uso dos verbos de dizer. Perceber as intenções que levam à escolha dessas formas verbais e sua relação com o gênero em estudo e sua finalidade.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Compreender como se dá a organização do parágrafo narrativo.	10’	Projektor	FRONTAL
2.	Saber diferenciar o discurso direto do discurso indireto e indireto livre. Perceber como é possível usar esses discursos na construção da crônica, dependendo da intenção do escritor (exposição teórica).	10’	Pincel para quadro branco Quadro branco Projektor	
3.	Assistir ao vídeo sobre o “pássaro coleiro”. Vídeo Aves do Brasil - O belo canto do Coleiro ou Coleirinha. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u974ONaKRO8	5’		
4.	Atividade: Fazer a leitura de duas crônicas observando a presença dos verbos de dizer. Circular os “verbos de dizer” presente na crônica “Conversa de compra de passarinho. Ouvir a crônica “História triste de tuim”, depois completar os espaços com palavras que julgar adequadas.	22’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	EM DUPLAS
5.				
6.	Explicar a atividade de casa. Organizar o excerto da crônica “História triste de tuim, de acordo com a sucessão dos fatos. Organizar a sala.	2’ 1’	Folha de atividade para casa.	

ATIVIDADE PARA A SALA DE AULA

LEIA A CRÔNICA E CIRCULE OS VERBOS DE DIZER:

Conversa de compra de passarinho

Rubem Braga²²

Entro na venda para comprar uns anzóis, e o velho está me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaies de lenha. Fica ali, parado, esperando. O velho parece que não o vê, mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta: "Quanto?" O menino hesita, coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro: "Quarenta". O homem da venda não responde, vira a cara.

Aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi. Eu me interesso pelo coleiro do brejo que está cantando. O velho:

- Esse coleiro é especial. Eu tinha aqui um gaturamo que era uma beleza, mas morreu ontem; é um bicho que morre à toa.

Um pescador de bigodes brancos chega-se ao balcão, murmura alguma coisa; o velho lhe serve cachaça, recebe, dá o troco, volta-se para mim: "O senhor quer chumbo também?" Compro uma chumbada, alguns metros de linha. Subitamente ele se dirige ao menino da lenha:

- Quer vinte e cinco pode botar lá dentro.

O menino abaixa a cabeça, calado. Pergunto:

- Quanto é o coleiro?

- Ah, esse não tenho para venda, não...

Sei que o velho está mentindo; ele seria incapaz de ter um coleiro se não fosse para venda; miserável como é, não iria gastar alpeste e farelo em troca de cantorias. Eu me desinteresso. Peço uma cachaça. Puxo o dinheiro para pagar minhas compras. O menino murmura: "O senhor dá trinta..." O velho cala-se, minha nota na mão:

- Quanto é que o senhor dá pelo coleiro?

Fico calado algum tempo. Ele insiste: "O senhor diga..." Viro a minha cachaça, fico apreciando o coleiro.

- Não quer vinte e cinco vá embora, menino.

Sem responder o menino cede. Carrega as achas de lenha lá para os fundos, recebe o dinheiro, monta no burro, vai-se. Foi no mato cortar pau, rachou cem achas, carregou o burro, trotou léguas até chegar aqui, levou 25 cruzeiros. Tenho vontade de vingá-lo:

- Passarinho dá muito trabalho...

O velho atende outro freguês, lentamente.

- O senhor querendo dar 500 cruzeiros, é seu.

Por trás dele o pescador de bigodes brancos me faz sinal para não comprar. Finjo espanto: "QUINHENTOS cruzeiros?"

- Ainda a semana passada eu rejeitei 600 por ele. Esse coleiro é muito especial.

Completamente escravo do homem, o coleirinho põe-se a cantar, mostrando suas especialidades.

Faço uma pergunta sorna: "Foi o senhor quem pegou ele?" O homem responde: "Não tenho tempo para pegar passarinho".

Sei disso. Foi um menino descalço, como aquele da lenha. Quanto terá recebido esse menino desconhecido por aquele coleiro especial?

- No Rio eu compro um papa-capim mais barato...

- Mas isso não é papa-capim. Se o senhor conhece passarinho, o senhor está vendo que coleiro é esse.

- Mas QUINHENTOS cruzeiros?

- Quanto é que o senhor oferece?

Acendo um cigarro. Peço mais uma cachacinha. Deixo que ele atenda um freguês que compra

²² Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

bananas. Fico mexendo com o pedaço de chumbo. Afinal digo com a voz fria, seca: "Dou 200 pelo coleiro, 50 pela gaiola".

O velho faz um ar de absoluto desprezo. Peço meu troco, ele me dá. Quando vê que vou saindo mesmo, tem um gesto de desprendimento: "Por 300 cruzeiros o senhor leva tudo".

Ponho minhas coisas no bolso. Pergunto onde é que fica a casa de Simeão pescador, um zarolho.

Converso um pouco com o pescador de bigodes brancos, me despeço.

- O senhor não leva o coleiro?

Seria inútil explicar-lhe que um coleiro do brejo não tem preço. Que o coleiro do brejo é, ou devia ser, um pequeno animal sagrado e livre, como aquele menino da lenha, como aquele burrinho magro e triste do menino. Que daqui a uns anos quando ele, o velho, estiver rachando lenha no Inferno, o burrinho, o menino e o coleiro vão entrar no Céu - trotando, assobiando e cantando de pura alegria.

História triste de tuim

Rubem Braga²³

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim...

A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele quartinho que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três filhotes, não de João-de-barro, mas de tuim.

Você conhece, não? De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor.

Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar.

Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Geralmente se cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho deles. Mas aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredor: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.

Mas o pai disse: "menino, você está criando muito amor a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você prende o tuim ou ele vai-se embora com os outros; mesmo ele estando preso e ouvindo o bando passar, você está arriscado a ele morrer de tristeza".

E o menino vivia de ouvido no ar, com medo de ouvir bando de tuim.

Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar; não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, divididos em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar; nada.

Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: "venha cá". E disse: "o senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais".

O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.

Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: "aqui na cidade ele não pode andar solto; é um bicho da roça e se perde, o

²³ Carlos Drummond de Andrade [et al]. **Para gostar de ler crônicas**. Vol. 1 São Paulo: Ática, 1980.

senhor está avisado".

Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigoso, desde que ficasse perto; se ele quisesse voar para longe era só chamar, que voltava; mas uma vez não voltou.

De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: "que é tuim?" perguntavam pessoas ignorantes. "Tuim?" Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

Teve uma ideia, foi ao armazém de "seu" Perrota: "tem gaiola para vender?" Disseram que tinha.

"Venderam alguma gaiola hoje?" Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: "se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?"

O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. "Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim."

Voltou para casa com o tuim no dedo.

Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso; cortou as asinhas; assim o bicho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.

Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

Acabou-se a história do tuim.

Atividade para a sala de aula

Agora que você á ouviu a crônica “História triste de tuim”, complete os espaços com palavras que julgar adequadas.

Geralmente se cria em casa é casal de _____, especialmente para se _____ o namorinho deles. Mas aquele tuim macho foi _____ sozinho e, como se diz na roça, criado no _____. Passava o dia _____, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e _____ para o arvoredor: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era _____ do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho _____ no dedo do garoto.

Mas o pai disse: "menino, você está criando muito _____ a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua _____ para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você _____ o tuim ou ele vai-se embora com os outros; mesmo ele estando _____ e ouvindo o bando passar, você está arriscado a ele morrer de _____".

E o menino vivia de ouvido no ar, com _____ de ouvir bando de tuim.

ATIVIDADE PARA CASA

Organize o excerto da crônica “História triste de tuim, numerando de acordo com a sucessão dos fatos.

() Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigoso, desde que ficasse perto; se ele quisesse voar para longe era só chamar, que voltava; mas uma vez não voltou.

() Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: "venha cá". E disse: "o senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais".

() Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso; cortou as asinhas; assim o bicho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.

(...) Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

() De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: "que é tuim?" Perguntavam pessoas ignorantes. "Tuim?" Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

() Teve uma ideia, foi ao armazém de "seu" Perrota: "tem gaiola para vender?" Disseram que tinha.

() Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar; não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, divididos em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar; nada.

() "Venderam alguma gaiola hoje?" Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: "se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?"

() Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

() O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. "Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim."

() Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: "aqui na cidade ele não pode andar solto; é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado".

() Voltou para casa com o tuim no dedo.

() Acabou-se a história do tuim.

() O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.

AULA 05	Objetivo: Conhecer como funciona o centro de zoonoses e em que circunstâncias os animais chegam até lá. Observar os cuidados que devem ser tomados para garantir a esses animais uma boa condição de vida.			
	Objetivos específicos: Conhecer os fins que movem a existência do Centro de Controle de Zoonoses de Natal. Adquirir informações relacionadas ao tema das crônicas que os alunos escreverão. Assistir vídeos que expliquem o funcionamento e o trabalho do centro de zoonoses em relação aos animais encaminhados para lá. Responder perguntas que visam identificar as impressões que os alunos tiveram a respeito dos aspectos positivos e negativos percebidos sobre o centro de controle de zoonoses e sobre as condições de vida dos animais no centro. Estimular o desenvolvimento da função emotiva da linguagem.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Corrigir a atividade de casa.	8'	Folha de atividade, lápis. Borracha, caneta.	FRONTAL
3.	Assistir a vídeos sobre o trabalho do centro e sobre organizações que cuidam de animais. Vídeos: Conheça como funciona o trabalho do centro de zoonoses de Natal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RoRCKDwnUfQ Os Invisíveis - Abandono de animais - PARTE 1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Adh5U78DVto Os Invisíveis - Abandono de animais - PARTE 2. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t5zLMGu-Hio	20'		
4.	Conversar sobre a função do centro de zoonoses e responder a uma lista de perguntas (folha de atividade) que visam identificar as impressões que os alunos tiveram a respeito dos aspectos positivos e negativos percebidos, quanto as condições de vida dos animais recolhidos ali. Os alunos podem escrever no quadro suas impressões.	15'	Projektor	EM DUPLAS
5.	Atividade para casa.	3'	Quadro branco e pincel.	
6.	Escrever sobre um dos vídeos assistidos, expressando os sentimentos e sensações que o aluno sentiu ao ver a situação dos animais que são recolhidos ali.	2'	Folha de atividade para casa.	
	Organização da sala.			

ATIVIDADE PARA SALA DE AULA

Escolha um dos vídeos assistidos, e expresse os sentimentos e sensações que o você sentiu ao ver a situação dos animais que são recolhidos pelo Centro de Zoonoses de Natal.

Diante do que você viu, diga que responsabilidades cabem à população em relação a esses animais.

ATIVIDADE PARA CASA

Escreva um parágrafo narrativo a partir do poema “Oração do passarinho” acrescentando novos personagens, expressão de sentimentos e envolvimento com o leitor.

ORAÇÃO DO PASSARINHO

Carmem Bernos de Gasztold ²⁴

Meu Deus,
Sozinho
Não sei rezar direito a minha oração!
Mas, por favor,
Protegei da chuva e do vento
Meu ninho tão pequeno.
Colocai muitos grãos em meu caminho
E muito orvalho nas flores.
Fazei o azul bem alto
E bem macios os ramos.
Deixai até bem tarde no céu
Vossa luz tão suave
E, no meu pobre coração, esta inesgotável música,
A fim de que eu possa
Cantar, cantar, cantar...
Eis, meu Deus, o que vos peço.
Amém.

²⁴ GASZTOLD, Carmem Bernos. **Oração do passarinho** Disponível em:
<http://omundomagicodostextos.blogspot.com.br/2013/06/oracao-do-passarinho-bernos-de-gasztold.html>.
Acesso em dezembro de 2015.

AULA 06 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Produzir a primeira versão da crônica.			
	Objetivos específicos: Produzir a primeira versão da crônica, utilizando o conhecimento que o aluno já tinha e o que aprendeu no módulo de leitura.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar a turma.	2’		FRONTAL
2.	Corrigir a atividade para casa.	10’	Folha de atividade para casa.	
3.	Retomar perguntas que foram feitas nas aulas anteriores para iniciar o processo de escrita da crônica.	10’	Projeto	
4.		1h e 10’		
5.	Entregar a folha para escrita da primeira versão da crônica.	3’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
	Explicar a atividade para casa.		Folha de atividade para casa.	

ATIVIDADE PARA SALA DE AULA

PRIMEIRA VERSÃO DA CRÔNICA

A partir do que você aprendeu sobre o gênero “crônica, escreva uma crônica, observando os elementos constitutivos desse gênero textual.

ATIVIDADE PARA CASA

Releia a crônica que você escreveu em sala de aula. Organize o seu texto, fazendo as adequações necessárias quanto à construção dos parágrafos.

AULA 07 (1/2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Retextualizar a primeira versão da crônica, organizando os parágrafos conforme a estrutura da sequência narrativa. Inserir marcadores de tempo e espaço.			
	Objetivos específicos: Retextualizar a primeira versão escrita, observando/inserindo a presença dos elementos constituintes da sequência narrativa. Definir a organização dos parágrafos.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar a turma.	2’	Folha de atividade para casa.	FRONTAL
2.	Corrigir a atividade para casa.	10’		
3.	Ler a crônica “Do amor aos bichos” e revisar os elementos da narrativa.	30’	Projetor	
4.	Retomar a produção inicial.	3’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
5.	Entregar a primeira produção com uma nova folha de atividade em que os alunos deverão estruturar os parágrafos e verificar/definir/acrescentar os elementos da narrativa em sua produção escrita, bem como marcadores de tempo e espaço.			

ATIVIDADE

Será feita a leitura coletiva da crônica “DO AMOR AOS BICHOS” usando o projetor, destacando as partes em que o autor revela o seu envolvimento com o texto e os trechos em que provoca o envolvimento do leitor no assunto abordado pela crônica.

DO AMOR AOS BICHOS

Vinícios de Moraes²⁵

Quem, dentre vós, já não teve vontade de ver um passarinho lhe vir pousar na mão? Quem já não sentiu a adorável sensação da repentina falta de temor de um bicho esquivo? A cutia que, num parque, faz uma pose rápida para o fotógrafo - em quem já não despertou o impulso de lhe afagar o dorso tímido? Quem já não invejou Francisco de Assis em suas pregações aos cordeirinhos da úmbria? Quem já não sorriu ao esquilo quando o animalzinho volta-se curioso para nos mirar? Quem já não se deliciou ao contato dulcíssimo de uma pomba malferida, a tremer medrosa em nossa palma?

Eis a razão por que, semanal leitor, hoje te quero falar do amor aos bichos. Não do amor de praxe aos cachorros, dos quais se diz serem os maiores amigos do homem; nem do elegante amor aos gatos, que gostam mais da casa que do dono, conforme reza o lugar-comum. Quero falar-te de um certo inefável amor a animais mais terra-a-terra, como as galinhas e as vacas. Diremos provisoriamente basta o amor ao cavalo, que é, fora de dúvida, depois da mulher, o animal mais belo da Criação. Pois não quero, aqui neste elogio, deixar levar-me por considerações éticas ou estéticas, mas apenas por um critério de humanidade. E, sob este aspecto, o que não vos poderia eu dizer sobre as galinhas e as vacas! Excelsas galinhas, nobres vacas nas quais parece dormir o que há de mais telúrico na natureza... Bichos simples e sem imaginação, o que não vos contaria eu, no entanto, sobre a sua sapiência, a sua naturalidade existencial...

Confesso não morrer de amores pelos bichos chamados engraçadinhos, ou melhor, não os levar muito em conta: porque a verdade é que amo todos os bichos em geral; nem pelos demasiado relutantes ou maníaco-depressivos, tais os veados, os perus e as galinhas-d'angola. Mas olhai uma galinha qualquer ciscando num campo, ou em seu galinheiro: que feminilidade autêntica, que espírito prático e, sobretudo, que saúde moral (...) E põem ovos! Já pensastes, apressado leitor, no que seja um ovo: e quando ovo se diz, só pode ser de galinha! É misterioso, útil e belo. Batido, cresce e se transforma em omelete, em bolo. Frito, é a imagem mesma do sol poente: e que gostoso! Pois são elas, leitor, são as galinhas que dão ovos e - há que convir - em enormes quantidades. (...) E tampouco lhes falta lirismo ou beleza, pois muito poéticas põem-se, no entardecer, a cacarejar docemente em seus poleiros; e são belas, inexcelsivelmente belas durante a maternidade.

Assim as vacas, mas de maneira outra. E não seria à toa que, a mais de tratar-se de um bicho contemplativo, é a vaca uma legítima força da natureza - e de compreensão mais sutil que a galinha, por isso que nela intervêm elementos espirituais autênticos, como a meditação filosófica e o comportamento plástico. De fato, o que é um campo sem vacas senão mera paisagem? Colocai nele uma vaca e logo tereis, dentro de concepções e cores diversas, um Portinari ou um Segall. A "humanização" é imediata: como que se cria uma ternura ambiente. Porque doces são as vacas em seu constante ruminar, em sua santa paciência e em seu jeito de olhar para trás, golpeando o ar com o rabo.

Bichos fadados, pela própria qualidade de sua matéria, à morte violenta, impressiona-me nelas a atitude em face da vida. São generosas, pois vivem de dar, e dão tudo o que têm, sem maiores queixas que as do trespasse, transformando -se num número impressionante de utilidades, como alimentos, adubos, botões, bolsas, palitos, sapatos, pentes e até tapetes - pelegos - como andou em moda. Por isso sou contra o uso de seu nome como insulto.

Considero essa impropriedade um atentado à memória de todas as galinhas e vacas que morreram para servir ao homem. Só o leite e o ovo seriam motivo suficiente para se lhes erguer estátua em praça pública. Nunca ninguém fez mais pelo povo que uma simples vaca que lhe dá seu leite e sua carne, ou uma galinha que lhe dá seu ovo. E se o povo não pode tomar leite e comer carne e ovos diariamente, como deveria, culpe-se antes os governos, que não os sabem repartir como de direito. E abaixo os defraudadores e açambarcadores que deitam águas ao leite ou vendem o ovo mais caro do que custa ao bicho pô-lo!

E, uma vez dito isto, caiba-me uma consideração final contra os bichos prepotentes, sejam eles nobres como o leão ou a águia, ou furbos como o tigre ou o lobo: bichos que não permitem a vida à sua volta, que nasceram para matar e aterrorizar, para causar tristeza e dano; bichos que querem campear, sozinhos, senhores de tudo, donos da vida; bichos ferozes e egoístas contra o povo dos bichinhos humildes, que querem apenas um lugar ao sol e o direito de correr livremente em seus campos, matas e céus. Para vencê-los que se reúnam todos os outros bichos, inclusive os domésticos "mus" e "cocoricós", porque, cacarejando estes, conglomerando-se

²⁵ MORAES, Vinicius. *Do amor aos bichos*. in: A linguagem dos animais. Contos e crônicas sobre bichos. 1 ed. São Paulo: Boa Companhia, 2012. p. 74 a 77

aqueles em massa pacífica mas respeitável, não prevalecerá contra eles a garra do tigre ou o dente do lobo. Constituirão uma frente comum intransponível, a dar democraticamente leite e ovos em benefício de todos, e destemerosa dos rugidos da fera. Porque uma fera é em geral covarde diante de uma vaca disposta a tudo.

AULA 08 (2/2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Inserir expressões que demonstrem envolvimento do autor com o texto e com o leitor. Inserir figuras de linguagem na construção da crônica.			
	Objetivos específicos: Acrescentar à primeira versão escrita figuras de linguagem e expressões que evidenciem sentimentos e envolvimento com o texto e com o leitor.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 50 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Observar na crônica “Do amor aos bichos” as expressões de sentimento e envolvimento do autor com o texto e com o leitor.	10’	Projektor	FRONTAL
2.	Retomar a última versão escrita da crônica inserindo figuras de linguagem e expressões que possam agregar sentimentos à crônica e demonstrações de envolvimento com o texto e com o leitor.	35’	Folha de atividade, lápis, borracha, caneta.	
3.				
4.	Explicar a atividade para casa. Fazer a caracterização das personagens existentes em sua crônica.	5’	Folha de atividade para casa.	

ATIVIDADE PARA CASA

Caracterize as personagens de sua crônica.

Personagem 1

Personagem 2

Personagem 3

Personagem 4

Personagem 5

AULA 09 (2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Realizar em conjunto correções ortográficas, de pontuação e paragrafação e estilo. Inserir elementos que ajudem na compreensão do leitor.			
	Objetivos específicos: Fazer a retextualização coletiva dos textos produzidos pelos alunos da turma. Produzir a “lista de constatações” daquilo que aprendeu nos módulos.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2.	Fazer duplas para ler os textos um do outro e dar sugestões.	15’	Folha de atividade	EM DUPLAS
3.	Retomar os textos produzidos pelos alunos no projetor para uma retextualização coletiva.	1h e 20’	Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha.	FRONTAL
4.	Fazer anotações sobre as sugestões para a retextualização final, na folha de anotações.			
5.	Explicar a atividade para casa. Construir a lista de constatações de tudo que foi aprendido.	3’	Folha de atividade para casa.	

ATIVIDADE

FOLHA DE ANOTAÇÕES

Fazer anotações sobre as sugestões para inserir em sua crônica.

ATIVIDADE PARA CASA

Construa uma **a lista de constatações** de tudo que você aprendeu a respeito do gênero *crônica*.

AULA 10 (2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Escrever a 2ª versão da crônica.			
	Objetivos específicos: Escrever a 2ª versão, observando as características pertencentes ao gênero produzido.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2.	Rever as folhas de atividades desenvolvidas nas aulas anteriores e ressaltar a importância delas na criação do texto final.	13’	Folhas de atividades	
3.	Retomar os textos produzidos, as anotações de sugestões e a lista de constatações e realizar a escrita final da crônica.	1h e 25’	Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.	

ATIVIDADE

ESCREVA A SEGUNDA VERSÃO DA CRÔNICA.

AULA 11 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Ler a 2ª versão da crônica coletivamente.			
	Objetivos específicos: Conhecer os textos produzidos pelos colegas. Dar sugestões para valorizar o texto do colega. Anotar as sugestões e correções dadas sobre seu próprio texto.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.		13'	Folhas de anotações	
3.	Retomar os textos produzidos, ler coletivamente, fazer as anotações de sugestões e correções.	1h e 25'	Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.	

ATIVIDADE**FOLHA DE ANOTAÇÕES**

Fazer anotações sobre as sugestões para inserir em sua crônica.

AULA 12 (2) AULAS EM BLOC0	Objetivo: Ler a 2ª versão da crônica coletivamente.			
	Objetivos específicos: Conhecer os textos produzidos pelos colegas. Dar sugestões para valorizar o texto do colega. Anotar as sugestões e correções dadas sobre seu próprio texto.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.		13'	Folhas de anotações	
3.	Retomar os textos produzidos, ler coletivamente, fazer as anotações de sugestões e correções.	1h e 25'	Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.	

ATIVIDADE

FOLHA DE CORREÇÃO

Fazer correções em sua crônica a partir da leitura coletiva.

AULA 13 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Reforçar a compreensão textual e identificar pontos na escrita que poderão ser fortalecidos.			
	Objetivos específicos: Conhecer o texto através da audição. Transcrever o texto. Fazer correções em sua própria transcrição, a partir da averiguação do texto escrito, original.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Ouvir a crônica	13'	Folhas de atividades	
3.	Anotar a crônica ditada, conhecer o texto escrito original e comparar. Fazer constatações e correções.	1h e 25'	Folha de anotações, lápis, borracha.	

ATIVIDADE

Ouçã a crônica e escreva. Depois comente com seus colegas como você escreveu e faça as correções necessárias, coletivamente.

Crônica para audição:

RICK E A GIRAFA

Carlos Drummond de Andrade²⁶

No Jardim Zoológico, neste domingo azul, a girafa olha do alto para as crianças, e parece convidá-las a um passeio no dorso. Há uma escada perto, e se for encostada ao animal, Ricardo (Rick é o seu apelido) poderá chegar até lá.

O garoto mede a distância que vai do chão ao lombo, e julga-se em condições de vencê-la. Uma vez lá em cima, cavalgando o pescoço, e segurando-lhe os chifres, pedirá à girafa, depois de umas voltas pelo Jardim, que o leve por aí, percorrendo o mundo.

Presas há tanto tempo, a girafa há de estar ansiosa de liberdade. Não será difícil transpor a cerca. Ela espera que Rick lhe proponha a aventura. Ninguém se atreverá e trave-lhe os passos, e Rick vai dirigi-la nos rumos que aprendeu no atlas escolar.

O problema é descer de vez em quando, para Rick alimenta-se de biscoitos, fazer necessidades e dormir. Camarada, a girafa irá se deitando aos poucos, primeiro dobrando devagar as pernas, depois se inclinando lentamente para o lado, e afinal arriando com suavidade a carga infantil.

Mas para subir outra vez, como se arranjaria ele? Escada não haverá. Mesmo deitada, a girafa é difícil de subir. A imaginação não lhe fornece recurso plausível. O sonho frustrou-se. Rick levanta o braço direito e, com a mão espalmada em gesto de adeus à girafa que gentilmente o convidara, esclarece:

-Muito obrigado. Fica para outra ocasião, quando eu crescer.

²⁶ ANDRADE, C. D. **Rick e a girafa**. in: A linguagem dos animais. Contos e crônicas sobre bichos. 1 ed. São Paulo: Boa Companhia, 2012. p. 74 a 77

AULA 14 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Fazer a correção do próprio texto produzido. Realizar a retextualização (3ª versão)			
	Objetivos específicos: Rer o próprio texto produzido. Identificar possíveis correções. Fazer uma leitura com a professora, observando outros possíveis pontos a melhorar no texto. Retextualizar a versão anterior.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (‘)	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2’		FRONTAL
2.	Rever as folhas de atividades desenvolvidas nas aulas anteriores e ressaltar a importância delas na criação do texto final.	13’	Cópia da 2ª versão produzida.	
3.	Retomar os textos produzidos, as anotações de sugestões e a lista de constatações e realizar a retextualização da crônica.	1h e 25’	Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.	

ATIVIDADE

Reveja as folhas de atividade que você fez em aulas anteriores e observe como elas podem contribuir para enriquecer a sua crônica. Insira as informações que você achar relevante e modifique o que julgar necessário.

AULA 15 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Observar a necessidade do uso de conectivos na construção do texto.			
	Objetivos específicos: Conhecer a importância dos conectivos na construção do texto escrito. Identificar possíveis lacunas no uso de conectivos no texto produzido.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Exposição teórica sobre conectivos.	13'	Projetor, pincel e quadro.	
3.	Retomar os textos produzidos e observar a presença de conectivos, bem como a necessidade de utilização.	1h e 25'	Folhas de atividades	

ATIVIDADE

Após observar os conectivos expostos em sala de aula e a função que eles podem desempenhar na construção textual, releia a crônica que você produziu e insira conectivos que ajudem a melhorar a coesão em sua produção textual.

AULA 16 (2) AULAS EM BLOCO	Objetivo: Escrever a versão final da crônica.			
	Objetivos específicos: Escrever a versão final, observando as características pertencentes ao gênero produzido.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'		FRONTAL
2.	Rever as folhas de atividades desenvolvidas nas aulas anteriores e ressaltar a importância delas na criação do texto final.	13'	Folhas de atividades	
3.	Retomar os textos produzidos, as anotações de sugestões e a lista de constatações e realizar a escrita final da crônica.	1h e 25'	Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.	

ATIVIDADE

ESCREVA A VERSÃO FINAL DA CRÔNICA.

AULA 17 2 AULAS EM BLO- CO	Objetivo: Leitura e planejamento para publicação das crônicas e vídeo.			
	Objetivo específico: Utilizar os textos produzidos em uma situação real de comunicação, envolvendo os alunos em uma prática social da linguagem na sua própria comunidade e na comunidade virtual.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 1h e 40 min. (')	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
1.	Cumprimentar os alunos.	2'	Projeto	FRONTAL
2.	Ler as crônicas em sala de aula.	1 h e 20'		Projeto e Folha de anotações, lápis, borracha.
3.	Divulgar o trabalho na escola. (Os alunos farão a divulgação nas salas de aula da escola para que os colegas acessem, e comentem as crônicas publicadas).	10'		
4	Explicar a atividade para divulgação. Publicar os textos no site da escola. Produzir o livro com as crônicas da turma. Envolver a escola, a família e a comunidade em geral, na leitura e divulgação das crônicas promovendo uma reflexão sobre o tema “O cuidado com os animais”. Retextualizar uma das crônicas em vídeo.	8'		

ATIVIDADE PARA FAZER EM SALA DE AULA

1. Escolher por votação uma das crônicas para produzir um vídeo sobre ela.
2. Escolhida uma das crônicas produzidas, você e seus colegas poderão fazer alterações no texto original, acrescentando informações e adaptando o texto para ser usado no vídeo.
3. Criar ilustrações para as crônicas produzidas.
4. Escolher um nome para o livro.

ATIVIDADE PARA CASA

Produzir, em grupo, um vídeo baseado na crônica reescrita e adaptada em sala, previamente escolhida por voto.

AULA 18 2 AULAS EM BLO- CO	Objetivo: Divulgar o trabalho realizado pela turma.			
	Objetivo específico: Utilizar os textos produzidos em uma situação real de comunicação, envolvendo os alunos em uma prática social da linguagem na sua própria comunidade e na comunidade virtual e leitora.			
	AÇÕES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS	TEMPO 3 meses	MATERIAIS	DISPOSIÇÃO DA TURMA
	Divulgar o trabalho na escola. (Os alunos farão a divulgação nas salas de aula da escola para que os colegas acessem, e comentem as crônicas publicadas). Publicar os textos no site da escola. Realizar o dia de publicação do livro na escola, com a presença da família e da comunidade. Envolver a escola, a família e a comunidade em geral, na leitura e divulgação das crônicas promovendo uma reflexão sobre o tema “O cuidado com os animais”. Publicar uma das crônicas em vídeo.		Projetor e Folha de anotações, lápis, borracha. Fotos. Textos dos alunos no site. Livro com os textos. Vídeo.	

ATIVIDADE

Convidar a escola, os pais e a comunidade para o lançamento do livro produzido.

Assistir ao vídeo produzido.

Autografar os livros.

Publicar o livro e o vídeo na internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Castilho (1998, p 16):

a linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua modalidade escrita. Uma diferença, entretanto, é que na LF [língua falada] os usuários estão em presença, e a construção do enunciado se ressent de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia. Uma das óbvias consequências disso é que na língua escrita (LE) é necessário explicitar as coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que na LF tais coordenadas já estão dadas pela própria situação de fala.

Diante dessas diferenças entre oralidade e escrituralidade expostas por Castilho e confirmadas neste estudo, este guia procurou subsidiar o professor no trabalho com a transposição do gênero crônica no contínuo em que se encontram oralidade e escrituralidade, conforme os parâmetros de comunicação propostos por Koch/Oesterreicher (1999/2007).

Esperou-se desenvolver este estudo, ancorando-se na perspectiva de linguagem disposta por Coseriu (1987) e observando o posicionamento teórico assumido pelos estudos de Tradições Discursivas, observando os parâmetros comunicativos dispostos por Koch/Oesterreicher (1999/2007).

Este estudo também procurou pautar-se pelas diretrizes de Dolz e Schineuly (2004), para o desenvolvimento e aplicação de uma sequência didática oferecendo ferramentas necessárias para uma compreensão do gênero produzido, bem como suas especificidades em situações reais de comunicação e suas características, tanto na oralidade como na escrita.

De maneira geral, este guia procurou contribuir de maneira significativa para o estudo de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da educação brasileira e para a formação de não apenas alunos, mas leitores e cidadãos, capazes de usar a linguagem apropriada a cada situação de comunicação real com que se depararem.

Ao final desse trabalho, compreendemos que todo esse processo pode tornar-se significativo na vida escolar dos alunos e também na vida, de modo geral, pois todos poderão desenvolver suas possibilidades uso da língua, tanto na oralidade como na escrituralidade, como também ser desafiados a construir um pensamento crítico a respeito da realidade que nos cerca e também a refletir se as práticas que o ser humano tem adotado para com os animais têm sido adequadas ao que eles representam na natureza, que é essencial para a manutenção da vida humana.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para melhoria nas condições de trabalho de muitos professores que lecionam no Ensino Fundamental, dando um suporte para o estudo do gênero textual crônica, por meio de sequência didática.

Que através da ação criadora da linguagem, possamos falar e escrever momentos novos, sabendo que somos seres históricos, que fazemos parte de um povo, de uma cultura, que crescemos aprendendo uma língua, língua que poderemos utilizar para cada dia mais ser parte da história, da nossa história, do nosso povo, do nosso falar, do nosso escrever. Que possamos marcar a nossa história, com momentos de criação na linguagem que possam, quem sabe, permear a fala e a escrita dos que virão depois de nós, com jeitos de dizer e de falar, com tradições discursivas que sirvam para enriquecer os corações de muitos que virão a nossa frente e viverão a vida no seio de nossa Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANDRADE, C. D. et al. **Para gostar de ler: crônicas**. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1980.
- ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGATTO, A. M.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto teláris**: português. 8º ano. Ensino fundamental 2. 2 ed. São Paulo: Ática, 2015. P.57 e 62.
- CÂNDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COSTA, Cibele L. [et al]. **Para viver juntos**: português, 7º ano: anos finais: ensino fundamental. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015. p. 84 e 86.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTILHO DA COSTA, Alessandra Ferreira. **Níveis de Integração Sintática da Junção: a Expressão de Contra-Causa Em Cartas de Câmara Cascudo**. Revista da ABRALIN, v.14, n.3, p. 55-88, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://sigaa.ufrn.br/sigaa/verProducao?idProducao=3874092&key...> Acesso em 04, de março de 2017.
- _____. Spoken vs. Written Language. In: **Manual of brasilian Portuguese linguistics**. (*no prelo*). ISBN 978-3-11-040595-8
- CASTILHO DA COSTA; Alessandra Ferreira; SIMÕES, José da Silva. **Transposição da oralidade à escrituralidade na tradução: edição crítica da Textlinguistik de Eugenio Coseriu em português**. São Paulo; Pandaemonium , v. 18, n. 26, Dez. /2015, pp 158-187. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-88372015000200009&script=sci_abstract&tlng=pt
- COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- _____. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- _____. **Linguística del texto**: introducción a la hermenêutica del sentido. Tradução e comentários de Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco Libros, 2007.
- DOLZ, Joaquim e SCHINEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GASZTOLD, Carmen Bernos. **Oração do passarinho**. Disponível em: <http://omundomagicodostextos.blogspot.com.br/2013/06/oracao-do-passarinho-bernos-de-gasztold.html>. Acesso em dezembro de 2015.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUIA DO PROFESSOR. Disponível em: rived.mec.gov.br/arquivos/modelo_guia.pdf. Acesso em: 27 de maio de 2017.

GRIMM, Irmãos et al. **A linguagem dos animais**, contos e crônicas sobre bichos. São Paulo: Boa Companhia, 2012.

KABATEK, J. **Tradição discursiva e gênero**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 579-588. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from

SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Disponível em: books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-42.pdf. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

KABATEK, J. **Tradições discursivas e mudança linguística**. Tradução de José da Silva Simões. (2004). Disponível em: www.romling.uni-tuebingen.de/discurso/itaparica.pdf. Acesso em: 04 de outubro de 2016. [Acesso em: 04/10/2016].

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever** estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Piter; OESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada em la Romania**: Español, Francés, Italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

_____. **Linguagem da imediatez – linguagem da distância**: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua/ language of immediacy – language of distance: orality and literacy from the perspective of language theory and linguistic history. Versão para o português: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. Disponível em: www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/55677/60935. Acesso em: 17 de maio de 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, A. P et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PCNs. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCN's. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

SÁ, Jorge. **A crônica**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

SARDINHA, T. B., KAUFFMANN, C. e ACUNZO, C. M. **A multi-dimensional analysis of register variation in Brazilian Portuguese.** Corpora, Volume 9 Issue 2, Page 239-271, ISSN 1749-5032 Available Online Nov 2014

(DOI: <http://dx.doi.org/10.3366/cor.2014.0059>)

SESAP contabilizou 73 casos de leishmaniose visceral (Calazar) no RN em 2015.
Disponível em: <http://www.chaguinha.com.br/noticias/rio-grande-do-norte/sesap-contabilizou-73-casos-de-leishmaniose-visceral-calazar-no-rn-em-2015>. Acesso em 05.05.2017.

ANEXO

ANEXO A – CRÔNICAS PUBLICADAS NO LIVRO PRODUZIDO

A garota e o pintinho

Em um certo dia uma garota chamada Aline, ganhou de sua prima Lívia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário. Aline aceitou e deu o nome de Piu. Ela gostou muito de Piu. A princípio, ela adorava animais. Aline cuidou de Piu como se fosse seu próprio filho.

Por muito tempo Piu viveu dentro de casa, mas quando ele virou galo fazia muita bagunça, rasgava os lençóis, subia na mesa, quebrava os pratos por isso a avó de Aline mandou Piu para o quintal.

Quando havia festas Piu chegava a bicar todas os convidados. Depois de algum tempo a sua avó mandou matar o galo. A princípio, Aline gostava muito de Piu, por isso tentou correr com ele, mas não deu muito certo. Seu tio tomou o galo de suas mãos e levou para sua avó e ela o matou e o cozinhou.

Claro que Aline não comeu. Na verdade, passou dias chorando. Só parou quando ganhou um cachorro, ao que deu o nome de Piu, em homenagem ao galo.

MLNP

A história de Pluno

Hoje de manhã, saí para caminhar como faço todos os dias e avistei uma cena de partir o coração. Um homem estava expulsando o seu cachorro de casa! E então, eu peguei meu celular e fui filmar.

Filmei tudo! Me aproximei do cachorro e tirei várias fotos dele. Depois levei as imagens e o vídeo para a polícia e pedi que eles tomassem providências urgentemente, e eles me disseram que eu poderia ficar tranquila, que eles iriam encaminhar uma viatura para lá!

E depois de ter saído da polícia, fui correndo na clínica veterinária, pedir que fôssemos pegar o animal. Pegamos o cachorrinho e levamos para a clínica e o bichinho foi direto para a UTI, porque o caso dele era sério, devido às lesões graves!

Ele precisou ficar internado por dois meses. E todos os dias, durante esses dois meses, eu ia visitá-lo. E a minha felicidade só aumentava em saber que ele estava melhorando a cada dia! E eu acabei pegando muito amor por aquele cachorrinho.

E os dois meses se passaram e o cachorro teve alta. Estava prontinho para ir para casa, adotado. Então, depois de tudo, eu criei um laço enorme de amor e carinho por ele. Então o adotei! Levei-o para casa, dei muito amor e carinho e lhe dei um nome, chamei-o de Pluno.

MOS

A história de um dálmata

Estava havendo uma linda festa de aniversário da garotinha Alice que completava seis aninhos. Todas as suas amigas estavam lá e por isso ela estava tão alegre que servia os bolos na maior felicidade, e na hora das lancheiras, foi uma festa e tanto (Crianças corriam para lá e para cá atrás da sua).

A festa acabou e logo Alice foi correndo abrir seus presentes. Primeiramente abriu o da sua amiga Lúcia e era um Vestido da *Frozen*. Depois abriu o de Bárbara que deu uma coroa da princesa, e o de Manoel foi uma saia. Além desses, Alice abriu muitos outros presentes. Era a hora do presente do tio dela e imagina a surpresa: o presente era um filhote de dálmata que era a coisa mais linda do mundo.

No outro dia ela entusiasmada para cuidar do seu cachorro chamado Xerife, acordou bem cedinho para colocar ração e água para ele. Até esse momento ocorria tudo bem, mas o problema surgiu, pois Xerife defecava e urinava por toda casa. Alice com nojo não limpou. Por isso seu pai muito irritado com o que o cachorro havia feito, jogou o pobrezinho na rua.

Muitas pessoas quando adotam ou recebem um cachorro não pensam nas consequências que terão. Se for para adotar um, tenha dedicação, carinho e amor para encarar o que der e vier.

Xerife viveu na rua por duas semanas, passando frio e fome. Ele já estava tão fraco que mal podia andar, até que um certo dia um Grupo de Apoio aos Animais passou pelo local e comovidos pelo fato, levaram o cachorro para a rede GAA, lá cuidaram dele e o alimentaram.

Depois de uma semana o cachorro voltou a ser aquele dálmata lindo e forte. Ele foi adotado pela Dr^a. Beatriz participante do GAA. Ela levou o cachorro para morar em seu apartamento, colocou o seu nome de Piloto e o criou com muito amor e carinho, por ela e por seus dois filhos. Lá ele se transformou em um grande e belo dálmata.

Caro leitor, espero que ao ler essa crônica você possa refletir nas maldades que os seres humanos têm feito com os animais, e que com isso possa mudar essas terríveis atitudes.

Para isso só basta você tomar uma atitude.

GARN

A história dos cachorros

Um certo dia calmo e lindo na cidade, mas tinha um animal que não estava feliz era cachorro de rua e o coitado não tinha ninguém para cuidar dele.

Numa Sexta-feira de noite, um certo dono estava passando com seu cachorro Pitu, raça Pit Bull, que foi ensinado a matar. E quando Nasim estava passeando, o vira-lata passou na frente do Pitu que saiu correndo e Nasim chamou Pitú e ele não obedeceu. Nasim correu atrás do seu cachorro e o pegou.

Nasim falou:

-Pitu Nunca mais vou sair com você. E o vira-lata passou na frente da casa de Nasim e Pitu torou a corrente pulou o muro e correu atrás do vira-lata. Correu uma rua todinha e o vira-lata começou a gritar com medo.

E o pitu era veloz e pegou o vira-lata e começou a matar e Nasim pegou um pau e matou o seu cachorro para salvar o vira-lata.

E você que está lendo, não crie cachorro para matar, mas sim para dar carinho e amor.

PAOS

A menina e o cachorro

Em um certo dia, uma menina que se chamava Larissa, ganhou um cachorro da sua tia Sônia, Lari ficou feliz, mas tinha um problema: morava em um apartamento e não podia criar o bichinho lá.

A menina ficou triste e começou a chorar, falou com o pai (Lucas) e a mãe (Flavia), mas os dois falavam não, mas fizeram um acordo com a menina e a tia.

O pai dela falou:

-Filha, por que a gente não faz assim: o cachorro fica na casa da sua tia e todo fim de semana a gente vai lá.

Larissa respondeu:

-Não papai.

A tia falou:

-Lari é até bom porque vou levar ele no veterinário, pois está machucado. Eu encontrei ele perto da minha casa.

Larissa respondeu:

-Tá bom, mas vou ficar triste.

Ela ficou triste, não queria nem ir mais para escola, ficava trancada no quarto.

Os pais resolveram se mudar para outra casa pois não aguentavam ver o sofrimento da filha, e compraram uma casa maior, aí a mãe foi buscá-la no apartamento, enquanto a tia ia deixar o cachorro.

Quando a menina viu o cachorro ficou bem feliz, animada e ficou tudo bem na família, com mais união.

LBM

A morte do cachorro

Um dia de domingo teve uma festa muitas pessoas bebendo e se divertindo, tinha um cachorro que morava na rua, mas todo mundo cuidava dele.

Um bando de homens bêbados pegaram o cachorro e o amarraram no poste e começaram a maltratar o cachorro, dando de tala, jogando telha, tijolo e etc. O pobre do cachorro chorando e latindo.

Depois de darem no cachorro, já desmaiado puxaram ele e amararam no pedal de trás da moto, arrastaram ele por uns 10km na pista. Quando tiraram ele, estava mole jorrando sangue. Jogaram ele no chão já sem forças. Jogaram um tijolo na cabeça do coitado do cachorro, morreu. Foi uma morte triste a desse pobre cachorro.

A população revoltou-se contra eles por terem feito isso com o cachorro. Ligaram para o IBAMA e eles foram presos. Pegaram 5 anos de cadeia.

Bem feito para esses monstros! Porque os animais não têm culpa dos nossos erros eles também são seres vivos. E foi o que aconteceu.

Fim.

LRLN

A morte do cachorro (2)

Um certo dia eu tinha um cachorro que era lindo, forte e grande chamado Shawlin. Era o meu melhor cachorro, eu sempre brincava com ele, ele vinha bem rápido pulava em cima de mim e me derrubava. Nesse tempo eu tinha um álbum do Justin Bieber.

Certo dia, eu fui para a escola e ele ficou solto, daí o meu tio chegou e foi colocar o carro para dentro. Já era mais tarde eu já tinha voltado da escola, quando ele abriu o portão o cachorro saiu, e ele atravessou a rua. Nessa época eu tinha entre 5 e 6 anos de idade.

Eu o chamava muito para ele voltar, e ele não voltava. Daí, estava vindo um ônibus e ele resolveu atravessar na mesma hora...! E... O ônibus o atropelou. Eu olhava nos olhos dele e conseguia ver o sofrimento que ele sentia naquele momento. O ônibus não parou e foi embora.

No mesmo dia, eu tinha comprado um pacote de figurinhas, e para a minha surpresa uma figura veio sorteada e eu ganhei um pôster do Justin Bieber.

WSC

A triste morte do meu cachorro

Era um dia de tarde eu brincava com o meu cachorro. Eu gostava muito dele e estava muito feliz. Nunca tinha ficado tão feliz como fiquei naquele dia. Parecia que já ia acontecer alguma coisa com o cachorro. Bom, eu brincava com ele. Eram 3:00 horas da tarde, brinquei até às 4:00 horas, daí entrei em casa para bebê água e o cachorro ficou lá fora. Quando eu saí ele estava comendo lixo aí eu o impedi. Anoteceu, ele foi para casa dele atrás de casa e eu fui dormir.

Quando foi no outro dia ele estava triste, minha mãe colocou comida para ele, mas ele não quis comer.

Eu achei estranho, mas pensei que ele estava só cansado. Fui brincar e quando voltei ele estava duro no chão. Ele estava morto.

Fiquei muito triste.

Fim!!!

A volta por cima

Em um grande dia de sábado, eu estava próximo a padaria era 8:30 da manhã, imediatamente avistei um pequeno cachorro sendo agredido brutalmente por um homem sem coração, ele estava agredindo o animal, sem piedade.

O pequeno cachorro só foi agredido por estar rasgando a sacola que havia na rua, pois tinha comida lá dentro e o mesmo estava espalhando todo o lixo. O agressor deu-lhe um pontapé que o cachorro saiu mancando com sua pata ferida e chorando a todo instante. Com o correr dos dias a pata do cachorro estava muito inflamada, um doutor estava passando por lá e o viu. Com exatamente duas semanas o animal estava totalmente curado, Muito bonito e sadio.

O médico decidiu ficar com o cachorro, quem gostou da ideia foram seus filhos, que não tem um dia se quer que não brinquem e adoraram a novidade do seu pai.

O doutor e seus filhos estavam passando na rua e por coincidência era a mesma rua que o animal foi espancando. Foram para a praça, quando o médico passou próximo ao rapaz justamente com seus filhos, o seu animal fez xixi na perna de um rapaz. O doutor pediu-lhe mil desculpas, o rapaz muito carismático disse:

-Não tem problema não, não foi nada.

Quando ele olha para o cachorro vê que é o mesmo que ele espancou. O cachorro olha para ele, entra no carro do seu dono, fecha os vidros e vai embora (mas foi seu dono que fechou).

Nunca devemos maltratar os animais eles são tão importantes como os Humanos.

HRSD

Carinho e atenção

Em um belo dia três filhotes de cachorros foram adotados por três donos deferentes.

O primeiro filhote foi para uma casa onde morava uma menina chamada Rinhana. E o cachorrinho, recebeu o nome Meni. Rinhana não dava muita atenção para a cachorrinha e por isso ela fugiu.

E passou três dias vagando pela rua com fome e com frio.

O segundo filhote foi para uma casa onde morava uma menina chamada Marinete. Ela colocou o nome de cachorrinha dela de Mani e Marinete cuidou muito bem dela e por isso Mani não fugiu!

O terceiro filhote foi para uma casa onde morava um menino chamado Isaac. Ele amava muito o filhote e colocou o nome dele de Galo e cuidou muito bem dele.

Mani a cachorrinha, voltou para casa e nunca mais fugiu e Rinhana cuidou muito bem dela. Então sempre cuide muito bem do seu animal, se não, ele pode fugir.

ERLR

Cuidado com os animais

Sempre que eu andava por aquela rua ela estava cheia de pessoas que passavam por aquele lugar, cheia de pessoas felizes, e o sol com um brilho incomparável.

Mas, infelizmente, naquele dia belo ninguém percebia que ali existia tanto sofrimento. Animais abandonados, sofrendo fome, frio e as pessoas ali sem enxergar o sofrimento dos animais. Mas não poderiam fazer nada, porque eles não estavam lá porque queriam e sim por necessidade.

Um dia desses eu vi um burro sendo atropelado, ele morreu e a pessoa nem ajudou. Às vezes, isso é mais comum do que a gente pensa. Isso acontece todos os dias. Ninguém merece apanhar ou algo assim, e por que as pessoas querem enxugar as mãos nos animais? Direitos iguais para todos. Se ninguém merece apanhar, por que os animais merecem?

RAC

Cuscuz e eu

Um dia lindo de sol, eu estava em casa e ouvi meu vizinho chegando.

-Será que ele trouxe outro aquário? Me perguntei.

Meu vizinho teve diversos bichos que você nem imagina! Gato, pato, galinha, papagaio, tartaruga entre outros, mas o que ele trazia, era aquários.

Ouvi um latido.

-Cale a boca seu cachorro feio, trouxe você aqui para proteger minha casa. Sussurrou o vizinho.

- Será que ele vai maltratar o coitado do cachorro?

Depois de 3 horas, resolvi brincar um pouco com meus amigos.

Já estava tarde, e eu voltei para casa com muita fome.

- Ainda bem que a janta está feita.

Fui para trás da minha casa, ouvi um choro. Pulei para ver se via alguma coisa.

Pulei, pulei e nada de ver, até que então pulei alto e vi um filhote. Ele era branco. De início não identifiquei a raça, mas ele era fofo.

Dona Carminha uma senhora bastante simpática que adorava animais gritava:

-Carlos, Carlos!

O vizinho apareceu. Eles discutiram. Só ouvi quando Dona Carminha disse que ligaria para a polícia.

Ela veio em minha casa e conversamos.

-Vamos ligar para a polícia. Isto não pode acontecer.

-Sim, vamos ligar. Respondi.

Ela ligou para a polícia e eles prenderam o vizinho.

De início eles iam dar o cachorro a ela mas ela sugeriu me dar.

Pulei de alegria, seu nome era Cuscuz.

WCSM

De quem menos deveria

Em 2012, quando eu tinha por volta dos nove anos, saí para dar uma andadinha com meu pai. Deveria ser apenas um passeio comum, coisa que não foi, pelo fato de eu ter visto um animal pequeno, pelo que parecia, indefeso também. Um cachorro peludo, de orelhas baixas, rabinho entre as pernas e assustado, sendo agredido.

O homem que o agredia parecia ser seu próprio dono, que o punira por ele tentar fugir, algo que não merecia tamanha punição.

Fiquei completamente desconcertada. Eu era apenas uma criança vendo uma cena de alguns segundos que pareciam passar em câmera lenta se tornando uma eternidade.

Meu pai apertou de leve minha mão em tentativa de me acalmar. Fitou meus olhos com seus olhos que carregavam uma cor verde, reparando meu semblante dando a perceber o quanto estava assustada.

Segui adiante com meu pai, saindo daquela rua estreita, por inteira abalada e me perguntando se aquele homem carregava um coração com bons sentimentos em seu peito.

Desde então, nunca esqueci o ocorrido. Diante disso, caro leitor, peço: não maltrate os animais, não despeje o estresse do dia a dia ou mesmo a amargura de uma vida nos inocentes animais.

FKBR

Dourado

Certo dia eu estava indo trabalhar e no meio da rua eu vi um homem alto e barbudo colocando uma carroça em um cavalo. Logo depois ele se sentou na carroça e começou a chicotear o cavalo para ele andar. Só que o cavalo se recusava e logo eu falei:

-Com licença, o senhor não está vendo que o cavalo não aguenta com essa carroça, principalmente com o senhor em cima.

Logo depois ele falou com uma cara de raiva:

-Claro que aguenta, não é à toa que eu cuido dele e por sinal cuido muito bem.

-Cuida sim, já dá pra perceber pela aparência do cavalo. Olha só, recebi um panfleto de um concurso se quiser levar o...

Logo ele falou:

-Dourado, Dourado é o nome dele.

Eu entreguei o panfleto a ele e continuei o meu caminho, o concurso seria daqui há três dias e quando esses dias se passaram eu resolvi ir olhar o concurso e quando cheguei lá vi o Dourado e seu dono e olhe lá! Ele tinha tirado até a barba, eles iriam participar! E cada parte do concurso o Dourado passava até que chegou a última parte eles colocaram uma carroça no Dourado com um homem sentado que tenho três vezes o peso do dono dele. E como o Dourado não aguentava ele caiu.

Ele não foi desclassificado por pouco, mas infelizmente ficou machucado. Depois o juiz começou a falar o terceiro lugar, depois o segundo e falou o nome do Dourado. Quase morri de tanta felicidade, ele ganhou a medalha e fomos embora e logo eu falei:

-Será que Dourado me aguenta?

-Só vamos descobrir se você montar nele. Ele falou...

Então eu montei nele e ele me aguentou depois disso resolvemos participar de outras corridas e concursos e ganhamos várias medalhas e troféus.

TCF

É errado!

Certo dia um rato chamado Tum-tum e seu dono que se chama Mateus, descobriram um mistério de duas gêmeas Isabela e Manoela. A Manu é mais amiga de Mateus do que Isa e Matheus mandou seu pobre ratinho Tum-tum para ajuda-las...

Isa tem uma madrastra muito má. O nome dela é Regina e ela detesta ratos. E para prejudicá-la Manu e Isa tiveram a grande ideia de botar Tum-tum, o rato, para que ela fique apavorada...

Muito pelo contrário! Ela quis botar o pobre Tum-tum no lixo. No final – “graças ao nosso bom Deus, os probleminhas da minha vidinha foram resolvidos” – disse Manu. E deu tudo certo.

Regina desistiu de pôr o pobre Tum-tum no lixo. Então, nunca devemos nos aproveitar dos animais para nos vingar com a defesa deles, pois eles mesmos podem acabar se prejudicando, como ia acontecendo com Tum-tum.

AETV

Eu e minha gatinha

Em um dia ensolarado, eu pedi a minha mãe para adotar uma gata, e ela resolveu me dar.

Eu morri de felicidade quando a gata chegou tratei dela como uma rainha, mas com o passar dos dias, eu fui deixando de babar a gata. Mas um dia um gato siamês com o pelo malcuidado, e comeu a comida da minha gata.

Nesse tempo eu era muito pequeno, mas já sabia jogar uma pedra. E joguei.

a pedra foi bem na pata do gato do vizinho. Com duas horas depois ele veio aqui em casa. Quando ele chegou, era um cara muito gordo e fedido e tinha os cabelos brancos. Já chegou dizendo:

-Por que você fez isso?

E eu inocentemente disse:

-O quê? Não sei do que o senhor está falando.

E então ele disse:

-Você jogou uma pedra no meu gato, mas não se preocupe vou me vingar, isso é certo, e saiu. Depois de uns dias a minha gata adoeceu e eu vi veneno de rato por todo o canto, e depois morreu.

Mas eu aprendi uma coisa com isso tudo: não devemos maltratar os animais.

Eu poderia me vingar do gato do vizinho, mas preferi não fazer isso. E depois, eu e o vizinho fizemos as pazes.

ASM

Felicidade e Tristeza

Uma gata linda, e com muita saúde, um belo dia saiu, e entrou na casa do vizinho.

-Sai, sai. Xô, xô. Não quero animais aqui. Xô, pra fora.

A dona da gata sai desesperada a procura dela. Já fazia muito tempo que tinha saído.

-Negha, Negha... cadê você?

Olha, a dona da gata está desesperada atrás, e não sabe ela que a pobre gata está na casa do vizinho, correndo perigo!

-Vou procurá-la do outro lado da rua.

O vizinho teve uma ideia fascinante.

-Vou colocar veneno de ratos aqui aí eu quero ver se ainda vai entrar animal aqui, e se entra vai comer o veneno e vai morrer, infelizmente.

E assim a tragédia aconteceu.

Então a dona da gata “Maria” resolve ir para sua casa. E isso tudo está acontecendo por volta das 22:00 horas, em uma noite muito estrelada. A querida e amada gatinha apareceu e estava tronbecando, por que tinha comido o veneno da casa do vizinho “Mario”.

-Ai Negha, que bom que você apareceu! Ela estava morrendo.

-O que eu vou fazer? Já sei, vou pega leite que deve passa o efeito do que ela comeu!

Então, ela foi pegar o leite e quando voltou a gata não estava mais lá. Estava dentro do mato.

-Cadê ela? Achei.

Mas ela chamou, chamou, e ela não veio. E assim, a dona da gata ficou muito triste e enquanto ela foi em casa a gata morreu.

-Jesus, por que a minha gata Morreu?

Ela descobriu que a gata morreu envenenada. E também soube que foi o vizinho que colocou o veneno para a gata. E foi lá saber por que ele fez isso.

-Por que você colocou veneno para ela?

-Porque eu quis! Se ela viesse novamente eu colocaria de novo. Mas como ela morreu não vai ser preciso.

E saiu a mulher muito triste chorando muito porque sua gata amável tinha morrido. E a Dona da gata não fala com o vizinho “Mario “ até hoje, porque ele matou a sua gata.

CML

Meu cachorro é bem legal

A menina tinha um cachorro. Ela gostava muito desse cachorro. Um certo dia ela ia passear com o cachorro, quando chegou uma mulher e disse:

-Que cachorro bonito!

-Obrigada! Ele é muito lindo mesmo.

-É sim, seu cachorro e muito lindo. Como ele se chama?

-Ele se chamar Pilate, mas todo mundo lá na rua chama ele de cachorro bem legal.

-Você sabia que eu e ele fizemos uma música?

É assim:

Au,au,au meu cachorro é bem legal. Au, au, au meu cachorro...

-Que música linda parabéns!

-Obrigada!

-De nada.

Vou ter que ir pois já está ficando de noite. Tchau!

-Tchau. Foi bom te conhecer. Você e Pilate. Tchau. Até a próxima.

-Até!

Vamos Pilate pra casa, pois já está ficando de noite!

Tchau! Boa noite a todos.

Fim.

RS

Meu cachorro morreu

Em um dia eu e minha família estávamos na minha casa, minha mãe colocou roupas para secar e fomos sair. À noite, quando a gente chegou tinha muitas roupas no chão. A corrente do cachorro quebrou e ele saltou e meu padrasto chutou o cachorro na parede e o cachorro foi se esconder e já chorando para o canto da parede.

E dois meses depois ele morreu.

LGMA

Não maltrate os animais

Havia um menino que não gostava de animais. Ele sempre pedia para o pai comprar um animal. O pai dele confiava muito nele. Então, um certo dia eles foram ao Zoológico e não tinha o animal que ele queria, mas eles não desistiram.

Então, num outro dia eles foram para o zoológico de novo e olharam esse cachorro. O cachorro gostou muito do menino, mas esse menino fazia de conta que esse

cachorro era um brinquedo, porque ele ficava chutando o cachorro, jogando o cachorro e etc.

No dia seguinte, o amigo desse menino o viu fazendo isso e perguntou:

- Por que você está fazendo isso?

E o menino respondeu:

-Não gosto de animais!

E o amigo dele perguntou:

-Então por que você compra?

E o amigo desse menino ficou muito chateado e falou com ele que não pode maltratar os animais porque é crime. Ele entendeu e nunca mais fez isso com o cachorro.

LSQ

O cachorro

Numa tarde de quarta-feira um menino chamado Paulo estava voltando para sua casa depois da escola, quando já está próximo de sua casa, fica parado e se assusta com o que vê.

Tinha um homem barbudo atirando pedras em um cachorro de rua. Paulo se aproximou do homem e disse o seguinte:

-Não jogue pedras neste pobre cachorro ele não está lhe fazendo mal algum. Ou está?

O homem respondeu:

- Sim, está. Eu não gosto deste cachorro.

Paulo olhou fixamente nos olhos dele e disse:

- Mas isso não se faz, você não iria gostar se alguém fizesse a mesma coisa com você.

O homem disse:

-Não tenho tempo para ouvir isso, garoto.

E saiu bravo não lhe dando ouvidos, resmungando.

Depois disso, Paulo pegou o cachorro e o levou para o veterinário mais próximo. Após a consulta Paulo o levou para sua casa e lhe deu o nome de “Bobe”.

Paulo deu banho, deu comida e cuidou de suas feridas.

Bobe cresceu, virou um belo cão, ganhou uma parceira e Paulo, seu dono, não lhe abandonou e assim viveram os melhores amigos.

MVAA

O cachorro triste

Vou lhes contar uma história sobre um cachorro triste. A princípio ele vivia na rua, pois foi abandonado por sua Mãe.

Em um belo dia sol, um senhor de cabelos brancos estava feliz, pois havia acabado de se mudar quando ele ouviu um belo cachorro chorando no meio da rua, triste e faminto, pois havia se perdido de sua mãe.

O senhor de cabelos brancos morava sozinho e agora perto de uma linha de trem. Não conhecia ninguém e como vivia sozinho comovido com a cena pegou o cachorrinho para criar.

Depois de algumas semanas o cachorrinho já estava maior, forte, bonito e sadio, porém ainda havia o fato de sua mãe tê-lo abandonado, mas ele estava feliz. Só que tinha uma senhora com um manto de tempestade, pois era muito brava, daquele tipo de senhora que é fofoqueira e implica com todo mundo, sabe?? E vivia dizendo:

-Esse cachorro imprestável vai aprontar alguma coisa.

E o senhor o defendia dizendo:

-Você está ficando maluca sua velha coroca!!

E saía enfurecido por causa da senhora.

Mas, um certo dia chuva a pista molhada e com lama, o cachorro brincando na rua, a senhora reclamando de tudo (como sempre), o senhor distraído assistindo TV.

O cachorro inteiramente feliz, poderia dizer que seu coração palpitava e esbanjava felicidade e ele esperando suas últimas batidas do coração acontecerem. Um carro como furacão na pista molhada! O cachorro se despede de seu coração, que já parou de bater.

Enfim, acabou a história do cachorro.

O cavalo

Em uma noite chuvosa, em um pequeno Curral, ali nascia um pequeno e desengonçado cavalinho, que logo mais seria um lindo cavalo que carregaria lindas princesas. Só que não!

E eu, o narrador sou esse lindo cavalo, forte e robusto.

Só que quando eu cresci a minha vida não era bem, um conto de fadas, eu fui usado para trabalhar levando carvão. Olha, eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto aquele chicote doía. Toda vez que eu era chicoteado ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar isso.

Eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos, e alguns dos meus amigos era uma galinha muito tagarela, não parava quieta. Ela se chamava Zazá. Um boi muito bravo que se irrita com tudo e o nome dele é chifrudo e sem falar no Zorro, né! Ele é uma graça, é um papagaio muito esperto, tanto quanto esses outros amigos de aventuras.

Mas e minha mãe? Bom ela morreu há um ano, ela já estava velhinha e não aguentava mais trabalhar para a família.

Mas vamos contar o resto da história. Como eu já estava também velhinho, o meu dono me fez trabalhar a semana inteira, como de costume. E quando a semana acabou, me deram uma injeção muito forte, naquela hora não senti mais minhas patas e já depois eu não sentia mais nada.

Então cai ali, eu caí e não acordei mais. Fui enterrado e agora sim, minha história acabou. Não foi muito cruel, mas posso dizer que morri feliz, porque sei que tive amigos de verdade.

Agora, só posso dizer: tchau.

DCBS

O Jumento bom

Eu John tinha um jumento chamado Chico. Ele tinha uma namorada chamada Juliana, eles davam patadas um ao outro, tinham dois filhos. O mais velho era chamado

de Gênio e o outro de Carinha. Ele vivia na rua comendo capim, folha e bebendo água e outras coisas.

Até que um dia, o carro bateu em Chico. Ele quebrou o pescoço e morreu. Ficou só Juliana. Passaram anos, e ela ficando velha, e acabou morrendo de tão velha. Aí fui e comprei um jegue. E ficou bem melhor.

FIM

ITB

O lago azul

Em um dia muito quente, as crianças estavam tomando sorvete, quando viram um homem atirar nos patos. Elas disseram ao policial que morava lá perto. Ele foi até lá, mas não viu nada no local. Ele achou que era brincadeira das crianças.

No outro dia, o homem estava lá novamente. Desta vez, as crianças chamaram seus pais para ver aquilo que estava acontecendo. Seus pais chamaram a polícia, mas nada aconteceu com o homem.

VCMG

Os animais maltratados

Olá, meu nome é João. Eu vou falar um pouco sobre cuidados e maus tratos com os animais. Um dia eu estava passando no meio da rua e vi uma cena chocante com um animal: uma pessoa que estava batendo muito no cachorro.

Ele bateu tanto, quebrou a patinha do bichinho. Ele mal andava. Ia passando alguém que estava na rua e viu o bichinho tão machucado e o acolheu e levou para ter seus cuidados.

E algum tempo depois eu ia ao supermercado e quando passei num lugar, era no terreno abandonado, tinha um homem maltratando uns filhotes de cachorrinho. Eles foram colocados em uma casa em que era tão chato o que acontecia, porque o homem não queria os cachorros e maltratava muito os bichinhos. Eram tão novinhos e tão pequenos. Tinha dia que ele não colocava leite para os bichinhos, eles foram abandonados e tirados da mãe tão cedo que eu acho que a mãe dos bichinhos só os amamentou uma vez.

E tinha uma suspeita que esse homem maltratava os bichinhos. Teve um dia em que o homem saiu e uma dona foi espiar a casa dele e viu os cachorrinhos em uma gaiola. Ela viu os bichinhos tão tristes, ela denunciou o homem. Ele foi preso e a dona ficou com os cachorrinhos.

IFP

O passarinho que perdeu a asa

Um dia, estava caminhando quando encontrei um passarinho, ele estava encima da árvore e caiu lá de cima e quebrou sua asa. Eu o peguei e o levei para casa e depois de um tempo levei-o para o veterinário.

O veterinário disse que teria que amputar sua asa que estava quebrada e amputamos. E teria que ficar e uma semana de repouso e passou uma semana.

E depois de umas semanas ele conseguiu voar um pouco mais não completamente, mais depois de um tempo conseguiu voar e eu me despedi dele. Ele foi embora voando para sua casa.

FIM, FIM, FIM, FIM.

KKNP

Uma boa ação

O dia amanheceu e era mais um dia normal para João, mas quando o garoto acordou, e escutou um grito de um cachorro, então saiu correndo para ir ver o que estava acontecendo, ao chegar lá ele viu uma cena horrível, o seu vizinho Pedro um homem de 53 anos de cabelos grisalhos, mal humorado e ranzinza.

O seu vizinho estava espancando um cachorro de rua.

João Pergunta:

-Por que você está fazendo isso?

Pedro respondeu:

-Esse cachorro sujo e seboso não sai da frente da minha casa e ainda por cima fede!!

João, sem dizer nada, pega o pobre animal e leva para dentro de sua casa.

Meses depois, o cachorro estava com o pelo macio gordo e cheiroso.

Um certo dia, João precisou viajar porque o seu amigo tinha ficado doente, infelizmente o cachorro não poderia ir com ele pois o seu amigo era alérgico.

Você leitor maltrataria um animal? Eu não teria coragem. Além disso, os animais são indefesos, pelo menos a maioria deles. Você já adulou algum animal? Eu não, mas tenho vontade.

João colocou comida suficiente para que o cachorro não passasse fome, infelizmente o garoto esqueceu uma janela aberta. O seu vizinho Pedro não gostava do cachorro, então jogou um pedaço de carne com veneno, o animal comeu e morreu.

Quando João chegou em casa o cachorro estava morto, o garoto não tinha ideia do que tinha acontecido.

No outro dia Pedro perguntou:

-Como está o cachorro?

João desconfiou, pois não tinha falado para ninguém o que tinha acontecido.

O garoto denunciou Pedro para a polícia, então os policiais descobriram que Pedro tinha jogado o pedaço de carne, ele pegou 15 anos de cadeia e João adotou outro cachorro de rua. E você o que teria feito no lugar de João?

KNR

Uma gata e o agressor

Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só porque ela aranhou o meu primo. Aí ele bateu muito forte nela com um pau. Assim, eu comecei a chorar. A gata ainda estava viva, ele a pegou e colocou em um saco de estopa e a jogou por trás do muro. Me colocaram para dentro de casa e não me deixaram ver. Além disso, ela estava grávida. Então, ele não matou só uma vida matou várias. Eu ainda escutei ela miar, mas não pude fazer nada. Porque em tudo que eu via aquilo ele batia mais. Eu pedia para ele parar e ele não parou porque ele disse que a gata ia se arrepender por ter aranhado o filho dele.

-Eu fiquei com raiva dele muitos dias até que um dia ele veio me perguntar quanto era a gata.

-Eu disse que a gata não era para dar, nem para vender, e nem muito menos para matar. Era só um bicho de estimação.

Foi de manhã que ele a matou. Por volta de 9:30h pra 10:00h da manhã.

Depois ficou tudo resolvido, mas eu nunca me esqueci do que ele fez com a gata.

IMS

Vida de um cachorro

Em um dia, um senhor bondoso de cabelos brancos, passava em uma rua.

Ele estava caminhando quando de repente ouviu um latido que estava vindo de um buraco, quando vinha uma moça na sua frente e, perguntou:

-Moça, talvez você esteja ouvindo este latido?

Quando olhava para ela, viu que era uma moça alta, magra, com cabelo grande e estava com um vestido e uma sapatilha. Era uma moça antipática. E ela respondeu:

-Sim, certamente vem deste buraco.

Então, o senhor foi até o buraco e viu que era um filhote de cachorro muito maltratado. Então pegou o cachorro. E você ajudaria este cachorro?

Então o Senhor falou:

-Moça você não vai ajudar o cachorro?

Então a moça falou:

-Não senhor, não quero te responsabilidade sobre este cachorro. O senhor respondeu:

-Então, tá.

Assim o senhor levou o cachorro para o Pet Shop para dar um banho e depois levou para um veterinário para tratar dos ferimentos dele e depois o levou para a adoção.

Depois de três dias na adoção um casal queira adotá-lo. O casal era um homem alto, cabelos pretos e era gentil. Vestia uma calça uma camisa e um tênis. A mulher era baixa, cabelo castanho escuro, vestia um vestido vermelho e uma sapatilha e ela era muito gentil e bondosa.

-Gustavo vamos adotar este, parece sadio.

-Está bem Julia, vamos adotá-lo agora.

Eles adotaram o cachorro e o levaram para casa onde deram o nome de Toby.

Toby ficou feliz e o casal também.

BKM

ANEXO B – CORPUS

A01M-DIAGNÓSTICO

AGUARIO NATAL

A EXPERIENCIA DE ESTÁ LÁ É CENSACIONAL QUEM QUER IR, EU RECOMENDO TINHA MUITOS ANIMAIS QUE EU NEM TINHA VISTO NA MINHA VIDA, NÃO TINHA SÓ ANIMAIS AGUATICOS, TAMBEM TINHA HIPOPÓTAMO, MACACOS É COBRAS, EU TAMBEM VI UM JACARE, VI CAVALOS MARINHOS E ORISSOS, O QUE MAIS MI EMPRECIONAOL FOI OS TUBARÕES EU TIVE A OPORTUNIDADE DE TOCA NO TUBARÃO, MAIS VI QUE NÃO DAVA PRA MIM TICA ENTÃO NÃO TENDEI, TEVE UMA PALESTRA QUE MOSTROU O QUE OS HOMENS FAZIAM E ALGUNS AINDA FAZEM COM OS TUBARÕES, MAIS COM TUDO ISSO VALE A PENA IR.

A01M -C1

EU E MINHA GATINHA

UM DIA EU APERIEI TANTO A MINHA MÃE PRA ELA ADOTA UM GATO, QUE EM UM DIA ELA RESOLVEU ADOTAR UM GATO, MAIS PRO MEUS AZAR SÓ TINHA GATA.

NOS PRIMEIROS DIAS EU CUIDEI DA GATA COMO SI FOSSE UMA RAINHA MAIS COM OS PASSAR DOS DIAS EU FUI PARANDO DE BABA A GATA.

DOPOIS DE UM DIA UM GATO CHEGOU PRA COMER A COMIDA DE GALEGA (A GATA LÁ DI CASA) MAIS EU CHEGUEI A TEMPO E JOGUEI UMA PEDRA PRA ESPAN-

TAR O GATO, MAIS EU ACERTEI EM SUA PATA E SI MACHUCOL MUITO ENTÃO DEPOIS DE UM TEMPO O VISINHO VEIO FALAR COMIGO, E FALOU.

-POR QUE VOCÊ FEZ ISSO, VOCÊ MACHUCO-

U MUITO O MEU GATO.

É EU FALEI SINSERAMENTE A ELE:

-O SEU GATO VEIO AQUI PRA ROUBAR A COMIDA DA MINHA GATA, É ENTÃO EU JOGUEI UMA PEDRA NELE, MAS NÃO FOI PRA MACHUCAR ELE , FOI SÓ PRA ESPANTAR O SEU GATO.EU FIZ SEM QUERER.

É O VISINHO RESMULGOU E FOI EMBORA.

COM DOIS DIAS DEPOIS ELE VEIO ATÉ EM CASA COM O SORISO NO ROSTO
É PERGUNTO-

U:

-A SUA GATA ESTA BEM?

É EU RESPONDI COM MEDO:

SIM, ELA ESTÁ BEM.

E O VISINHO FOI EMBORA DANDO GARGALH-
ADA DA MINHA DA MINHA CARA.

A01M-C2

EU E MINHA GATINHA

EM UM DIA ENSOLARADO, EU PEDI A MINHA MÃE PARA ADOTAR
UMA GATA, É ELA RESOLVEU ME DAR.

EU MORRI DE FELICIDADE QUANDO A GATA CHEGOU TRATEI DELA
COMO DE FOSSE UMA RAINHA MAS COM O PASSAR DOS DIAS EU FUI
DEIXANDO DE BABAR A GATA, MAIS UM DIA UM GATO SIAMEIS COM O
PELO MAL CUIDADO, E COMEU A COMIDA DA MINHA GATA.

NESSE TEMPO EU ERA MUITO PEQUENO, MAS JÁ SABIA JOGAR UMA
PEDRA, E JOGUEI.

A PEDRA FOI BEM NA PATA DO GATO DO VISINHO, COM DUAS
HORAS DEPOIS O VIZINHO VEIO AQUI EM CASA, QUANDO ELE CHEGOU,
ERA UM CARA GORDO E FEDIDO E TINHA OS CABELOS BRANCOS.

JÁ CHEGOU DIZENDO;

- POR QUE VOCÊ FEZ ISSO?

E EU INOCENTEMENTE DISSE;

- O QUE? NÃO SEIDO QUE OSENHOR ESTÁ FALANDO.

E ENTÃO ELE DISSE:

- VOCÊ JOGOU UMA PEDRA NO MEU GATO, MAS NÃO SE PREOCUPE
VOU MI VINGAR ISSO É CERTO.

E SAIU. DEPOIS DE UNS DIAS A MINHA GATA ADOECEU E EU VI VENENO DE RATO POR TODO CANTO, E DEPOIS MORREU.

MAS EU APRENDI UMA COISA COM ISSO TUDO, NÃO DEVEMOS MALTRATAR OD ANIMAIS. EU PODIA ME VINGAR DO GATO DO VISINHO MAIS PREFERI NÃO FAZER ISSO, E DEPOIS EU E O VISINHO FIZEMOS AS PAZES.

A02F- DIAGNÓSTICO

O Aquario De Natal

Bem não Tem o que falar do Aquario, pois lá é tudo perfeito o hipopótamo é muito lindo, mais do que eu imaginava e também os pinguins, toquei em uma cobra e eu tinha muito medo de bichos, ah 8 anos atrás eu já vizitei e amei e isso é tudo criação de Deus e você ficara admirados(a) por quê é muito lindos tubarão, Peixes de toda espécie que você imaginar e vale a pena ver.

A02F-C1

É errado

Certo dia um rato chamado tumtum e seu dono que se chama Mateus, descobriram um mistério de duas gêmeos Isabela e Manoela, Manoela é amiga de Mateus e ele mandou tumtum Para ajudar sua amiga...

A madrastra má de Isa que é a ironã Gêmea da Manu desteta ratos, e Para Prejudica-los Isa e Manu decidem botar tumtum Para que ela fique com medo.e não deu muito certo, ela quis botar ele no lixo...

Então nunca devemos nos vingar dos Pessoas com a defesa dos animais, que eles mesmos Podem acabar se prejudicando.

A02F-C2

É errado

Certo dia um rato chamado Tum tum e o seu dono, que se chama Matheus, descobriram um grande mistério de duas Gêmeas, Isabela e Manuela, a Manu é mais amiga de Matheus, do que Isa, e Matheus mandou seu pobre ratinho, Tum tum Para audá-los... Isa tem uma madrastra muito má, o nome dela é Regina, e ela detesta Ratos, e Para Preudicá-la, Manu e Isa tiveram a grande idéia de botar Tum tum o Rato, Para que ela fique apavorada...

muito Pelo contrário, ela quis botar o Pobre Tum tum no lixo, no final – “graças ao nosso bom Deus, os Probleminhas da minha vidinha, foram resolvidos”

disse Manu e deu tudo certo, Regina desistiu de Por o Pobre Tum tum no lixo.

Então nunca devemos aproveitar da vingança dos animais, com defesa deles, Pois eles mesmo podem acabar se Preudicando, como ia acontecendo com Tum tum.

A03F-DIAGNÓSTICO

Aquario Natal

No aquário ovimos uma floresta sobre os animais que vive no aquário que eles fica um recuperação depois que se recupera umas fica no aquário outras vai pra Seu apitat natural com na floresta ou no lago ou no mar na floresta ouvimos também que as pessoas estão destruimo o Planeta destruimo as (...) e poluindo ao lago e o mar, vimos também o tubarão licha, cobras, peixes, tartarugas, jacaré da papo amarelo e tambem podemos tica em uma tartaruga filhote numa cobra e na bobotama da tubarão licha.

A03F-C1

Vida de um cachorro

Em um dia um Senhor Passava na Rua ele estava caminhando quando ouviu um latido que estava vindo de um buraco quando vinha uma moça na Sua frente e Pergutou.

-Moça, você esta ouvido este latido.

-Sim, parece que vem desde buraco, acho que e um cachorro.

Então o Senhor foi até o buraco e viu que era um filhote de cachorro muito maltratado então Pegou o cachorro. E a maça já tinha ido embora. Porque ela não queria tem responsabilidade com o cacho-

rro.então o Senhor falou.

-Moça você não vai ajuda o cachorro. então a moça falou.

-Não Senhor na quero Tem responsabilidade sobre este cachorro. ir o Senhor respondeu.

-Então tá.

Assim o Senhor levou o cachorrinho Para o Petshop Para da um banho i depois levou para um venterinario Para trata dos ferimento dele e depois levou ele Para a adoção.Depois de três dias na adoção um casal queria adotalo

-Gustavo vamos adotar este Parece sadio.

-Esta bem Julia vamos adotalo agora

Eles adotaro o cachorrinho e levo Para casa onde deram o nome de toby.

A03F-C2

Vida De um cachorro

Em um dia, um Senhor bodoso de cabelos brancos, Passava em uma rua.

Ele estava caminhando quando de repente ouviu um latido que estava vindo de um buraco.Quando vinha uma moça na sua frente e, perguntou.

-Moça, talvez você estava ouvindo este latido?

Quando olhava Para ela e vim que era uma moça alta, magra, com cabelo grande é estava com um vestido e uma saPatilha.Era uma moça antipática é ela ResPondeu.

-Sim, certamente vim deste buraco.

Então o Senhor foi até o buraco i vim que era um filhote de cachorro muito maltratado então Pegou o cachorro. E você ajudaria este cachorro?Então o Senhor falou.

-Moça você não vai ajuda o cachorro.então a moça falou.

-Não Senhor não quero te resPosabilidade sobre este cachorro. O senhor resPondeu.

-Então tá.

Assim o Senhor levou . Para o Pit shop Paro da um banho e depois levou. Para um veteri-

nario Para trata dos ferimento dele e depois levou ele Para a adoção. Depois de três dias na adoção um casal, queira adotalo.O casal era um homem alto, cabelos Preto e era getil.vestia uma calça uma camisa e um tenis. A mulher era baixo cabelos castanhos escuro, vestia um vestido vermelho e uma sapatilha e ela era muito getil e bodoso.

-Gustavo vamos adotar este Parece sadio.

-Esta bem Julia vamos adotalo agora.

Eles adotaram o cachorro e levaram Para casa onde deram o nome de taby Taby ficou feliz é o casal também.

A04F- DIAGNÓSTICO

Sobre o aquário

No aquário chegamos ficamos vendo os Peixes nos aquarios, e era muito impressionante, tinham Peixes grandes, menores, coloridos de uma cor so tinha vários, tinha um Peixe lá que se chamava “Peixe morcego” ele não Parecia nada com um Peixe em ves de nadá ele se arrastava era muito frio eu achei dava medo.No tubarão so os maiores ele com braços longos conseguiam tocar, Porque ele estava no fundo do aquário e era muito lindo esse “tubarão lixa.” E tinha um aquário com vários deles que Podia ate mergulhar com eles mas era pago.E tem um ipopotamo muito lindo e grande na verdade era apenas um bebe que se chamava “yago”. Depois fomos para uma sala com um instrutor que falou sobre o aquario, ele também aegurou uma cobra que Podemos tocar e no cagado.Depois fomos lanchar e tinha um gatinho e uma gatinha muito fofos e depois fomos saber mais sobre os Peixes com o instrutor e depois fomos Pra casa e foi muito legal.

A04F-C1

O CaValo

I em uma noite chuvosa em um pequeno curral, ali nascia um pequeno e desigoçado cavalinho que logo mais seria um lindo e grande cavalo, sim eu o narrador sou esse lindo cavalo.

So que a minha vida não era bem, um conto de fadas.

Quando eu nasci fui usado para trabalhar levando a família do meu dono e levando carvão, olha vou falar uma coisa vocês não sabem o quanto aquele chicote doi, toda vez que eu fui chicoteado ardia muito, mais vamos lá contar o resto da história.

Bom eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos um dos amigos que eu tive era uma galinha a Zaza um boi o chifrudo e um papagaio o Zorro.

Mas e minha mãe, bem ela morreu a um ano, ela ja estava velhinha e não aguentava mas trabalhar.

Então também chegou a minha hora, eu também ja estou velhinho mas tive muita história pra contar.

Como eu já estava velhinho o meu dono me fez trabalhar a semana inteira sem dó!E quando a semana acabou tomei uma injeção muito forte, na quela hora não senti mas minhas patas e ja depois eu não sentia mais nada então cai ali eu cai e não acordei mais, fui enterrado e agora sim minha história acabou.

So posso dizer meus amigos sentiram muita falta minha. E aqui eu dou Tchau.

A04F-C2

O cavalo

-Em uma noite chuvosa, em um pequeno Curral, ali nascia um pequeno e desingonçado cavalinho que logo mais seria um lindo cavalo que carregaria lindas princesas, só que não.

E eu, o narrador sou esse lindo cavalo, forte e robusto.

Só que quando eu cresci a minha vida não era bem, um conto de fadas, eu fui usado para trabalhar levando carvão, olha eu sempre quis dizer isso, mas vocês não sabem o quanto, aquele chicóte doía, toda vez que eu fui chicoti-tádo ardia muito é eu não poderia fazer nada para mudar íso.

Eu tive muitos amigos, eu era amigo de todos, e alguns dos meus amigos era uma galinha muito tagaríta, não parava queta, ela se chama Zazá. Um boi muito bravo que se irrita com tudo é o nome dele e chifrudo e sem falar no Zórro né, ele é uma graça, é um papagaio muito esperto tamto quanto esses outros amigos de aventuras.

Mas e minha mãe? Bom ela morreu a um ano, ela já estava velhinha e não aguentava mais trabalhar para a família.

Mas vamos contar o resto da história, como eu já estava também velhinho, o meu dono me fez trabalhar a semana inteira, como de costume.

E quando a semana acabou, me deram uma injeção muito forte naquela hora não senti mais minhas patas e já depois eu não sentia mais nada.

Então cai ali, eu Cai e não acordei mais. Fui enterrado e agora sim, minha história acabou, não foi muito cruel, mas posso dizer que morri feliz, porque seu que tive amigos de verdade, agora só posso dizer Tchau.

A05F-DIAGNÓSTICO

Poceio ao Aquario

Foi um Poceio interessante, primeiro entramos e vimos peixes palhaço, vimos outros peixes bem interessantes e vimos tombem foca. Tubarões, tinha enguias, cogados cobras e outros bichos nos podemos tocar no tubarão na cobra e aprendemos tombem sobre poluição e vimos um Video que mostrou o trafico de borbotano de tubarão e os homens vendendo para os chineses para fazerem sopa e la na china é uma sopa muito foomosa bom voltando ao assunto la tombém tinha um centro de reabilitação de animais e la tinham alguns animais tipo:macacos, avestruz e um cogado eles estavam se reabilitando pois eles estavam machucados e estavam la para serem bem cuidados. Bom la também tinha pinguins bem bonitos estavam nadando muito agente se divertiu muito tiramos fotos até de jacarés e de um Hipopotamo mais ela tava muito guieto por isso tiramos muitos fotos enfim foi muito bom e legal.

A05F-C1

O cachorro triste

Em um belo dia de sol um homem de cabelos brancos estava feliz pois havia acabado de se mudar quando ouviu um cachorro chorando no meio da rua triste e faminto pois havia se perdido da mãe o homem de cabelos brancos morava sozinho e agora perto de uma linha de trem então como era solitario pegou o cachorrinho para criar.

Depois de Vários dias o cachorrinho já estava bem alimentado e sadio porem ainda havia o fato de sai mãe ter deixado-o sozinho mais ele estava feliz e havia também uma vizinha com um manto de tempestade que não gostava do cachorro vivia dizendo:

-esse cachorro imprestável vai aprontar alguma coisa.

E o senhor de cabelos brancos o defendia pois dizia:

-Você esta ficando maluca sua velha coroca.

E saia, mas, um certo dia chuvoso o cachorro brincando na rua, a senhora com o manto de tempestade estava reclamando e o senhor de cabelos brancos distraido um carro como furacão na rua dezer-

ta comi as ultimas batidas de seu coração o cachorro se despediu olhando pro dono pela janela segundos depois seu coração não havia mais batimento nenhum então acabou a historia do cachorro.

A05F-C2

O cachorro triste

Vou lhes contar uma história sobre um cachorro triste. A princípio ele vivia na rua, pois foi abandonado por sua Mãe.

Em um belo dia sol, um senhor de cabelos brancos estava feliz, pois havia acabado de se mudar quando ele ouviu um belo cachorro chorando no meio da rua, triste e faminto, pois havia se perdido de sua mãe.

O senhor de cabelos brancos morava sozinho e agora perto de uma linha de trem que não conhecia ninguém e como vivia sozinho comovido com a cena pegou o cachorrinho para criar.

Depois de algumas semanas o cachorrinho já estava maior, forte, bonito e sadio, porém ainda havia o fato de sua mãe tê-lo abandonado, mas ele estava feliz. Só que tinha uma senhora com um manto de tempestade, pois era muito brava, daquele tipo de senhora que é fofoqueira e implica com todo mundo, sabe?? e vivia dizendo:

-Esse cachorro imprestável vai aprontar alguma coisa.

E o senhor o defendia dizendo:

-Você está ficando maluca sua velha coroca!!!

E saía enfurecido por causa da senhora.

Mas, um certo dia de chuva a pista molhada e com lama, o cachorro brincando na rua a senhora reclamando de tudo (como sempre) o senhor distraído assistindo TV o cachorro inteiramente feliz, poderia dizer que seu coração palpitava e esbanjava felicidade e ele esperando suas últimas batidas do coração acontecerem. Um carro como furacão na pista molhada! O cachorro se despede de seu dono olhando pela janela e seu coração já parou de bater. Enfim, acabou a história do cachorro.

A06F-DIAGNÓSTICO

O aguario**

O aguario (...) foi too BOM POdeR PegaR no coBra na TARTARUGA VER OTUBARÃO OS (...) cRocodilo VERCobra UM IPOPOTAMO A FOCA GOSTEÍMUITO DA (...) OS CAVALOS MARIOGRAVIDOS GATO PINGIN EU SINT MUITO DÓR DOS TUBARÕES PEIXE POLHACO CORTA PEIXE COBRA PEIXE MOCEGO ASTARAGULAS COITEI MUITO di lá vê animais que eu num vip di pedto tatos ANIMAIS PRAMIFOI TAO BOM TIRAFOTO DIPEDETO BEM DIPETO (??) A MELHOR PASEIO QUE EU JATIVE.

A06F-C1

“Carinho e Anteneção”!

Era uma vez três cachorrios casa um Foi para uma casa deferente a primeiro cachorio era uma cachorria foi para uma casa onde morava uma menina chamada Rinhana ela era muito ricar lea não dava muito atenção para a cachorria meu segundo cachorro recebeu o nome de chubiu foi para uma casa de dois meninos chamados maacos e biabe brigavam danto que não tiam tempo para o cachorro o teceiro cachorro uma cachorria recebeu o nome de mane quase ingal ao nome de mene a cachorio de Rinhano o nome da dona de nane era Marinete, -vou ainda muito bemde você. á cachorria mene fugiu por estava muito Triste e chubiu Tamben os irmãos ficaram muito Triste mais lago o cachorio voutou e lies deram muito carinho para leu a cachorria de rinhana vouto e lica oliu muito amor para lia.sempre der carinho para seu animal.

A06F-C2

Carinho e Atenção

EM um belo dia tres filhotes de cachorros foram adotados por três donos deferentes

O primeiro filhote foi para uma casa onde morava uma menina chamada Rinhana.E o cachorrinho, recebeu o nome meni. Rinhana não dava muita Atenção para a cachorrinha e Porisso ela fugiu.

E passou três dias vagando pela rua com fome e com frio.

O segundo filhote foi para uma casa onde morava uma menina chama-da Marinete ela colocou o nome de cachorrinha dela de Mani e Marinete cuidou muito bem dela e porisso Mani não fugiu!.

O terceiro filhote foi para uma casa onde morava um menino chama-Do Isaac eu amava muito o filhote e colocou o nome dele de Galo e cuidou muito bemdele.

Meni a cachorinha voltou para casa e nunca mais fugiu e Rinhana cuidou muito bem dela. Então sempre cuide muito bem do seu Animal se não ele pode fugir.

A07F-DIAGNÓSTICO

FOI MUITO LEGAL EU VI COIZA QUE NUNCA TINHA VISTO COMO TUBARÃO, PINGUIM, MACACO ,IMPOPOTAMO, PEIXE MURCEGO, CAVIÃO E OUTRAS COIZAS FOI TAO LEGAL QUE ERA PRA TER REPLY MAIS LEGAL MEIS MO FOI NA VINDA DENTRO DO ONIBÚS A BAGUNÇA FOI MASSA DEMAIS CONHECER OS ABITATES DO ANIMAIS MAIS TEVE UM BICHO QUE EU MAIS COISTEI QUE FOI A FOCA ELA E INGRASADA DE MAIS EU APRENDI QUE SI VOCÊ APAGAR A LUZ GUANDO SAI DO QUARTO VOCE AJUDA O MEIO AMBIENTE FOI MUITO LEGAL.

A07F-C1

A TRISTE MORTE DO MEUS VERDADEIROS AMIGOS

ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE EU TAVA MUITO FELIZ NUNCA TINHA FICADO TÃO FELIZ COMO EU FIQUI NA QUELE DIA PARECIA QUE JÁ TAVA ESCRITO QUE AQUELE IA SER O UTIMO DIA FELIZ QUE EU IA TER, EU BRINQUEI MUITO DE 3:00 DA TARDE ATÉ 8:00 DA NOITE MAIS EU ENTREI PRA DENTRO DE CASA PRA BEBÉR ÁGUA E EU ACHO QUE ELE COMEU ALGO COM VENENO OU ESTRAGADA POR QUE QUANDO NOIS ENTRAMOS PRA DENTRO DE CASA E QUANDO FOI 9:00 OU ERA 10:00 DA NOITE ELE FICO MOLE NÃO TAVA QUERENDO COMER TAVA TIPO TRISTE SEI LÁ TAVA MUITO ESTRANHO AI DEPOIS ELE FICO SE BATENDO E EU VENDO AQUILO EU FIQUEI MUITO TRISTE E EU FUI DORMIR PENSANDO NA QUILO EU ATÉ SONHEI COM ELE TIPO NO CANTO AI EU TENTAVA CHEGA PERTO DELE E ELE FICAVA TIPO MAIS LONGE AI NO OUTRO DIA EU ACORDEI E FUI DIRETO LA PRATRAIZ DA MINNHA CASA QUE ERA O CANTO QUE ELE FICAVA MAIS QUENDO EU CHEQUEI LÁ ELE NÃO TAVA EU PERGUNTEI A MINHA MÃE ONDE TAVA O CACHORRO E ELA FALO QUE ELE TINHA MORRIDO EU FUI PRO QUARTO CHORA MUITO..

FIM...

FIM...

A07F-C2

A TRISTE MORTE DO MEU CACHORRO

ERA UM DIA DE TARDE EU BRINCAVA COM O MEU CACHORRO EU GOSTAVA MUITO DELE ESTAVA MUITO FELIZ. NUNCA TINHA FICADO TÃO FELIZ COMO EU FIQUEI NA QUELE DIA PARECIA QUE JÁ IA ACONTECER ALGUMA COISA COMO CACHORRO. BOM EU BRINCAVA COM ERA 3:00 HORAS DA TARDE BRINQUEI ATÉ 4:00 HORAS DAÍ EU ENTREI DENTRO DE CASA PRA BEBÊ ÁGUA, É O CACHORRO FICOU LA FORA QUANDO EU SAI ELE TAVA COMENDO LIXO AI EU TIREI ELE MAIS QUANDO FOI DE NOITE ELE FOI PRA CASA DELE.ATRAZ DE CASA E EU FUI DORMIR.

QUANDO FOI NO OUTRO DIA ELE ESTAVA TRISTE MINHA MÃE COLOCOU COMIDA PARA ELE MAIS ELE NÃO QUIS COMER.

EU AXEI ESTRANHO MAIS PENSEI QUE ELE TAVA SÓ CANSADO FUI BRINCA E QUANDO VOLTEI ELE ESTAVA DURO NO CHÃO ELE ESTAVA MORTO.

FIQUEI MUITO TRISTE.

FIM!!!

A08F-DIAGNÓSTICO

Redação Sobre o Aquario

Eu goste muito achei legal Principalmente Na Hora de ver o tobarão e também gostei de ver o inapapato Por que Fiquei inpresionada com ele Por que era um bebe e tinha o tamanho de um adulto e gostei de um Pinguin e as tartarugas os macacos as cabras eu amei comparecer la Porque tinha os Peixes Palhaços os leão marinho os Jacarés e o Peixe mocego e o terjo eo tubarão licha. E cavalo Marinho.

A08F-C1

O Cuidado Com os Animais:

um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por que ela Aranhou o meu Primo, ai ele bateu muito Forte nela Com um Pal Assim seu Comecei a Chorar, A gata ainda estava viva ele Pegou ela e calocou em um saco e a jogou ela Por trás do muro, me Colocaram Pra Dentro de Casa e não deixaram eu ver, Além disso ela estava grávida então ele não Matou so uma vida ele matou várias, eu ainda escutei ela miar mas não Pude Fazer nada Por que em tudo que eu via aquilo ele batia mais, eu pedia Pra ele parar mais ele não Parou Por que ele disse que ela ia se arenpender Por ter aranhado o Filho dele, eu Fiquei Com raiva dele muitos dias até que um dia ele veio me Perguntar Quanto era a gata, e eu disse que a gata e eu disse que a gata não era Pra vender, e nem muito menos Pra Matar ela, era só um bicho de estimação.

A08F-C2

Uma gata eo Agressor

Um dia eu vi meu tio matar a minha Gata, só Por- que ela aranhou o meu Primo, Ai ele bateu muito Forte nela Com um Pau. Assim seu Comecei a Chorar, a gata ainda estava viva, ele Pegou ela e calocou em um saco de estopa ea jagou Por trás do muro, me Calocaram Pra dentro de Casa e não deixarão eu ver, Além Disso ela estava grávida. então ele não matou só uma vida matou várias, eu ainda escutei ela miar mas não Púde Fazer nada.

Por que em tudo que eu via Aquilo ele batia mas. eu Pedia Pra ele Para e ele não Parou Porque ele disse que a gata ia se arepender Por ter aranhado o Filho dele.

-Eu Fiquei Com raiva dele muitos dias até que um dia.

-Ele veio me Perguntar Quan- to era a gata?

-Eu disse que a gata não era pra dar, nem Pra vender, e néem muito menos Pra Matar.
era só um bicho de estimação.

Foi de manhã que ele matou ela, Por volta de 9:30 Pra 10:00 da manhã.

Depois ficou tudo resolvido mas eu nunca me esqueci do que ele fez com a gata.

A09M-DIAGNÓSTICO

Visita a um aquário**

para mim foi uma experiencia enesquecivel Foi muito Bom par quausa de muitos animais e eu conheci macaco peixe ipopotamo crocodilo aves como pinguis e tartarugas e cabras e muito mais labo marinho cavalo marinho avestruz a lagasta (...) o tejó rans auriço e pepinos do mar para mim Foi otimo que foi vai gastas la e muito Bom as habitates deles eram muito bem cuidados e tanben tinha a maior habitate que era o das tubaraens linxas e muito Bom quen far vai gastas muito.

A09M-C1

Titulo: o passainho que perde a asa

Um dia estava caminhando pela rua quando vi um lindo passarinho em um árvare eNorme, quando ene passarinho estava vaando para o outro galho o galho quebrou, e o passarinho caio la de Sima dessa arvare que era eNorne e quando ele caio ele quebro- u a Sua asa direita e eu carie para aJudar o passarinho que havia caido da árvare e peguei o passarinho e vi que a Sua asa direita estava quebrada e levei no veterinário e o veterinário disse que ele teria que amputar a Sua asa quebrada eu então o passarinho foi levada para Sua cirurgia de ampu- tação e então o passarinho amputo a asa e eu levei ele para casa no dia Seguinte eu acordei e vi que o passarinho estava temtano vaar Novamente mais não conseguia vaar por que estava amputada e eu fiquei cam muita tristeza e dó do passarinho e então eu pensei vou comprar uma daquelas pratiseis mais para passarinho então fui ao veterinário para conversar cam ele eu falei BR vitar quero uma pratese para aquele passarinho então ele falou que não esxitia mais eu implarei muito e ele falou que ia tentar fabricar uma casseira e estaria pronta em uma Senana passaase uma semaNa e eu fui ao veterinário com o passariNho e estava pronta Sua prote- Se e colocamos No passariNho e ele Se adapitou rapidamente então coNseguio vaar e ficair livre para vaar.

A09M-C2

O passarinho que perdeu a asa

um dia estava caminhando quando encantrei um passarinho e ele estava ensima da árvare e caio la de sima da árvare e quebrou Sua asa eu peguei ele e o levei para casa e depois de um tempo leveio para o veterinario o veterinario disse que teria que amputar Sua asa que estava quebrada e amputamos e teria que ficar e uma semana de repouso e Passou uma Semana.

e depois de umas semana ele conseguiu voar um pouco mais não completamente mais depois de um tempo conseguiu voar e eu me despedi dele ele foi embora vaando para Sua casa.

FIM FIM FIM FIM

A10M-DIAGNÓSTICO

Aquário Natal

O Aquário pro me é uma casa de Habtati aquático e silvestre os animais pode viver no Aquário Natal Porque eles são bem tratados, lavados e alimentados, e os Habitates deles são muito grandes pra eles viver sem encomodação, no passeio pro aquário agente aprendeu muito sobre os peixes e eu gostei muito dos peixes pricipalmente do peixe palhaço, na palestra eu aprendi muito sobre os tubarões e eu tiquei na tartaruga e na giboio e meus amigos também, tem um que tive medo do giboio e tinha uns animais em instisões, tinha um peixe lá que eu pensei que era uma cobra mais ela um peixe o nome desse peixe era cobra-do-mar, e quando eu saí de lá eu não queria mais sair do aquário porque lá é muito legal.

A10M-C1

Titulo: Não Maltrate os Animais

Avia um menino que ele não gostava de Animais, eles sempre pedio pro Pai dele paro compro um Animal, Mais o Pai dele sempre confiavo mete, então um certo dia o Pai dele comProu um cachorro, esse cachorro gostavo muito do menino mais esse menino fáz de conto que esse cachorro é um brinquedo pra porque ele fico chutan-do o cachorro, jogando o cachorro e etc.

Dia Seguinte o Amigo desse menino viu ele fazendo isso e ele falou:

-Por que você está fazendo isso?

E o menino falo:

-Não gosto de Animais!

E o Amigo dele:

-Então Por que compro?

O Amigo do menino ficou muito chatiado e ligou Pro DePremo Denu-Ciando...

Esse menino ficou puro depois dele mais do cadeio ele Aprendeu A nunco maltratar os Animais, mais o ruim é por que ele ficou sem falar com o Amigo dele...

Mais um dia o Amigo do menino falou:

-Desculpo maninho mais você fez o errado

e o menino entendeu, então eles (...) Amigos de novo, e tudo ficou perfeito

A10M-C2

Não Maltrate os Animais

Havia um menino que não gostava de Animais, ele sempre pedia para o pai pra comprar um animal mas o pai dele confiava muito nele.

Então, um certo dia eles foram pro Zoológico e não tinha o animal que ele queria, mas eles não desistiram.

Então um certo dia eles foram pro zoológico de novo e olharam esse cachorro.o cachorro gostou muito do menino, mas esse menino fazia de conta que esse cachorro era um brinquedo, por que eles ficava chutando o cachorro, jogando o cachorro e etc.

No dia seguinte, o amigo desse menino viu ele fazendo isso e perguntou:

- por que você está fazendo isso?

-E o menino respondeu:

-Não gosto de animais!

E o amigo dele perguntou:

-Então por que você compra?

E o amigo desse menino ficou muito chateado e falou com ele que não pode maltratar os animais por que crime, mas ele entendeu e nunca mais ele fez isso com o cachorro.

A11M-DIAGNÓSTICO

Passeio no Aquário de Natal

Lá no aquário de Natal foi muito bom, tinha diversos animais, como peixes, anfíbios, répteis, mamíferos e aves. Lá no Aquário além de ser ponto turístico como também um centro de recuperação de animais silvestres. Os animais que tinha lá eram, peixes palhaço, tubarões, cavalos marinhos, ouriços do mar, o Oscar, tartarugas marinhas, Pirarucus, jiboias, Peixe morcego, jabutis, cangas, o leão marinho, hipopotamo, jacarés, pombas, morcegos, macacos Pregos, pinguins de magalhães, fregatas, tigre, pepino do mar, Dourado de água doce e muitas outras animais.

A11M-C1

A garota e o pintinho

Em um certo dia uma garota em seu aniversário ganha de sua prima, que a conhecia muito, um pequeno pintinho amarelo e fofinho a garota não aguentou e gritou, ela cuidou do pintinho como se fosse seu filho por muito tempo o pintinho viveu dentro de casa, mas quando ele virou galo ele fazia muita bagunça, rasgava as lençóis subia na mesa, quebrava os pratos, por isso a avó da garota mandou ele para o quintal. quando havia festas ele chegava à picar todos os convidados, depois de algum tempo a sua avó resolveu matar o galo, a garota gostava muito daquele galo por isso tentou correr com ele mais não deu muito certo seu tio tomou o galo de suas mãos e levou sua avó onde ela o matou e o cozinhou, claro que a garota não comeu, na verdade passou dias chorando só parou quando ganhou um cachorro.

A11M-C2

A garota e o pintinho

Em um certo dia uma garota, chamada Aline, ganha de sua prima Lívia, que a conhecia muito, um pintinho amarelo e fofinho de presente de aniversário, Aline aceitou e deu o nome de Piu, ela gostou muito de Piu, a princípio, ela adorava animais, Aline cuidou de Piu como se fosse seu próprio filho.

Por muito tempo Piu viveu dentro de casa, mas quando ele virou galo fazia muita bagunça, rasgava os lençóis, subia na mesa, quebrava os pratos por isso a avó de Aline mandou Piu para o quintal.

Quando havia festas havia festa Piu chegava a bicar todos os convidados, depois de algum tempo a sua avó mandou matar o galo, a princípio, Aline gostava muito de Piu, por isso tentou correr com ele, mas não deu muito certo. Seu tio tomou o galo de suas mãos e levou para sua avó e ela o matou e o cozinhou, claro que Aline não comeu,

na verdade, passou dias chorando, só parou quando ganhou um cachorro, ao que deu o nome de Piu em homenagem ao galo.

A12M-DIAGNÓSTICO

Relato do aquário

O aquário pra mim foi uma experiencia por que Eu fazia e agora eu não fasos mais por que o que eu fazia poluia o meio ambiente como deichar a torneira tingando gastava água agora eu não deicho a torneira ligada e como deichar a luz ligada muito tempo e também poluíu o meio ambiente e não maltratar os animal por que e crime e da cadeia e ainda paga multa então tem que prezerja os animal por que o animal e um ser vivo tinha muita animal liga o muito bem cuidado bem alimenta.por isso que eu achei a uma experiencia pra mim.

A12M-C1

A Historia dos cachorro

Era uma vez um cachorro de rua que Não tinha dono ele dormia Na rua e uma vez um dono estava passando com Seu cachorro e a raça do Seu cachorro era um pitBull de era muito bravo por que o dono dele ensinou pra briga e ele estava pasiando e derepente o cachorro de rua passa Na frente do pitBull e o cachorro Saio corredo mais Não pegou ai ale ficou Muito assutado o dono do pit bull, prendeu o Seu cachorro Na corrente bem grossa para Nunca mais ele Sair e Na Segunda-feira de manhã o cachorrou de-

Rua passou Na frente da Sua casa do pit Bull e o pit Bull tinha muita força e a corrente Não agentou a força do pit Bull e o cachorro saio comendo atrás do vira lata e o pit Bull comenecou a matar o vira lata mais o do-

No do pit Bull comecou a matar Seu proprio cachorro pra Sauvar o vira lata e o vira-lata conseguiu viver por que o dono do pitbull Sauvou o vira lata.

A12M-C2

A Historia dos cachorros

Um certo dia calmo e lendo na cidade, mas tinha um animal que não estava feliz era cachorro de rua e o coitado Não tinha Ninguem pra cuidar dele.

Na Sexta-feira de Noite e um certo dono estava passando com seu cachorro Pitú, raça pit Bully, e foi ensina (...)

E Nasim quando estava passeando e o vira-lata passo Na frente do pitu e de saio correndo e Nasim chamo pitú e ele Não obdeceu. Nasim correu atras do Seu cachorro e pego

-Nasim falo Pitu Nunca mais vou Sair cim você E o vira-lata passou Na frente da casa de Nasim e pitu toro a corrente pulo o muro e correu atraz do vira lata correu um rua todinha e o vira-lata começou a grita comedo.

E o pitu era veloz e pego o vira-laa e começou a matar e Nasim pego um pal e matou o Seu cachorro pra Sauva o vira lata.

E você que estar lendo não crie cachorro pra matar mais Sim pra dar carinho e amor.

A13M-DIAGNÓSTICO

Nos fomos no Aquário, e foi Bem Legal Lá tem vários animais BEM LEGAIS TEM TUBARÕES LIXAS, PINGUINS, VARIOS PEIXES Palhaços, tartarugas, Aligators (JACARÉS) CÁGADOS, Peixes Dourados, Peixe Oscar Que Também é encontrado Aqui no RIO GRANDE Do NORTE PEIXES ESPINHOS, JABUTIS, BAIACUS, PIRARUCU, PEIXE MURCEGO, PEIXES PALHAÇOS, NEMO, IPOPOTAMO, FOCAS, FILHOTES DE LEÃO MARINHO. FOI BEM LEGAL ESSE PASSEIO E TER TOCADO NA GIBOIA NO FILHOTE DE CAGADO DESCOBRI MUITAS COISAS QUE EU NEM SABIA QUE EXISTIA FOI BEM LEGAL.

A13M-C1

A MORTE DO CACHORRO

UM CERTO DIA EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE CHAMADO SHAWLIN, ERA O MEU MELHOR CACHORRO, EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RAPIDO PULAVA EM CIMA DE MIM E ME DERRUBAVA, NESSE TEMPO EU TINHA UM ÁLBUM DO JUSTIN BIERBER.

CERTO DIA EU FUI PARA A ESCOLA E ELE FICOU SOLTO, DAÍ O MEU TIO FOI COLOCAR O CARRO PRA DENTRO, JÁ MAIS TARDE EU JÁ TINHA VOLTADO DA ESCOLA O CACHORO SAIU, E ELE ATRAVESSOU A RUA, NESTA ÉPOCA EU TINHA 5 A 6 ANOS EU CHAMAVA MUITO ELE PRA ELE VOLTAR E ELE NÃO VOLTAVA, ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS E ELE VEIO NA MESMA HORA O ÔNIBUS ATROPELOU ELE E FOI EMBORA, ELE FICOU AGONIZANDO DE DOR E EU OLHAVA NO OLHO DELE, E CONCEGUIA VER O SEU SOFRIMENTO.

A13M-C2

A MORTE DO CACHORRO

UM CERTO DIA, EU TINHA UM CACHORRO QUE ERA LINDO, FORTE E GRANDE, EU O CHAMAVA DE SHAWLIN. ERA O MEU MELHOR CACHORROS EU SEMPRE BRINCAVA COM ELE, ELE VINHA BEM RÁPIDO PULAVA EM CIMA DE MIM E ME DERRUBAVA. NESSE TEMPOS EU TINHA UM ÁLBUM DO JUSTIN BIEBER.

CERTO DIA, EU FUI PARA A ESCOLA E ELE FICOU SOLTO, O MEU TIO CHEGOU E FOI COLOCAR O CARRO PARA DENTRO.

JÁ MAIS TARDE EU TINHA VOLTADO DA ESCOLA, QUANDO ELE ABRIU O PORTÃO, O CACHORRO SAIU, ELE ATRAVESSOU A RUA.NESSA EPOCA EU TINHA ENTRE 5 A 6 ANOS DE IDADE.

EU O CHAMAVA MUITO PARA ELE VOLTAR, E ELE NÃO VOLTAVA, DAI ESTAVA VINDO UM ÔNIBUS ELE RESOLVEU ATRAVESSAR NA MESMA HORA...!E... O ÔNIBUS O ATROPELOU!

EU OLHAVA NOS OLHOS DELE E CONSEGUIA VER O SOFRIMENTO QUE ELE SENTIA NAQUELE MOMENTO, O ÔNIBUS NÃO PAROU E FOI EMBORA.

NO MESMO DIA EU TINHA COMPRADO UM PACOTE DE FIGURINH-AS E PARA MINHA SURPRESA UMA FIGURA VEIO SORTEADA E EU GANHEI UM POSTER DO JUSTIN BIEBER.

A14F-DIAGNÓSTICO

A visita ao Aquário

Todos nós fomos ao aquário, a minha experiência foi bom e assustador ao mesmo tempo! A mais de uma semana que eu fui, tenho vários animais: silvestres domesticos. Tipos de animais Peixe-Palhaço, Peixe morcego, Peixe Oscar, Peixe dourado de água doce, caudo-marinho, polvo, cogado, tartaruga, jacaré, jiboia e o (tubarão-licha). Eu tive muito medo! Quase eu não olhei o tubarão, também tive a palestra que falava sobre o como tratar os animais, enfim! Foi uma ótima experiência!

A14F-C1

Um cachorro e sua Judiação

Um dia eu estava em casa, e de repente ouvi meu vizinho chegando.

-Será que ele trouxe outro aquario ?

Me perguntei.

Quando ouvi um latido.

-Cale a boca cachorro feio! Eu trouxe você aqui para proteger minha casa. Sussurrou o vizinho.

-Será que ele vai maltratar o coitado do cachorro?

Depois de 3 horas resolvi brincar um pouco com meus amigos. Já estava anoitecendo e eu voltei para casa com muita fome.

Chegando em casa ouvi um choro de cachorro.

-So pode ser do vizinho! Gritei alto. Fui para trás da minha casa e pulei Para ver se conseguia vê algumas coisas na varanda do vizinho.

Pulei, Pulei e nada de vê até então pulei bem alto e vi um filhote. Ele era branco e marrom, não indentifiquei a raça mais era fofo.

Minha vizinha dona Carminha Pulava e gritava pelo vizinho.

-Carlos, Carlos!

Ele veio mais não era de casa.

-Diga? O que queres em minha casa?

Ela disse que era errado o que ele tinha feito com o animal. Pois deixou ele sem comida e água.

Chamou a Policia eles a prenderam o vizinho, de início queriam dar o animal para Dona Carminha, mas como ela já tinha muitos sugeriu me dar.

Pulei de alegria, seu nome era Cuscuz.

A14F-C2

Cuscuz e eu

Um dia lindo de sol, eu es-

tava em casa e ouvi meu vizinho chegando.

-Será que ele trouxe outro aquário?Me perguntei.

Meu vizinho teve diversos bichos que você nem imagina!

Gato, pato, galinha, papagaio, tartaruga entre outros, mas o que ele o trará, era água rios.

Ouvi um latido.

-Cale a boca seu cachorro feio, trouxe você aqui para proteger minha casa.Sussurrou o vizinho.

- Será que ele vai maltratar o coitado do cachorro?

Depois de 3 horas, resolvi brincar um pouco com meus amigos.

Já estava tarde, é eu voltei para casa com muita fome.

- Ainda bem que a janta está feita.

Fui para trás da minha casa, ouvi um choro. Pulei para ver se via alguma coisa.

Pulei, pulei e nada vê, até então pulei alto e vi um filhote. Ele era branco, de início não indetifiquei a raça mas ele era fofo.

Dona Carminha uma sem-hora bastante simpática que adorava animais gritava -Carlos, Carlos!

O vizinho apareceu eles discutiram. Só ouvi quando Dona Carminha disse que ligaria para a policia.

Ela veio em minha casa é conversamos.

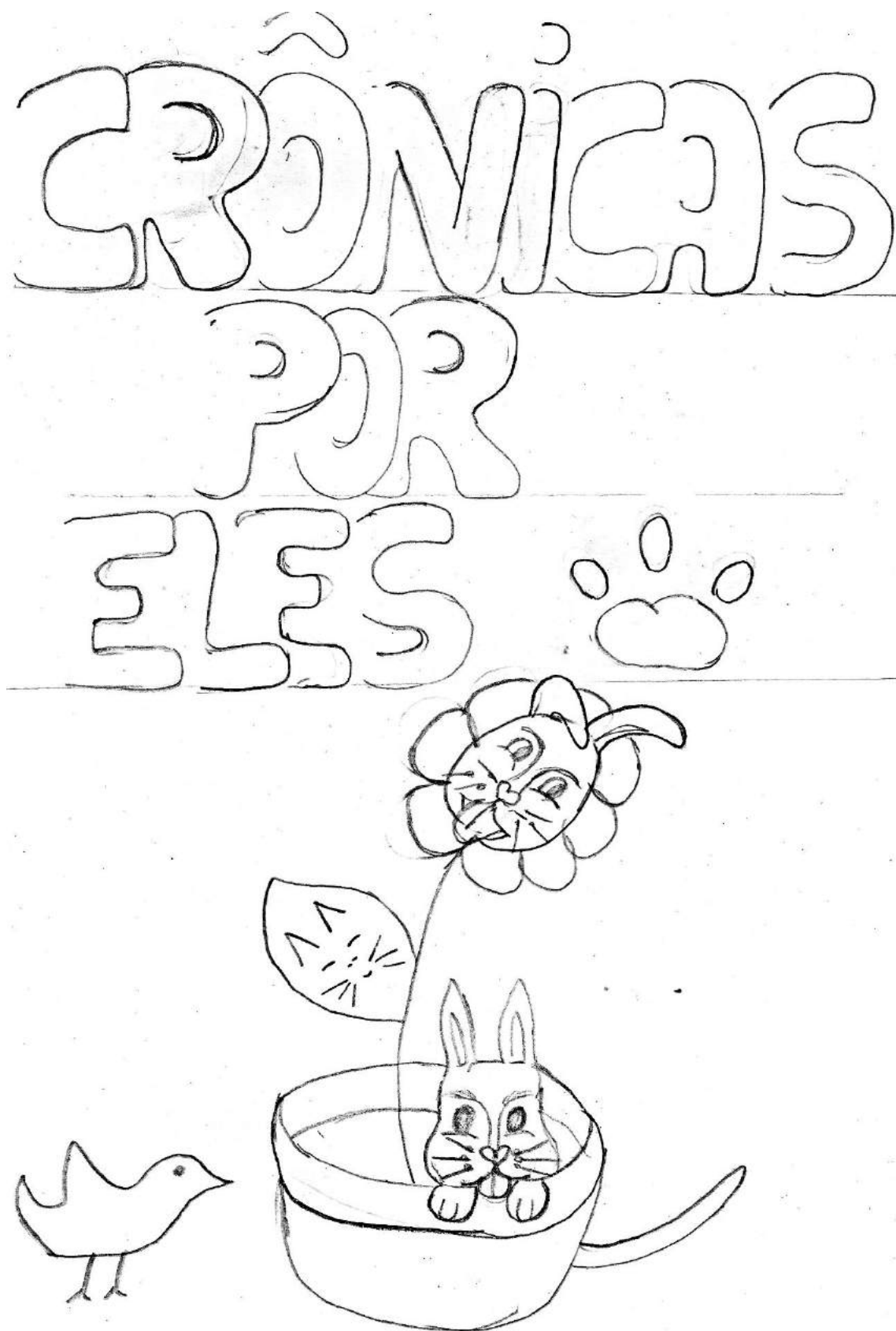
-Vamos ligar para a polícia, isto não pode acontecer.

-Sim, vamos ligar. Respondi Ela ligou para a policia e eles prenderam o vizinho.

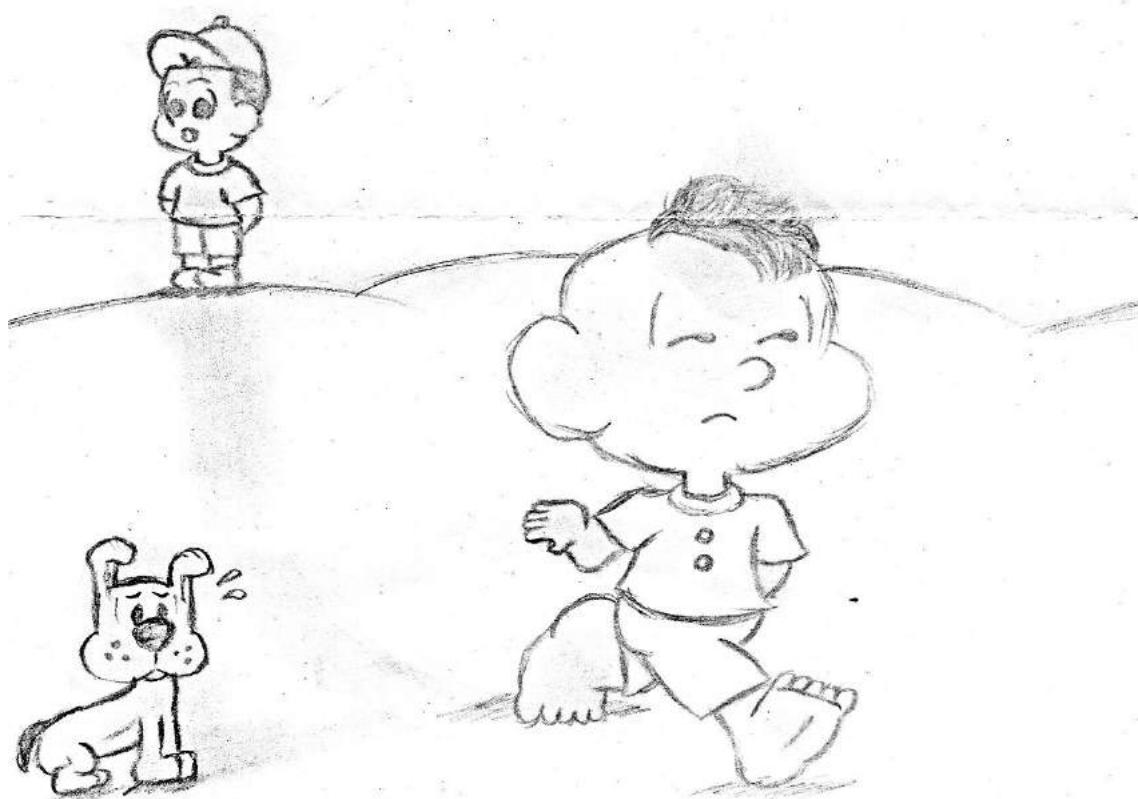
De inicio eles iam dar o cachorro a ela mas ela sugeriu me dar.

Pulei de Alegria, seu nome era Cuzcuz.

ANEXO C – ILUSTRAÇÕES PRODUZIDAS PELOS ALUNOS PARA O LIVRO



NÃO MALTRATE OS ANIMAIS



memino e o Cachorro de Nua

